

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E
MATEMÁTICA

SEMENTES DE DIVERSIDADE BROTANDO EM MEIO ÀS FISSURAS
Autonomia Campesina e a construção de uma pedagogia agroecológica em
assentamentos na Pampa Sul-Riograndense

Letícia Paranhos M. de Oliveira

Porto Alegre

2017

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E
MATEMÁTICA**

**SEMENTES DE DIVERSIDADE BROTANDO EM MEIO ÀS FISSURAS
Autonomia Campesina e a construção de uma pedagogia agroecológica em
assentamentos na Pampa Sul-Riograndense**

Letícia Paranhos M. de Oliveira

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação em Ciências e Matemática.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Siqueira Harres

Porto Alegre

2017

Ficha Catalográfica

M547s Menna de Oliveira, Leticia Paranhos

Sementes de diversidade brotando em meio às fissuras : Autonomia Campesina e a construção de uma pedagogia agroecológica em assentamentos na Pampa Sul-Riograndense / Leticia Paranhos Menna de Oliveira . – 2017.

240 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Siqueira Harres.

1. Pesquisa-ação. 2. Educação Ambiental. 3. Educação Popular. 4. Educação do Campo. 5. Agroecologia. I. Siqueira Harres, João Batista. II. Título.

Para elas, que Pampa afora, seguem plantando um mundo sem veneno.

AGRADECIMENTOS

O Mundo

Um homem da aldeia de Neguá, no litoral da Colômbia, conseguiu subir aos céus. Quando voltou, contou. Disse que tinha contemplado, lá do alto, a vida humana. E disse que somos um mar de fogueirinhas.

— O mundo é isso — revelou —. Um montão de gente, um mar de fogueirinhas.

Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais. Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas e fogueiras de todas as cores. Existe gente de fogo sereno, que nem percebe o vento, e gente de fogo louco, que enche o ar de chispas. Alguns fogos, fogos bobos, não alumiam nem queimam; mas outros incendiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar, e quem chegar perto pega fogo.

(Eduardo Galeano – O Livro dos Abraços)

Àqueles que desde a primeira faísca me fazem fogueira: Rosângela, Josias, Suellen, João Caetano e Matheus. Agradeço por entenderem as minhas andanças mundo a fora e sempre oferecerem o conforto dos seus calorosos fogos. Especialmente nestes dois anos em que fiquei submersa em emoções e tempestades (literalmente), foi o carinho de vocês que me manteve acesa.

Aos meus companheiros de militância no Amigos da Terra Brasil que se fizeram presentes em cada etapa deste trabalho: Fernando Campos, Andréia Golembieski, Patrícia Gonçalves, André Guerra, Douglas de Oliveira, Vinícius Zuanazzi, Daniele Cantelli, Lúcia Ortiz e Bruna Engel. Agradeço à cumplicidade de incendiarem comigo esse mundo tão gelado.

Às companheiras de Herval, sem as quais esse trabalho não seria possível, Marília Gonçalves e Mônica Gonçalves, pelos aprendizados, chás, sorrisos, incensos e abraços durante a caminhada. Ao Dudu, pela sinceridade, brincadeiras e passeios com a Zaina e com o Dragão, à Lia pela doçura e fotografias, ao Ernesto por existir, colorir e incendiar, ao Pietro pela parceria e à Maíra pelas canções. Obrigada também por dividirem suas casas, fogueiras,

chimarrão e tantas histórias comigo. Vocês encheram essa fogueira de novas cores e vamos seguir incendiando Pampa afora!

Às escolas e comunidade escolar que abriram suas portas para que fosse possível a realização deste trabalho. Um agradecimento especial para a professora Mari Jeane da Cruz pela sintonia e alegria de compartilhar os dias e os sonhos. Aos educandos e seus familiares que se envolveram no projeto e tanto encantaram com suas sabedorias.

Ao Grupo Biodiversidade, pelo saber partilhado, pelas histórias de vida que me deixaram orgulhosa de caminhar lado a lado. Especialmente agradeço à Dona Vera, à Regina e ao Seu Elino, ao Forma, à Cezira, ao Seu Paulo e à Dona Tita, pois sem vocês esse trabalho não seria o mesmo e nem eu sairia igual. Também agradeço à Daurinha pelo quindim, histórias e tardes tomando chimarrão.

Ao João, que foi orientador e (des)orientador nas medidas certas. Pelas inspirações que me provocaram a “sair da caixa”. Por confiar e me dar confiança para seguir nessa caminhada, respeitando meus tempos, ideais e vontades na busca pela felicidade durante a pesquisa. Sempre me lembrarei das aulas, metáforas e orientações com muito carinho.

Aos professores José Luís Schifino Ferraro e João Bernardes da Rocha pelas conversas e reflexões na disciplina de Ciência e Realidade que contribuíram com esse trabalho.

Às amigas do Instituto do Meio Ambiente e da equipe do projeto *Escola Sustentável e Nosso Rio* que vibraram pelas conquistas e me motivaram a seguir adiante, especialmente à Rosane Souza, Gerti Weber e Maria da Graça Coiro.

Aos amigos que tanto ouviram e filosofaram sobre essa dissertação, provavelmente bem mais do que gostariam, especialmente à Marília Gonçalves, Fernando Campos, Andréia Golembieski, André Guerra, Clarissa Silveira, Guy Barcellos, Carla Melo e Lilian Schmitt.

Aos professores da banca no ato da defesa, Jussemar Weiss Gonçalves e José Luís Schifino Ferraro, pelas palavras de motivação e ideias que também coloriram esta dissertação.

À CAPES, pelo provimento dos recursos necessários a esta formação. Nosso agradecimento coletivo também à FLD pelo alinhamento político, visão de mundo e recursos que apoiaram o projeto *Fortalecendo a Soberania Alimentar Conservando Saberes e Preservando a Pampa*.

.Agradeço ao Fernando Campos Costa, meu companheiro de luta e de vida, por todo o apoio durante essa caminhada. Pelo amor, paciência, companheirismo, dias, noites, madrugadas, fogueiras e felicidades compartilhadas.

Por fim, à Coronilha pela escuta atenta, pela sombra e pelo chá que me proporcionaram a calma necessária para escrever e deixar aflorar todos os sentimentos que nasceram durante a caminhada.



RESUMO

Esta pesquisa se propõe, a partir de uma metodologia ancorada nos referenciais da pesquisa-ação crítica e colaborativa a analisar o desenvolvimento de uma proposta pedagógica que relacionou a valorização e o resgate de saberes populares regionais com a construção da soberania alimentar e da autonomia campesina. O desenvolvimento deste trabalho aconteceu em duas escolas públicas no município de Herval/RS que atendem cinco assentamentos da Reforma Agrária via Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. O problema de pesquisa se concentra em torno da questão: *Como mediar processos educativos de forma colaborativa que instiguem crianças e adolescentes a valorizarem os saberes populares regionais para fortalecer a soberania alimentar e a autonomia campesina?* A resposta para essa pergunta foi a busca do coletivo educador-pesquisador que participou do desenvolvimento do projeto “*Fortalecendo a Soberania Alimentar, Conservando Saberes e Preservando a Pampa*”, fruto de uma parceria entre as organizações Amigos da Terra Brasil e Sítio Cultural Ibiekos (SCI). O embasamento teórico está apoiado em referenciais da Educação Popular, do Campo e Ambiental que SULearam os planejamentos, a ação e a avaliação das atividades. As práticas pedagógicas envolveram discussões sobre filmes, elaborações de paródias musicais, brincadeiras sobre cultura biodiversa e monocultura, dinâmicas que provocaram o debate sobre alimentação, identificação do território com o *Google Earth* e a montagem de um mapa do assentamento que culminou na construção de uma *charge* sobre o avanço e as mazelas do agronegócio na região. Também aconteceu uma visita ao SCI para aprofundamento sobre manejos agroecológicos que originou uma *charge* sobre agroecologia e práticas de defesa do território articuladas pela comunidade. Durante as atividades foi construído um *Diário de Bordo* aonde os familiares e educandos puderam registrar seus saberes que originaram o livro “Sabes saberes sabidos? Suleando os nossos sonhos”. O caminho percorrido pelo coletivo educador-pesquisador foi descrito a partir de uma narrativa que enfatiza desde as dificuldades estruturais como mobilidade, acesso à internet e um quadro de professores sobrecarregados, até as denúncias de violações de direitos humanos pelas monoculturas de eucalipto e soja que permeiam os assentamentos. Os educadores avaliam que as principais repercussões do projeto estão relacionadas à aproximação dos familiares dos educandos e de um grupo de agricultores que não possuem parentes na escola, mas articulam um processo regional de agroecologia naquele território, ampliando assim o conceito de comunidade escolar.

Palavras-chave: Pesquisa-ação. Educação Ambiental. Educação Popular. Educação do Campo. Agroecologia.

ABSTRACT

This research proposes, from a methodology anchored in the references of critical and collaborative action research, to analyze the development of a pedagogical proposal that related the appreciation and rescue of regional popular knowledge with the construction of alimentary sovereignty and peasant autonomy. The development of this work occurred in two public schools in the municipality of Herval/RS that serve five settlements of Agrarian Reform via the Landless Workers Movement. The research problem is centered around the question: How to mediate educational processes collaboratively that instilling children and adolescents to value regional popular knowledge to strengthen the food sovereignty and peasant autonomy? The answer to this question was the search for the collective educator-researcher, who participated in the development of the project “Fortalecendo a Soberania Alimentar, Conservando Saberes e Preservando a Pampa”, result of a partnership between the organizations Amigos da Terra Brasil and Sítio Cultural Ibiekos (SCI). The theoretical basement is supported by reference to the Popular, Field and Environmental Education, SULeam (guided) the planning, action and the evaluation of the activities. The pedagogical practices involved discussions about films, elaborations of musical parodies, games about culture and monoculture, dynamics that caused the discussion about food, identification of the territory with the Google Earth and the assembly of a map of the settlement that culminated in the construction of a charge about the advancement and the agribusiness problems in the region. Also happened a visit to SCI for deepening on agroecological management, that originated a cartoon about agroecology and practices of territorial defense articulated by the community. During the activities, a Logbook was built where the relatives and students could register their knowledge that originated the book “Sabes Saberessabidos? Suleando os nossos sonhos”. The way traveled by the educator-researcher collective was described from a narrative that emphasizes the structural difficulties like mobility, access to the internet and a group of overloaded teachers, to the denunciations of human rights violations by the eucalyptus and soybean monocultures that permeate the settlements. The educators evaluate that the main repercussions of the project are related to the approximation of the relatives of the students and of a group of farmers who do not have relatives in the school, but they articulate a regional agroecology process in that territory, expanding, so, the concept of school community.

Key Words: Action Research. Environmental Education. Popular Education. Field Education. Agroecology.

Sabedoria Popular

Me responda se puder
Pois a pergunta requer
Então pergunto, seu moço
Qual missão de ensinar
Repartir e vivenciar
Aprendendo com o povo?

Experiência muito rica
Povo escuta, povo explica
E o mundo vem mediar
Estrada de ida e vinda
A divina maravilha
Da gente se ensinar

Cantemos assim de novo
A menina, o velho, o moço
O milagre das espigas
É o verde da plantação
É a chuva no sertão
Eu te ensino, tu me ensinas

A resposta não é tudo
Ensinar é estar junto
Dividir, multiplicar
É contar sem ler no livro
Aprender é estar vivo
É o que nos faz caminhar

Poesia pra quem olha
Se emociona, ri e chora
Num contente de alegria
Dividindo sentimentos
Coração, conhecimento
Razão e sabedoria

(Pedro Munhoz – CD. Guitarra de Toda a Vida. 2014.)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATBr – Amigos da Terra Brasil

CEP – Coletivo educador-pesquisador

DAB – Diretório Acadêmico da Biologia

EA – Educação Ambiental

EC – Educação do Campo

EMATER-RS - Associação Rio-Grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural

EP – Educação Popular

EPA – Educação Popular Ambiental

FAO - Food and Agriculture Organization of the United Nations

FLD – Fundação Luterana de Diaconia

FSA – Fortalecendo a Soberania Alimentar, Conservando Saberes, Preservando a Pampa

GBio – Grupo Biodiversidade/Herval/RS

IMA – Instituto do Meio Ambiente da PUCRS

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra

PA – Pesquisa-ação

PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

SCI – Sítio Cultural Ibiekos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 Contexto da pesquisa: o Projeto FSA.....	16
2. OBJETIVOS E QUESTÕES DE PESQUISA	18
2.1 Objetivo geral	18
2.2 Objetivos específicos.....	18
2.3 Questões de pesquisa.....	18
2.4 Problema de pesquisa	19
3. REFERENCIALTEÓRICO	22
3.1 Educação Popular	23
3.2 Educação do Campo	27
3.3 Educação Ambiental.....	30
4. ANCORAGEM METODOLÓGICA	36
4.1 Contextualização	36
4.2 Olhares Diferentes, Trabalho Coletivo: quem são esses educadores-pesquisadores?.....	41
4.3 Considerações sobre a metodologia da pesquisa-ação.....	45
4.4 Colhendo os frutos: sobre os instrumentos utilizados.....	48
5 AQUI, EMBAIXO DA TUA COPA	52
5.1 Felicidade é um ingrediente indispensável para a pesquisa	52
5.2 Lembranças não se acomodam em folhas de papel	55
5.3 À procura de inspiração.....	56
5.4 Companheira Coronilha,.....	63
<i>Às voltas do abacateiro desenhando o horizonte.....</i>	<i>70</i>
<i>Perdidos na estrada de chão madrugada adentro: chegando em Herval.....</i>	<i>78</i>
<i>O projeto e a pesquisa acadêmica: qual a finalidade da nossa ciência?.....</i>	<i>80</i>
<i>MONOCultura e MONOCurrículo versus a nossa conspiração para ocupar a escola</i>	<i>86</i>
<i>Co-inspirações pela diversidade na Escola e na Agricultura.....</i>	<i>97</i>
<i>Mesclando saberes, gerações e sementes</i>	<i>125</i>
<i>A monocultura do solo no espaço escolar: adestramento ou educação ambiental?</i>	<i>134</i>
<i>Sementes de diversidade brotando em meio às fissuras.....</i>	<i>137</i>

REFERÊNCIAS.....140

ANEXO A – Projeto FSA submetido e aprovado ao Edital de Justiça Socioambiental da FLD.. 147

ANEXO B – Diários de bordo construído pelo CEP 156

ANEXO C – Relatório de Atividades do Projeto FSA submetido à FLD..... 167

ANEXO D – Relatório Final de Atividades do Projeto FSA submetido à FLD..... 190

ANEXO E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. 200

ANEXO F - Filme Sementes Crioulas de Um Mundo Sem Veneno..... 201

ANEXO G - Livro Sabes Saberes Sabidos? Suleando os nossos sonhos! 202

1. INTRODUÇÃO

Ao iniciar o relato dessa pesquisa, é necessário primeiro realizar uma discussão sobre as motivações pessoais e relatar alguns momentos da minha trajetória, desde o ingresso na Faculdade de Ciências Biológicas da PUCRS em 2009, que culminaram na definição do seu tema e dos seus objetivos.

Inicialmente, causou impacto na minha formação a interação com o Diretório Acadêmico da Biologia (DAB), no qual, junto com outros estudantes, buscávamos fortalecer aquele espaço como lugar de oposição à mensagem que algumas disciplinas transmitiam de que a forma de se produzir alimentos só poderia ser: com agrotóxicos e sementes modificadas geneticamente. Motivados a desconstruir esse paradigma sobre a questão agrária, participamos de formações sobre agroecologia¹ e realizamos uma semana que denominamos de “(des)Acadêmica” no ano de 2014, no sentido de divulgar que existiam outros pensadores, pesquisadores e agricultores que discordavam dessa posição sobre a produção de alimentos.

No DAB compartilhávamos o entendimento de que a ciência e os cientistas não são imparciais. Ao contrário, suas pesquisas estão envolvidas em disputas políticas e econômicas. Por isso, sentíamos a necessidade de buscar argumentos e ampliar nossos conhecimentos naquilo que acreditávamos: a agroecologia, partindo de um entendimento de que a ciência deve estar em constante interação e integração com sabedorias culturais.

Por outro lado, em meados de 2010, conheci e passei a integrar a equipe do Instituto do Meio Ambiente (IMA) da PUCRS. Naquele ano estava sendo elaborado um projeto denominado “Escola Sustentável”. Hoje percebo que foi nesse momento que iniciei, de fato, minha formação enquanto educadora ambiental. A partir do meu envolvimento no projeto, no qual faço parte até hoje,

1 Significa a união de conhecimentos, fundados em técnicas e saberes tradicionais (de camponeses e dos povos originários) “que incorporam princípios ecológicos e valores culturais às práticas agrícolas que, com o tempo, foram desecologizadas e desculturalizadas pela capitalização e tecnificação da agricultura”. (LEFF, 2002, p. 42)

passei a entender a educação como caminho para a transformação que tanto almejo para uma sociedade justa social e ambientalmente.

Em função das ações do projeto, busquei aprimorar e expandir meus conhecimentos em formações sobre agroecologia, bioconstrução e permacultura². Já no primeiro curso de bioconstrução, conheci as organizações não governamentais como o “Instituto Econsciência” e o “Núcleo Amigos da Terra Brasil” (ATBr). Aos poucos, me engajei nas diversas ações por justiça ambiental³ e social que esses coletivos desenvolvem. E, assim, dei os primeiros passos como militante nessas organizações, contribuindo em especial para os projetos voltados à Educação Popular Ambiental (EPA) nos territórios em que trabalhamos no Sul do Brasil.

Dessa forma, a militância política faz parte da minha trajetória e é uma das facetas que influenciou na condução desta pesquisa. Creio que assumir as minhas concepções é um compromisso, pois, por trás de uma pesquisadora, existe um ser político, um sujeito que faz escolhas em cada observação e conclusão, inconsciente e conscientemente. Ao ler a obra de Thuillier (1994), na qual o autor desvenda o mito de que a ciência é uma verdade absoluta e pura, reafirmei a compreensão de que essas “escolhas” estão presentes inclusive no ambiente acadêmico. Nesse caso, a minha opção é de não as omitir. Ao contrário, considerá-las aproveitando os seus frutos.

Retornando à minha trajetória, no ano de 2014 participei da elaboração do projeto "Fortalecendo a Soberania Alimentar: Preservando Saberes e Conservando o Bioma Pampa" (Anexo A), denominado daqui em diante apenas

2 Criado em 1970, atualmente significa: “Paisagens conscientemente planejadas que imitam os padrões e as relações encontrados na natureza, enquanto produzem uma abundância de alimento, fibra e energia para prover as necessidades locais. [...] a concepção de permacultura como agricultura permanente (sustentável) evoluiu para uma de cultura permanente (sustentável)”. (HOLMGREN, 2013, p. 33).

3 Segundo Rammê (2013, p.1), “Por injustiça ambiental compreende-se o fenômeno da destinação da maior carga dos danos ambientais decorrentes do processo de desenvolvimento a certas comunidades tradicionais, grupos de trabalhadores, grupos raciais discriminados, populações pobres, marginalizadas e vulneráveis. Essa noção contrapõe-se à perspectiva da justiça ambiental, que compreende um conjunto de princípios que objetivam que nenhum grupo de pessoas suporte uma parcela desproporcional de degradação do espaço coletivo.”.

por FSA. Sua elaboração é produto de um esforço coletivo entre integrantes do ATBr, do qual faço parte, e do Sítio Cultural Ibiekos (SCI) (localizado em Herval/Rio Grande do Sul), e foi desenvolvido no município de Herval entre 2015 e 2016.

O projeto parte de um entendimento comum de que a valorização da cultura ancestral, transmitida por gerações e enraizadas na região do Pampa gaúcho, está relacionada com o fortalecimento da soberania alimentar e com o sentimento de pertencimento ao território, levando a um processo de resgate da autonomia campesina. Por isso, o projeto realizou ações a fim de instigar jovens a se interessarem e conservarem saberes que fazem ou já fizeram parte do dia a dia de suas famílias, em especial àqueles ligados com as formas de viver do “sujeito pampeano”⁴, problematizando como a cultura está conectada à soberania alimentar das comunidades dos assentamentos, ao mesmo tempo em que se relaciona com o desejo de proteger o território do qual fazem parte.

Nesse contexto, surgiu a minha motivação para essa pesquisa. Após uma conversa com os integrantes dos coletivos, definimos como relevante a constituição de uma pesquisa-ação em torno da pedagogia envolvendo o projeto FSA, por ser uma metodologia que corresponde as características da proposta. Portanto, assumimo-nos enquanto educadores-pesquisadores, agindo e refletindo sobre a proposta pedagógica construída durante o projeto FSA.

A reflexão em espaços dos quais faço parte, visando contribuir para estes e outros coletivos que compartilham o desejo de que a construção de conhecimentos ocorra a partir dos povos e em prol de sua autonomia, vem acompanhada de um sentimento de que muito se faz no sentido contrário à sociedade hegemônica. Tal como esses, existem outros movimentos que também visam à construção de uma sociedade livre de exploração. Com isso, o tema da pesquisa foi definido em função da possibilidade de valorizar esses movimentos e

4 Ser ou sujeito pampeano significa aqui o homem ou a mulher que vive no Pampa. Para além disso, relaciona-se à discussão sobre a relação dos indivíduos e comunidades com o território, neste caso, o bioma Pampa.

com a intencionalidade de aprofundar o debate sobre processos educativos que fortaleçam a soberania alimentar frente ao avanço do agronegócio⁵ no campo.

Para tanto, esse texto foi organizado em 5 capítulos: Introdução; Objetivos e Questões de Pesquisa, Referencial Teórico, Ancoragem Metodológica. Como o texto é resultante de um mergulho profundo nos dois últimos anos no contexto investigado, as reflexões são apresentadas em um formato diferente que denominamos de Festejando a Colheita, o último capítulo. Seguem ainda as Referências Bibliográficas e os Anexos.

No presente capítulo, apresento minhas motivações pessoais para a escolha do tema e a seguir uma breve contextualização do projeto FSA, onde a pesquisa está inserida. O segundo capítulo, *Objetivos e Questões de Pesquisa*, está dividido em quatro seções: Objetivo Geral; Objetivos Específicos; Questões de Pesquisa; e Problema de Pesquisa. No terceiro capítulo, *Fundamentação Teórica*, explicitamos alguns conceitos aprofundados durante o caminho trilhado pela pesquisa, são eles: Educação Popular; Educação do Campo; e, Educação Ambiental. No quarto capítulo, *Ancoragem Metodológica*, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados no decorrer da pesquisa. Dividimos essa seção em cinco partes: contextualização; olhares diferentes, trabalho coletivo: quem são esses educadores-pesquisadores?; considerações sobre a metodologia da Pesquisa-ação; colher os frutos: sobre os instrumentos que serão utilizados.

No quinto capítulo, intitulado *Festejando a Colheita*, as reflexões oriundas da pesquisa adquirem a forma de uma narrativa em que a leveza do brincar com as palavras busca a compreensão das bonitezas que ainda estão e continuarão em nós, que participamos dessa experiência, ao “final” do projeto FSA. Uma conversa onde desabafos, crises e sentimentos à flor da pele conquistam espaço, encontrando terreno fértil para expandir. Com essa perspectiva, nos propusemos a refletir sobre os processos pedagógicos, os encontros e as raízes que

⁵Para Fernandes (2008, p. 40-41), os territórios do campesinato e os territórios do agronegócio possuem diferenças desde as relações sociais que estabelecem. Manifestando que “o agronegócio organiza seu território para produção de mercadorias, o grupo de camponeses organiza seu território, primeiro, para sua existência, precisando desenvolver todas as dimensões da vida. [...] A mercadoria é a expressão do território do agronegócio”.

compuseram a investigação.

Ao final estão as *Referências* que foram utilizadas e sete anexos que poderão auxiliar no entendimento da proposta pelo leitor.

1.1 Contexto da pesquisa: o Projeto FSA

Como foi mencionado anteriormente, o projeto FSA é resultado de uma construção coletiva entre integrantes do ATBr⁶ e do SCI⁷. O projeto FSA foi aprovado em um edital de Justiça Socioambiental da Fundação Luterana e Diaconia (FLD)⁸, e teve início em agosto de 2015 e seu encerramento ocorreu em março de 2016.

A parceria entre o ATBr e o SCI existe há vários anos. As famílias assentadas pela Reforma Agrária organizada pelo Movimento Sem Terra (MST) que integram o SCI fazem parte do conselho consultivo do ATBr, partilhando ideais, objetivos e ações para a construção de uma nova sociedade que seja pautada pela justiça ambiental e social. Na nossa compreensão, um dos pilares fundamentais dessa sociedade deverá estar relacionado ao seu modelo agrícola. Nesse sentido, co-inspiramos para o fortalecimento da agroecologia como uma iniciativa dos movimentos sociais, em contraposição ao avanço do modelo de desenvolvimento agrário baseado no agronegócio.

Para a construção da proposta do projeto, colaboraram os integrantes das duas organizações: três biólogas e educadoras ambientais, um bioconstrutor e duas famílias camponesas (compostas por uma mulher adulta e mãe de dois adolescentes e uma criança, e, também uma mulher adulta e mãe de dois adolescentes). Esse grupo que conjuntamente gestou a proposta inicial e que esteve envolvido no desenvolvimento das atividades do projeto FSA é denominado, daqui em diante, de **coletivo educador-pesquisador (CEP)**.

6Acesse o site do Núcleo para obter mais informações: <http://www.amigosdaterrabrasil.org.br>. Acessado em: 04 out. 2015.

7Acesse o blog do SCI para obter mais informações: <http://sitioibiekos.blogspot.com.br/>. Acessado em: 02 out. 2015.

8Acesse o site da Fundação para obter mais informações: <http://www.fld.com.br>. Acessado em: 02 out. 2015.

Esta pesquisa se propõe, a partir de uma metodologia ancorada nos referenciais da pesquisa-ação, *a planejar, agir observando e refletir, de forma coletiva* (Serrano, 1990), tendo como cenário as intervenções educativas do projeto FSA em parceria com o CEP.

2. OBJETIVOS E QUESTÕES DE PESQUISA

2.1 Objetivo geral

Analisar o desenvolvimento, em parceria com o coletivo educador-pesquisador, de uma proposta pedagógica que possibilite a construção de relações entre saberes populares regionais com o fortalecimento da soberania alimentar e da autonomia campesina em duas escolas públicas no município de Herval, que atendem assentamentos da metade sul do RS.

2.2 Objetivos específicos

- a) Planejar, em parceria com o coletivo educador-pesquisador, uma proposta pedagógica que promova o fortalecimento da soberania alimentar;
- b) Realizar, em parceria com o coletivo educador-pesquisador, ações pedagógicas que promovam o fortalecimento da soberania alimentar;
- c) Avaliar, em parceria com o coletivo educador-pesquisador, quais foram as repercussões das atividades de educação ambiental na visão dos educadores e educandos das escolas participantes nas atividades.

2.3 Questões de pesquisa

- a) Como se caracteriza o processo de planejamento dessa proposta pedagógica coletiva? Que aspectos qualificam as propostas educativas planejadas pelo coletivo?
- b) Como as atividades pedagógicas promovem o fortalecimento da soberania alimentar e da autonomia campesina? De que forma isso afeta a relação entre educadores e educandos na escola?
- c) Quais as repercussões das ações educativas na visão dos pesquisadores (CEP), educadores e educandos?

2.4 Problema de pesquisa

A pergunta de pesquisa se concentra em torno da seguinte questão: Como mediar processos educativos de forma colaborativa que instiguem crianças e adolescentes a valorizarem os saberes populares regionais para fortalecer a soberania alimentar e a autonomia campesina?

Na interrogação estão presentes os questionamentos sobre os temas geradores presentes no projeto FSA: as possíveis relações entre o bioma pampa e o ser pampeano e seus saberes populares com o processo de fortalecimento da soberania alimentar. Esses elementos trazem, por si só, debates relevantes para a educação do campo. Ao relacioná-los, foi possível derivar para discussões mais amplas, como por exemplo, o pertencimento ao lugar, a proteção e defesa do território, o entendimento sobre justiça ambiental, entre outros.

Assim como os objetivos do projeto FSA, esse problema e questões de pesquisa também foram construídos de forma colaborativa. Para ilustrar a visão do CEP sobre a relação entre os temas geradores, apresento um texto produzido em outubro, a partir do nosso diálogo. A intenção era apresentar o projeto FSA brevemente em um diário de bordo (Anexo B)⁹, de forma a provocar o diálogo em casa, com a família.

Este projeto trabalha sobre um argumento: não defendemos aquilo que não conhecemos, ou ainda, o que não valorizamos. Por isso, acreditamos que valorizando a cultura local e espraiando o conhecimento que é daqui, teremos motivos para compreender o porquê de ser bom para nós preservar o lugar onde vivemos, o nosso bioma. Compreendendo que fazemos parte do bioma Pampa, como ele faz parte de nós. Este projeto consiste em unir as gerações, lembrando da nossa história e construindo juntos os caminhos de onde e como queremos chegar. Para isso, convidamos você a utilizar este caderninho de anotações como diário de bordo durante nossa viagem de resgate dos saberes do Pampa. Esperamos que o diário de bordo seja a nossa memória coletiva.¹⁰

9 O diário de bordo foi pensado como um caderno de anotações, na intenção de “colher” os saberes populares resgatados pelos educandos.

10 Retirado de uma conversa na rede social Facebook, onde acontecem muitas reuniões entre o CEP, devido à distância Porto Alegre/Herval.

Ao final desse processo, o texto foi alterado, pois o coletivo educador-pesquisador concluiu que o texto estava “dando muitas respostas, que essa relação entre os temas deveria ser construída, e não imposta”¹¹. Mesmo assim, foi consenso que o texto sistematiza uma primeira relação sobre os temas propostos.

No processo de construção das atividades no coletivo educador-pesquisador, surgiu um questionamento em relação ao problema de pesquisa: como serão planejadas as ações desse coletivo educador-pesquisador? Essa interrogação se faz pertinente pela importância do debate e ações em prol de uma Educação Ambiental crítica e por possibilitar a discussão sobre sua pedagogia. Também é uma interrogação que foi proposta para discussão durante todo o processo da pesquisa-ação, colocando pessoas com trajetórias diferentes a pensar sobre a melhor forma de se realizar atividades, planejar colaborativamente e buscar esgotar as discussões para ir à ação pedagógica.

Nesse contexto, surge o terceiro problema: *Como será a realização dessas atividades?* Observamos nossa própria prática educativa para responder ao questionamento. Sua importância está explícita no sentido em que a transformação social é a busca que move tanto o coletivo educador-pesquisador como o projeto FSA e essa pesquisa. Portanto, tentar compreender e melhorar o mundo é o que traz a movimento ao processo investigativo.

Para além do planejamento e da prática em si, que já envolvem justificativas para os questionamentos propostos, aliam-se as reflexões de García (2004, p.91) de que *“la preocupación por el medio no ha ido acompañada de una preocupación similar por la educación”*. Nesse sentido, há muito por avançar na integração entre a educação ambiental com a pedagogia. Assim, a possibilidade de realizar uma ação problematizando-a e refletindo sobre ela, integrando diversos saberes e buscando uma teoria que surge da realidade pode contribuir para o debate sobre a prática educativa da Educação Ambiental.

Sobre a integração referida nos dois questionamentos acima, apresento um trecho da conversa entre os membros do CEP, ocorrida durante uma avaliação do grupo, sobre as diferentes bagagens e trajetórias de cada pessoa do coletivo:

11 Retirado da conversa do *Facebook* entre os integrantes do CEP.

O que nos une é o que temos em comum, não o que temos de diferente, o que temos de diferente nos alimenta a experimentar o novo, esse é o grande lance da diversidade.¹²

Após as ações educativas nas escolas, o CEP assumiu a posição de refletir sobre a própria prática. Assim, chegamos ao último questionamento: *Quais as repercussões do projeto na comunidade escolar?* Essa pergunta foi respondida levando em consideração os diversos olhares envolvidos. O olhar do CEP, dos professores que aderiram ao projeto, dos integrantes do Grupo Biodiversidade, dos pais que se envolveram e dos protagonistas das ações, isto é, os educandos.

12 Retirado de uma conversa entre os integrantes do CEP na rede social Facebook.

3. REFERENCIALTEÓRICO

Considerando que o caráter do trabalho é colaborativo, os temas pertinentes a esse referencial foram construídos ao longo do processo de escrita e do andamento do projeto FSA. Ressaltamos os conceitos estudados nos encontros do CEP que sulearam as nossas práticas.

Primeiramente, por estar presente desde o título da proposta, aprofundamos o conceito de soberania alimentar. Por fim, a síntese que buscávamos foi encontrada em documentos construídos pela Via Campesina (Organização Internacional que reúne movimentos sociais do campo em mais de 70 países). A citação foi apresentada em 1996 em comemoração aos 50 anos de criação da FAO (*Food and Agriculture Organization of the United Nations*) em Roma, expressando o seguinte:

“La soberania alimentaria es el derecho de cada pueblo a definir sus propias politicas agropecuarias y en materia de alimentación, a proteger y regular la producción agropecuaria nacional y el mercado doméstico a fin de alcanzar metas de desarrollo sustentable, a decidir en qué medida quieren ser autodependientes, a impedir que sus mercados se vean inundados por productos excedentários de otros países que los vuelcan al mercado internacional mediante la práctica del “dumping¹³”, y a darle preferencia a las comunidades locales pescadoras respecto al control del uso y los derechos sobre los recursos acuáticos. La soberania alimentaria no niega el comercio internacional, más bien defiende la opción de formular aquellas politicas y prácticas comerciales que mejor sirvan a los derechos de la población a disponer de métodos y productos alimentarios inocuos, nutritivos y ecológicamente sustentables. La soberania alimentaria es el derecho de los pueblos, de sus Países o Uniones de Estados a definir su política agraria y alimentaria, sin dumping frente a países terceros. (VIA CAMPESINA, 1996).

Outra definição que emergiu durante a discussão do coletivo sobre soberania alimentar foi a expressão “autonomia campesina”, pois seu uso evidenciava que o conceito era para além do alimento. Os dois termos em suas essências tratam de algo comum, que é sobre o entendimento de que terra, ar,

¹³ Dumping (sem tradução para o português) significa ‘a ação ou expediente de pôr à venda produtos a um preço inferior ao do mercado, especialmente no mercado internacional, para se desfazer de excedentes ou para derrotar a concorrência’ (definição do Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio entre as nações que fazem parte da Organização Mundial do Comércio).

água e biodiversidade são elementos necessários não só para a produção de alimentos, mas para a sustentação da vida.

Buscando referenciais teóricos que utilizam essa terminologia, estudamos e convergimos com a análise realizada por Campos (2006, p. 151-152), em que a expressão “autonomia camponesa” aparece como conquista dos movimentos sociais e que, segundo a autora, se manifesta das seguintes formas:

“a) Na capacidade do campesinato se tornar sujeito social, com identidade própria, que faz disputa política, não sendo mais representado publicamente por organizações ou pessoas que se comovem com seu sofrimento, mas se representando através de seus movimentos e organizações, que buscam formar lideranças próprias; b) No fato de o campesinato compreender cada vez mais que as causas das dificuldades de sua vida não são provocadas pela natureza, pela vontade divina, mas pelo funcionamento do capitalismo, em escala local e global; c) Pela capacidade de ir rompendo com o medo de sair de seu próprio mundo, buscando entender e respeitar a própria diversidade procurando construir a unidade camponesa, mas se dando conta das diferenças étnicas, religiosas, de gênero. E dentro dos próprios movimentos camponeses surgem cada vez mais movimentos impulsionando o respeito a essas diferenças e com vistas à igualdade de participação; d) Pela maturidade para perceber que se o capital é globalizado e vem globalmente sufocando os modos de vida camponeses, então [é] preciso construir articulações nacionais e internacionais para lutar contra as políticas públicas e privadas que ameaçam a agricultura camponesa, enfrentando instituições poderosas do capital como o Banco Mundial, a Organização Mundial do Comércio e empresas multinacionais”.

A discussão em torno destes conceitos pertinentes ao projeto FSA aconteceram durante os planejamentos do CEP e foram necessários para que houvesse um alinhamento e um entendimento coletivo sobre os assuntos que seriam abordados. A partir do próximo ponto, apresentamos teorias e leituras que nos inspiraram no que diz respeito ao âmbito pedagógico da nossa prática.

3.1 Educação Popular

Devido à identificação dos integrantes do CEP com a Educação Popular (EP), a prática educativa fez referência em diversas oportunidades aos estudos de Paulo Freire, já que a dedicação deste autor para a construção de uma prática educativa libertadora produziu uma argumentação capaz de instrumentalizar as camadas populares para lutar frente às opressões do sistema neoliberal.

Nesse processo, realizamos discussões que envolveram leituras como: *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa* (2013); *Pedagogia do Oprimido* (2005); *Pedagogia da Esperança* (1992); *Ação Cultural para a liberdade* (1981).

Adotamos no nosso vocabulário a palavra “sulear”, utilizado por Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Esperança*, a partir do sentido proposto por Márcio D’Oliveira Campos (1999), como “orientação ou direção”. Assim, “sulear” significa o inverso de nortear, buscando desconstruir a ideia de que o hemisfério norte seja o “criador”, e o hemisfério sul seu “imitador”. Ana Maria Freire (1997, p. 113) apresenta os sentidos dos termos e a importância de questioná-los:

“Virar as costas” ou “virar de costas” ou nos deixar de costas para o Cruzeiro do Sul [...] símbolo brasileiro, ponto de referência para nós – não seria uma atitude de indiferença, de menosprezo, de desdém para com nossas próprias possibilidades de construção local de um saber que seja nosso, para com as coisas locais e concretamente nossas?

Ainda sobre o conceito “sulear”, evidenciam-se as reflexões de Adams (2008) a respeito da pedagogia de Paulo Freire, em que a terminologia diz respeito à autonomização e luta pela emancipação dos povos da América do Sul, deixando de ser colonizados, implicando em que os próprios povos possam construir um “outro mundo possível”. A proposta de resgatar os saberes populares regionais vai ao encontro com o intuito de valorizar os conhecimentos ancestrais dos camponeses, os seus próprios saberes. Partindo dos saberes compartilhados elucidamos o diálogo sobre “o que mudou na agricultura?”, e, “como isso influencia o meu modo de viver?”. Assim, suleamos as práticas pedagógicas, intencionando promover discussões sobre a realidade camponesa.

O CEP pretendeu desenvolver uma ação pedagógica com estudantes e filhos de famílias assentadas pela Reforma Agrária em Herval/RS. Após anos de luta pela terra, agora, essas famílias, se veem novamente disputando o território. Permeando os assentamentos, na região onde foi desenvolvido o trabalho, o agronegócio avança, afetando de diferentes formas o modo de viver desses agricultores. Alguns perdem o horizonte com plantações de eucalipto, outros, o acesso à água devido ao uso de agrotóxicos em larga escala (esse, em principal

utilizado pela monocultura da soja). Por isso, a importância de uma educação que problematize os diferentes paradigmas agrários e que esteja a serviço dos interesses desses camponeses.

Segundo Freire (2005), o oprimido (indivíduo subordinado ao sistema econômico e social que têm sua atuação limitada) é impedido também de viver plenamente sua condição humana. Apenas o conhecimento possibilita sua liberdade e humanização. Tal liberdade oportuniza ao sujeito assumir suas responsabilidades por meio do saber, não mais omitindo-se. Portanto, esse indivíduo passa a criar, questionar, problematizar, construir e atuar no mundo. Tendo assim, condições de transformar sua própria realidade, ao tornar-se ativo na construção do seu próprio saber sobre o mundo.

Sobre o exposto acima, ressalta-se também a importância da conscientização dos oprimidos enquanto classe explorada. Para Freire (1981):

Não há conscientização se, de sua prática, não resulta a ação consciente dos oprimidos, como classe social explorada, na luta por sua libertação. Por outro lado, ninguém conscientiza ninguém. O educador e o povo se conscientizam através do movimento dialético entre a reflexão crítica sobre a ação anterior e a subsequente ação no processo daquela luta. (p.88)

As ações do CEP foram inspiradas por Freire (1992), concebendo todos os envolvidos como “alguéns” inacabados, portanto em construção, fazendo com que estejamos sempre a refletir sobre o mundo e a nossa interação com ele. Essa inspiração possibilita também que todos os sujeitos dos processos educativos atuem de forma crítica e ativa durante as formações. Os encontros educativos foram regidos pelo diálogo, compreendendo que “ninguém educa ninguém, mas todos se educam mediatizados pelo mundo”, portanto interagindo com os saberes do mundo, incluindo então, o saber de cada um partilhado entre todos (FREIRE, 2005, p. 68)

É preciso, no entanto, considerar que além de fazer uso de metodologias que facilitavam a participação de todos durante as atividades, foi necessário articular um espaço de diálogo, onde as pessoas se envolveram, por meio de

discussões e reflexões sobre as diferentes opiniões em relação aos temas que emergiram no processo educativo. Dessa forma, educandos e educadores, puderam construir conhecimentos em prol dos povos do Sul, voltados para os interesses das famílias assentadas.

A reflexão sobre a prática é um dos pontos que o CEP enfatizou durante o projeto FSA. Após a realização de cada atividade pedagógica foram oportunizados momentos para discutir como a idealização planejada ocorreu e o quanto é possível aprimorarmos-nos enquanto educadores. Analisar a própria prática coletivamente, de forma crítica e repensar o agir pedagógico é necessário para atingir o máximo de coerência entre o que se pensa e o que se faz em educação. Sobre isso, Freire manifesta que:

O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu “distanciamento epistemológico” da prática enquanto objeto de sua análise deve dela “aproximá-lo” ao máximo. (2013, p. 40)

Nas raízes do pensamento de Paulo Freire podemos encontrar uma forte indignação dos educadores, diante da desumanização imposta aos camponeses. Por isso, a EP se relaciona intrinsecamente com a utopia de libertação dos trabalhadores rurais sem-terra, que, neste momento da história, estavam se mobilizando para constituir os Sem-Terra, de forma organizada. Um dos fundamentos desta organização foi a luta pela educação, que se transformou na preocupação por uma Pedagogia do Movimento, tendo como alicerce a Pedagogia Libertadora de Freire. Como salienta Arroyo (2000):

Penso em um dos capítulos tão fecundos na história da educação latino-americana: a educação popular e o pensamento de Paulo Freire. Eles nasceram colados à terra e foram cultivados em contato estreito com os camponeses, com suas redes de socialização, de reinvenção da vida e da cultura. Nasceram percebendo que o povo do campo tem também seu saber, seus mestres e sua sabedoria. (p. 14)

Já iniciando o debate sobre o próximo subcapítulo deste referencial teórico, ressaltamos as ideias de Souza (2009). Este autor manifesta a importância de debater a educação popular no campo, nas escolas e assentamentos rurais,

justamente pelo potencial de discussão e mudanças de paradigmas em relação à questão agrária.

Neste contexto, Souza (ibid., p.74) acredita que:

[...] por meio de estratégias dialéticas de formação de produtores tradicionais e assentados, podemos transformar uma proposta conservadora, baseada no difusionismo de informações e na venda do pacote tecnológico, em uma proposta democrática.

3.2 Educação do Campo

Se faz necessária aqui a discussão sobre a Educação do Campo (EC), tendo em vista o fato de que as escolas em que o projeto FSA atuou são escolas rurais. Portanto, faremos uma breve explanação sobre essa dimensão educacional em que também estão apoiadas nossas reflexões e ações enquanto CEP.

A EC surge a partir de representantes da classe trabalhadora do campo organizados em movimentos sociais¹⁴ e sindicais¹⁵ na busca de seguir vivendo da terra, criando o movimento “Por uma Educação do Campo”. Arroyo (2006, p. 107) afirma que: “quando a terra, o território, as formas de produção estão ameaçadas, são ameaçadas também a formação da cultura, do conhecimento, das identidades temporais”. Por isso, este autor defende que “a escola do campo tem como desafio justamente trabalhar com configurações de infância, adolescência e juventude não legitimadas e ameaçadas” (ibid.).

É importante salientarmos o contexto educacional em que as regiões rurais estão inseridas para que possamos entender os caminhos da luta pelo direito à educação. Observando o Parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE) de 2002, percebemos a precariedade em que se encontrava a educação em relação às zonas rurais:

14 Destaca-se a importância da Via Campesina enquanto movimento de luta pela Terra, que organiza diversos movimentos sociais do campo a nível nacional e internacional. (RIBEIRO, 2010).

15 Agricultores familiares vinculados aos sindicatos de trabalhadores rurais são coordenados pela Confederação dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG). (RIBEIRO, 2010).

No Brasil, todas as constituições contemplaram a educação escolar, merecendo especial destaque a abrangência do tratamento que foi dado ao tema a partir de 1934. Até então, em que pese o Brasil ter sido considerado um país de origem eminentemente agrária, a educação rural não foi sequer mencionada nos textos constitucionais de 1824 e 1891, evidenciando-se, de um lado, o descaso dos dirigentes com a educação do campo e, do outro, os resquícios de matrizes culturais vinculadas a uma economia agrária apoiada no latifúndio e no trabalho escravo. (BRASIL, 2002, p.7)

Dessa forma, a demanda por um projeto educativo para o campo brasileiro uniu na década de 60 importantes atores da sociedade, fortalecidos pelo enraizamento de movimentos sociais no âmbito da educação que também caminhava no sentido de um Movimento pela Educação Popular. De acordo com Munarim (2009, p. 61) o “Movimento de Educação do Campo” é representado por:

[...] um movimento e organizações sociais com solidez inédita em torno da questão do campo. Assim, em vez de um movimento em si, a Educação do Campo se constituiria, num conteúdo, numa agenda comum de sujeitos diversos.

Vendramini (2007, p. 123) destaca que o desenvolvimento da EC “não emerge no vazio e nem é iniciativa das políticas públicas”, e sim “de um movimento social, da mobilização dos trabalhadores do campo, da luta social”. Portanto, percebemos que existe uma face da EC de cunho político, e há também outra, de caráter pedagógico.

Para Arroyo e Fernandes (1999, p.14), a face pedagógica da EC estabelece um “movimento de renovação pedagógica com raízes populares e democráticas como nunca houve neste País”. Já no âmbito político, Munarin (2007, p. 15) destaca que a EC “dá suporte jurídico às lutas populares por educação universal e adequada às diversidades que enriquecem o país”.

Ainda sobre o conceito da EC, ressaltamos o entendimento de Munarin (2009), em que a autora expressa os motivos de seu surgimento e seus objetivos:

Do campo, porque o povo tem o direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada a sua cultura e as suas necessidades humanas e sociais. Trata-se, portanto, de uma educação dos e não para os sujeitos do campo, que combine pedagogias de maneira a fazer uma educação que forme e cultive **identidades, autoestima, valores, memórias, saberes, sabedoria**. (Grifos nossos, p.12)

A criação da EC, um marco histórico em termos de política pública no Brasil, ocorreu em 1998 (16 de abril; Portaria Nº 10/98) a partir da criação do Programa Nacional da Educação na Reforma Agrária (PRONERA). A iniciativa surgiu do Governo Federal, em parceria com o MST, por meio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), através do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e realizado com a participação de algumas Universidades e movimentos sociais do campo (BRASIL, 2007). O objetivo central do PRONERA é a “elevação de escolaridade de jovens e adultos em áreas de reforma agrária e formação de professores para as escolas localizadas em assentamentos” (ibid., p. 15).

Desde sua criação, o PRONERA vem desempenhando papel importante para melhorias nas condições educativas das populações do campo:

Nestes 10 anos de existência, o Pronera alfabetizou, escolarizou, capacitou e graduou cerca de 500 mil jovens e adultos atendidos pelo Programa Nacional de Reforma Agrária. Sempre em parceria com mais de 60 universidades públicas federais e estaduais, escolas técnicas, escolas/família agrícolas, além de secretarias estaduais e municipais de educação. Atualmente mais de 50 mil jovens e adultos estudam nos cursos do Pronera, seja em processo de alfabetização, nível fundamental e médio, seja nos cursos técnico-profissionalizantes de agroecologia, agropecuária, saúde, formação de educadores, nos cursos superiores de Direito, Pedagogia, Agronomia, Geografia, História, ou ainda em cursos de pósgraduação em Educação do Campo e Agroecologia (HACKBART, 2008, p.12).

Porém, situando essa discussão no cenário mais atual possível, é interessante observar as conclusões de Diniz (2015) sobre como está se desenvolvendo um dos eixos centrais do Programa, a gestão participativa:

O PRONERA parece estar deixando a desejar quanto ao fortalecimento e ampliação de sua fundamental característica, qual seja, de ser uma política pública que se institui pelo princípio democrático da participação política da sociedade organizada em movimentos sociais. O que requer que a regulamentação da participação esteja bem explicitada em seu Manual de Operação sob a pena de descaracterizarmos os princípios da emancipação humana e da politização social contidos na proposta da Educação do Campo, sobre o prejuízo de se tornar mais um refém da hegemonia dominante. (ibid., p.19)

Refletindo sobre o potencial da EC para emancipação dos camponeses frente aos avanços do agronegócio, também entendemos que a atuação do projeto FSA, apesar de ser realizada no ambiente escolar e com participação de

professores da rede pública, caracteriza-se como uma proposta pedagógica não curricular. Porém, consideramos que as discussões geradas a partir da relação entre movimentos sociais e ambientais com as escolas do campo, desencadeou o interesse de docentes e gestores sobre temas que se mostram pertinentes para a EC no âmbito formal da educação.

A emancipação dos camponeses mencionada acima, diz respeito não só a luta pela conquista da terra e, pela educação para os trabalhadores da terra, mas também é uma luta pela agroecologia. A Reforma Agrária, neste contexto, é, segundo DA SILVA (2012), uma luta agroecológica por:

[...] potencializar a produção alimentos de forma diversificada e em consonância com o respeito ao bioma que o cerca. [...] ferramenta fundamental de questionamento dessa matriz produtiva centrada no latifúndio, na monocultura de exportação e no uso desenfreado de agroquímicos que destroem a fertilidade da terra, do lençol freático, contaminando alimentos que vem para a nossa mesa, e, ainda, expulsando os trabalhadores rurais de suas terras [...]. (ibid., p. 34-35)

Estando a questão ambiental intrinsecamente ligada à questão agrária, e, tendo apresentado a agroecologia relacionada aos conceitos discutidos na Educação do Campo, iniciamos a discussão do terceiro tema deste referencial teórico.

3.3 Educação Ambiental

Os primeiros debates acerca da questão ambiental a nível internacional e que, mais tarde, originaram a expressão “Educação Ambiental” (EA), foram impulsionados pelo livro de grande repercussão *Primavera Silenciosa*, de Rachel Louise Carson, publicado em 1962. Após estudos da autora, foram reveladas as inúmeras consequências do uso de agrotóxicos em larga escala na agricultura após a II Guerra Mundial. Sendo assim, destacamos a relevância de serem planejados processos educativos que visem a transformação do cenário vigente da realidade socioambiental, a qual há muito vem apresentando danos para as pessoas e ao ambiente.

O primeiro encontro internacional sobre o meio ambiente foi a Conferência de Estocolmo, no ano de 1972, onde a crise gerada pelo desenvolvimentismo imoderado foi discutida sob uma ótica planetária (CARVALHO, 2008). Dois dos resultados mais significativos desta Conferência foram a “Declaração sobre o Ambiente Urbano” e seu respectivo “Plano de Ação Mundial”. Estes documentos e acordos salientaram a EA como uma ferramenta para o enfrentamento da crise ambiental que tanto preocupava a sociedade (MARANHÃO, 2005).

Em 1973, um ano após a Conferência e em atendimento às suas recomendações, foi criada no Brasil a Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA), que se torna responsável, entre outras atividades, por difundir a EA no país. A articulação dessa prática educativa, que incluiu a criação do Programa Nacional de Educação Ambiental (PRONEA) em 1984, culminou com a inclusão do Art. 225, no Capítulo VI do Meio Ambiente, Inciso VI da Constituição Federal Brasileira, que salienta a premência em “promover a Educação Ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente” (BRASIL, 1988 p.103).

Seguindo essa linha do tempo, em 1997 os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) são elaborados com a proposta de que a temática “meio ambiente” seja abordada de forma transversal e integrada em todos os níveis de ensino. Porém, uma visão preservacionista e *biologizante* das questões relacionadas ao meio ambiente, fez com que, em geral, apenas os docentes das áreas de Ciências abordassem a temática (TREIN, 2008).

A construção da EA originou também diversas tendências no âmbito desta prática educativa. Para Layargues (2014), as correntes são tão diversas quanto as possibilidades de se pensar a educação, o ambientalismo e a sociedade. A EA é um resultado das concepções sobre esses conceitos, influenciando e modificando o pensar e o agir dos educadores.

Layargues e Lima (2011) caracterizaram conceitualmente em três tendências político pedagógicas da EA: a tendência “Conservacionista” relacionada com a “pauta verde”, que fundamenta-se e centraliza-se nos princípios da ecologia; a tendência “Pragmática” correspondente à “pauta marrom” pela sua

característica urbano-empresarial, está voltada para o “Desenvolvimento Sustentável” e vinculada à Economia Verde sendo o modelo “ajustado ao contexto neoliberal de redução do Estado e adequado aos interesses do Mercado” (LAYRARGUES, 2012, p. 406); e, por fim, a linha “Crítica” que engloba correntes da EP, Emancipatória e Transformadora, sendo a única das três tendências que manifesta categoricamente seu pertencimento a uma filiação político-pedagógica, mostrando-se combativa frente ao poder dominante.

Vale ressaltar a consonância conceitual e epistemológica da caracterização descrita acima de Layrargues e Lima (2011) com as descritas por Tozoni-Reis (2004) como “Natural, Racional e Histórica” e por Martinez-Alier (2007) como “culto ao silvestre”, “evangelho da eco-eficiência” e o “ecologismo dos pobres”.

Layrargues (2012) sobre a construção da vertente Crítica da EA, salienta que foi:

Construída em oposição às vertentes conservadoras no início dos anos 90, é resultado da insatisfação com o predomínio de práticas educativas sempre pautadas por intencionalidades pedagógicas reducionistas, que investiam apenas em crianças nas escolas, em ações individuais e comportamentais no âmbito doméstico e privado, de forma a-histórica, apolítica, conteudística, instrumental e normativa. (ibid., p.404)

Para abordagem da EA pela vertente Crítica, estudamos autores que não consideram a EA como uma prática direcionada ao ensino de ecologia ou com intenções mercadológicas, portanto desvinculada do contexto social. Ao contrário, nos aprofundamos em estudos de referentes que se fundamentam no pensamento Freireano, compreendendo a EA em sua perspectiva emancipatória e identificando seu potencial transformador.

Propostas de EA, ancoradas nas ideias de Paulo Freire, têm como centro o resgate da história do Brasil e do seu povo, de forma a contextualizar os diversos agentes sociais que produziram a realidade ambiental que atualmente vivenciamos. Para exemplificar, Loureiro (2005, p. 1476) atenta para aspectos indissociáveis à prática da EA, particularidades como:

- a busca da realização da autonomia e liberdades humanas em sociedade, redefinindo o modo como nos relacionamos com a nossa espécie, com as demais espécies e com o planeta;
- politização e publicização da problemática ambiental em sua complexidade;

- convicção de que a participação social e o exercício da cidadania são práticas indissociáveis da Educação Ambiental;
- preocupação concreta em estimular o debate e o diálogo entre ciências e cultura popular, redefinindo objetos de estudo e saberes;
- indissociação no entendimento de processos como: produção e consumo; ética, tecnologia e contexto sociohistórico; interesses privados e interesses públicos;
- busca de ruptura e transformação dos valores e práticas sociais contrários ao bem-estar público, à equidade e à solidariedade.

García (2004) orienta que a visão crítica do educador em relação às questões ambientais e, principalmente sobre a sociedade, apesar de fundamental, não garante uma boa prática educativa. Para o autor, o enfoque deve ser a visão e as experiências dos educandos sobre o tema. Layrargues e Deboni (2006) convergem para esse pensamento expressando a importância de agir-refletir-agir, para que se possa fugir do “ativismo” e chegar à EA crítica e emancipatória. Ativismo é uma expressão utilizada para identificar uma das correntes pedagógicas encontradas na EA, que não atenta para aspectos didáticos, sob pena de utilizar métodos transmissivos. Como ressalta García e Cano (2006):

Para muchos educadores ambientales la modificación de las ideas y de las conductas se consigue informando adecuadamente, transmitiendo sin más las «verdades» proambientales, como si en las personas que aprenden no hubiera concepciones resistentes al cambio que requieren un tratamiento didáctico mucho más elaborado. (ibid., p.118)

O autor acima compreende que, devido à formação inicial de grande parte dos educadores ambientais se dar nas área das ciências naturais e exatas, o campo didático desta prática educativa ficou em segundo plano. Assim, sobram discussões sobre o “Ambiental” e faltam sobre “Educação”. Ao mesmo tempo em que, existem divergências em relação às tendências teóricas da EA, no âmbito da pedagogia urge discutir sobre os modelos didáticos utilizados. Para García e Cano (2006):

si lo que queremos es un cambio radical del pensamiento y de la conducta de las personas, es decir, un cambio lento, gradual, difícil, a contracorriente de la cultura dominante, tenemos que pensar que tal cambio sólo se puede lograr con estrategias de corte constructivista. (ibid., p. 119)

García (2004) aborda as contribuições da compreensão complexa e sistêmica da realidade para a educação e para os princípios das práticas

educativas. Com esse pensamento, o autor investe na ideia de que é possível evoluir de uma compreensão simplista do meio em direção a uma compreensão complexa, incluindo também a interação do sujeito, que vai construindo a superação de um entendimento de *uso do meio* e alcançando uma percepção de caráter sistêmico.

Nesse sentido, o CEP apoiou-se teórica e metodologicamente na EA Crítica, baseada no paradigma da Complexidade e na Pedagogia Construtivista. A referência prevaiente foi a proposta de José Eduardo García Díaz em seu livro *Educación Ambiental, constructivismo y complejidad. Una propuesta integradora* (GARCÍA, 2004). Esse autor defende que há poucas pesquisas que contrastem teorias fundamentais com a prática realizada, nos indicando as potencialidades dessa relação e difusão (GARCÍA, 2004).

Entre os ensinamentos que o livro salienta está a importância de promover a integração entre as diferentes formas de gerar conhecimento, buscando também interação entre espaços não formais e formais de educação, podendo envolver conteúdos escolares. Como o CEP é constituído por educadores externos à escola esse enlace com os conteúdos dependia da participação dos professores que se envolveram de forma a agregar seus conhecimentos específicos aos saberes regionais guardados por todos. García (2004) também reflexiona sobre a criação de redes de educadores ambientais, indicando a potência de uma ação-reflexão em coletivo. Esses apontamentos encontram similaridades com o trabalho desenvolvido pelo CEP, na medida em que, a constituição do grupo de educadores provocou a fluidez do compartilhamento e trocas entre educadores com diferentes perspectivas.

García (2004) reforça a importância da construção de modelos didáticos que orientem desde a perspectiva da prática, indicando instrumentos para a ação, como também, com base teórica que fundamentem os movimentos pedagógicos. Entendendo que essa teoria precisa considerar os conhecimentos dos educandos e educadores. O autor ainda indica que para essa construção é preciso o olhar sistêmico ao planejamento, avaliação e contexto das ações educativas,

identificando os modelos e propiciando a elucidação da própria prática. Os caminhos percorridos pelo CEP foram arquitetados para desenhar as reflexões anteriores e posteriores às ações, em uma busca constante por estratégias que abrangessem um modelo formado por interações entre os participantes, onde todos são entendidos e aceitos como sujeitos de saberes.

Encerramos este capítulo com as reflexões finais de García (2004) que harmoniza e integra com as outras subseções, pois o intuito de entrelaçar os três diferentes campos da educação: Popular, do Campo e Ambiental, possuem esse mesmo propósito:

[...] la búsqueda de una alternativa a la homogeneización cultural que va ligada a la globalización económica. Y el cambio que se propone es un cambio en profundidad, pues se pretende, nada menos, que contrarrestar la cultura de la apariencia, el espectáculo y la superficialidad; del individualismo, la dependencia, la pasividad, la competencia y la insolidaridad; omnipresentes en nuestra vida cotidiana. (p. 198)

4. ANCORAGEM METODOLÓGICA

4.1 Contextualização

A região da metade sul do RS, campo de ação da pesquisa, tem sofrido agressões ambientais, tais como desmatamentos, queimadas e plantio de organismos geneticamente modificados em pequenas e grandes propriedades, acarretando a utilização de agrotóxicos em larga escala. Nos últimos anos, houve uma expansão da silvicultura de eucaliptos, alterando ainda mais o ambiente natural (BINKOWSKI, 2009). Percebe-se também que as alterações da paisagem não afetam apenas a qualidade ambiental. O avanço do agronegócio é preocupante pelos problemas sociais que acarreta:

Vê-se que a engenhosidade do capital no campo via agronegócio ganha expressividade no Brasil, sendo promotora de desigualdade, e a sua expansão promove a redução de alimentos, gerando uma crise e repercutindo, entre outras questões, na impossibilidade da construção da Soberania Alimentar (SANTOS, 2012, p. 92).

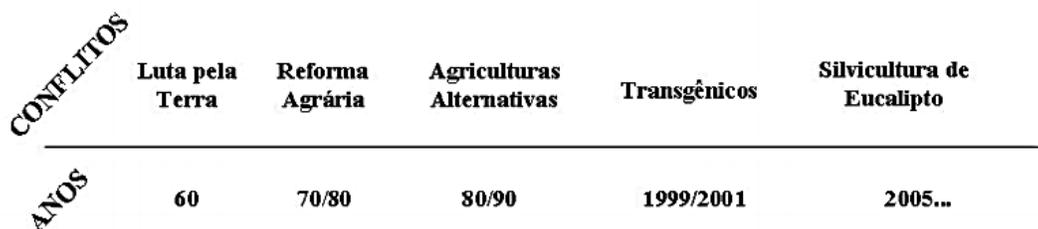
Devido a essas dificuldades, a cada ano aumenta o número de famílias que abandonam o campo (SANTOS, 2012). No entanto, o saber popular herdado dos ancestrais persiste, mantendo culturas como a socialização de sementes, mudas, conhecimentos sobre a utilização de plantas nativas, entre outras. Fatos estes que demonstram ainda haver uma valorização desse saber por parte dos nativos e também por parte daqueles que migraram para centros urbanos ou rurais, como é o caso dos assentamentos.¹⁶

Binkowski (2009), adaptado de Almeida (1989), resume (Figura 1) os conflitos socioambientais que fizeram parte do cenário dessa região específica, a

¹⁶ Retirado do projeto FSA (Anexo A), expressa a visão de todos os gestores da proposta, em especial dos que vivem nessa região, sobre a realidade local. Nesse sentido, acrescenta-se ainda a descrição do grupo no blog, em relação à autonomia campesina, que afirma que: “[...] tínhamos a ideia de resgatar coisas que foram perdidas ao longo do tempo em função da invasão tecnológica [...] Tivemos a sorte sem tamanho de ter caído em um lugar onde existem ainda pessoas originárias da região, que não só têm domínio sobre as técnicas que eram utilizadas, mas também ainda têm guardadas as ferramentas de trabalho”.

metade sul do Rio Grande do Sul, onde está localizada a parte brasileira do bioma Pampa no qual se inserem o projeto FSA e a pesquisa.

Figura 1: Histórico de lutas no meio rural na região da metade sul do RS



Fonte: extraído de Binkowski (2009), adaptado de Almeida (1989).

Suertegaray e Morelli (2011, p.16) ao analisarem a monopolização do território no Rio Grande do Sul por corporações de monocultivo de eucalipto, identificaram que existe “um projeto a favor das empresas e do capital, outro a favor dos movimentos socioambientais vinculados à diversificação dos cultivos e preservação”. Entre os conflitos existentes dessa ocupação por empresas madeireiras do hemisfério Norte, principalmente no Sul da América do Sul, está:

- Indicativo de Investimentos e liberação de recursos públicos às empresas (assessoria técnica de órgãos públicos, renúncia fiscal, financiamentos);
 - Denúncia de que áreas amplas ocupadas pelas plantações, modificam a paisagem, gerando pouca ou nenhuma renda à população local;
 - Explicitação de danos ambientais relacionados à monocultura e à espécie escolhida, tais como contaminação dos recursos hídricos por pesticidas, diminuição da biodiversidade, contaminação do solo, impacto negativo no ecossistema local; extinção do bioma Pampa e problemas de saúde na população local;
 - Uso de transgenia: monopólio da tecnologia; ocupação do território com riscos socioambientais;
 - Intensificação da concentração de terras por um setor econômico.
- (ibid., 2011, p.16)

Pereira (2013) afirma que as dificuldades encontradas pelos agricultores no estado do Rio Grande do Sul, pela falta de possibilidades em gerar renda e garantir qualidade de vida, têm feito com que os interesses das empresas de celulose, biotecnologia e mineração sobreponham as relações do homem com a

natureza e, aos poucos, tornem a agricultura dependente de processos industriais e voltada apenas para a geração de lucro.

Nesse cenário, especificamente em duas escolas públicas da zona rural, aconteceram as intervenções do CEP. As escolas atendem principalmente aos filhos das 300 famílias assentadas pela Reforma Agrária via MST, nas cidades de Herval e Piratini, região da metade sul do estado do Rio Grande do Sul.

Após a apresentação do projeto para os professores, foi definido que participariam todos os anos do Ensino Fundamental das duas escolas, abrangendo cerca de 80 estudantes. Por meio dos educandos, empregando metodologias que facilitaram o diálogo fora do ambiente escolar sobre os saberes populares enraizados na cultura pampeana, envolvemos também os familiares.

Nesse sentido, o CEP teve uma preocupação especial quanto ao engajamento dos professores, por isso, previamente ao início das atividades, realizamos encontros sensibilizando-os e os convidando a conhecerem e opinarem sobre o projeto FSA. O convite para participação também das ações e reflexões à medida em que o projeto foi sendo executado foi estendido aos docentes. O Quadro 1, a seguir, mostra um resumo das metas extraídas e atualizadas da versão aprovada no edital. São apresentadas conjuntamente as etapas de desenvolvimento do projeto em questão.

Sobre o primeiro objetivo, além dos dois grupos já apresentados (ATBr e SCI), ainda participaram o Grupo Biodiversidade (GBIO) e os professores das escolas nas quais foi desenvolvido o projeto FSA.

O GBIO é composto por agricultores agroecológicos assentados pela reforma agrária via MST no município de Herval/RS. Esse coletivo teve um papel importante no decorrer das atividades, já que seus integrantes guardam uma cultura de resistência frente à modernização e o avanço do capital no campo. Aproveitando isso, o projeto promoveu encontros entre esses agricultores e os estudantes da escola, propiciando o diálogo e a troca de saberes entre os griôs¹⁷ e as crianças.

17 Griôs são considerados anciões que guardam a memória dos saberes populares, como por exemplo, o manejo, a conservação e a propagação de sementes crioulas de uma determinada

Quadro 1: Resumo das etapas do projeto FSA

Ações	Resultados previstos	Descrição das atividades planejadas
1. Fortalecer a rede de diálogo entre os parceiros.	Articulação do grupo de trabalho na conservação do Bioma Pampa.	Encontros entre as organizações e parceiros para planejar a execução das atividades.
2. Facilitar atividades de formação na escola.	Realização de atividades sobre as possíveis relações entre o pampa, o ser pampeano e seus saberes populares com o fortalecimento da soberania alimentar da região.	Tema: O Pampa e o ser pampeano. Conversa sobre o Bioma Pampa contextualizado no mundo e sobre a construção da cultura no território.
		Tema: Saberes Populares da Região. Levantamento do que cada um produz e quais saberes são utilizados pelas famílias. Início da montagem do mapa regional de saberes populares.
		Tema: Soberania Alimentar. Discussão sobre a relação do pampa, do ser pampeano e seus saberes populares com o fortalecimento da soberania alimentar.
3. Realizar uma saída de campo.	Promover atividades com 60 estudantes no espaço físico do Sítio Cultural Ibiekos.	Identificação da mata nativa, seus usos e importâncias no ambiente. Observação dos princípios da permacultura e agroecologia aplicados como forma de produzir alimentos garantindo autonomia e com respeito à cultura e ao ambiente.
4. Produzir uma cartilha para compartilhar os conhecimentos.	Confeccionar uma publicação que concentre informações do pampa e o acúmulo dos saberes populares resgatados e construídos nas atividades.	A partir dos encontros na escola, iniciamos a montagem da publicação do livro <i>Sabes Saberes Sabidos? Suleando os nossos sonhos!</i> E também do filme <i>Sementes Crioulas de um Mundo Sem Veneno</i> .

Fonte: extraído e adaptado do Projeto FSA (Anexo A).

Os integrantes do CEP se identificam com a descrição de “Griô” por Fontenelle (2011). A autora utiliza um trecho do cordel escrito pela Mestre Griô

região. A pedagogia dos Griôs tem como principal metodologia a oralidade, ou seja, a contação de histórias sobre as origens das coisas e sua trajetória.

Maria do Rosário Lustosa da Cruz, cordelista que ajudou a construir “A História dos Griôs Cordelistas da Lira Nordestina”:

Um Griô significa	Nesta arte eu me dedico
Um contador de história	Com muita satisfação
Que trabalhando ou falando	Pois quando ela eu pratico
Registra sua trajetória	Faço com muita emoção
E no arquivo do tempo	E todo texto que escrevo
Vai construindo memória. [...]	Retiro do coração.

(ibid., 2011. p. 24)

Os momentos de formação na escola, a segunda “ação” descrita no Quadro 1, ocorreram após a realização de encontros com os professores das instituições para apresentar o projeto FSA e convidá-los a se envolver. Como as temáticas pampa, saberes populares, soberania alimentar são transversais, foi possível a sua relação com todas as áreas do conhecimento. De acordo com os professores que aderiram ao projeto, trabalhamos com as séries que compreendem o Ensino Fundamental (1º ao 9º ano).

Entre as atividades realizadas estão: a construção coletiva de um mapa compreendendo o trajeto do ônibus escolar em todo o assentamento por cada uma das turmas do Ensino Fundamental das duas escolas do campo, saída de campo para o SCI, publicação e distribuição de um livro (Anexo G) denominado “Sabes saberes sabidos? Suleando os nossos sonhos” que compila os saberes populares da região, a produção de um filme (Anexo F) intitulado “Sementes Crioulas de um Mundo sem Veneno” para a divulgação das ações do projeto na comunidade e em redes sociais. Paralelamente às atividades na escola, o coletivo educador-pesquisador participou das reuniões do GBIO para planejar os momentos de diálogos com os estudantes. Cabe ressaltar que os integrantes do SCI também fazem parte do Grupo de Biodiversidade facilitando essa integração.

As atividades educativas orbitaram pelos seguintes temas geradores:

- a relação do gaúcho e de outros seres pampeanos com o bioma pampa;
- os saberes populares pertencentes a essas comunidades e a esse território;

- o modo como a preservação e o compartilhamento desses saberes pode estimular um processo de fortalecimento da soberania alimentar por meio da agroecologia, além do sentimento de pertencimento, seguido de defesa do próprio território.

4.2 Olhares Diferentes, Trabalho Coletivo: quem são esses educadores-pesquisadores?

O Sítio Cultural Ibiekos

O SCI foi fundado por duas famílias assentadas em 2002, via MST, pela Reforma Agrária no Assentamento Tamoios – Vista Alegre. A partir de 2005, organizam-se com essa denominação e adotam uma gestão compartilhada. A finalidade do SCI é difundir a permacultura, a agroecologia e propagar saberes políticos, sociais e culturais¹⁸. O sítio está localizado em Herval, no estado do Rio grande do Sul, 2º Distrito Basílio, próximo a outros quatro assentamentos também da Reforma Agrária via MST, abarcando cerca de 250 famílias. Os integrantes do SCI identificam-se enquanto “Um cantinho do Brasil, orgulhosamente no Pampa Gaúcho, que quer fazer a diferença, enxergando e discutindo problemas globais e discutindo e realizando soluções locais”¹⁹

Desde o começo da relação das famílias com o território, foi planejada a construção de casas de barro. Por fim, foi adotada a técnica do torrão de leiva (Figura 2)²⁰. Foi nesse momento que se iniciou a relação das famílias assentadas

18 Retirado do formulário FLD (Anexo A) sobre identificação do SCI.

19 Retirado do blog da organização disponível em: <http://sitiobiekos.blogspot.com.br/p/resgate-da-liberdade-e-da-autonomia.html> Acesso em 02 out. 2015.

20 Para maiores informações sobre o processo de bioconstrução das casas, acesse Prudente, Costa e Ripoll (2009).

com o ATBr, a partir da relação dos integrantes do SCI com um bioconstrutor²¹ que atuou na elaboração e construção das casas e já naquela época participava do ATBr.

Figura 2: Casa em processo de construção utilizando a técnica de torrão de leiva.



Fonte: Site do Sítio Cultural Ibiekos.

Além da casa de terra, outras técnicas ancestrais foram pesquisadas pelas famílias que sempre optaram pelo modelo agrícola agroecológico, contrariando o modelo predominante do agronegócio. Essas escolhas fundadas numa visão convergente de mundo fizeram com que, com o passar do tempo, a relação entre o SCI e o ATBr se fortalecesse. No ano de 2010, a partir da participação de uma das agricultoras assentadas e fundadora do SCI no curso Educação Gaia²², que fora promovido em parceria com o ATBr, os laços se estreitaram, e as duas organizações passaram a discutir e agir conjuntamente.

Atualmente o SCI faz parte do Conselho Consultivo do ATBr por meio da participação de representantes nas discussões, planejamento e ações conjuntas e colaborativas. O projeto FSA é um exemplo dessa parceria, uma vez que foi

21 Profissional que trabalha com construções utilizando a terra como principal matéria prima.

22 O curso Educação Gaia está embasado em um currículo que aborda quatro eixos: social, ecológica, econômica e visão de mundo. Saiba mais em: <cidadessustentaveis.org.br/boas-praticas/educacao-gaia-design-para-sustentabilidade>. Acesso em: 03 de out. 2015.

escrito dispendo do SCI como organização executora e o ATBr como requerente. Ambos os coletivos atuam no território de Herval/RS, ecoando suas posições em diversos espaços nacionais e internacionais.

O Núcleo Amigos da Terra Brasil

O ATBr é uma organização da sociedade civil com sede em Porto Alegre/RS que, desde a década de 1970, tem incluído a questão ecológica no centro dos seus debates e ações. A partir de 1983, tornou-se membro da federação internacional Amigos da Terra, que reúne 75 países agindo assim, local, nacional e internacionalmente a partir da visão comum por “uma sociedade de povos interdependentes vivendo com dignidade, totalidade e realização, onde a equidade e os direitos humanos e dos povos são cumpridos”.²³

Suas linhas estratégicas são “mobilizar, resistir e transformar”:

Mobilização através de apoio a comunidades locais, da mobilização da opinião pública, e do apoio e participação em lutas sociais, políticas e ambientais;

Resistir através de ações coletivas de resistência de base comunitária, ações diretas, manifestações públicas, de incidências e influência política e através da construção e participação em alianças estratégicas com movimentos e organizações sociais;

Transformar através da conscientização, promoção e apoio a experiências existentes e novas iniciativas ou soluções, na construção e criação de novas estruturas, sistemas e processos democráticos e incidindo nos existentes; revivendo, criando e compartilhando sistemas de conhecimento e saberes.²⁴

Em nível internacional, o ATBr atua em cinco programas: Justiça Climática e Energética; Justiça Econômica e Resistência ao Neoliberalismo; Bosques e Biodiversidade; Defensores e Defensoras de Direitos Humanos; e Soberania Alimentar. Este último programa, o mais diretamente relacionado com o projeto FSA, faz referência à promoção da agroecologia como modelo agrário socialmente justo e ambientalmente saudável.

Nas palavras da Federação Internacional Amigos da Terra:

23 Retirado do *site* da Federação, disponível em: <foei.org> Acesso em: 15 out. de 2015.

24 Retirado do *site* do NAT disponível em: <amigosdaterra.org.br> Acesso em: 04 out. 2015.

[...] apoiamos a soberania alimentar - o direito dos povos à alimentação saudável e culturalmente apropriada, produzida através de métodos ecologicamente corretos. Soberania alimentar diz respeito à alimentação das pessoas ao invés de favorecer o lucro corporativo, portanto defende os interesses das gerações futuras.²⁵

As posições internacionais e nacionais do Amigos da Terra são contrárias ao modelo de globalização empresarial e incentiva a promoção de “sociedades ambientalmente sustentáveis e socialmente justas”²⁶. Tais posições são ancoradas nos trabalhos regionais e locais, como no caso contextualizado no decorrer desta pesquisa, com o SCI.

Integrantes do coletivo educador-pesquisador

No SCI todos participaram da formulação da proposta e atuaram no desenvolvimento do projeto. Fazem parte do SCI duas famílias camponesas, compostas por uma mulher adulta, mãe de dois adolescentes e uma criança, e, também, por uma mulher adulta e mãe de dois adolescentes. As mulheres trabalham como agricultoras agroecológicas e com produção animal em transição para agroecologia. Além disso, confeccionam artesanatos com produtos naturais e desenvolvem projetos de educação nas escolas dos assentamentos. Os adolescentes estudam em uma das escolas onde o projeto FSA atua.

No ATBr todos contribuem de alguma forma com o desenvolvimento do projeto FSA, seja nos relatórios, na prestação de contas ou no auxílio na comunicação externa. Porém, especificamente no CEP, atuaram nas atividades pedagógicas, quatro integrantes: três biólogas e um bioconstrutor acadêmico de arquitetura. Os componentes possuem experiências com educação popular ambiental.

25 Retirado do *site* da Federação, disponível em: <foei.org> Acesso em: 15 out. de 2015.

26 Retirado do *site* da Federação, disponível em: <foei.org> Acesso em: 15 out. de 2015.

4.3 Considerações sobre a metodologia da pesquisa-ação

Entendendo o processo de pesquisa enquanto um “questionamento sistemático crítico e criativo, mais a intervenção competente na realidade, ou o diálogo crítico permanente com a realidade em sentido teórico prático” (DEMO, 2006, p. 34), os pressupostos metodológicos que correspondem aos objetivos da proposta possuem caráter qualitativo.

Conforme manifesta Tozoni-Reis (2003, p.14):

Por pesquisa qualitativa entendemos, não a possibilidade de abrir mão de qualquer método, mas uma metodologia com características próprias, científicas e, ao mesmo tempo, complexa, dinâmica e com plasticidade necessária à investigação dos fenômenos humanos e sociais, própria para a educação e para a educação ambiental. Se a educação ambiental é uma estratégia de invenção social, em cuja meta está a transformação das ações dos indivíduos no ambiente, levando em conta o caráter histórico e social dessa intervenção, a pesquisa em educação ambiental refere-se a fenômenos humanos e sociais, históricos e culturais que não podem apenas ser medidos quantitativamente, mas compreendidos em sua totalidade e complexidade, interpretados e analisados sob a ótica qualitativa.

A metodologia desta proposta está ancorada na pesquisa-ação (PA) crítica e colaborativa, uma vez que a criticidade e o desejo de transformação da realidade foram construídos igualmente por todos os sujeitos envolvidos, bem como a elaboração do projeto FSA e seu futuro desenvolvimento (FRANCO, 2005). Nessa perspectiva, a autora assume também o papel de participante das ações, como educadora do projeto FSA:

Pode-se observar que as origens da pesquisa-ação com Lewin identificam uma investigação que caminhe na direção da transformação de uma realidade, implicada diretamente na participação dos sujeitos que estão envolvidos no processo, cabendo ao pesquisador assumir os dois papéis, de pesquisador e de participante, e ainda sinalizando para a necessária emergência dialógica da consciência dos sujeitos na direção de mudança de percepção e de comportamento (ibid., p. 487).

Como afirma Barbier (2007, p. 14) “a pesquisa-ação obriga o pesquisador a implicar-se”. Afinal, um dos objetivos da PA está a busca por ações práticas em situações concretas, intervindo na realidade e buscando sua transformação. Por

isso, ressaltamos a sua similaridade com a perspectiva emancipatória da educação. Nesse mesmo sentido, Le Boterf (1999, p. 73) afirma:

A PA consiste num processo educativo. Ao participar do próprio processo da pesquisa e da discussão permanente dos resultados obtidos, os pesquisadores podem adquirir um conhecimento mais objetivo de sua situação, assim como analisar com maior precisão os seus problemas, descobrir os recursos de que dispõem e formular ações pertinentes.

A PA ultrapassa a compreensão ou descrição do mundo, mas exige a tentativa de transformá-lo. Para isso, os integrantes do CEP atuam enquanto pesquisadores. Nesse sentido, destacam-se as afirmações de Franco:

A pesquisa-ação crítica considera a voz do sujeito, sua perspectiva, seu sentido, mas não apenas para registro e posterior interpretação do pesquisador: a voz do sujeito fará parte da tessitura da metodologia da investigação. Nesse caso, a metodologia não se faz por meio das etapas de um método, mas se organiza pelas situações relevantes que emergem do processo. Daí a ênfase no caráter formativo dessa modalidade de pesquisa, pois o sujeito deve tomar consciência das transformações que vão ocorrendo em si próprio e no processo. (Franco, 2005, p. 486)

Sobre a relação entre teoria e prática no desenvolvimento da PA, destacam-se os argumentos explicitados por Carr (1983, *apud*.SERRANO, 1990, p. 50):

“[...] la idea de que la teoría pueda a ser científicamente contrastada, independientemente de la práctica y luego usada para corregir o valorar cualquier práctica educativa, tendría que ser sustituida por la visión diametralmente opuesta de que una teoría educativa solamente adquiere un carácter científico si puede ella misma corregirse y valorarse a la luz de sus consecuencias práctica.

[...] En efecto, la posibilidad de una investigación que sea a la vez educativa y científica sólo se puede asegurar con el rechazo efectivo de todas las divisiones y distinciones que en la actualidad separan a la comunidad investigadora de la comunidad educativa”

Os participantes do CEP atuam enquanto movimento ambiental e social. Fica, então, evidente que a pesquisa possui caráter de comprometimento sócio-político em prol de uma causa, sendo aqui representada, a causa das famílias camponesas em busca da valorização dos saberes regionais e fortalecimento da soberania alimentar. Portanto, vinculam-se com as posições defendidas por Paulo Freire (1986), Zúñiga (1981) e Delorme (1982), pertencentes à corrente da PA denominada “Movimientos Comunitarios”, e que, conforme salienta Serrano

(1990:40), contribuem à metodologia, no sentido em que sua integração “se mueve a un nivel de teoría política, ligada de manera diferente al proyecto político dominante”.

Devido às características inerentes ao processo de PA, não é possível antever os resultados. O pesquisador se coloca em movimento junto com os demais participantes, se envolvendo e discutindo sobre os rumos do trabalho. Conforme afirma Paulo Freire (1986, p. 35), sob uma perspectiva libertadora, pesquisar e educar estão em constante movimento:

Se (...) a minha opção é libertadora, se a realidade se dá a mim não como algo parado, imobilizado, posto, aí, mas na relação dinâmica entre objetividade e subjetividade, não posso reduzir os grupos populares a meros objetos da minha pesquisa. [...] Se me interessa conhecer os modos de pensar e os níveis de percepção do real dos grupos populares estes grupos não podem ser meras incidências de meu estudo. Dizer que a participação direta, a ingerência dos grupos populares no processo da pesquisa altera a “pureza” dos resultados implica na defesa da redução daqueles grupos a puros objetos da ação pesquisadora de que, em consequência, os únicos sujeitos são os pesquisadores profissionais. Na perspectiva libertadora em que me situo, pelo contrário, a pesquisa, como ato de conhecimento, tem como sujeitos cognoscentes, de um lado, os pesquisadores profissionais; de outro, os grupos populares e, como objeto a ser desvelado, a realidade concreta. [...]. Deste modo, fazendo pesquisa, educo e estou me educando com os grupos populares. Voltando à área para pôr em prática os resultados da pesquisa não estou somente educando ou sendo educado: estou pesquisando outra vez. No sentido aqui descrito, pesquisar e educar se identificam em um permanente e dinâmico movimento.

A escolha por essa metodologia de pesquisa e o envolvimento do grupo proporcionou aprendizagens ao CEP em um constante movimento de reflexão-ação. Por meio dessa prática, desvendamos os aspectos pedagógicos que influenciaram as ações no âmbito do projeto FSA. Tratando-se de uma análise contínua e participativa, aprimoramos nossas ações enquanto educadores. Paralelamente a isso, foi possível contribuir para o campo didático, desde a prática até a teoria da educação, em busca de uma transformação social.

4.4 Colhendo os frutos: sobre os instrumentos utilizados

Pertencendo ao campo das ciências sociais, essa investigação envolve seres humanos. Portanto, os envolvidos tornaram-se atores ou sujeitos de interlocução no processo de pesquisa (OLIVEIRA, 2004). Dessa forma, utilizamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo E) para utilização de qualquer material coletado tanto pelo projeto FSA, como para a presente pesquisa acadêmica. Também, por tratar de crianças e adolescentes, realizamos apresentações do projeto para os professores e familiares, de forma que todos entendessem do que se tratava a pesquisa e como seus frutos retornariam para a comunidade.

670 páginas e 200 GB de imagens

Quando a presente pesquisa ainda era um projeto, diferentes formas de registro foram estudadas, intentando uma estratégia ideal que eternizasse todos os planejamentos, ações e repercussões que a investigação-ação compreendesse. A busca era também pelo contexto e sentimentos que importassem para o ciclo de refletir-agir-refletir que estávamos nos propondo. Por fim, os instrumentos se diversificaram tanto quanto a forma de realização do projeto e resultaram em um grande volume de material.

As 670 páginas continham as minhas relíquias:

- 33 arquivos de áudio transcritos com uma média de 2 horas cada um e abrangendo entrevistas com os professores, grupos focais com o GBio e as reuniões do CEP;
- 1500 páginas em documento digital armazenam as conversas no *Facebook*, rede social onde o CEP planejou e avaliou as atividades no período compreendido de abril de 2015 a julho de 2016;
- 60 diários de bordo contendo os saberes dos educandos e suas famílias;
- Cerca de 200 GB de filmagens com os diversos personagens que compuseram essa trama
- 2 diários pessoais de anotações.

Abaixo estão os motivos pelos quais os métodos foram escolhidos e como eles auxiliaram para conservar a experiência quase que com plenitude. Mesmo que a próxima seção aparentemente os invisibiliza, o próprio processo de organização e transcrição do material serviu para estruturar o pensamento e as ideias, além do uso como fonte de consulta e inspiração durante a escrita.

Múltiplos olhares, o CEP agindo: Observação de campo

Para Yin (2001), a observação participante ocorre no momento em que o pesquisador está atuando nos fenômenos estudados. Porém, como ressalta o autor, a observação serve apenas como registro dos acontecimentos, pois, isolada, não atua para a transformação da realidade, como é o objetivo da PA.

Foi utilizada uma câmera filmadora para registrar as ações educativas do projeto FSA e gravadores de áudio durante as reuniões do CEP nos momentos de elaboração e avaliação das propostas pedagógicas. Durante o desenvolvimento do projeto muitas pessoas manusearam a filmadora, em especial os adolescentes do SCI se responsabilizaram por registrar momentos dentro e fora da escola. Aliado à isso, passou a fazer parte da organização ATBr um estudante de jornalismo que propôs a edição das imagens. Assim surgiu o filme *Sementes Crioulas de um Mundo Sem Veneno*, narrando o contexto em que nossa proposta emerge e com as digitais das diversas mãos que a construiu.

O olhar dos professores e gestores: Entrevistas não estruturadas

Na intenção de responder às questões de pesquisa, e também de desenvolver o projeto FSA de forma mais integrada à comunidade escolar possível, foram realizadas entrevistas com professores e gestores que se envolveram nas atividades, buscando compreender suas expectativas e as posteriores repercussões do projeto FSA na escola, avaliando as potencialidades e os limites da proposta.

Para isso foram realizadas conversas gravadas em áudio, mediadas por entrevistas não estruturadas que possibilitaram uma visão subjetiva sobre os participantes. Segundo Parga Nina (*apud* MINAYO, 1994, p. 122) por entrevistas

não estruturadas entende-se uma “conversa com finalidade onde o roteiro serve de orientação, de baliza para o pesquisador e não de cerceamento da fala dos entrevistados”. Foram elaborados previamente alguns questionamentos iniciais, deixando os professores e gestores livres para transitar em outros assuntos relevantes para eles durante o processo de ação educativa.

Os olhares dos educandos e das famílias: Diário de bordo para registro dos saberes conversa com os pais e estudantes

O diário de bordo (ANEXO B), ou portfólio, segundo Villas Boas (2005), foi uma forma de avaliar a integração do estudante com a proposta, além de ter propiciado aos atores envolvidos uma análise do processo e progresso da aprendizagem. Nesse sentido, Hernández (2000) afirma que este método possibilita justamente que os rumos do trabalho se modifiquem a partir do que os estudantes consideram mais relevantes.

Por isso, o diário de bordo foi uma das ferramentas introduzidas pelo CEP. Ele foi também pensado para apresentar o projeto FSA e promover o diálogo com a família. No diário os educandos puderam sistematizar os saberes populares regionais utilizando a escrita, desenhos, colagens ou outros meios que lhe foram mais convenientes.

Dessa forma, ouvimos os educandos envolvidos, acompanhando as suas anotações nos diários e conduzindo os trabalhos de acordo com aquilo que mais lhe interessava, estudando e aprofundando os conhecimentos. Brandão (2003) afirma que uma das características da pesquisa participante é possibilitar que a construção de conhecimentos sobre os grupos sociais ocorra a partir deles próprios. Nesse sentido, o autor escreve sobre a abordagem metodológica em relação às crianças:

[...] E não deveria, então, ser feito às próprias crianças? Se elas vivem o que através de incontáveis investigações imaginamos conhecer cientificamente, por que não perguntar a elas o que sabem sobre seu próprio modo de vida? Por que não dialogar com e entre elas sobre o que vivem e o que desejam, antes de investigá-las ou de realizar “experimentos” sobre elas. Por que não aprender a viver pesquisas com elas em vez de apenas realizar investigações? (ibid.,p. 16)

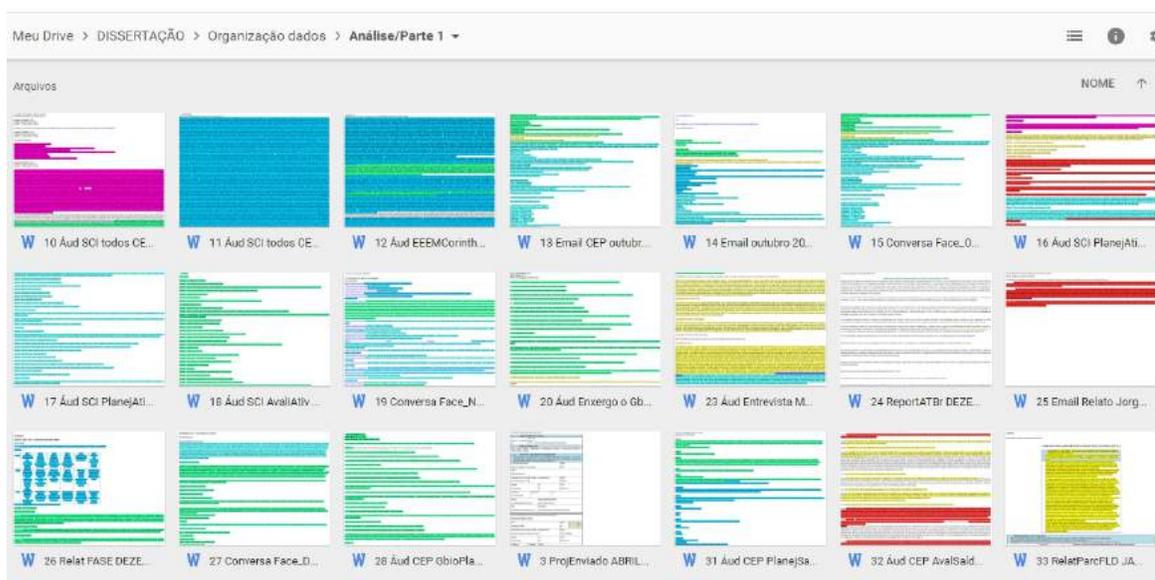
O CEP identificou a implicação dos pais para o desenvolvimento da proposta, por isso planejou momentos para estabelecer essa relação com a família. A visão dos pais e alunos sobre o projeto FSA foi recolhida nos momentos de integração, como na saída de campo, no encontro de construção do livro e em reuniões que a escola promoveu e nos permitiu participar. Para além do registro acadêmico, a intenção era perceber as impressões dos familiares a fim de aumentar suas participações no projeto desde o diálogo em casa até as atividades no ambiente escolar.

O olhar da autora enquanto participante do projeto: Diário de pesquisa individual

Fiz uso do caderno de campo durante todo o processo investigativo. Para Zabalza (2004, p. 18), “[...] o diário cumpre um papel importante como elemento de expressão de vivências e emoções”. Por meio do diário, registrei minhas experiências de forma detalhada, evidenciando cada planejamento e avaliando as atividades. Esse instrumento serviu como apoio no momento da escrita, guardando momentos e reflexões sentidas durante o percurso investigativo.

5 AQUI, EMBAIXO DA TUA COPA

Neste capítulo algo saiu do lugar. De revés mudamos. O capítulo de um método deveras reconhecido já estava pronto. Inclusive cheguei a apresentar para o CEP uns dos primeiros passos de uma análise alinhada [alinhada pode ser exagero, mas organizada e colorida estava ficando.]



E então, como chegamos nessas próximas linhas descabidas? Os culpados foram quase todos desvendados. Vou contar desde o início, e tudo começou com felicidade...

5.1 Felicidade é um ingrediente indispensável para a pesquisa

“Estás feliz?”, essa foi a pergunta do meu orientador quando terminei de contar a minha última melhor ideia dos últimos tempos desde a última semana. Eu fui provavelmente a aluna de mestrado a definir o objetivo de pesquisa mais tarde. E o João? Ah, o João dizia “o tempo para se ter dúvidas é agora, depois que tu te decidir as coisas acontecerão naturalmente”. Finalmente eu tinha definido. E ele

me pergunta se eu estava feliz. Fiquei surpresa. Eu imaginava perguntas sobre a metodologia da pesquisa-ação, a respeito dos meus (bem poucos) conhecimentos sobre educação do campo, a distância Porto Alegre/Herval, qualquer outra indagação de cunho acadêmico ou relacionada com a viabilidade da proposta. Mas, se importar com a minha felicidade? Naquele momento senti o significado da confiança entre educador-educando e a potência dessa troca. Quando senti que ele confiava em mim o suficiente para ser meu orientador e parceiro no caminho que eu escolhesse trilhar. Passei a sentir confiança em mim e pronta para caminhar.

Se eu estava feliz? Sim, eu estava muito feliz. Não poderia estar mais feliz. E então ele complementou: “Se estás feliz, é o que importa”. E, assim, iniciamos os trabalhos. Bem, na realidade o trabalho em si já havia começado em meados de abril de 2015. A mudança foi que a partir daquele momento passei a enxergar a nossa incidência no território de Herval também como o campo do mestrado. A felicidade era uma mistura de sentimentos. Sentimentos que haviam brotado em mim desde o momento em que percebi a possibilidade de relacionar a minha militância política no Amigos da Terra Brasil com uma pesquisa acadêmica. Poderia estudar algo em que eu realmente acreditava.

E hoje eu percebo que a investigação, a curiosidade e o deslocar de pensamentos fruídos nestes dois anos, aconteceram por que nós todos estávamos totalmente imersos no ponto de interrogação. E, claro, FELIZES. A busca pela resposta da pergunta de pesquisa de fato nos estremecia. E o resultado disso? Não é uma teoria, mas um caminho inteiro de descoberta em coletivo.

Por que em Herval? Por que com o Sítio Cultural Ibiekos? Existiam outras possibilidades, cada qual com suas características. Mas, como explicar? Herval era diferente. Como se pulsasse em um ritmo diferente. Não era mais fácil ou mais difícil. Talvez houvesse uma energia um tanto quanto mágica com o grupo que trabalharia nessa proposta e que me fez acreditar que era a decisão a ser tomada.

Um dos pontos que pesou foi a discussão em torno da educação estar tão presente, como o centro das ações, e também, com a dedicação voltada para a pedagogia que seria construída.

Depois disso, formular os objetivos, problema de pesquisa e escrever o referencial teórico tornaram-se tarefas simples, espontâneas como se o papel já soubesse o que eu queria escrever.



...1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16 meses ...



5.2 Lembranças não se acomodam em folhas de papel

Retornei. Aterrei novamente em Porto Alegre. Me retirei. Entrei para dentro do gravador e transcrevi, transcrevi, transcrevi. Organizei as mais de 1500 páginas no word resultado das conversas do *Facebook*. Apaguei boa parte. Nós (o coletivo educador pesquisador) temos o hábito de falar muito sobre a Lua e o clima e eu ainda pensava que isso não interessaria para a análise. Dissequei os e-mails trocados. Durante um mês revivi tudo a partir das leituras. Redescobri coisas. Enxerguei de outro jeito. Mudei de ponto de vista. Liguei para os integrantes do CEP mais de cem vezes para contar o que havia transcrito ou relembrar alguma situação que tínhamos vivido. Tive momentos de desespero pensando que não terminaria. Eram 33 arquivos de áudio, cada um com uma duração média de 2 horas. Implorei ajuda para todas e todos nesta tarefa inglória. (*Gracias, compas!*)



assuntos. Seguir a pauta era uma tarefa quase impossível. Bem, a explicação na realidade era simples.



Como podemos falar tanto? Por que somos TÃO dispersivos nas nossas reuniões? Bastava as crianças do ambiente falarem ou fazerem alguma coisa fofa que já desviávamos dos assuntos. Tornamo-nos um grupo de **amigos**.



Além disso, sabe o que é? Bolas de sabão gigantes, espetos potenciais espadas ou barras capazes de evocar super-poderes provocam distração!

Um mês depois... ACABEI! TERMINEI! ATÉ QUE ENFIM. Existe vida após a transcrição. Organizei os meus dados de um jeito que senti orgulho de mim. Risos. Fui para PUCRS com tudo no HD. Faltava só imprimir.

Passei no bar, peguei um café. Direto para o xerox/imprensa da faculdade

de odontologia (é o mais barato da PUCRS). Imprimi, nossa! Imprimi muito. Eram 678 páginas para ser exata. Pedi para encadernar e o rapaz disse que teriam que ser duas encadernações. A máquina não encadernava tantas páginas. Saí do xerox rumo a primeira orientação após a “finalização do campo” com dois calhamaços. Ao sentir o peso daquelas folhas nos meus braços percebi que elas nunca seriam suficientes. Nada seria/será o suficiente. Sequer conversando longamente ou escrevendo exaustivamente poderia expressar a metamorfose que vivi. A metamorfose que vivemos. A metamorfose que fizemos.



5.3 À procura de inspiração

O que martelou na minha cabeça, após a segunda orientação – já com os calhamaços reduzido para **473** páginas, coloridos e tabelados no *excel* pelas temáticas “Projeto Geral”, “Histórico do Coletivo Educador-Pesquisador”, “Metodologia das Atividades”, “Parceiros” e “Contexto”, foram as expressões:

J - “Saia da caixa! É preciso sair da caixa para **enxergar** a caixa.”

J - “Esconde isso (os tais calhamaços) de ti por duas semanas.”

J - “**Respira.**”

J - “Assiste o filme “Contato” (ficção científica de 1997 com a atriz Jude Foster) dá uma olhada nesse livro “La punta del lápiz” (Escuela Pedagógica Experimental - 35 años: Un proyecto alternativo para la sociedad contemporánea). Converse com **amigos** que te **inspirem.**”

J - “Te **solta.**”

[*Reação imediata*]

L - “André²⁷, preciso conversar, **perdi o sul** na dissertação e tu é o meu amigo ‘mais filósofo’.”

Dramas e risadas à parte...

A - “Sabe o que é? Tu estás encanizada com o método. Te livra disso. Estás mais preocupada em provar o que tu viveu em vez de contar sobre a vivência.”

A - “Tu acreditas que se escrever sobre o que tu viveu não vai ser científico? O que é ciência? O que é acadêmico?”

L - “Mas por onde começar? Como começar?”

A - “Já ouviu falar sobre cartografia sentimental? Lê esse artigo...”

Hum... A Cissa²⁸ trabalhou com cartografia...

L - “Cissa, preciso conversar!”

C - “Vem aqui em casa, vamos tomar um mate?”

Uma térmica de chimarrão depois, entendi que:

[A cartografia é um jeito de investigar, sobretudo ela investiga processos, movimentos, ações, reflexões. Entende-se como uma pesquisa “suja” por que a pesquisadora está impregnada, está dentro da pesquisa, é parte da pesquisa.]

Pronto. Me identifiquei.

A Cissa me fazia perguntas e juntas desenhamos algumas possibilidades de pontas que seriam amarradas. Imaginamos uma colcha de retalhos costurando

²⁷ O André é um amigo que também é Amigo da Terra e ainda antes de mim se atreveu no ambiente acadêmico. Essas semelhanças e sua natural compreensão, talvez por ser psicólogo e por ter mergulhado na filosofia do absurdo, me fizeram buscar seus conselhos suleadores, especialmente em períodos de crise. Ficou curioso para saber de suas andanças acadêmicas? Confere *DISSIDENZ Ética & Política na Psicologia Absurda* em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/141518>

²⁸ A Clarissa ou Cissa é uma amiga, já trabalhamos juntas em projetos de arte educação. Ela é formada em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da UFRGS, aonde desenvolveu o trabalho que menciono com cartografia social, chamado *Ruídos Urbanos: Mulheres Negras – Uma Poética Radiovisual* que pode ser lido em:

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/142916/000994781.pdf?sequence=1>

os seguintes temas:

<<Redes Colaborativas: tudo que aconteceu só aconteceu pela existência de uma rede, formada por diversos pontos de resistência. São os parceiros que se envolveram, que se permitiram sonhar juntos e empenhar esforços na construção da proposta. As linhas que se transpassaram conectando os diversos pontos estão carregadas pelos diversos contextos e firmadas pela confiança, companheirismo e diálogo. Por ser uma rede não possui início, meio e fim. A conversa partiria do ponto onde eu iniciei, a partir do momento em que eu me envolvi na teia, afinal será um desenho narrado por mim. O pontinho Amigos da Terra Brasil surge e logo puxa um traço para outro ponto, o Sítio Cultural Ibiekos que ao se formar origina outro ponto, o Grupo Biodiversidade. A partir do Sítio Ibiekos se estende uma linha formando os nós que conectam as escolas rurais. Desses dois últimos pontos puxam-se fios que destacam os grupos: Professores, Educandos e Família. Todos os pontos estão conectados. Os detalhes e os momentos significativos de relação entre os pontos dessa rede seriam contados, revividos e refletidos no papel.>>

<<Mediação Educativa: nossas discussões, inseguranças e descobertas durante o processo de aprendizagem colaborativa. A influência dos diversos sujeitos e suas experiências na construção pedagógica. Como foi o caminhar junto, o pensar e agir coletivo e como esses passos foram sentidos por cada um e por todos. Qual foi o reflexo dessa caminhada? O que alterou o trajeto e o que se transformou a partir das vivências? O que percebemos ao “final” das atividades? Quais foram as sementes plantadas mais resistentes? Onde o terreno é mais fértil? Como será a rega desse cultivo? A nossa ideia inicial se transformou durante cada conversa, muitos elementos compuseram com a trama inicialmente planejada. Quais foram os elementos? Como transformaram? Como nos transformamos? As pinceladas de cor se constituiriam em fragmentos, diálogos dos nossos planejamentos, avaliações e reflexões trazendo veracidade para o conto.>>

Uma narrativa contada com poemas, músicas, desenhos, imagens, figuras de linguagem. A colcha de retalhos seria costurada com o problema de pesquisa

sendo sussurrado a cada pouco de tempo, ecoando os objetivos. É um método um tanto quanto **livre** a tal de cartografia.

Mas, eis que, poucos dias depois... Um último encontro para “sair da caixa” invadiu o desenho do mapa que estava sendo pensado. Foi o chá no bar do 15 com o Guy²⁹.

G - “Eu gosto de cartografia, mas ainda é um método.”

G - “Eu estou mais interessado em **ouvir** o que tu tens para dizer depois de tudo que viveu do que sobre o que os teóricos pensam disso.”

G - “O que é acadêmico? O que não é? O que pode em ciência? Não existe isso. Tudo pode”.

G – “Os próprios autores que muitas vezes referenciamos aconselham a não seguirmos os seus passos, a traçarmos **novos e nossos caminhos.**”

Uma desconstrução total. E depois? Seguimos falando sobre os sentimentos mais fortes que vivi durante os meus dias em Herval. O primeiro dia na escola, o primeiro caso de morte por envenenamento que chegou aos meus ouvidos. A visita àquela família que morava há 15 anos em uma casa de lona preta. A primeira denúncia de que o avião com glifosato se derramava sobre a escola pelo menos duas vezes ao ano. O quanto me deparei com o absurdo. Frente a frente. O quanto doeu em mim. O quanto dói a cada dia depois de cada “primeira vez”.

²⁹ O Guy é um colega no programa de pós graduação, além de ser doutorando (des)orientado pelo mesmo professor. Quando soube que sua pesquisa também era, segundo o próprio, um “descalabro” fiquei curiosa e gentilmente ele aceitou conversar sobre outras possibilidades de comunicar nossos aprendizados em uma pesquisa acadêmica.

Lembrei também das risadas, dos abraços, das nossas pequenas alegrias de todos os dias. Como aquela vez que fizemos quindim com uma vizinha, reunindo todas as mulheres da família. Os planejamentos e avaliações ao pé da Coronilha, acompanhadas pela erva mate e, ao cair da noite, pela fogueira. As estrelas cadentes mais lindas que já vi. O sorriso das descobertas na escola, cada dinâmica, filme ou música que foi bem recebida. As declarações de puro amor de professoras, educandos e familiares que se identificaram e tomaram para si a proposta educativa. As reuniões com o Grupo Bio: recheadas com piadas inesquecíveis, guarnecidas com palavras emocionantes e repletas de carinho em forma de amoras, pitangas, pão, geléias e queijo. A felicidade em perceber mais alguém engajado no processo, se interessando e participando do projeto. Sonhando juntos.



...Cheguei em casa e fiz um chá para chamar o sono. Resolvi ler de novo o projeto enviado há quase um ano, mas aí, um pouco distraída, acabei me deparando com uma pastinha no computador “Epistemologia e Educação” que fazia referência ao nome da disciplina. *[Aqui a palavra disciplina está servindo para intitular as conversas em roda que me foram oportunizadas no segundo semestre]*. Enfim, no mesmo instante acordou uma lembrança em mim de um autor que se tornou um amigo, conversei com seus livros naquele tempo e ele verdadeiramente me desacomodou. Abri o *power point* que tinha feito à época, sobre a trajetória e as ideias dele, Paul Feyerabend³⁰, o anarquista da epistemologia. Adorei ainda mais o que reli. As suas palavras soam como um verdadeiro convite a contribuir nas fissuras da normatividade em ciência. Esse era o estímulo que me faltava para abraçar/praticar o pluralismo metodológico que me encantava na teoria. Respondi em voz alta: “*aceito!*”

³⁰ Ele foi um filósofo da ciência austríaco que viveu de 1924 a 1994 e publicou sua grande obra, intitulada “Contra o Método” em 1977 com uma tese anárquica sobre a teoria do conhecimento.

Ao fim e ao cabo, concordamos, meu orientador, amigos (os que eu fiz lendo os livros e também na escola da vida) e eu (peça importante desta dissertação), que esses sentimentos não caberiam em uma metodologia de análise criada por outra pessoa que nem conhece a história que vai ser narrada. É preciso transcender. Talvez, simplificando será possível complexificar (?). E assim, me imaginei contando essa história para alguém. Mas, para quem? Em formato de carta, será? Vai ter poesia e música? Sim, mas nem todas serão inventadas... E durante as conversas (as que eu descrevi e muitas outras que não deu tempo de contar), inventamos que o melhor jeito de narrar essa história será conversando. Conversando com uma personagem que esteve presente durante a maior parte da caminhada, nos acolhendo na hora do chimarrão.

É a Coronilha, a árvore citada nos diários de bordo como depurativa do sangue e com propriedades que fortalecem o coração, auxiliando principalmente quem sofre de hipertensão. Ela é nativa do bioma pampa e conhecida por qualquer pessoa na região. A Coronilha em especial com quem eu vou conversar participou de tudo, creio eu, atenta às nossas reflexões e co-inspirações. Foi à sombra dessa arvoreta que aconteceram muitas das nossas reuniões, ficávamos ali por horas esboçando as atividades e devaneando sobre possíveis revoluções na escola. Ao redor do seu cerne reunimos o Grupo Biodiversidade e celebramos a finalização da saída de campo com os atores que construíram o projeto. Enfim, a Coronilha esteve, integralmente próxima, nos propiciando conforto e compartilhando das nossas experiências.

Nesse cantinho, ao sul do mundo, estarei eu. Sentada em baixo dos seus galhos, imaginando quais peripécias uma árvore que desfruta dois séculos de existência poderia ouvir sem sentir-se entediada. Talvez criando uma narrativa leve sobre as aventuras e desventuras na redescoberta que fizemos ao bioma Pampa, como acordamos saberes que estavam esquecidos, empoeirados, escondidos. Porventura se eu brincar com as palavras, compondo um enredo que desenhe a rede de colaboração formada a partir da vivência que a própria Coronilha presenciou. Suponho que pode ser um jeito de despertar o interesse

dela. Com sorte, espero instigar o leitor a acompanhar essa tessitura e se envolver também no desenvolvimento desse movimento contínuo, nessa rede sem fim.



5.4 Companheira Coronilha,

Que alegria estar aqui, contigo novamente. Tomando um mate no banquinho forrado com pelego de ovelha e conversando sem pressa. Fazia tempo que eu não parava para admirar a natureza dos teus troncos, galhos, folhas, flores, frutos. Estava com saudades de aproveitar essa tua sombra que traz conforto para a mente cansada e a alma agitada. Cada vez que me sento aqui descubro uma nova espécie de bromélia que habita em ti, fico te percorrendo com os olhos me perdendo nas nuances das cores e nas diversas formas da preponderante barba de pau que se espalha por toda a tua copa.

Já faz um tempo que eu reparo na tua incrível capacidade de acolher todos os seres que se aproximam em busca de moradia, alimento, sombra ou companhia. Seja bicho, seja planta e até mesmo a nós, humanos. E é justamente por esse abrigo que tu ofereces que venho até ti hoje, por que sinto que tu me escuta atenta e preciso contar sobre as experiências que vivemos aqui, embalados pelo mesmo vento que impulsiona a tua copa e as epífitas que nela vivem. Narrar a história de um nascimento, já que concordo com Rubem Alves quando diz que é impossível *produzir* um educador, porque educadores *nascem*, e, acredito que todos nós renascemos enquanto educadores após tamanha convivência, reflexão, dedicação e construção coletiva.

Primeiramente éramos 5, depois 6, 7, 8, 9 pessoas. Vou aproveitar para te relembrar e fazer essa apresentação para quem ainda não nos conhece:

- Eu, (de)formada pela faculdade de biologia, como já sabes de outras prosas nossas. Iniciei minha caminhada no ATBr em 2012, a partir da relação em espaços como o Movimento em Defesa da Zona Rural (PoA), Comitê Popular da Copa (PoA) e na Cúpula dos Povos em 2012, no Rio de Janeiro. Atualmente, minha contribuição na organização é como educadora popular ambiental e na animação para organização dos projetos.

- A Amora e eu nos conhecemos no Diretório da Biologia (DAB) e, desde então, por compartilharmos muitos sonhos, não desgrudamos mais. Ela faz parte do ATBr desde 2013 e coopera com a harmonia do lugar, especialmente quando a lua está cheia, por meio de um diálogo que facilita a resolução de conflitos. Além disso, atua como educadora popular ambiental e facilita a organização das nossas finanças.

- O Umbu foi quem tu conhecestes primeiro da nossa organização, até por que ele é o que está a mais tempo na organização mesmo! Está envolvido com trabalhos em bioconstrução e conheceu a Guabirobeira (tua vizinha, Coronilha) a partir do processo de construção dessa casa linda de barro que mora do teu lado. Ele faz parte do ATBr desde 2006 e já vem de uma longa militância em ambientalismo de base. Ele guarda o histórico da organização, e relembra a caminhada desde os territórios em que estamos ancorados, os grupos locais com quem nos articulamos e até dos espaços internacionais que fazemos parte. Sua calma acalma o grupo e facilita o trabalho em coletivo.

- A Pitanga entrou no mesmo período que a Amora na CaSaNAT, ela é bióloga, professora da rede pública e por aqui atua como educadora e articuladora da pauta quilombola e negra. Por ter um senso de responsabilidade apurado cuida dos tempos e da organização das pautas.

- O Butiá é estudante de jornalismo e logo que iniciou sua jornada no ATBr como comunicador partiu com todos nós para um encontro em Herval. Ele sempre salienta os dias aí embaixo de ti, Coronilha, apreciando a importância daqueles momentos para a construção do seu entendimento sobre o ATBr. A participação do Douglas com toda sua sensibilidade nos afagou com registros mágicos que ilustrarão a escrita dessa nossa conversa e também compuseram um filme em que tu aparece (!!!) Nós todos aparecemos!

Bom, esses são os companheiros do Amigos da Terra Brasil, agora, principalmente para quem vai ler essa nossa conversa, apresento o pessoal de Herval:

- Guabiroba, tua amiga e vizinha de longa data, assentada da Reforma Agrária via MST, campesina da agricultura agroecológica, fundadora do Sítio Cultural Ibiekos e do Grupo Biodiversidade. Uma flor de educadora com trejeitos de palhaça, desenvolveu trabalhos de educação popular nas escolas e se envolveu no Conselho de Pais e Mestres. Acredita que a comunidade é um ingrediente indispensável para uma escola transformadora. Mãe das bonitezas - Taleira, - Marmelo e, o caçula, - Guamirim que participaram ativamente de todas as empreitadas, durante a ação na escola eles nos conferiam dicas importantes sobre o retorno dos colegas em relação às atividades propostas.

- Figueira, irmã e parceira da Guabiroba, assentada no mesmo assentamento (Tamoios - Vista Alegre), campesina da agricultura agroecológica e uma artesã de mão cheia. Fundadora do Grupo Biodiversidade, educadora e estudiosa da educação do campo, nos provocava a refletir sobre a pedagogia por trás de cada ação, a discutir qual é o papel da escola e o quanto estávamos construindo e não reproduzindo conhecimentos. Mãe do - Araticum e da - Guabiju que, ao participarem do projeto, agregaram ao debate discussões sobre o movimento nacional de levante dos estudantes secundaristas que ocupou mais de 1.000 escolas Brasil a fora, demonstrando a força e o protagonismo da juventude na luta pela educação pública.

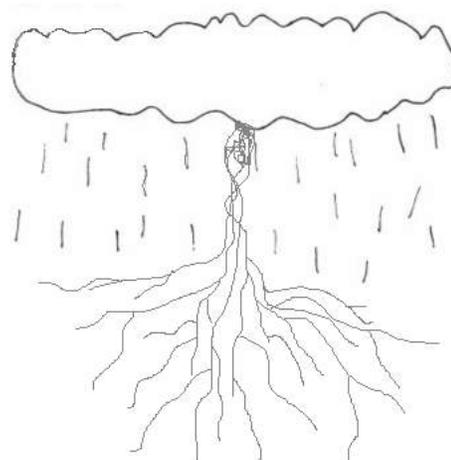


Nessa fotografia aparece a maior parte do coletivo que descrevi, mas,

calma aí! Antecipei meses de convivência! Não foi do dia para a noite que entramos em sintonia e o projeto não surgiu depois de poucos diálogos no *Facebook*. Além do mais, esse registro foi feito depois de uma visita da escola ao Sítio Ibiekos, e aí além de nós, educadores do CEP, também aparecem os integrantes do Grupo Bio e da EMATER-RS.

Como a conformação desse coletivo é fruto de um vínculo entre amigos que se dispuseram a construir uma proposta pedagógica juntos, busquei na memória o início dessa aproximação e lembrei de um poema. Mas não é um poema qualquer. Ele chegou por e-mail junto com o primeiro rascunho de projeto e me inundou com seus sentidos e significados. Eu não conhecia ainda Herval e muito pouco sabia do bioma Pampa. Talvez por isso fiquei atordoada com ele. Evidente que compreendia a disputa que o território vive, mas entendia como quem está “de longe” e esse poema de certa forma antecipou o que eu sentiria ao experimentar o território “de perto”.

Surgiu como um raio, uma descarga elétrica que prolongasse por um segundo entre as nuvens e a Terra. Um processo que acontece tanto dentro como fora. Acompanhado dele o trovão, um ruído estrondoso que ecoou em mim, também o relâmpago que veio como um clarão repleto de ramificações. A força e a beleza do raio daquele segundo em diante me conduzem.



Coronilha, escute você mesma:

...Thrum... ...Thrum... ...Bruuum...

ALUGAR O PAMPA

*Quem guardará o pampa?
Quem cultivará a cultura?
Quem guardou até hoje?
Quem cultivou até hoje?*

*Quem fez festa da lida
Não é o mesmo que a saboreia
no dia-a-dia
Quem fala da vastidão do
horizonte
Não é o mesmo que a enfrenta
na lida diária
Quem cuida não é o mesmo
que venera
Pois quem cuida
Cuida porque é parte dela
Quem venera a vê como algo
distante
E que não faz parte*

*Quem pertence ao pampa
Não sabe onde começa o
pampa
E onde termina a si mesmo
Quem pertence ao pampa
Não faz diferença entre o que
sente
E o que sente os campos e as
matas daqui
Da lida bruta que se canta
Na verdade existe um amor pelo
que se faz
O que julgam brutalidade
Na verdade é a forma que este
povo tem de existir
E resistir aos enfrentamentos do
cotidiano*

*Só percebe a beleza
do quero-quero*

*Quem convive com
ele
Só observa o trabalho da
forneira*

Quem convive com ela

*A beleza do pampa
Cantada aos quatro cantos
Pertence a quem vive nele*

*Seja peão, seja pequeno
Quem faz a beleza do pampa
É quem vive nele
Não quem o explora.*



Marília Gutierrez Gonçalves, 2016.

...Thrum... ...Thrum... ...Bruuum...

A Marília é uma das companheiras de Herval e ela tem mesmo o dom de fazer a arte trazer verdades rimadas, sentidas, vividas. Celebrando a existência no Pampa com uma preocupação de quem sente na própria pele a exploração que o lugar enfrenta. Defendendo a cultura que se transforma em beleza e as diversas sutilezas que atribuem vida à paisagem, em uma ação direta de insistência em seguir existindo, mesmo que existir e resistir se confundam diariamente. Hoje, conhecendo a rotina da Marília, não restam dúvidas de que ela escreveu embaixo de ti essa poesia, talvez, tu conhecias e, de imediato, te reconhecesse nas linhas. Mas, imagina, para mim era um mundo novo que se abria.

O mês era abril do ano de 2015, até esse momento havia conversado com as companheiras de Herval poucas vezes. A última vez havia sido na reunião do Conselho Consultivo dos Amigos da Terra Brasil. Elas são nossas parceiras em Herval e estavam borbulhando de ideias, suas presenças fortes encantaram na

reunião, em especial, aos militantes mais jovens da organização que ainda não a conheciam e, a nós mulheres, que sentimos a importância da representatividade. Ao mesmo tempo, no ATBr discutíamos a importância de estarmos mais presentes em Herval, ampliando nossa incidência no Pampa. Então, logo passamos a sonhar com um projeto que viabilizasse esse trabalho por que demandas e propostas não faltavam. A Guabiroba e a Figueira nos contaram como estava a organização do Sítio Ibiekos e do Grupo Biodiversidade, enfatizaram a potencialidade de envolver as escolas, indicando professores que seriam parceiros nessa sequência de acontecimentos.

Após a reunião do Conselho passamos a nos comunicar com mais frequência. Recebi esse e-mail com o poema “Alugar o Pampa” e um projeto escrito pelo Sítio Cultural Ibiekos. Depois disso, optamos por utilizar o *Facebook* pela facilidade da ferramenta de conversa em grupo. Nos conectamos para nos conhecermos melhor, exercitarmos a escrita coletiva do projeto e, durante o processo, elaborarmos um plano de ação.

Iniciamos a escrita de forma despretensiosa, sem um edital à vista. Logo surgiu um. Mas a organização “executora” precisava de CNPJ, impossibilitando nossa participação. Mesmo assim, foi interessante por que gerou motivo para priorizarmos a escrita e, dessa forma, apurarmos a compreensão coletiva, afinarmos o discurso. Em encontros *online* discutimos conceitos e princípios que embasariam o projeto, os pilares da proposta e a nossa estratégia de ação. Em seguida, mais uma oportunidade. Prazo? Próximos 13 dias! Para nós não existe impossível e às 23h58 do último dia enviamos o formulário *online*. Vibramos juntas!

Às voltas do abacateiro desenhando o horizonte

Bem, depois de toda a festança com a aprovação do projeto, arregaçamos as mangas e fomos ao trabalho! O primeiro passo foi articular os parceiros e nada melhor do que cozinhar juntos para entrarmos em sintonia. Combinamos uma reunião com pizza no forno de barro da CaSaNAT, roda de apresentação, cafézinho, papel, canetas, mentes abertas. Esse foi o cenário do nosso primeiro grande encontro! Se aqui na pampa tudo acontece embaixo de ti, Coronilha, lá em Porto Alegre ficamos à volta do abacateiro!

Sabe aquela sensação de início de namoro? Aquela felicidade meio boba... O encontro tinha um ar de reencontro para alguns e de primeiras impressões para outros. O dia ensolarado com direito a mangueira no pátio facilitou para o clima de receptividade instaurado no ar. Ah, e a presença do Guamirim? Dois anos de pura fofura e inocência, um simples “Que é isso, tia?” já era motivo para sorrir. Chegamos cedo, tomamos café juntos e resolvemos começar com uma roda de apresentação.

A pergunta “*Quem somos e como chegamos aqui?*” foi a catalisadora do primeiro momento, servindo para conhecermos um pouco mais sobre a história de cada um. A *Internet* havia nos proporcionado o trabalho da escrita em coletivo e esse era o momento de nos enxergarmos. As respostas resgataram memórias da construção das casas do assentamento e, por isso, da chegada no assentamento, da fortificação dos laços de amizade que foram consolidados nesse tempo-espaço.

“A casa em si é só uma casa. Mas ela teve um processo muito rico, nos proporcionou uma visão de mundo que a gente não conhecia. Hoje em dia não conseguimos mais separar, enxergamos amplamente. A gente consegue ver os problemas sociais que estão incutidos ali. E não consegue separar ele das outras coisas. E com todas as dificuldades, por que imagina, ela levou 7 anos para ser construída. Mas tem a mão de muita gente nela, agora já são três anos desde que nos mudamos definitivamente para a casa de torrão de leiva. E a casa na verdade nos colocou em uma outra discussão política que nós não tínhamos. Nós tínhamos muita discussão sobre política social do movimento sem-terra, e com o processo das casas e da bioconstrução me abriu as portas pra

eu entrar em contato com essa outra rede que existe até hoje e nos trouxe até aqui.”(Recordações do nosso primeiro encontro às voltas do abacateiro.)

Assim que encerramos a roda de “apresentações” escrevemos “visão de mundo – 5ª pele de Hundertwasser” no cartaz que reunia as palavras chaves, uma espécie de relatoria colorida da prosa.



Hundertwasser foi um artista, arquiteto e ativista austríaco que viveu de 1928 a 2000 viajando o mundo em seu barco e também ateliê. As suas obras eram fundadas nos princípios da **Permacultura** e, sobretudo, com resgates de conceitos e práticas **ancestrais**, por meio de diferentes técnicas e **cores**, expressava seu compromisso



com a **natureza** e com os **bens comuns**. Uma pessoa contrária à racionalidade e às linhas retas, defensor dos **contornos orgânicos**, espirais, labirintos e tudo mais que sua imaginação puder **criar**. Desenvolveu a *Teoria das 5 peles*, descrita por Pierre Restany no livro “*O poder da arte-Hundertwasser, o pintor rei das cinco peles*” em 1999:

1ª pele é a epiderme, o nosso corpo como nossa primeira moradia, morada própria de cada pessoa.

2ª pele a vestimenta, salientando que deveríamos nos sentir livres para criarmos nossas próprias roupas de forma contrária ao consumismo e à padronização, o vestuário é a nossa resposta individual ao nos comunicarmos com o mundo.

3ª pele a casa, para além de 4 paredes, defendendo a diversidade na criação de casas que tenham a beleza e a natureza como funcionais e organicamente planejadas/adaptadas/apropriadas ao ambiente. Ele foi um bioconstrutor muito talentoso.

4ª pele a identidade social, é encontrada na família/escola/bairro/comunidade, é a nossa relação com o coletivo e também representa a nossa individualidade perante o coletivo.

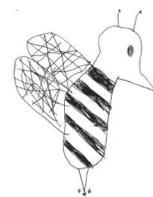
5ª pele a VISÃO DE MUNDO (estava ansiosa para chegar nessa parte) é compreendida como o meio *global*, relacionada com a *ecologia* e com a *humanidade*. Eu diria que é o que entendemos e queremos do universo, assim como a forma de interferirmos nele. A nossa visão de mundo, a nossa 5ª pele que é o que nos guia, era também o que nos conectava naquele momento.

O que tu entendes como visão de mundo, Coronilha? Escrevemos essa expressão no papel por que depois dos relatos de cada integrante do coletivo, que se conectava pela primeira vez, ficou evidente que tínhamos algo em comum. O nosso entendimento sobre a vida, a forma como agimos perante as realidades que nos são apresentadas, ou seja, as nossas buscas diárias e o que almejamos para o mundo, convergem e, logo, se fortalecem quando reconhecemos no outro a nossa própria utopia.

Quando cada um contou como iniciou sua história na militância, alguém disse:



“Ah, depois que o bichinho pica não tem volta... Depois que a gente acorda não consegue voltar a dormir!”



Eu sou apaixonada por aquele autor

uruguaio, como é mesmo o nome dele? Eduardo Galeano! Ele disse, em uma entrevista³¹, que este mundo que nós vivemos é um mundo de “mierda”, mas ele está grávido de outro mundo. Eu tenho que acreditar nisso, não é mesmo? Para seguirmos caminhando ao encontro da linha do horizonte, sonhando com a utopia de outro mundo possível, é preciso acreditar que um novo mundo vai nascer e, que estamos contribuindo com este parto, com a chegada dessa nova forma de entender e ser no universo. O encontro que tivemos naquele dia nos colocou lado a lado, ombro a ombro, caminhando juntos.

A manhã foi passando e a fome começou a chegar, como de praxe nos dividimos em grupos de trabalho: fazer o fogo, massa de pizza, preparar o molho e os recheios. E, óbvio, todos de olho no Guamirim que saltitava de uma tarefa para outra, sendo o ajudante mais requisitado. Almoçamos e estava ótimo, brincamos que o primeiro trabalho em equipe tinha sido s-u-c-e-s-s-



³¹ Entrevista realizada pelo movimento 15M na Praça de Catalunya em 2011 na ocasião da manifestação e posterior ocupação da praça por diversos segmentos da sociedade discutindo e reivindicando Democracia Real. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lcC0_DbbiHo&t=216s Mais informações sobre 15M: <https://www.15mbcn.org/>.

o! Seguimos a celebração com um apanhado do que havia sido enviado no projeto. Considerando que o projeto é algo pontual que está acontecendo dentro um plano maior, a nossa incidência enquanto coletivo no território, as perguntas geradoras que facilitaram a discussão foram: “*Qual a meta do projeto? Qual a nossa meta além projeto?*”. Por isso precisávamos enxergar o plano para além, já indicando suas continuidades.

O propósito era fortalecer o movimento regional de articulação da agroecologia por meio da relação e troca de saberes do Grupo Biodiversidade. Conhecido como Grupo Bio, composto por assentados mais velhos – chamamos de Griôs, por guardarem conhecimentos e práticas ancestrais não só relacionada com a agricultura, mas com a forma de vida autônoma, com crianças das escolas do campo que atendem aos assentamentos. O interessante de promover essa troca entre gerações era principalmente pelo fato de muitos integrantes do Grupo Bio não possuírem familiares na escola e, conseqüentemente, não eram considerados parte da comunidade escolar. A noção de que estávamos ampliando esse conceito ficou nítida no decorrer das atividades e esse, talvez, tenha sido o passo mais certo, a maior conquista que tivemos.



Tu já percebeste Coronilha que não se vê mais jovens por essas coxilhas? Eu sei que tu sentes isso de muitas formas, os campos e as matas daqui estão sendo ameaçados tanto quanto os outros seres que vivem nela. E a juventude que é quem tem o futuro

nas mãos já não enxerga mais horizonte onde a política pública não chega e o veneno invade.

A análise de conjuntura a partir de Herval demonstrava as dificuldades de seguir no campo. Se de um lado as dificuldades desde produzir até em escoar a produção assombram, de outro a paisagem pampeana vem perdendo o espaço

para as monoculturas de eucalipto e de soja. A monocultura referente à agricultura também entrou na discussão relacionada à educação e à escola. Esta reproduzia mais do mesmo de um currículo há muito já falido na opinião de todos que estavam ali. Os relatos demonstravam que, em termos de currículo, *era uma escola igualzinha a da cidade, só que no campo*. O fato de ser no campo lhe conferia características singulares, na realidade, no primeiro momento apareceu já a maior dificuldade: transporte.



Parênteses:

35 quilômetros é a distância que mora o estudante mais distante da escola.

Isso significa que para chegar na escola às 8h40 ele sai de casa às 6h15.



[Pensei comigo mesma, se eu já não vejo sentido em reproduzir e decorar a fórmula de Bháskara na cidade... Imagina com crianças que vivem livres, que descubrem na prática tantos conceitos, que já chegam na escola tão cheias de saberes? A escola deve fazer ainda menos sentidos para elas...]

Devo lembrar que não tinha experiência com escolas do campo, com educação do campo. Tudo que eu tinha era uma crítica ferrenha à monocultura das escolas perante a diversidade de saberes e formas existentes de aprender. Uma indignação com as aulas padrão, conteudistas e formatadoras de mentes. O desafio ficou evidente já na nossa primeira conversa, era preciso se preparar para enfrentar os engessamentos da *'instituição escola'*. Mas, mesmo as paredes mais grossas possuem

Diário de Bordo

ForTaleCendO a SoBeraNia aLimeNtaR
ConServaNdo SabeRes
PreSeRvanDo o BIOMA paMpa

Estudante:

Escola:

Turma:

Data: / /



fissuras. Os professores parceiros que foram citados desde aquele primeiro dia são parte importante das fissuras. Vou te contar que com eles fizemos um rombo! Brechas onde plantamos sementes de diversidade.

Os pais também foram apontados como personagens importantes para o desenvolvimento do trabalho desde o primeiro encontro. Pensamos em momentos em que pudéssemos aproximar nossa relação, para que mais pessoas da comunidade aderissem à proposta e se sentissem parte dessa construção. Foi quando falamos dos pais que surgiu a ideia do Diário de Bordo! Como uma ferramenta de comunicação com as famílias para relembrar os saberes!

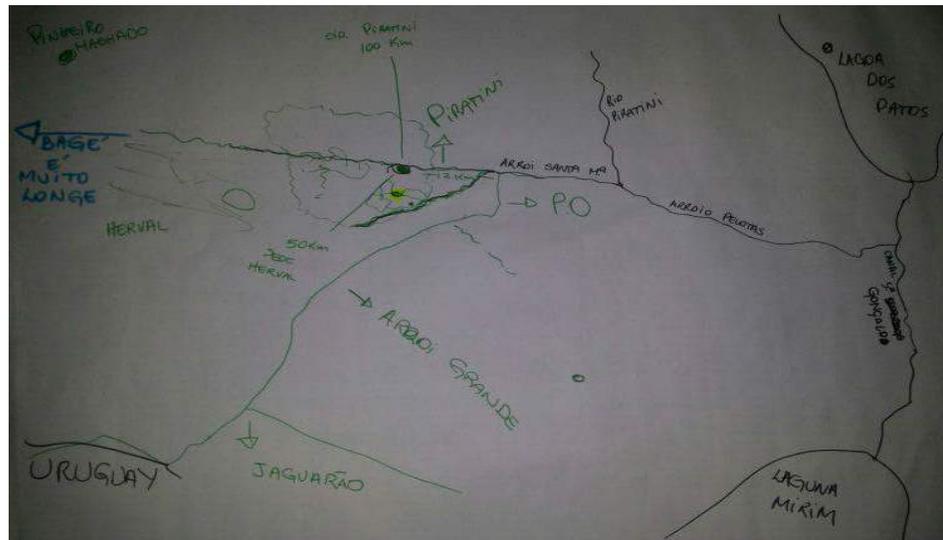
Essa foi a ponte para o próximo ponto da pauta, as nossas intervenções pedagógicas. Coronilha, neste momento ainda não tinha definido que o foco do mestrado seria uma pesquisa-ação em torno deste projeto. Por isso, inicialmente a nossa participação, dos Amigos da Terra, estava prevista para ocorrer em momentos pontuais: na primeira atividade com as crianças e adolescentes, na saída de campo e na feira que acontece anualmente na escola. A Guabiroba e a Figueira salientaram que por termos acesso à internet em Porto Alegre poderíamos abastecê-las com vídeos, dinâmicas e também imprimindo os materiais necessários, como por exemplo, essa ideia recém pensada do Diário de Bordo quando nos encontrássemos no ambiente real, não virtual! A Guabiroba e a Figueira, que foram as mais envolvidas na formulação da proposta, iniciaram a fala contando sobre os temas geradores do projeto: Bioma Pampa e o Ser Pampeano; Saberes Populares Regionais; e, Soberania Alimentar. O objetivo era o resgate dos saberes que, na nossa concepção, só seria possível a partir de um entendimento de que pampa e ser pampeano são parte do mesmo ambiente e, por meio da valorização da cultura ancestral pampeana seria possível consolidar a soberania alimentar na região, em um plano mais longo, coerente com a ideia de *meta além projeto*.

Já o plano em curto prazo era de que a comunidades, em especial as crianças, que se envolvessem nas atividades, realmente se enxergassem no projeto e se interessassem pela proposta. As perguntas que escrevemos no nosso

cartaz de memória coletiva, *ipsis litteris*, estão aqui:



Sobre o tema gerador Bioma Pampa e o Ser Pampeano, se vamos usar o Google Earth, primeiro todos nós precisamos saber: Onde estamos? Quem sabe desenhar um mapa?



Como trabalhar a noção de território, de pertencimento ao território, de entendimento do território como próprio corpo se, de fato tudo é o mesmo corpo? [Lembra das 5 peles de Hundertwasser?] Como viajar do conhecimento simples de território enquanto bioma para o entendimento/visão de mundo complexa de território enquanto meu corpo? Que estratégias utilizar para esse debate?

Para visualizarmos o território e a comunidade de cima, surgiu o *Google Earth* como uma ferramenta que poderia “encher os olhos”.

Uma das educadoras de Herval fez a observação de que por lá, ninguém ou quase ninguém, conhecia ou já mexeu nesse software.

Em seguida, a outra comenta: “Mas também, os computadores não funcionam, não é? Deve ter umas sete ou oito máquinas paradas na escola. Além disso, lá não tem internet e nem sinal de telefone. Será que podemos usar o Earth desse jeito?”

E então alguém respondeu: “Mas tem uma forma de fazer um filme curtinho no Google Earth. Eu nunca fiz, mas já vi fazerem.”

Outro complementou: E também é possível salvar no computador as imagens que quer trabalhar no Earth que ele fica visível mesmo no formato offline.”

⊗ Anoi teceu ⊗ É, e o Guami Rim tá com fome ⊗ É hora de parar ⊗

⊗ Esquecemos de tirar a foto ⊗ Deixa pra Lá? ⊗

⊗ Volta, volta, tem que registrar! ⊗ Coloca o flip chart no meio pra impressionar ⊗

⊗ Tá pronta a RelatOria, voU enviaR ⊗ A propósito, onde vamos jantar? ⊗

Na nossa estrada que iniciava nesse dia recém-contado, muitas foram as reuniões interrompidas pelas situações do cotidiano. Seguíamos falando do projeto, do além projeto, do passado e do futuro. Caminhando, fazendo comida, descobrindo chás, preparando o fogo, estudando a vida de tantos outros jeitos. Tu sabes, o mundo gira e nunca pára! E muitas das boas ideias emergiram nesses momentos informais, sem anotações ou encaminhamentos, e ironicamente com o gravador desligado.



Coronilha, em que mês já chegamos? Se isso tudo iniciou em abril. Está

bem, eu confesso. Gosto de linhas do tempo. Até pensei em fazer uma espiral. Nada muito ousado. Mas, no fim acabo na linearidade dos fatos. Agora deve estar iniciando o mês de setembro. O primeiro dia de atividades na escola estava chegando e os ânimos aflorando. Florescemos enquanto educadoras no espaço digital do *Facebook* (quem diria?!), acho que o início da primavera favoreceu esse processo. Após nos enxergarmos ao vivo, passamos a nos comunicar ainda mais pela Rede Social. Naquele espaço anunciamos aos poucos, com sinais tímidos (ou não) *como* seríamos enquanto coletiva³² de educadoras. Trocamos ideias sobre metodologias. Discutimos sobre o nosso objetivo em cada atividade. Aprofundamos conceitos que gostaríamos de trabalhar, sentimos a perspectiva pedagógica uma da outra.

Costuramos no *Face* a nossa primeira ida para Herval! Essa foi recheada de desafios. Um bom título para iniciar o capítulo seria...

Perdidos na estrada de chão madrugada adentro: chegando em Herval

A rotina de cada integrante do grupo (Eu, Umbu, Pitanga, Amora e Butiá) que saiu de Porto Alegre rumo ao Assentamento Tamoios/Vista Alegre – Estrada do Basílio/Herval, não nos permitiu sair cedo. Iniciamos a viagem às 20h e pelas 2h30 já estávamos perto... E perdidos! Os buracos na “estrada” de terra, aliados com a escuridão da noite, nos obrigavam a ir devagar quase parando. GPS? Jura que funcionou. (piada!) O Cruzeiro do Sul estava lá, entre voltas e retornos, eis que...

Chegamos às 4h da manhã (*passada*) em uma porteira com uma bandeira branca fincada, seguimos o caminho aberto no mato (Pitanga destacou a presença de tantas árvores – “*eu achava que a pampa era toda campo!*” Risos), chegamos em uma casinha de bruxa. No melhor dos sentidos que bruxa possa significar. Toda de barro, com um telhado simpaticamente torto. Uma legião de cachorros de todos os tamanhos e cores anunciaram a nossa chegada e... Se

³² Considerando que a maior parte do grupo é formado por mulheres, utilizaremos a palavra no feminino: coletiva.

aproximou para nos recepcionar a Figueira, com chá de poejo e bananinha do mato para “levantar” a imunidade.



A janela da casa da Figueira, enquanto o dia amanhecia...

Amanheceu um dia lindo de frio e sol, quase sem nuvens. Os temporais dos dias anteriores, que haviam impedido as aulas nas escolas, deixaram como lembrança um friozinho e o solo levemente úmido. Mateamos para despertar. Que lugar bem lindo. Na trilha que se formava ao redor da casa passamos pelo viveiro de barro, que era multicolor por causa das garrafas de diferentes contornos ali cravejadas; o canteiro com plantas, na maioria medicinal ou alimentícia não convencional, todinho em galinheiro triangular, a flores; a simpática Jurema no seu fogo já armado; o açude com geodésica com o lugarzinho do que carregam tantas histórias. Histórias que eram mexidas, lembradas a cada passo do trajeto que íamos percorrendo. A manhã foi desordenadamente sem pauta. Necessitávamos de tempo livre e informal para celebrar a chegada. As apresentações do primeiro encontro. Ou o abraço apertado do reencontro. Enfim, não mais conectados por meio de tecnologias.



Nos dividimos para fazer as compras de toda a semana no mercadinho da cidade (30 km do assentamento), preparar o almoço e pensar na agenda de atividades dos próximos dias. Quando



todas e todos se *aproxegaram* na geodésica, o encontro tomou forma de reunião, um *flip chart* propositalmente na posição central e com as canetas coloridas ao redor (lembra dele, né Coronilha? O bom e velho cavalete com o bloco de folhas fixo, utilizamos ele para fazer a relatoria coletiva dos encontros...). *Mate* pronto. Caderninhos em mãos. Qual a primeira pauta?

Engraçado seria se eu não tivesse pulado esse detalhe nessa nossa linha do tempo prestes a perder a sua linearidade. A verdade é que eu já saí de Porto Alegre sabendo que esse projeto de resgate de saberes e busca por autonomia campesina teria uma dimensão maior que o previsto para mim. Um envolvimento diferente das outras frentes em que eu trabalho no Amigos da Terra. O primeiro ponto de pauta foi: *Como o mestrado da Letícia vai ajudar o projeto e como o projeto vai ajudar o mestrado?*

O projeto e a pesquisa acadêmica: qual a finalidade da nossa ciência?

Mas, já que saímos da roda de reunião, vou contar desde o princípio, começou. Adivinha? Evidente, com uma grande crise.



“Em momentos de crise, só a imaginação é mais importante que o conhecimento”. Dizem que dizia o grande cientista: Albert Einstein! (não encontrei fontes confiáveis...) Mas, ok. Sem crise.

A crise era porque eu queria estudar tudo, responder todas as minhas angústias em dois anos de pesquisa. Desabafei na conversa do *Face* sobre a dificuldade em “aterrar” em algo mais específico no ambiente acadêmico. Passamos a madrugada conversando e nesse contexto surgiu a ideia de uma “pesquisa coletiva em torno do projeto”. Falamos de uma pedagogia voltada para a construção de conhecimentos, em prol da troca de saberes populares, de uma educação para autonomia campesina, e fiquei aliviada de ter encontrado o meu

foco, ou no mínimo parceiros para encontrá-lo junto comigo (o tal FOCO, aquele que me fizesse feliz.)

Lembrei das palavras do Paulo Freire. Está em Pedagogia da Indignação. Aqui, aqui, achei na página 33:

“Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para TRANSFORMÁ-LO; se não é possível mudá-lo sem um certo SONHO ou projeto de mundo, devo usar toda a possibilidade que tenha para não apenas falar da minha UTOPIA, mas para participar de práticas com elas coerentes”.

Quando eu descobri a pesquisa-ação foi como se o universo acadêmico adquirisse uma paleta infinita de cores. Exagero? Nem tanto. Antes, tudo me parecia **monocromático**. Sem possibilidades de misturas entre saber popular e conhecimento científico. Sem graça. Uma entrevista, um olhar de fora, uma falta de pertencimento. Uma crítica que vem de onde? Uma teoria construída distante da prática. Uma prática que não condiz com a teoria. Já tive aulas bancárias, transmissivas “ensinando” educação popular, citando Freire. Essa metodologia, para mim que conheci a pesquisa qualitativa já no mestrado, era, apesar de ser uma metodologia revolucionária, fora dos padrões. E então passei a perguntar para os conhecidos e amigos do meio acadêmico se o que estávamos construindo no projeto poderia ser denominado de Pesquisa-Ação, quanto mais eu lia, mais semelhança enxergava.

Calma, Coronilha. Eu sei o que tu estás pensando... E o papo todo de ser contra o método que te falei do Paul? Então, ele mesmo me disse que a questão não é ser contra todos os métodos, mas sim ser contra a uniformidade dos métodos. É também verdade que resignificamos radicalmente a ideia de ciência – aqui vale destacar: radical remete às raízes, repensando a necessidade de seguirmos algum tipo de padrão reconhecido pela ciência. Nos desapegamos de estruturas e nos soltamos por conselho do meu orientador. Ou, como disse um amigo: “nos livramos das bengalas teóricas”...

A verdade é que naquele momento a pesquisa-ação descrita por muitos autores nos serviu. Se hoje começasse o mestrado de novo, o que seria? Ah, bem, aí é transformação demais para especular. E é verdade também que, se na hora de “analisar” os frutos dessa metamorfose abrimos mão de métodos antes construídos por outros teóricos foi por que houve uma reação, um deslocar de pensamentos, após tanto apego aos “dados”.

Outrossim, teóricos dessa metodologia nos encorajam a criar outras formas de se fazer pesquisa, para além dos métodos utilizados na pesquisa tradicional.

Lembremos que cheguei a quase 700 páginas de “material de análise”.

Saindo totalmente de Herval, às favas com a linearização. Falei agora a pouco que meus primeiros passos na pesquisa qualitativa foram dados em pleno mestrado. Isso vale algumas linhas de puro desabafo...

O que eu mais carrego do Feyerabend são seus ensinamentos sobre a necessidade dos múltiplos olhares para a complexidade da vida que em nada converge com as delimitações das barreiras e correntes abusivas impostas pela ideia de ciência como verdade única, invariavelmente associada com o entendimento de que existe um jeito certo de se fazer ciência. Sempre começando pela observação...

Com uma falsa ideia de que a observação não varia conforme a lente e os olhos de quem estiver analisando, como se houvesse forma de ser imparcial.

Mas o engraçado é que só chegamos nessa conversa bastante informal por que eu necessitava de uma comprovação entendida como “científica”. Quando entendi a nossa incidência em Herval como foco do mestrado, automaticamente, adquiri uma postura compulsiva por gravar, filmar, transcrever, organizar, colorir, tabelar. Olhando o projeto apresentado na qualificação talvez apareça até a palavra COLETAR. Veja bem, “coletar”? Como se eu pudesse pinçar a realidade,

comprovar histórias, no nosso caso, histórias de vidas de tantas pessoas! Essa visão de que a ciência para ser ciência precisa trazer verdades. **V e r d a d e s (!?) Verdades?** De quem é a verdade? Quem é o dono da verdade? Como se constituem as verdades?

E os autores que eu leio? E as citações que eu já fiz e posso vir a fazer? Sem julgamentos. Isso é apenas um desabafo sincero. Será que trazem verdades esses teóricos que podem ou não ter experienciado, que podem ou não pertencer ao lugar de onde falam?

rEfeRenCial tEóricO.

ReferêNciA.

Coronilha, quem são as tuas referências? Quem é autoridade na matéria da pampa? Quem sabe tudo sobre construção de autonomia campesina? Quem articula e defende a soberania alimentar na tua região? Quem participou, fez formação e de fato busca uma ação pedagógica desde a educação DO campo aqui em Herval?

Como bem sabes, sou urbana. Antes do nosso primeiro encontro havia experienciado o Pampa alguns dias no calendário da vida, algumas horas em dedicação em leituras, filmes, palestras e conversas. Após esses 16 meses de puro mergulho em Herval, ou melhor dizendo, enraizamento nos campos e matas daqui. Eu poderia falar verdades? Não te parece uma piada muito sem graça a ideia de conceber como verdade a voz de alguém que “passou” como um sopro por aqui, como um referencial sobre autonomia campesina, por exemplo? Se eu não sou nem autônoma, nem campesina!



Eu e a Zaina em uma das minhas experiências pampeanas.

Mas, sabe o que me acalma e traz um mínimo de conforto? Constituímos um coletivo, não estou só, ao contrário, me sinto muito bem acompanhada. Tenho confiança de que caminho ombro a ombro com referências em autonomia campesina, em construção coletiva. Nossas companheiras e companheiros que vivem a busca diária pela soberania alimentar e pelo direito de seguir vivendo no campo. Que conhecem as disputas no território pampeano. Eu me inspirei neles e juntos co-inspiramos!

Coronilha, me questionei tanto durante essa imersão e, por muitas vezes, justifiquei mentalmente o meu direito de pesquisar sobre temas, aparentemente, tão alheios à minha pessoa. Por que aparentemente? Porque durante essa busca filosófica me percebi enquanto afetada pela monocultura de soja e eucalipto. Me senti, vertiginosamente, atingida pelo modelo do agronegócio. Resignifiquei a ideia de que somos todos violados, uns mais, outros menos, pelas injustiças e racismos ambientais.

Nas poucas leituras que fiz para entender a cartografia sentimental como método de análise, uma frase me chamou atenção. Não esqueci dela: “só investigamos de verdade o que nos afeta”, a autoria é do Gramsci, mas diversos teóricos já a utilizaram, um³³ em especial teve a feliz ideia de relacioná-la com a origem da palavra afetar: afeto. Quanto mais estudei e vivenciei pela perspectiva campesina, mais entendi que, no modelo de sociedade que almejamos e para a construção do projeto político que eu luto e pelo qual lutamos, a coexistência com o agronegócio é impossível. Assim, a busca por soberania alimentar no campo adquire relações intrínsecas com a resistência por uma vida digna na cidade.

Insistindo em percorrer a linha do tempo, quando sentados em roda questionamos como o nosso trabalho poderia ser favorecido com uma pesquisa acadêmica de mestrado, evidenciamos a finalidade da nossa ciência. Da ciência

³³ MARTIN-BARBERO em 2004 nas páginas 24 e 25.

que estávamos prestes a construir enquanto educadores<=>educandos, militantes, acadêmicos e camponeses. Perguntamo-nos, qual a importância e quais os cuidados de disputar o pensamento hegemônico dentro do ambiente acadêmico? Para quem vão servir os conhecimentos construídos durante esse mergulho na educação popular, ambiental e do campo? Quais estratégias utilizaremos para horizontalizar a construção desses saberes? Quais as melhores formas de externalizar tudo que vamos construir aqui? Quais precauções iremos ter para não entrar no processo de homogeneização que a academia é capaz de provocar? Conversamos sobre o que queríamos aproveitar do universo científico, o que nos servia e como poderíamos servir às outras pesquisas com intencionalidades e preocupações similares às nossas.

E alguém traz um poema:

A FINALIDADE DA CIÊNCIA

Entretanto, seremos ainda cientistas,
se nos desligarmos da multidão?
Os movimentos dos corpos celestes
se tornaram mais claros;
mas os movimentos dos poderosos continuam imprevisíveis para os seus povos;
A luta pela mensuração do céu foi ganha através da dúvida;
e a credulidade da dona-de-casa romana fará que ela perca sempre de novo a sua luta pelo leite.
A ciência, Sarti, está ligada às duas lutas.

Enquanto tropeça dentro de sua bruma luminosa de superstições e afirmações antigas, ignorante demais para desenvolver plenamente as suas forças, a humanidade não será capaz de desenvolver as forças da natureza que vocês descobrem.
Vocês trabalham para quê?
Eu sustento que a única finalidade da ciência está em aliviar a cansaço da existência humana.
E se os cientistas, intimidados pela prepotência dos poderosos,

acham que basta amontoar saber,
por amor do saber, a ciência pode ser transformada em aleijão, e as suas novas máquinas serão novas aflições, nada mais.
Com o tempo, é possível que vocês descubram tudo o que haja por descobrir, e ainda assim o seu avanço há de ser apenas um avanço para longe da humanidade.

Berthold Brecht (1898-1956) em sua obra intitulada 'Vida de Galileu Galilei'.

Há boatos de que Berthold e Feyerabend trabalharam juntos e influenciaram um ao outro. (!!!)

Foi um aprendizado e tanto as conversas que fizemos voltadas para o mestrado. E os frutos desses diálogos estão refletidos nas metodologias utilizadas, incluindo a tensa e transformadora decisão de virmos até aqui conversar contigo, convertendo isso em parte importante da pesquisa.

MONOCultura e MONOCurrículo versus a nossa conspiração para ocupar a escola

Chegaram na roda agora algumas figurinhas que nos surpreenderam desde esse primeiro dia. Já os apresentei, tu sabes bem quem são, mas, nesse momento de relatos vou preservar suas identidades para o curioso que nos acompanha. Estudantes da escola, revoltados com a monocultura do eucalipto e, também, com a monocultura do currículo - dois territórios em disputa... E a luta nas duas situações? Em uma perspectiva resumida é a mesma: pela diversidade!

Um já chegou pedindo o chimarrão, sem nenhuma timidez e reclamando das aulas “sempre iguais, parece até uma repetição aquilo lá”. E emendou: “achamos que o projeto tem que ser bem diferente das aulas que copiamos só o que o professor diz. A gente também tem conhecimento e opinião”. Alguém responde: “esse projeto é uma oportunidade para fazer diferente, para fazer uma educação diferente, onde todos seremos sujeitos de saberes”. Segue a prosa: “Sim, porque vamos valorizar saberes que não são construídos na escola, mas que são fundamentais para a autonomia do campesino. Sobretudo do campesino que vive aqui”. E continua: “-Saberes que todos sabem? Mas quem vai decidir que saberes?” “-Ué, todo mundo que quiser participar.” “-Nós, nós todos vamos.”

Sabes Coronilha, descobri recentemente o livro “Monoculturas da Mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia” escrito por Vandana Shiva em 2003, a autora nasceu na Índia, fez formação em Física e hoje em dia é uma ativista e representante importante nas questões ligadas ao feminismo e à ecologia. Veja bem o que ela nos ensina, vou ler para ti (está na página 17): “As monoculturas ocupam primeiro a mente e depois são transferidas para o solo”.

Vandana argumenta que quando se tem um pensamento voltado apenas para uma forma de cultura, a diversidade é destruída, recebe a denominação de “progresso” e tem como pilar a “uniformidade”.

Quanta relação com a discussão que fazemos aqui, não é mesmo? Faz parte da nossa crítica o entendimento de que movimentos para deslegitimar saberes relacionados à biodiversidade e provindos da sociodiversidade, também se esforçam (e possuem muita força!), para centralizar saberes, tecnologias e soluções padronizadas e vendáveis. *[Vandana também escreve sobre isso]* A monocultura do currículo, então, está relacionada com a monocultura do pensamento, que, por sua vez, produz a monocultura no solo.

Recordas dessa discussão? Sim, o desfecho dela também está guardado em ti. Obrigada por me lembrar:

“tu entender que a cultura local funciona daquele jeito e que aquele povo vai se organizar daquele jeito e que não existe um padrão... para mim isso é o mais rico, é o fato de não existir um padrão. Por que no momento que tu não tem um padrão é por que tu estás respeitando a cultura de cada povo e cada povo vai se manifestar da forma que deseja”.

(Guabiroba explicando o projeto)

Uma fala que até parece ter sido inspirada no que Vandana (2003, p.17) escreve: *“a uniformidade e a diversidade não são apenas maneiras de usar a terra, são maneiras de pensar e de viver...”*.

E a luta pela diversidade e respeito às culturas estava realmente ganhando energia e legitimidade com a presença da juventude que se mostrava aberta à proposta e empolgada nessa, segundo os próprios, **“conspiração para ocupar a escola.”** Veja bem, que interessante, nesse momento, 2015, ainda não havia explodido o movimento de ocupações nas escolas que balançaram o país. Um bom presságio? Eu também acho Coronilha! A conversa segue e um comentário

emerge: “A professora Anacauíta³⁴ é que vai curtir o projeto, ano passado ela fez uma pesquisa com a gente sobre a história das famílias com umas perguntas sobre a casa, a produção, as expectativas desde quando chegamos...”

Alguém, numa tentativa de organizar a reunião, intervém: “Aliás... Esse é o próximo ponto de pauta: parceiros. Então, a ideia é mapearmos os nossos parceiros garantindo uma melhor articulação”. Outros nomes de professoras/es foram citados, os familiares conhecidos por se engajarem em outros contextos na escola e/ou comunidade, o Grupo Bio, a EMATER, lideranças de outros territórios e movimentos que estão em processos semelhantes de construção da agroecologia e que poderiam contribuir com o projeto. Uma das educadoras de Herval fez um breve relato dos encontros e desencontros dos dias que antecederam a nossa chegada... A maioria dessas pessoas e coletivos já havia recebido o resumo e o cronograma, inclusive. Nessa nossa primeira ida estavam programados encontros com cada um desses grupos. Entretanto, a chuva, somada com o péssimo estado das estradas, aliada com as não tão boas condições do ônibus escolar, fizeram com que, na última semana não houvesse aulas. *(e isso se repetiu inúmeras vezes durante o projeto!)*

Chuvas + Estradas em péssimo estado [caminhões de soja e eucalipto danificam a estrada de chão, como “solução” a prefeitura faz reparos em períodos anteriores às colheitas e assim, segue, o ciclo sem fim] + Transporte mais para lá do que para cá = Transporte no conserto.

Resultado Final: 10 dias sem aula!

Essa situação dificultou o diálogo com as escolas e, portanto, o agendamento da reunião para apresentação do projeto com os professores e estudantes que havíamos idealizado para a nossa primeira viagem PoA-Herval.

³⁴ Anacauíta é o nome fictício de uma professora de Artes e Geografia que, como vocês descobrirão, se envolveu muito com o projeto.

[Mas e a escola não tem telefone? Não, não pega sinal de telefone ou internet na escola. Só em um cantinho mais alto, perto dali.], O plano B era uma visita a uma das escolas para conversar com os Coordenadores Pedagógicos e então amarrar uma reunião com os professores. Na outra escola não havia possibilidade de ida com toda a equipe dessa vez, porque ela funciona apenas três dias da semana e no sábado (dia seguinte) que seria uma possibilidade, não haveria aula já que o transporte seguia em conserto.

A mobilidade era, sem dúvidas, um dos grandes desafios no contexto de Herval, sobretudo, quando se fala em assentamentos. Eu descobriria nos próximos dias a diferença gigantesca de estar com um carro ou depender de transporte público – o ônibus Cidade/Assentamento que passa uma vez por semana ou o transporte escolar. Mas vamos tentar seguir a linearidade dos fatos.

⊘ Já estava anoitecendo, alguém falou: hoje tem Eclipse Lunar! ⊘

⊘ Tomara que não chova. ⊘ Quem está na equipe do jantar? ⊘

⊘ Espera aí ⊘ Antes, vamos encaminhar? ⊘

Novamente nos dividimos para organizar a relatoria, fazer a comida e preparar a fogueira. Jantamos. Um frio, um vento. Vinho, fogueira e violão para aquecer. Eclipse Lunar, espetáculo no céu não muito estrelado, mas carregado de nuvens de diversos formatos e com nuances entre as



cores. Foi um lindo fechamento de primeiro dia! Tudo filmado, a câmera estava passando de mão em mão, mas em alguém especial ela permaneceu por mais tempo. E assim, a idealização de que a filmagem poderia ser um atrativo e uma forma de participação dos adolescentes surtiu efeito!

Já sei o que estás te perguntando, Coronilha, se não nos conhecemos pessoalmente até esse momento. Na realidade, o primeiro dia foi todinho na casa da Figueira. Calma, amanhã bem cedo chegamos aí.

De fato, cedo já estávamos mateando e descendo para a casa da Guabiroba! Alguns aprendizados nunca esquecidos do caminho: Folhas de goiabinha podem ser mastigadas para curar afta e herpes, mas não é bom engolir. O cacto estrela é ótimo para limpar o organismo, só precisa retirar os espinhos, deixar de molho na água e beber. Com a Imbira se faz artesanato e também freio de cavalo, mas dizem que ela é tóxica. Conhecemos a Taleira rasteira (*a árvore mesmo, não a filha da Guabiroba*), ela não estava em flor, mas o fruto dela é laranja e cítrico. Como eu sei?



Vislumbramos o “Casarão” da antiga fazenda onde se consolidou o Assentamento, lugar onde hoje vive a mãe da Guabiroba e Figueira, que também faz parte do Grupo Bio. Conhecemos a porca que faz a palhada e maneja os gravatás do campo que por ser espinhoso machuca os cavalos e principalmente as ovelhas. Além disso, a porca revira o solo o que facilita quando se quer iniciar uma horta ou uma lavoura! Ah, descobri até que a ovelha pode morrer de espirro, de tão frágil que é.

Passamos por dez ou quinze eucaliptos plantados para quebrar o vento até a casa, pelas vassouras. Avistamos a casa e FINALMENTE te vislumbramos, todos juntos, pela primeira vez. Margaridas floridas, pimenteira e uma rede entre duas Coronilhas! Como um desenho que salta do papel, se enche de cores...



Uma paisagem tão cheia de vida que em nada combinava com os...

- Quantos mesmo? – Sete mil.

Com os sete mil hectares de eucaliptos ao lado.

Monocultura.

3 Coronilhas! Reconhece a tua copa?



Como podemos descrever como é perder o horizonte? É possível descrever? Tentaremos. Entre várias outras coisas, é: ser alvo de formigas e outros bichos que perderam seu direito à moradia. Ou, pior, perceber a quantidade de animais e plantas que foram privados do direito à vida. Também é acompanhar a tua terra e o teu corpo secando, ficar impotente enxergando o avião derramar veneno, ser esbulhado do nascer ou do pôr, e em alguns casos, até mesmo, do sol inteiro. Inclui ainda desaprender a conviver com os ventos, presenciar o aborto das árvores frutíferas, testemunhar a redução de enxames das abelhas nativas e não nativas, acompanhar a mudança de espécies. Queres um exemplo? Essa mosquinha, o borrachudo, nunca se enxergava por aqui. Vieram ou se proliferaram com a soja. Como isso vai impactar as espécies nativas? Essa e muitas outras perguntas nos fazemos. Só o amanhã vai trazer as respostas.



Chegamos, entramos, - Bom dia! Hum... Cheirinho de pão, coisa bem boa. Casa quentinha e o latido dos cachorros das diferentes casas que se cumprimentavam no lado de fora. Tomamos café e aos poucos saímos, o sol começava a esquentar a nossa manhã. Logo, o melhor canto da casa (nesse horário do dia) nos foi apresentado, sentamos nestes banquinhos aqui, na tua volta e fomos abrigados por ti. O ponto de pauta da manhã era a metodologia do “primeiro encontro” que tinha como tema *o bioma Pampa e o ser Pampeano*. Como pontapé inicial, levamos impressa uma conversa do Face em que já havia uma proposta elaborada pela Figueira no *Facebook*:

Primeiro encontro: Considerando que trabalharemos com as turmas durante todo o período (manhã ou toda tarde?), pensei em dividir o tempo em ambiente exterior e interior:

- 1• ao ar livre, no campo de futebol gramado da Vila - Apresentação de todos (nome, o que fazem além de estudar, o que gostam de fazer) mais ou menos 40 min - nós apresentamos brevemente a proposta do projeto, qual foi o caminho para chegarmos aqui. - Lançamos as perguntas: o que sabes sobre o Pampa? Que animais tem no Pampa? E plantas? (mais ou menos 40 min)
- 2• de volta à escola, na sala, cadeiras em círculo - Vídeo Google Earth – Perguntas: O que temos em comum com outros povos? Qual a importância do nosso bioma no planeta? Falamos sobre a importância do Pampa para inúmeras espécies inclusive a nossa (tempo?) “RECREIO (lanche das crianças)”
- 3• O que é cultura? O que mudou, desde o tempo dos nossos avós, até hoje? - Mapa do bioma a ser preenchido por todas e todos (essa parte precisamos aprofundar mais). Lembro de levantarmos “categorias de saberes”, mas não sei se vamos manter, eram: forma de produção, flora e fauna nativa, benzedura, alimentos, relação com a Lua (acho que isto não foi falado), etc. Teria que haver uma pergunta que englobasse todos esses temas pra continuarmos a preencher o mapa na próxima reunião. (última parte) despedida, agradecimentos, comprometimento mútuo (criar este momento?);

Materiais necessários para o primeiro encontro: - mapa impresso da nossa micro-região (com relevo, rios, etc) e posterior preenchimento dos educandos (localização das estradas, de suas casas, da escola, limites dos lotes...). De acordo com a proporção do mapa, será a proporção das casas que serão coladas no mapa– o vídeo Google pode conter informações sobre: biomas que compõem a América Latina, com algum exemplo

da relação de um povo latino com seu respectivo bioma, cultura. Para aprofundarmos o entendimento da nossa cultura no próximo encontro...

Todos ouviram, mais ou menos, atentos. Ficou um pouco longo demais o relato. A primeira pergunta, veio dos adolescentes: “Com que turmas mesmo o projeto vai trabalhar?”

O bom de ter gente nova no grupo, independente da idade, é que novas perguntas são feitas, fazendo com que se retome o pensamento e se modifique a ideia original. Chamamos isso de oxigenação. Novos olhares, diferentes perspectivas.

A pergunta vinha com uma intenção, problematizar a importância dos “pequenos”, das “crianças” em um processo de engajamento na escola, a partir daí diferentes manifestações foram sendo introduzidas ao debate:

- Os pequenos estão menos formatados. A escola ainda não pegou tão pesado com eles.
- É, eles ainda não entraram no esquema: copia, decora, reproduz na prova. Até a forma de avaliação é diferente.
- Além disso, os pais de crianças pequenas geralmente se envolvem mais com a escola. Estão mais presentes e mais preocupados. Se sentem mais responsáveis pela educação dos filhos.
- É, mas o projeto foi pensado para trabalhar com as turmas do ensino fundamental. Se as atividades forem com as séries iniciais vai exigir outra pedagogia, mais lúdica. Com mais liberdade de adaptação a partir da interação com eles.
- Claro, porque eles estão mais acostumados a interagir. São mais curiosos. Todo mundo nasce curioso, eu acho que é na escola que perdemos essa curiosidade.
- Sim, lá nós não escolhemos o que vamos aprender, nem sabemos o porquê de estarmos aprendendo aquilo. Não tem relação com o que fazemos, com a nossa vida.
- Quem sabe por que a escola foi criada?

Conversas paralelas. Evidente, Coronilha. Aqui não estávamos discutindo aquelas escolas. Era a instituição Escola que estava em pauta!

Alguém deixa a roda por alguns segundos e volta com um livro cheio de marcações entre as páginas.

- A pergunta que precisamos nos fazer é: “com que espécies de pessoas e coisas gostariam os aprendizes de entrar em contato para aprender?”

Esse livro de 1971 trouxe a pergunta do Illich em *Sociedade Desescolarizada* e está no capítulo “Teias de Aprendizagem”.

Depois que todos conheceram o livro do Illich a tal escolarização passou a ser discutida de forma mais explícita, não tão subliminar como nessa conversa, e deu saltos quânticos quando assistimos ao filme *Escolarizando o Mundo – o último fardo do homem branco* (dirigido por Carol Back em 2011). Aconteceu quase no final da nossa caminhada com esse projeto e nos explicou tantas coisas. As origens e propósitos da escolarização, as consequências de padronizar o que as crianças do mundo inteiro devem (obrigatoriamente) aprender. É Coronilla, a escola não é quadrada por acaso, não é mera coincidência.

A música da Malvina Reynolds não saiu das nossas cabeças mais:

Little Boxes

Little boxes on the hillside,
Little boxes made of ticky tacky
Little boxes on the hillside,
Little boxes all the same,
There's a pink one and a green one
And a blue one and a yellow one
And they're all made out of ticky tacky
And they all look just the same.

And the people in the houses
All went to the university
Where they were put in boxes
And they came out all the same...

Caixinhas

Caixinhas na ladeira,
Caixinhas feitas de pequenas caixinhas
Caixinhas na ladeira,
Caixinhas - todas iguais.
Há uma cor-de-rosa e uma verde
E uma azul e uma amarela
E todas elas são feitas de pequenas caixinhas
E todas elas parecem simplesmente iguais.

E as pessoas nas casas
Todas foram para a universidade,
Onde foram postas em caixas
E saíram todas iguais...

A música, que aparece ao final do filme, cantarola isso, o encaixotamento e aparelhamento ideológico que as instituições de ensino produzem ao reproduzirem incessantemente *saberes* ditos e entendidos como *universais*, ao mesmo tempo em que ignora os diversos saberes enraizados nas culturas e que há séculos garantem a sobrevivência de cada povo, em cada canto desse mundo tão diverso e cheio de singularidades.

Voltando para a nossa roda e pergunta: “com que espécies de pessoas e coisas gostariam os aprendizes de entrar em contato para aprender?”

- Como eu também sou da escola, Já digo, quero trabalhar com ginete e doma racional, se tiver algum vídeo de uma boa gineteada, hein? Vai ter? *[explicação longa e engraçada sobre o que é ginete... Afinal, alguns de nós nunca tinha ouvido falar]*

- Sim, o projeto é amplo, podemos trabalhar com o que quisermos. A partir desse projeto poderemos ter uma noção, um diagnóstico dos interesses da comunidade... A metodologia estar em aberto também é proposital. Pretendemos mapear os parceiros e perceber esse território/teia de aprendizagem.

- O motivo de estarmos na escola, apesar de entendermos as dificuldades institucionais enraizadas no sistema de ensino é pela facilidade/ponto de encontro para toda a comunidade. Nosso desafio é justamente envolver ainda mais a comunidade na escola para podermos transformá-la desde os interesses de quem a constrói.

Como lembrás, Coronilha, essa pergunta tomou conta da manhã, retomamos o debate sobre as turmas que as atividades englobariam, voltamos a falar e pensar nos parceiros, ressaltando quais professores que já haviam demonstrado interesse e provavelmente se engajariam... O argumento de que “o aluno passa e o professor segue”, que geralmente é pensado quando se avalia as possibilidades e estratégias de continuidade das ações pós projeto, não cabem muito no contexto das escolas em questão. Devido à alta rotatividade dos professores, a interação com os estudantes não gera vínculos tão intensos.

Mais do que isso, foi levantada a importância de concentrar os esforços na comunidade. Não que a abertura para os professores fosse deixar de ocorrer ou que nos absteríamos de momentos de planejamento com eles. Apenas, salientamos que, quando se tem uma comunidade fortalecida, o estudante nunca deixa de frequentar a escola e esse é o nosso objetivo a longo prazo. É o projeto de escola *(se é que precisa ser chamada assim...)* que estamos construindo e fica “ali” na linha do horizonte.

Uma parte da equipe saiu para preparar o almoço, a outra foi colher chás e aproveitar para conhecer a horta da Guabioba, já que a mudança de clima e o tal vento pampeano estavam prejudicando a nossa voz. Depois do almoço a maioria de nós foi para a reunião na escola, que por meio do *Facebook*, conseguimos

agendar com um professor que também era Coordenador Pedagógico. Partimos.

Dois educadores nos receberam e convidaram para nos reunirmos no laboratório de informática que estava sem uso, os computadores não funcionam. Após as apresentações entusiasmadas, o professor iniciou a fala agradecendo a nossa iniciativa, disse que leu todos os materiais e comentou: “É realmente um projeto que tem ligação com o pessoal daqui, que valoriza os saberes que queremos construir em uma escola do campo”. A professora, em alusão aos temas geradores do projeto e a possibilidade de integração com diferentes áreas do conhecimento disse: “Já foi aquele tempo que o professor fica só repetindo conteúdo, precisamos abrir o leque, fazer com que eles pesquisem, que eles sejam agentes do processo. Penso que esse projeto pode ser uma experiência nesse sentido, por não ser fragmentado. Todos podem se envolver.”

Em consenso, combinamos uma reunião na próxima semana com os demais professores, porque apesar de termos intenção de trabalhar com os estudantes das séries finais do Ensino Fundamental, uma de nós destacou que:

“Os temas do projeto podem ser trabalhados por todas as matérias e como vamos trabalhar é maleável, queremos justamente construir com os parceiros. Por isso é importante que todos os professores fiquem a par e convidados para aderir e contribuir, mesmo que de forma pontual”.

Os professores não se encontram todos na escola em nenhum dia da semana, por isso há uma dificuldade de articulação. Assim, a melhor opção, contemplando a maioria, era a quarta-feira. Também acordamos de estabelecer um canal de comunicação pelo *Facebook*, já que a escola não possuía telefone e que a maioria dos professores acessava essa rede social. Dessa forma, poderíamos reproduzir o que já estávamos fazendo no nosso núcleo menor, isto é, construir coletivamente a proposta.

Coronilha lembra da nossa ideia de super envolver os pais? Pois é, se demonstrou inviável: o transporte que leva os filhos é o mesmo que traz os pais, então ou cabe um grupo, ou outro. Já sabíamos que isso poderia acontecer, mas

estávamos com esperança de que com a ajuda da Secretaria de Educação, por intermédio da escola, houvessem alternativas, mas não: “Outras vezes já tentamos. Mas não é possível”. O único encaminhamento concreto de toda a idealização original de envolver os pais durante as atividades se resumiu a uma brevíssima apresentação do projeto no dia de entrega dos boletins. Frustração. Fica como tarefa repensar as estratégias...

Também em função da mobilidade, não podíamos utilizar o contra turno para as oficinas. Por conta disso, a proposta da participação no projeto ocorrer por adesão tornou-se polêmica por um motivo bem previsível. Com quem ficariam os estudantes que optassem em não participar do projeto? Sendo inviável a realização das atividades fora do período de aula, ou faríamos por adesão ou teríamos a participação dos professores. Difícil. Concordamos em repensar esse ponto ao final do encontro com todos os educadores.

Co-inspirações pela diversidade na Escola e na Agricultura

Terminamos a reunião “mais formal” e saímos para conhecer a escola. Na biblioteca toda colorida estava a Anacauíta, professora famosa nas nossas reuniões de planejamento. Quando nos cumprimentou já anunciou que também nos conhecia “de ouvir falar” pelas mães dos seus estudantes. Prontamente quis nos mostrar cada canto da escola, contando causos, tentativas, possibilidades, conquistas de mudanças que havia participado. A primeira indignação foi relacionada com o vizinho...

- No ano passado ficamos dias sem aulas após um avião da lavoura de soja pulverizar veneno em toda a escola e em grande parte da Vila. Muitos tiveram feridas, alguns animais domésticos sucumbiram. Foi triste. Aqui é bem fronteira, ali ó, enxergamos, ali tudo é soja.

[Tentei me controlar, mas precisava saber: Vocês têm registros? Alguém fotografou? Em que época acontece? COMO ASSIM VENENO NA ESCOLA?!? ... Como assim nada aconteceu?]

Mas, ela não se deixava desanimar. Estava feliz com a proposta do projeto e, em especial, com a valorização da cultura local, tendo vindo de onde veio:

- Eu acredito nesse projeto pela sua origem, ele veio de baixo, da raiz da escola que é a comunidade. Ele trabalha para criação de redes e partilhamento de conhecimentos, nossa eu achei fantástico... Discutir dentro da escola saberes e

fazeres da lida diária, é mais do que valorização, é resgate da cultura voltada para o auto sustento das famílias!

Olha Coronilha, ouvir essa professora nos trouxe uma inesperada sensação de tranquilidade. De fato, estávamos constrangidas de chegarmos com um projeto já aprovado para trabalhar com os educadores, com a escola. O ideal era que desde a proposta inicial já estivéssemos alinhados com a escola, o que não foi possível devido ao prazo do edital.

Em reuniões passadas discorremos sobre as instituições, como um todo, inclusive as escolas, que normalmente reagem não abraçando aquilo que não parte delas. Porque de fato entendem que as verdades só podem vir delas. Alguém citou Freire, lembrando que ninguém parte do zero, todos temos conhecimentos e por isso ideias e ações podem partir de diferentes sujeitos sociais, não só das instituições formais, pois não são detentoras de saberes. Essa concepção do Freire, de respeitar e valorizar os saberes dos educandos pode ser aplicada em muitas situações do projeto. Por exemplo, quando planejamos as atividades e dinâmicas em torno dos temas geradores partindo das falas, curiosidades e perspectivas dos educandos. Mas, também entendo que essa premissa da Pedagogia da Autonomia foi trazida para outros âmbitos, como a própria origem do projeto. Como ressaltou essa professora, por ter partido de familiares da escola, da comunidade, de mulheres-mães camponesas assentadas da Reforma Agrária.

Conversamos sobre fissuras em paredes grossas em uma instituição chamada Escola. Os educadores inconformados, inquietos e, acima de tudo, apaixonados pela criação de outras formas de se fazer educação representam fissuras. Mas mesmo havendo fissuras, ainda estamos dentro de paredes. De um teto. De um quadrado. De um formato. Como voar onde as “regras de convivência” possuem mais proibições do que possibilidades?

Pois bem, a mesma professora que nos recebeu de coração aberto desde o primeiro dia foi uma das parceiras que caminhou conosco durante todo o trajeto. Lembra Coronilha, da nossa angústia depois da primeira atividade? Foi essa

professora quem nos deu o Sul.

Aconteceu que planejamos, horas a fio, uma atividade de interação com as crianças sobre o Bioma Pampa e o Ser Pampeano, teve filme, música, conversa, os pequenos em especial se soltaram e adoraram o Diário de Bordo. Já os estudantes das séries finais do ensino fundamental é outra história. Mas, algo me chamou atenção nas turmas, independentemente da idade. Te falo que tocou a mim porque para a Figueira e Guabiroba isso não foi surpresa. As crianças não entendiam ou usavam a palavra “assentado”. Se o diálogo direcionava para a chegada das famílias, para a luta e o acampamento pela terra, pelo lote, pela tão sonhada casa. Com os pequenos parecia que faltava informação e com os mais velhos soava como uma encabulação. Aquilo me intrigou.

Discutimos aqui e, mais do que isso, também na avaliação da primeira atividade a importância de trabalharmos nos dias que a Anacauíta estivesse na escola. Precisávamos conversar sobre o projeto que ela havia realizado no ano anterior com mais calma, para entendermos os motivos para que isso acontecesse.

O que eu esperava? Esperava orgulho em ser assentado, afinal, é uma conquista árdua e motivo de felicidade. A Anacauíta nos contou sobre uma pesquisa que fez com todas as famílias, 98% dos estudantes são assentados, sobre as condições de moradia, as formas de produção e a sustentabilidade financeira da comunidade. Ela destacou que se fez quase um “abismo” entre o que as famílias sonhavam/esperavam e a materialidade mais de uma década depois. Muitos ainda moram em casas de lona. Preocupada, assim como nós, com o futuro da juventude, com a falta de vontade/condições para seguir vivendo no campo. Do tão sonhado “viver na cidade”, romantizado como ela expressou, pela cultura do consumismo, do urbano, de uma vida *moderna*.

Ao longo do projeto, em vários momentos, ela problematizou a função da Escola, dizendo que projetos que valorizassem a cultura do campo, especificamente desse povo, com os saberes populares e buscando a soberania

alimentar por uma via agroecológica poderia orientar essa necessária transformação da Escola. Mais do que isso, a instituição deveria estar sempre aberta para propostas vindas da comunidade, porque a comunidade é a base da Escola, ampliando assim como já havíamos pensado, o conceito de comunidade escolar, para além dos familiares, compreendendo pessoas da comunidade que possam agregar saberes, trocar experiências...

A Anacauíta, principalmente a partir da segunda atividade, a partir do momento em que alinhamos as agendas e garantimos sua participação, encarou o projeto como seu. Se ela vier aqui conversar contigo Coronilla, vai dizer que fez o mínimo. Risos. O mínimo dela, para nós foi muito mais do que poderíamos esperar. As nossas atividades, em especial com os adolescentes, foram mais interativas com sua presença. Ela estimulava a fala deles mais facilmente que nós. Talvez pela confiança já conquistada. Ao mesmo tempo, se maravilhava com as dinâmicas, músicas e filmes que levávamos. Depois da segunda atividade, conversamos e no arquivo de áudio está gravado as suas palavras:

- Hoje eu participei de uma aula de geografia bárbara, não tinha uma só pessoa falando e os alunos copiando no caderno o que depois seria cobrado na prova. Aliás, prova que avalia o quê? Se eles têm disposição para aprender aquilo, nunca mais vão esquecer, quantas regiões a gente tem? Quais são os outros biomas além do Pampa? Por que se chama pampa? Eu me perguntava, durante a atividade, como a gente vai gostar e aprender a cuidar do que não conhecemos? Dei-me por conta do quanto a Escola precisa valorizar esses saberes. Precisamos partir do conhecimento das coisas valorizadas por eles, do reconhecimento dessa biodiversidade e da riqueza de saberes guardados nas suas famílias.

O aprendizado poder ser alegre, se divertir além do tempo do recreio... Alguns professores anotavam as dinâmicas e diziam que precisávamos replicar... Essa do “eucalipto” precisa gravar ela disse... Vamos lembrar?

Dinâmica da Monocultura e da Cultura Biodiversa

Cada pessoa recebe um papelzinho com o nome de uma árvore em segredo porque um não pode saber a árvore do outro. As nativas vão ter só uma de cada (usamos: Pitangueira, Açoita-cavalo, Umbu, Goiabinha, Araçá, Murta, Coronilha, Sete Capotes, Aroeira e Figueira) as outras pessoas vão receber o nome de uma árvore só, como aqui no Herval a monocultura mais expressiva é a de eucalipto,

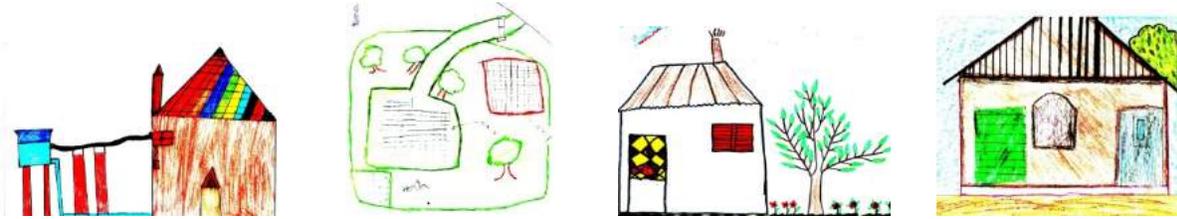
cerca de 10 pessoas (metade do grupo) recebeu o nome dessa árvore. Em roda, todos de braços entrelaçados, o facilitador ambienta a atividade: Sintam a árvore do seu lado como parte sua. Todos nós formamos uma mata e a mata é um corpo só. Cada ser tem uma função e contribui de algum jeito para esse corpo. E vem chegando uma tempestade. A pitangueira sucumbiu! (todos juntos repetem)

AFROUXA AS PERNAS PITANGUEIRA! Veio o Sol. A pitangueirinha cresceu, cresceu. E o céu se iluminou! Passou um mês. Veio uma praga e atordoou a Murta. A Murta adoeceu (todos juntos repetem) AFROUXA AS PERNAS MURTA... Mas a Murta se recuperou. E assim árvore por árvore. Quando um afrouxa as pernas, o grupo todo segura. Até que veio a roçadeira gigantesca e cortou pelo pé todos os Eucaliptos. (todos juntos repetem) “AFROUXA AS PERNAS EUCALIPTO” e assim quando a metade da roda afrouxa as pernas, a roda inteira cai no chão e em uma grande risada coletiva. (não esqueça de colocar uma música de fundo e de fazer uma entonação teatralmente emocionante!!)

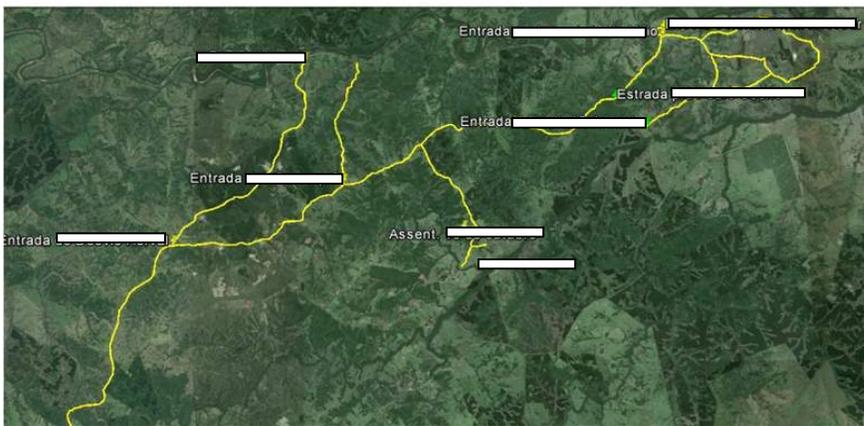
Essa foi uma dinâmica no início da segunda atividade, que era para ser sobre Saberes Populares Regionais, mas resolvemos após uma longa avaliação, fazermos uma atividade a mais sobre o Bioma Pampa e o Ser Pampeano. *[Isso se sucedeu em todo o nosso planejamento que foi se estendendo pelo pouco tempo que tínhamos disponível, cerca de 1h30]*. A dinâmica veio para iniciar o debate sobre diferentes culturas e a importância da diversidade. Após ela, em roda, abrimos o diálogo para cada um expressar o que sentiu durante a atividade. Como é ser uma árvore? Como é fazer parte do mato? Os outros seres do Pampa sentem como as mudanças no ambiente? Quando uma árvore cai as outras sentem?

Ah, essa brincadeira do eucalipto foi alguns dias depois da nossa atividade com a cartografia. Relacionada ao bioma Pampa e o ser pampeano e iniciando o diálogo sobre os Saberes Populares. *[os temas geradores mais se misturaram do que foram delimitados]* A essa altura do projeto já estávamos em diálogo constante com parceiros, especialmente com a Anacauíta que reverberou a temática nas suas aulas de Geografia e Artes. Foi assim que se tornou viável *[em termos de tempo]* a montagem do mapa com as imagens do *Google Earth* em formato de quebra-cabeça. Foi sugestão dela que, além da identificação da moradia de cada um, fossem agregados também desenhos das casas e a

descrição da produção de cada família.



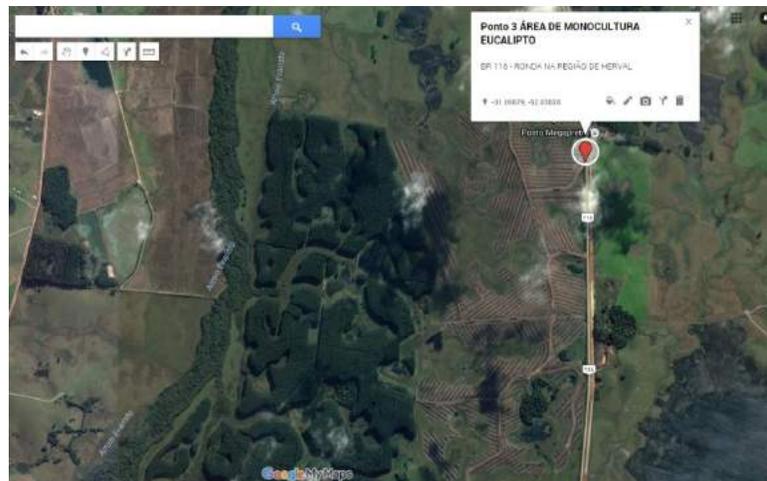
Lembro bem das inúmeras tentativas de desenhar o trajeto no *software* por telefone, já que quem tinha o conhecimento detalhado da região e conhecia o



mapa como a palma da mão não tinha acesso à Internet, ao mesmo tempo nós, em PoA, poderíamos utilizar a ferramenta e não tínhamos o percurso exato do

transporte escolar pelos cinco assentamentos, transitando pela casa de cada estudante. Após várias etapas, confirmando na escola e conferindo os caminhos, conseguimos! Imprimimos essa imagem.

Também recorro ao impacto ao perceberem a extensão da monocultura. Com essas ferramentas fica fácil visualizar o estrago da padronização de longe...



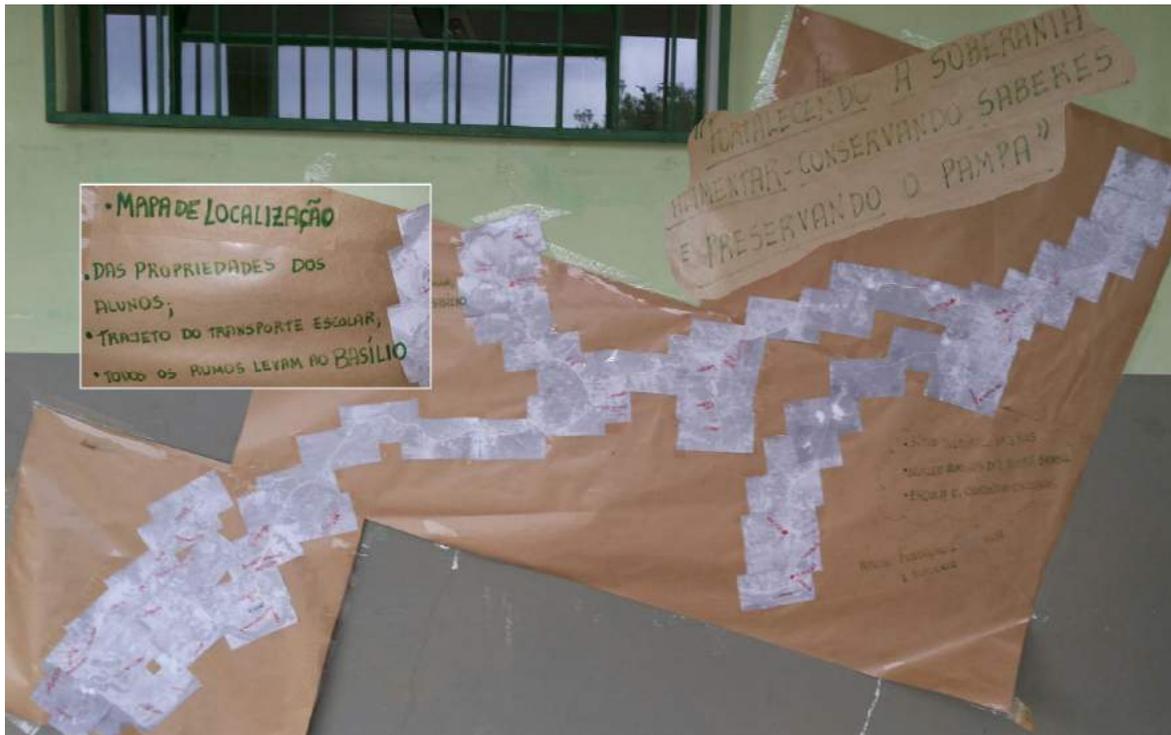
De tudo que é sentido bem perto...



Depois de navegarmos (*offline*) iniciando pela delimitação do Bioma Pampa, sem as fronteiras entre os países até o trajeto do ônibus, e de cada um identificar onde está sua casa no computador. Tcharãã... Apresentamos a proposta do quebra-cabeça, do mapa “gigante”!



Foram mais de 60 páginas A3 que deram materialidade às primeiras imagens que enxergamos no computador...



Lembro das tentativas que fizemos para que o Grupo Bio e outros membros da comunidade que vivem na região há muitos anos pudessem participar contando o histórico e as mudanças no lugar. Não foi possível. Mesmo assim propusemos uma atividade semelhante, dessa vez invertida.



Invertida? Lembra disso Coronilha? Iniciamos a conversa perguntando quem sabia desenhar um mapa da região. Todo mundo sabia e o engraçado é que a manifestação: **“só tem mato nas áreas de**

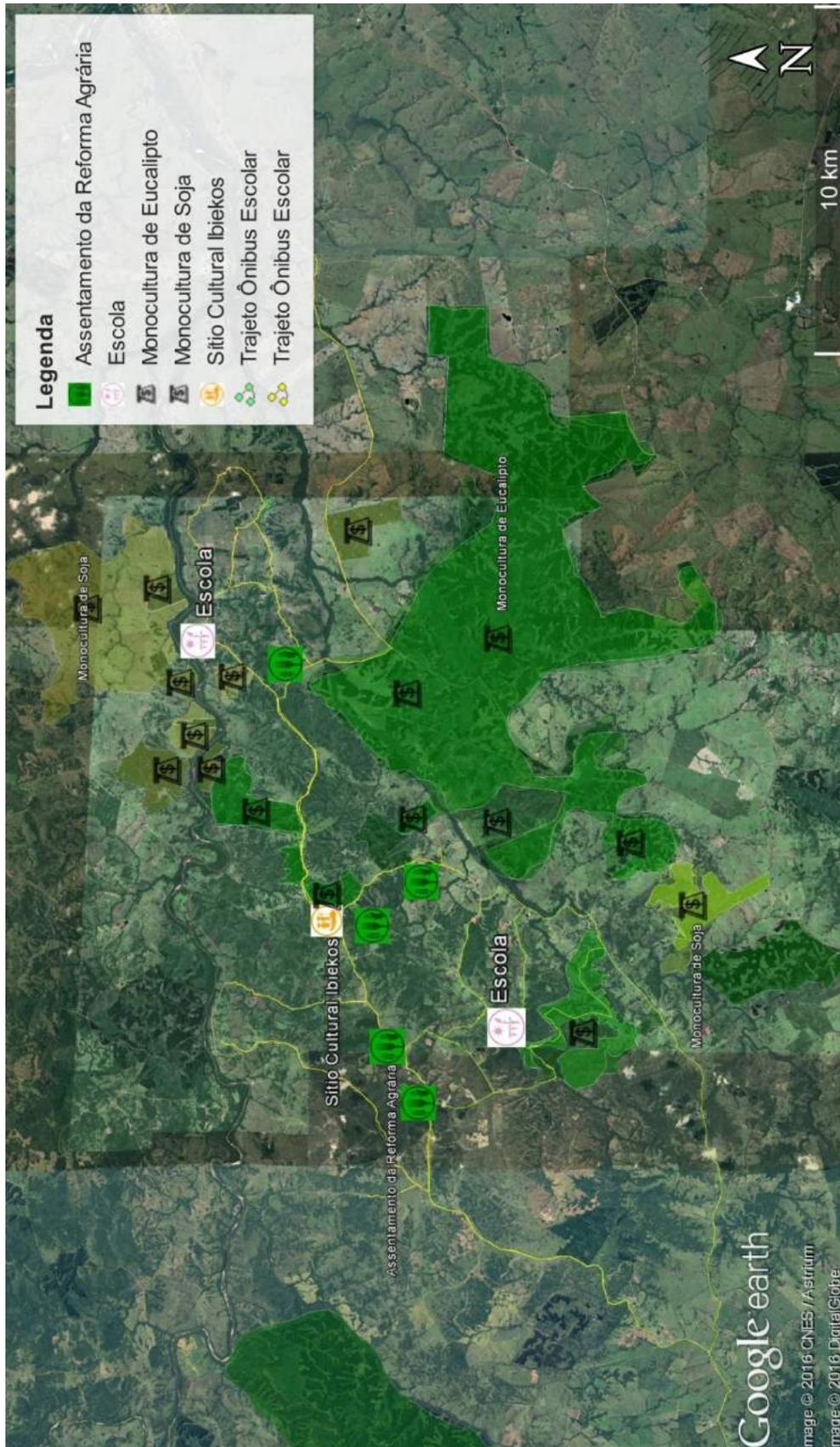
assentamento” surgiu nos dois espaços, mas em momentos e com entonações diferentes. Nas escolas, foi com ar de surpresa, visualizando o *Google Earth*, analisando a vista de cima, já com o Grupo Bio foi uma afirmação, logo no começo do desenho. Muitas mãos, cores, legendas. Tanto na montagem com as crianças, como com o Grupo Bio!



Só depois é que partimos para o *software*, identificando, marcando, entendendo, mapeando, discutindo as potencialidades da ferramenta...

A conversa foi carregada de preocupações e indignações ao perceberem o avanço da monocultura e foi assim que muitos relatos de violações de direitos emergiram. Apontamos para *o que fazer?* Quais práticas podem barrar essa apropriação do território? Existem formas de coexistir? Existir ou Resistir? Qual a nossa resposta para isso?

E o resultado final? Depois de mais de um mês manuseando o mapa, interagindo e identificando as casas, os assentamentos, as monoculturas, etc.



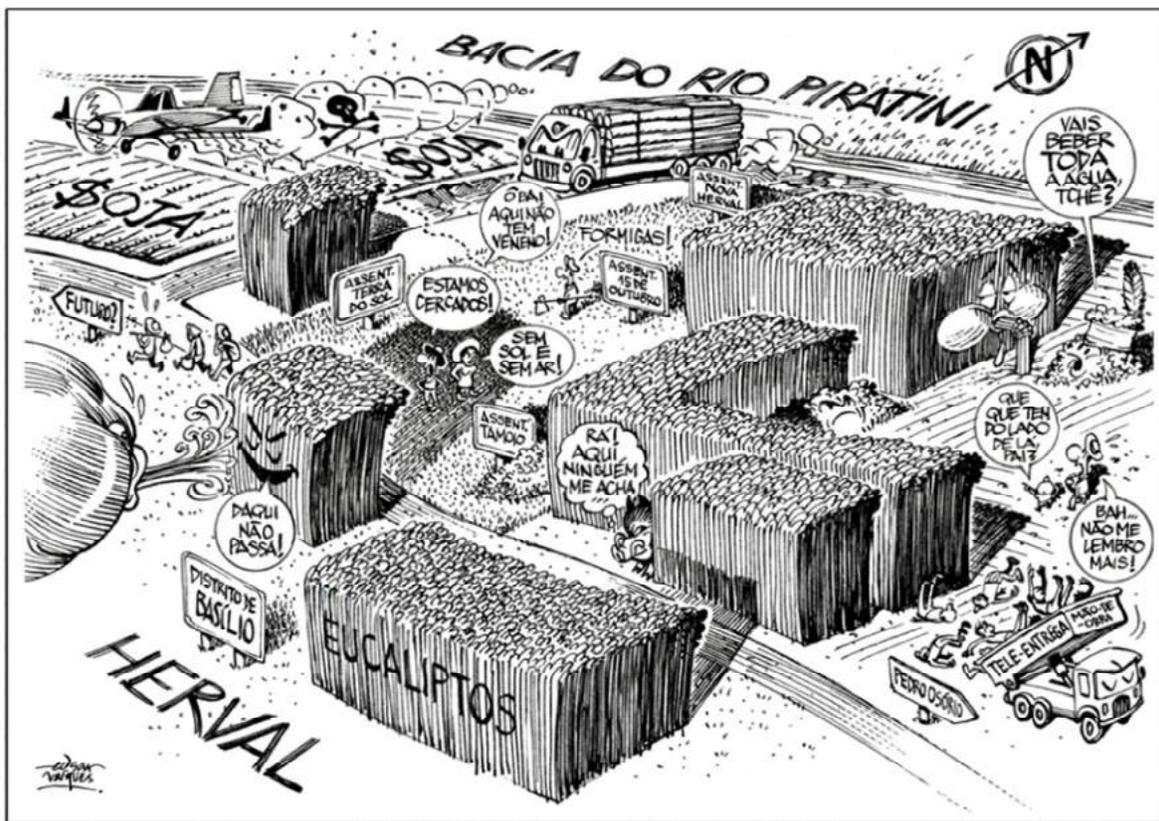
Na avaliação coletiva, após a realização dessas atividades, é que pensamos na dinâmica que te contei da monocultura x biodiversidade. O assunto “soberania alimentar” e “autonomia campesina” estavam se revelando aos poucos. Ainda não com essas palavras, mas falávamos em trocas, em pertença, em conhecimento da região, em articulação para enfrentar o agronegócio, e por aí andamos!

Minha memória falha. Busquei nos registros e também não encontrei o momento específico no qual surgiu a ideia. Recordo de um diálogo nosso, do coletivo de educadores, mais ou menos assim:

- Precisamos divulgar a nossa versão desse *desenvolvimento* que só nos força a sair da terra. - Sim... vai ter o filme, o livro...- Falo de algo mais curto, objetivo... – Tipo uma charge? – Bah, já fizemos um trabalho com chargistas e foi impactante o resultado! – Mas tem que ser uma charge representativa, que as pessoas se reconheçam... – Que todo mundo que participou identifique as suas falas, os seus desenhos... – Sim, pode ter até os nomes de alguns assentamentos...

Já conhecíamos o Edgar Vasques, chargista talentoso. Nos reunimos com ele. Levamos os materiais das atividades e fizemos um roteiro gigante, o maiordomundo. Não seria uma charge, seria uma história em quadrinhos [risos]. Por fim, dividimos entre “agronegócio” em uma charge e outra, representando as formas de resistência que viria depois e chamaríamos de “agroecologia”. A separação é simbólica. É difícil imaginar perspectivas antagônicas convivendo.

Muitos encontros, telefonemas, e-mails e fotos trocadas depois, tcharã, aí está a imagem que vale mais do que mil palavras:



Ainda queremos construir um material explicando os contextos, mas o resultado visual ficou melhor do que esperávamos! Transmite as mensagens do que discutimos, representa e identifica as violações de direitos de quem vive ao lado de hectares de eucalipto. Esse era o objetivo! Além disso, carecemos de mensagens visuais, pois ainda não é raro encontrar quem não saiba ler. O que tu achou, Coronilha?

Falando em planejamento e avaliação de atividades. Conversamos muito embaixo de ti Coronilha, sobre a diferença/vantagem que tínhamos em relação aos professores fixos da Escola. Sim, porque passávamos de 2 a 3 dias nas escolas e o resto da semana avaliando a atividade passada e repensando a próxima, discutindo em coletivo. Quantas horas um professor tem para preparar sua aula? Quais as possibilidades reais dos educadores de uma Escola construir

um planejamento em coletivo? Por isso, estimamos tanto esses poucos, mas valorosos educadores, que, de uma forma ou de outra se engajaram e se permitiram sonhar juntos...

Foi quando fizemos uma conversa na rede social *Facebook* que percebemos o quanto fazia falta um canal de comunicação entre os professores. Mas, por intermédio de tecnologias, a conversa não avançava tanto no sentido de uma construção pedagógica, se resumia mais em convites para participação nas atividades, o envio de materiais pedagógicos vinha de nós, educadoras não formais da escola. Algumas fotografias e filmagens também foram compartilhadas e o processo de feitura do livro dos saberes. Ah... o livro? Ainda não falamos dele porque acontece ao final do projeto... [*Eu e minha linearidade. Está ficando chato.*] Muitas vezes foi por meio da conversa online que soubemos que não iria ter aula, seja pelo transporte estar no conserto ou pelas chuvas intensas...

As formas de fazer educação eram discutidas profundamente apenas com aqueles professores que se interessaram ao ponto de cederem suas aulas, aproveitando o projeto para relacionar com seus conteúdos. Portanto, mantivemos encontros em momentos anteriores e posteriores às atividades. A motivação inicial pelo projeto foi intensa, a partir dos pedidos de professores das séries iniciais do Ensino Fundamental ampliamos as turmas com quem trabalhamos. A princípio a totalidade (14) dos docentes se comprometeu em participar das atividades aproveitando para relacionar os conteúdos escolares de cada área com os temas do projeto. Porém, a dificuldade de reunir com os professores e a conseqüente dificuldade de planejar as ações em coletivo fez com que apenas alguns (5) se entrelaçassem ao projeto. Seja por disponibilidade, empatia com o tema e até mesmo por afinidade e identificação com o CEP, conosco, educadoras do projeto. Mas o que importa Coronilha é que esses que se engajaram se permitiram pensar e construir outros jeitos de se fazer educação, relacionando suas áreas de conhecimento e reconhecendo outros saberes como importantes, valorizando a fonte desses saberes, a juventude e as famílias camponesas.

Outras formas de se fazer educação? Existem tantas, não é mesmo? Quantas vezes repetimos o nosso mantra “*Como instigar crianças e adolescentes a valorizarem os saberes enraizados na sua própria cultura?*” Enfim, como horizontalizar a construção desse saberes? O que fazer para que a aprendizagem seja divertida? Como fissurar as paredes da escola até fazer um rombo? Como dismantelar a estrutura escolar? Como fugir do padrão?

Perguntas nada fáceis de responder, menos ainda de praticar. Para nós, educadoras do projeto, a escola não deveria ter muros, também literalmente! Mas a materialidade está lá. Transbordaremos. Talvez o transborde mais visível e marcante tenha acontecido quando passamos um trecho do filme “*Quando sinto que já sei*³⁵” em uma reunião dos pais, sim, isso aconteceu e foi incrível. Assistimos aqui em uma noite, recorda? Horas de desvio da pauta imaginando uma comunidade de aprendizagem no assentamento, é possível, não é? Um lugar para se partilhar saberes, para se expressar com plenitude. Obviamente, sem tema de casa, sem prova, sem tortura psicológica. O resultado no dia da reunião com os pais foi tímido, mas se refletiu na atividade seguinte.

A nossa participação no encontro dos pais resultou do convite de um educador que também era Coordenador Pedagógico da escola. O filme antecedeu uma dinâmica sobre as expectativas a respeito do bimestre letivo que estava iniciando. Além do documentário levamos fotografias de atividades do projeto que serviriam como disparador para discutirmos a importância dos pais na construção de uma escola democrática, aberta ao novo, alegre. Também aproveitamos para fazer o convite a participarem da visita ao Sítio Cultural Ibiekos. Perguntamos sobre o Diário de Bordo, quem já viu? O que acharam da proposta? Como foi a reação em casa? Por fim, intentamos motivar a participação dos pais no dia-dia da escola, para além do projeto, tratava-se de um encorajamento a enxergarem a escola como um lugar a ser ocupado. Com isso, um professor lembrou que estava

³⁵ Uma produção brasileira da *Despertar Filmes* o *Quando sinto que já sei* foi dirigido por Antonio Sagrado, Raul Perez e Anderson Lima com a colaboração de 487 coprodutores. Está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HX6P6P3x1Qg&t=14s>.

na hora de se pensar o Conselho de Pais e Mestres, espaço importante de representatividade na escola...

Lembro daquele dia, da preocupação dos pais que se abriram ao diálogo, “Por que a ideia de que viver no campo é ruim? Quem sabe o futuro que os aguarda na cidade?” “Trabalhar o dia inteiro para ter o que comer? O que pôr no prato? Morar mal?” A *Internet* apareceu como grande vilã, tanto pelas poucas possibilidades ao seu acesso, o que fazia os jovens almejem sair de casa, como, contraditoriamente, pelo conteúdo acessado. Sim, o que é moda entre os estudantes de escolas (inclusive as rurais) é ditado pela internet, pela novela, pelas propagandas.

Recordei a leitura que fiz no ônibus da vinda, Galeano, falando dessa cidade que está no imaginário, mas não se concretiza na vida real:

“Caminhar é um perigo e respirar é uma façanha nas grandes cidades do mundo ao avesso. Quem não é prisioneiro da necessidade é prisioneiro do medo: uns não dormem por causa da ânsia de ter o que não têm, outros não dormem por causa do pânico de perder o que têm. O mundo ao avesso nos adentra para ver o próximo como uma ameaça e não como uma promessa, nos reduz à solidão e nos consola com drogas químicas e amigos cibernéticos. Estamos condenados a morrer de fome, morrer de medo ou a morrer de tédio, isso se uma bala perdida não vier abreviar nossa existência.”

(Livro – De Pernas Pro Ar – A Escola do Mundo ao Avesso, página 7-8 de 1999.)

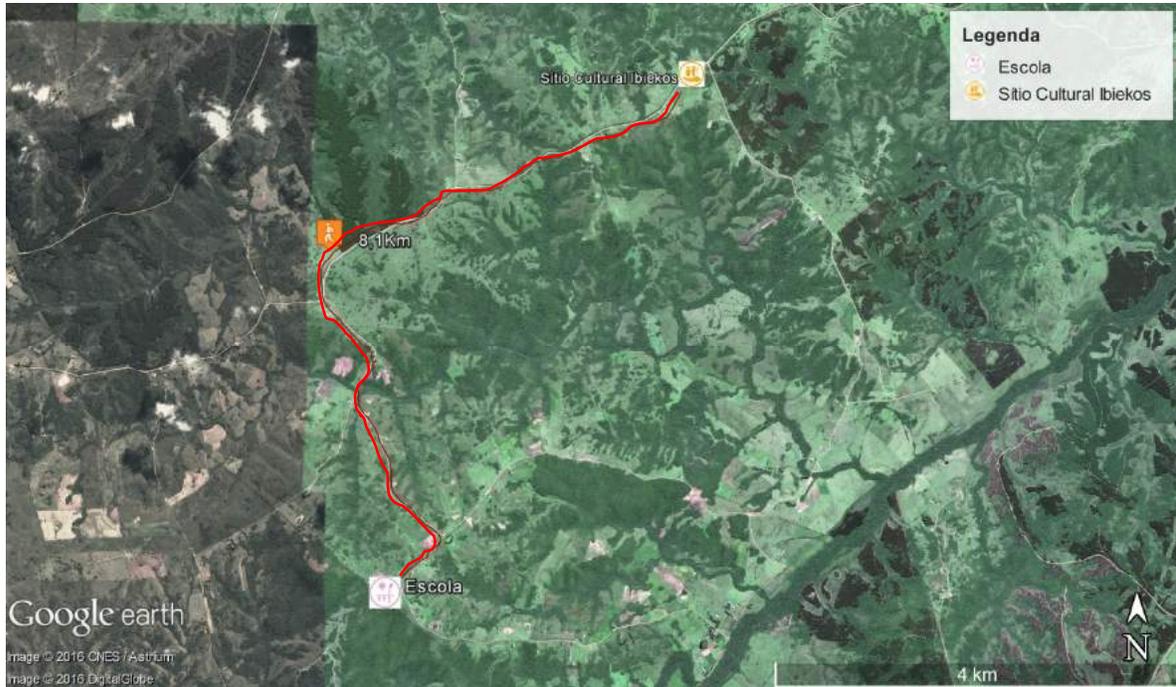
Um pai, muito comovido, comenta que se esforça para que o filho, desde pequeno, participe dos fazeres, semeando nele o amor pela terra. Uma mãe diferenciou as reações dos filhos, uma criança do 5º ano e uma adolescente do 8º ano: “O pequeno mostrou o diário, perguntou, foi na casa da bisavó anotar as receitas”. A adolescente? Ah, ela nem sabia que participava do projeto. Mas enfim, muitos demonstravam apreensão em resignificar a vida no campo, em buscar formas e redes de trocas, almejando autonomia, soberania! Transbordamos. O projeto fazia sentido para eles.

A reunião terminou com pressa. O tempo é inimigo. O transporte vai sair. No

trajeto de retorno para as casas, vivi um daqueles momentos em que a pesquisadora que habita em mim (e é compulsiva por gravar) teve que se contentar em memorizar e anotar no diário depois... A conversa com uma mãe contando que sua avó é benzedeira, descrevendo alguns ritos, os significados daqueles saberes para a família... O quanto ela acreditava que movimentos como esse eram importantes porque valorizavam a cultura! Alguns sorrisos, abraços, uma aceitação maior do que as expectativas (na verdade, combinamos de não criar expectativas). Sentimento de plenitude.

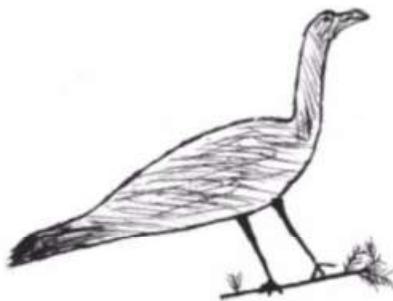
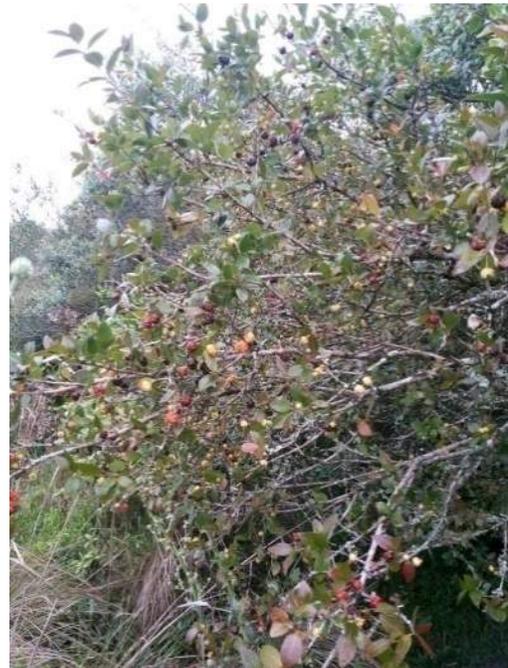
Aquele momentinho com os pais, tão esperado por nós, demonstrou a potência que tem trazer a família para a construção de uma proposta educativa. São TANTOS elementos para serem discutidos, não é mesmo? Coronilha, tu te lembra desse dia? Não haveria aula no dia seguinte, varamos a madrugada conversando. Por que é tão difícil se locomover aqui? É verdade, até um projeto de bicicletas idealizamos. Bem lembrado! O encontro com os pais deixou várias pontas, nossa ânsia era costurar, poder construir com eles. E o grande obstáculo? O encontro! Sabemos que depois desse viriam outros. Sem ingenuidade! Porém, primeiro precisávamos contornar esse.

Difícil, hein? Eu entendi do que se tratava o tema da mobilidade dias depois da nossa primeira ida a Herval, quando fiquei sem apoio. A equipe que mora em Porto Alegre havia regressado com o carro. Só eu tinha ficado. A derradeira situação para que eu realmente entendesse o que significa não ter transporte foram 8Km para chegar até a outra escola. Andando, a pé. O ônibus escolar passou 40 minutos antes do habitual, normalmente ele não carrega ninguém por ali nesse horário. Perdemos e o único jeito era gastando o sapato.



No caminho...

Muita, mas muita pitanga!! E até um Jacu...



Foi durante esse trajeto que entendi que o maior problema do agronegócio é que ele ultrapassa a cerca. Seu veneno não respeita o alamedado e invade o terreno do vizinho, contamina a água e seca o chão. A extensão de terra, a “necessidade” de milhares de hectares para sua “exitosa” produção é o que torna a coexistência com outras formas de vida/produção/economia impossível.



Mas, Coronilha, 8 km a pé? Passamos pela monocultura de soja, de eucalipto e de acácia. Só faltou a de Pinus que fica para o outro lado. Lembro do quanto foi “tranquilo” para a Guabiroba arrumar a bolsa, pegar o mate e ir. Lembro do quanto eu

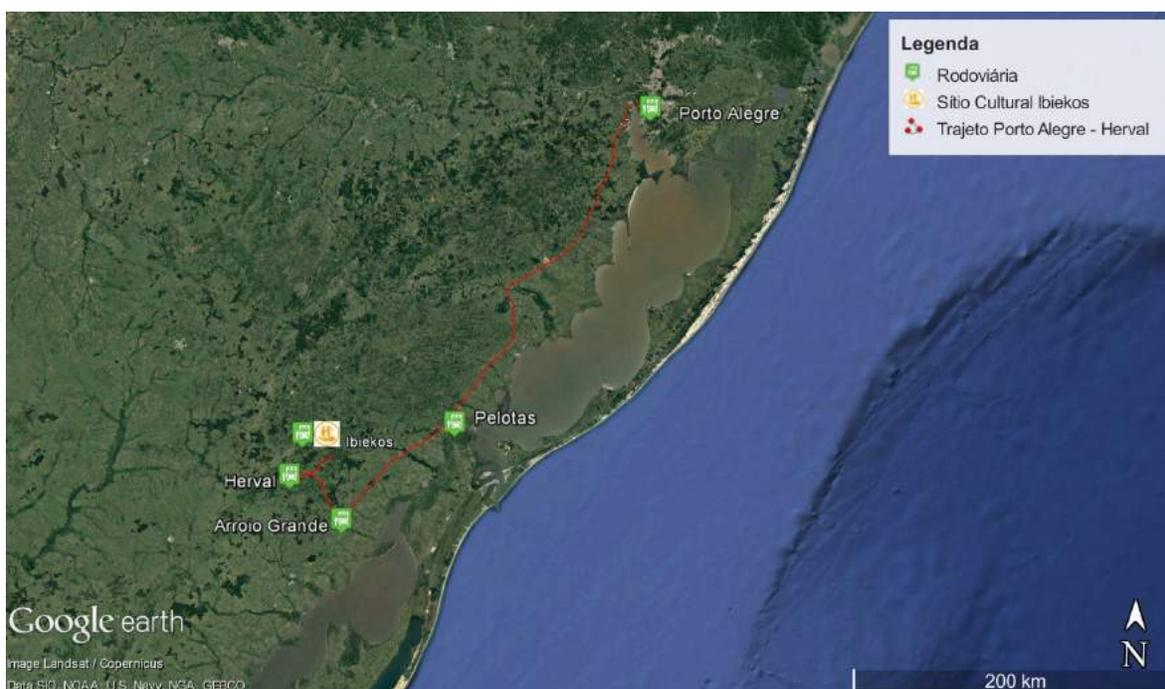
fiquei chocada. O transporte passou 40 minutos antes! São mesmo 8 km a pé? Na verdade, seriam 16km, porque na volta também não tivemos transporte. O ônibus não vai para o assentamento onde mora a Guabiroba e a Figueira.

Um professor muito simpático nos deu carona até um ponto, mais ou menos, 3km adiante. Caminhamos mais um tanto e outro veículo vazio nos deixou uns 2km para frente. Fiquei impressionada que no campo ainda se consegue carona! Chegamos a tempo do pôr do sol, lindo como só ele, cantando.

Todo dia o Sol levanta e a gente canta ao Sol de todo o dia... Fim de tarde a Terra cora e a gente chora porque finda a tarde... Só na espera da Lua.³⁶

³⁶ Música de autoria de Caetano Veloso, gravada no CD *Jóia* EM 1975.

De carona eu também cheguei até a estrada, uns 25 km da casa da Guabiroba, para encontrar o ônibus e pela primeira vez realizar o trajeto Assentamento – Herval – Arroio Grande – Pelotas – Porto Alegre. Graças à outra carona que eu consegui chegar a tempo para a aula, por que ônibus do Assentamento para Herval só passa na segunda e sexta e aquele dia era, provavelmente, uma quarta. Perdi as contas de quantas viagens fiz. Estimo umas 30. Será? Foram muitas.



E as idas e vindas me ambientavam a cada parada. Eu subia em um primeiro transporte em PoA às 7h. Esse tinha ar-condicionado e reinava o silêncio dos roncões. O clima se alterava gradativamente, até o encontro com o Zé Luis, motorista na minha última empreitada pelas 18h. Ali até pintinhos de galinha eram passageiros. Nesse último, nunca faltava um mate amigo, uma conversa com um recém conhecido, uma história, piada ou lenda da região. Não havia silêncio, era um diálogo constante.

Esse foi o único registro que encontrei!
Chegando em casa depois de um dia inteiro nas escolas!



Falando em viagem, olha o que tenho aqui: os meus primeiros apontamentos no diário! Um diário onde eu fazia muitas anotações, compondo com desabaços, angústias e percepções. Afinal as 10 a 15 horas viajando não poderiam ser desperdiçadas! Vamos ver o que considere importante lá no início dessa jornada!

- Como entendemos que as abordagens em relação aos temas do projeto são infinitas, todo e qualquer professor, funcionário, estudante, pai, mãe, integrante da comunidade poderá se somar, incluindo temas e ampliando a proposta. A mobilidade é um problema, como superar?

- O diário de bordo para os educandos pode ser uma estratégia interessante tanto para servir como memória coletiva dos nossos encontros e também como uma primeira relação com as famílias.

- Além disso, É importante garantir momentos onde novos parceiros possam conhecer, participar e aderir ao projeto. -> Para reduzir gastos e aumentar a aproximação podemos utilizar o espaço das feiras, festas, atividades na escola (entrega de boletins, reuniões dos pais).

Até fiz uma tentativa de poetizar...

Entendendo a relação território-corpo, com o corpo sendo território. O primeiro território de cada ser. O território, então, que é corpo se confunde com o que estamos acostumados a chamar de território. Não importa. Somos um só. Estamos juntos na existência e resistência. Mas ao lado está o território da exploração. Dos milhares de hectares sem valor, por que não possui vida, é apenas cifra. Viola o território corpo, viola o território chão. Viola o bem viver. Viola a vida. O território resistência se pinta de território luta. Luta para seguir existindo. Luta para seguir vivendo. Luta para seguir no território corpo. Luta para seguir vivendo no território terra.

O que escrevi e sublinhei no meu diário:

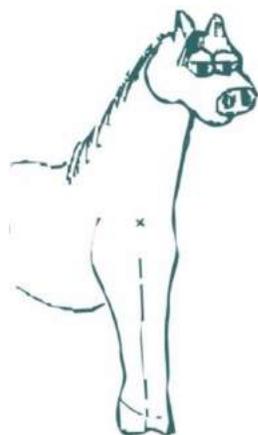
“se a gente não firmar o pé no território, quem vier depois não vai ter território para defender... então eu entendo que precisamos fortalecer essa relação com a terra, para que quem venha possa dar continuidade...”

... pão, pão, pão, pão, pão, pão...

Está ouvindo? Ó, alguém ali na casa quer sulear e animar essa nossa conversa, por que essa canção tem história...

Essa música envolveu uma discussão que estava prevista para ser apresentada na primeira atividade, mas acabou acontecendo na segunda em uma escola e na primeira em outra. Está bem, eu sei que tu não te importa quando aconteceu. Sem linhas do tempo, ok. O fato era que precisávamos de uma música, Coronilla. Era urgente e a discussão foi forte. Alguma metodologia usando música. Mas a música tinha que fazer sentido para as crianças. Na verdade, precisávamos, em cima dos temas e perguntas geradoras, pensar dinâmicas e a música foi uma das primeiras sugestões discutidas.

Um cantor bem tradicional foi citado e logo refutado. Se escutarmos atentos, suas palavras exaltam os patrões e latifundiários, algumas músicas eram descaradamente patriarcais. (Conselho: deleta da tua vida!). Como se não bastasse, não atraía os ouvidos dos educandos. Um dos adolescentes de forma objetiva e destilando acidez escreveu no *facebook*: “se vocês colocarem esse aí já não vão levar a sério de cara, isso aí é uma porcaria.” Para além do estilo musical, a questão da música serviu como gatilho para a discussão entorno da figura de GAÚCHO (um dos seres que habita o Pampa!) que queremos construir. Olha esse trecho que procurei nas conversas do Face:



O nosso projeto consiste em fortalecer, aos que já tem, e criar, aos que não tem, uma identidade pampeana. Escrevemos no projeto que acreditamos que a preservação do seu lugar está diretamente ligada ao quanto seu povo conhece, usa e valoriza o seu território. Porém, existe um esteriótipo de gaúcho pampeano, que é o estancieiro e o peão, um não existe sem o outro e os dois não existem sem o latifúndio. É a identidade que se canta na maioria das milongas e versos, é a que passa na televisão, a que o Movimento Tradicionalista Gaúcho cultua, ajudando o Estado a cumprir o seu papel. Acredito que não é esta identidade que queremos construir! Acredito que buscamos a identidade do gaúcho, mestiço, miscigenado de raças e crenças e culturas, que se criou no clima cheio de extremos do solo pampeano, onde as plantas são mais densas, crescem lentas e

com mais fibra, onde o tempo severo deixa a fruta mais doce. Lugar onde criam de tudo e tem farmácia no mato e no jardim. O gaúcho que ama o cavalo como pazeiro, amigo, e não como servente. O que coloca nome nas vacas, e adora amamentar um guacho. → [filhote de cavalo ou ovelha que por algum motivo é abandonado pela mãe ou retirado dela, por isso cresce na volta da casa com cuidados especiais]. Que presa pela amizade e nunca deixa alguém passar mal, se ajuda, se troca. Se existisse um super herói gaúcho, sua arma secreta seria um pedaço de arame. E ele usaria bota e bombacha porque é confortável e não porque está na moda ou é setembro...

Eis que:

-Tem a música do Giancarlo Borba, ele se criou aqui no Basílio, foi nosso colega na escola, é nosso amigo e parceiro.

- Me diz uma para eu procurar...

- Sonho ao pé do latifúndio, essa letra é do saudoso Osmar, foi nosso professor e lembro direitinho deles pensando essa música...

Música para os nossos ouvidos...

Do lado de cá da cerca
Me farto de sonhos bons
Quero um pedaço de terra para me fartar...
De vinho e pão, pão, pão, pão,
pão, pão, pão, pão...
O trigo para o meu abrigo da fome e da solidão.
Casa, lida e prenda a primeira do...
Do coração, ção, ção, ção, ção, ção, ção...
Com quem reparto o trabalho
As horas do chimarrão

Repartir o mel e a canha
As luas e as ilusão...
Preparar a terra para um mundo novo
Forçá-lo a brotar do chão
Preparar a terra para um mundo novo
Forçá-lo a brotar do chão

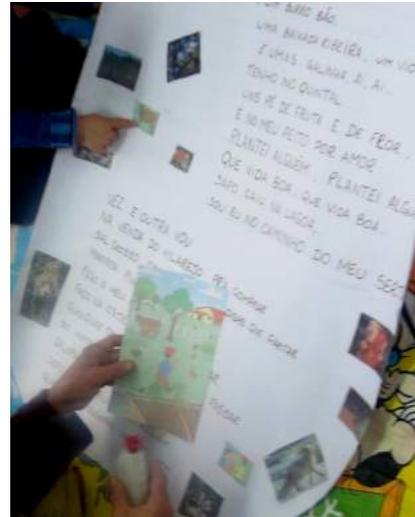


De vinho e pão, pão, pão, pão,
pão, pão, pão, pão, pão...

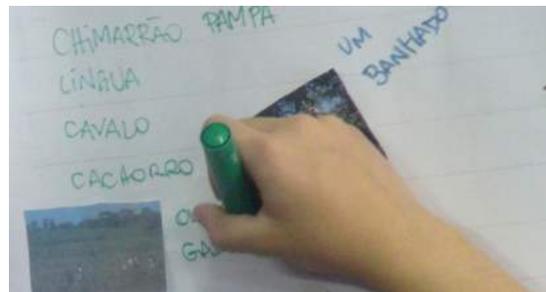
Todos nos apaixonamos pela música, inclusive os adolescentes (participantes do CEP) gostavam dessa. Ela foi escolhida como “a música do projeto”, mas, será que toda gurizada da escola ouve essa música?

O que é sucesso (“tunt, tunt”) nas festas da escola? Qual música todo mundo sabe de cor? Qual é a preferência? Por sorte, temos um infiltrado. Nosso parceiro número 1 em assuntos secretos da juventude hervalense, tu sabes quem é Coronilha. Não, não vou entregar a fonte. A sugestão: Victor e Léo “todo mundo gosta”. Nessa primeira, vamos certos! Procurando, veja bem o que encontramos, ótimas músicas para se trabalhar a valorização da cultura local. Mas, espera aí, gente, eles são de Minas Gerais.

Alô? É preservando o Bioma Pampa! “E daí?”, perguntou Marmelo. “A gente pode fazer uma paródia”. É, realmente nem tudo precisa estar pronto quando pensamos uma intervenção pedagógica. “Deixemos o trabalho para eles, uai” Foi assim que surgiu a pergunta: “E se o Victor e Léo fossem pampeanos, como ficaria essa canção?”



Os nossos queridos infiltrados! Eles davam dicas, colocavam suas opiniões e construíam a ação ombro a ombro! (sempre que não dormiam com os pés destapados, segundo suas respectivas mães)! E, claro, criticavam!



Bah, mas pensa em uma crítica sincera, sem filtro, sem pudor? “ninguém gostou, todo mundo acha que é um projeto chato que não vai para frente”, o pulo do gato foi conseguir transformar a destruição em colaboração. Mas, daquela vez o comentário tinha razão de existir. Era sobre a primeira atividade, esperávamos 20 e nos receberam com 55 adolescentes na sala de aula e sem possibilidade de ir para o ambiente externo. A atividade realmente tinha sido um fracasso.

Eu não sabia se a tristeza era por não ter cumprido com as nossas expectativas ou por ter me deparado com a realidade da escola! Os acordos de

tempos para a atividade não foram cumpridos, uniram todas as turmas do Ensino Fundamental e naquele dia apenas os professores das séries iniciais participaram. Saímos frustradas, havíamos combinado uma coisa e por motivos que já nem importam mais a escola nos apresentou outra! Mas principalmente, saímos inquietas. Foi horrível! Era tanta gente que levou uns 40 minutos só para organizar uma roda e lá se foi metade da atividade, por que o “turno / todo o período da manhã” que idealizamos se resumiu a uma hora e meia. Talvez não tenha ficado óbvio que não era uma palestra que iríamos fazer. O planejamento foi para a “cucuia”, estava quente, abafado, o Guamirim (filho da Guabiroba) começou a chorar, ficamos entre duas e o infiltrado... Ele salvou um pouco a atividade.

O som não funcionou e a música do Victor Léo perdeu o sentido. O gelo estava instaurado. Desdobramos de um lado para outro tentando que ao menos alguns interagissem. Alguns comentários depressivos em relação à lida do campo, que no fundo questionavam a importância do projeto. O infiltrado agiu, mostrando filmagens da câmera reproduzidas na parede (*ele descobriu um aplicativo que eu não fazia ideia que existia*) era a gravação de uma abelha nativa que havíamos encontrado no dia anterior. Finalmente um cochicho na sala, alguém sabia tirar mel dela. Até que enfim se rompeu o silêncio. Alguém entra: “vai valer nota”. NÃÃÃÃO... Desconstruímos assim que pudemos. Não era essa a intenção.



“A avaliação” por Tonucci em 2007.

- Voltamos a falar em adesão? - Mais uma tentativa, essa atividade foi muito chata, mal usamos o Earth. - É verdade, mas, pelamordadeusa, todas as séries finais do fundamental é gente demais! - Precisamos rever os acordos com a escola!

Essa versão está um pouco defasada, a Coronilha não aceitou a conversa em linha do tempo, mas o que importa é que isso era o que tínhamos até colocarmos o pé na escola e nos depararmos com sua realidade e particularidades. Então, aqui vai o resumo do nosso planejamento:

1º) Roda de apresentação (nome, saberes e fazeres da lida diária que prefere); Conversa sobre o projeto e o primeiro dia de atividades;

2º) Apresentação dos filmes específicos para cada série (*Pateta, o Gaúcho* para as séries iniciais e *RS Biodiversidade – Bioma Pampa* para as séries finais do Ensino Fundamental); Problematização sobre quem é o Gaúcho? Como ele é? O que gosta de fazer? Como vive a vida? Qual a relação do Gaúcho com o Pampa? O que tem na pampa? Bichos e plantas?

3º) “Quem já ouviu falar sobre o Google Earth?”: Navegação *off-line* no *software*, anotação das perguntas e problematizações para aprofundamento e valorização das falas; Nós, o GBio e os pais podemos questionar “O que temos em comum com outros povos?”, “Qual a importância do nosso bioma no planeta?”, “O que é cultura?”, “Será que foi sempre assim? O que mudou, desde o tempo dos nossos avós até hoje?” Gbio e familiares podem contribuir, distribuiremos as respostas nas quais eles vão participar, para que a fala seja dinâmica e fique mais com os educandos; Identificação do trajeto, das casas e do entorno;

4º) Montagem do mapa físico, utilizando o computador e o conhecimento sobre o próprio território como referencial; 5º) Finalização com uma paródia da música “Vida Boa”, interpretada por Victor e Léo a partir da composição de Victor Chaves, seguida da pergunta geradora: “Se o Victor e Léo fossem gaúchos, como ficaria a música?”

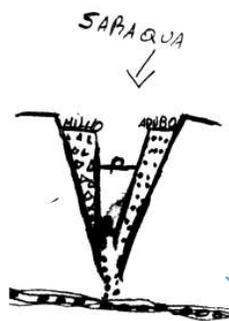
Mas, também não vamos pender ao pessimismo. A avaliação com as séries iniciais foi de uma boa atividade, percebemos que muitas coisas favoreceram: turmas menores, professores acompanhando, música funcionando (inclusive a do pão, pão, pão!!), gente sem vergonha! Brincadeiras ganharam sentido, o *Earth* desempenhou a função que imaginávamos de provocar as mais variadas perguntas: “por que no lado de lá da pampa falam espanhol?”, manifestações de pertença sobre as lidas diárias na pampa, contavam como se faz churrasco, como prepara a carne, como cuida da horta, como tratavam os bichos e quando surgia uma pergunta da roda e os olhares eram atentos, fazíamos o esforço de buscar outras respostas...



Para os mais tímidos os momentos de divisão em grupo e confecção de materiais de forma coletiva eram importantes. A valorização das pequenas expressões também trazia confiança para que participassem. Aliás, tu sabes

que, o fato de eu ser urbana, trouxe um elemento interessante na ação pedagógica? Descobrimos esse potencial no dia que passamos o filme do *Chico Bento*, para as séries iniciais, em que ele recebe o seu primo que veio da cidade e o ensina as lidas diárias de quem vive no campo.

Em muitas avaliações, discutimos a tal “vergonha de falar”, a timidez em participar e colocar a opinião. Fazer crer que o objetivo era resgatar o conhecimento dali, que a intenção era o diálogo sobre a realidade deles. Como as falas traziam conhecimentos populares e palavras desconhecidas para mim, a minha postura era de quem realmente não sabia e estava se importando e confiando no que iam me ensinar. A primeira reação vinha com uma desconfianzinha, mas aí quando percebiam que eu realmente não tinha a menor ideia do que estavam descrevendo, de que eu não estava testando seus conhecimentos, de que a pergunta era uma curiosidade verdadeira. Piadas com a urbana aqui, é o de menos, quase estimulávamos. Ah, a intensidade na participação!



«Os jeitos de manejar a terra pode ser com **trator, boi** e até com cavalo. Primeiro passa o arado que vira a terra em torrões grandes e depois a grade que serve para deixar a terra fofinha. Enxada e pá para capinar, rastilho que ajuda a arrumar o canteiro, matraca ou **saracúá** que serve para **plantar sementes.**»

- Sara... o quê? Perguntei, pela terceira vez... - Saracúá! - Saracúá!



Foi difícil fazer com que os adolescentes acreditassem que realmente queríamos ouvi-los. O ápice de desenvolvimento da conversa aconteceu durante a explicação para retirar o mel das abelhas. Foi bonito. A professora Anacauíta não sabia como era o manejo e queria fazer na sua casa, fez um monte de perguntas, mas veja bem... Perguntas verdadeiras! Também sobre a doma racional, porque “qualquer um pode fazer já que não leva em conta a força, mas sim o jeito com o animal”. Eu vi olhinhos brilhando, aquela sala conturbada, cheia de falas e expressões. BAGUNÇA! Adoramos bagunça na sala, é uma expressão natural de uma turma participativa. Essa atividade aconteceu quase no “final” do projeto, estávamos terminando a feitura do livro! Algumas lacunas, mesmo após a sistematização atenta aos Diários de Bordo, foram percebidas por todos. Mostramos os saberes reunidos e alguns tiveram a iniciativa de desenhar o que estava faltando, ou contaram com detalhes processos que não haviam sido descritos, lembravam de chás, plantas, bichos, ferramentas. Aos poucos todos deixaram algum vestígio, uma contribuição, um saber para o livro.

- Por que os saberes são importantes? Precisamos escrever isso no livro... - Pode ser um poema?

Sabia que o sabiá sabia assobiar?

Sabia que para comer tem que plantar?

Sabia que o nosso mato doença pode curar?

Sabia que além de gado, muita coisa na pampa dá?

Sabia que sem trabalho e conhecimento nada vai mudar?

Sabia que sem gente na terra comida vai faltar?

Sabia que o saber dos mais velhos para as crianças tem que passar?

Sabia que as crianças com todo o saber o mundo vão salvar?

Mas, aquela atividade tinha algo especial, evidente, foi logo depois da visita ao Sítio Ibiekos e o bom humor permanecia. Ah, estavam também duas mães! Percebemos que enquanto elas dividiam (quem divide e também ouve) suas experiências de forma



sincera, demonstravam prestígio pela atividade. Esse foi um componente que desinibiu seus filhos e, em seguida, eram 5, 6 e, depois, toda a turma interagindo. Foi o melhor quebra-gelo! Ah, o fato de sentirem o livro deles criando forma, sim. Até assinatura iria ter! A questão da representatividade, de enxergarem seus desenhos, suas letras, suas impressões em um livro. “Vai dar um monte de página, hein?” A única coisa que atrapalhou foi a câmera, desligamos, dividimos em grupos e fluiu.

Todos os que estavam naquele dia tinham participado da saída de campo, lembra Coronilha? Muitas reuniões de planejamento e um esforço para articular as agendas e transporte para todos os atores que queríamos reunir, isso é: a



escola, o grupo Bio, a EMATER e nós do CEP (incluindo os educadores do Amigos da Terra/PoA). Fizemos uma caminhada dentro do Assentamento, mostrando e discutindo experiências práticas em agroecologia e bioconstrução no Sítio Ibiekos. Uma das mães propôs a leitura de uma poesia em roda, bem embaixo do Umbu. A poesia falava da importância da Terra, da vida na terra, da luta pela terra, da conquista de viver da terra. Aí seguimos, fomos para o mato, o manejo do mato que permitia a inserção de canteiros agroflorestais, o conhecimento da função de cada planta.

Mesclando saberes, gerações e sementes

Esse dia foi o mais bonito de todos durante o projeto FSA. Ele fortaleceu o sentimento de coletividade. Foi o momento mágico de integração entre os Griôs e a juventude. Lembro bem de como aconteceu, da preparação no dia anterior. Reunimos o Grupo Bio e a EMATER na casa da Figueira, combinamos a agenda e o dia de atividades e falamos do que considerávamos importante de ser conversado com os estudantes.



Os integrantes do Grupo Bio enfatizavam a importância do encontro para o próprio Grupo em possibilitar adesão dos mais jovens em uma busca agroecológica na região. *“A gurizada tem que enxergar futuro aqui, valorizar a terra que pode nos dar tudo e nós estamos precisando de mais gente, essa gurizada pode dar novos rumos para o grupo”*. O partilhar de experiências por meio da contação de “causos” era uma característica forte em todos. Como o grupo sabia de outros encontros, contávamos com suas presenças para compartilhar experiências dentro da busca por autonomia e pela soberania alimentar na região.

Conversamos sobre uma dinâmica que discutimos várias vezes e tentamos realizar com os pais, mas nunca aconteceu porque os encontros eram raros e com pouco tempo. Ela se chama “dinâmica do prato” e objetiva discutir a mudança de culturas. Por exemplo: o que seus pais comiam quando eram jovens? Escreviam e desenhavam no prato. E o que você come hoje em dia? Mas aí alguém problematizou como iríamos desenhar com tantos adolescentes em campo aberto. Veio de uma senhora do grupo Bio a ideia de levarmos

alimentos para compartilhar. *[ela sempre nos trazia amoras, doces, queijos...]*

A dinâmica do prato não ficou com um responsável, mas todos sentiram-se comprometidos. Depois disso, levantamos pontos que seriam importantes, por exemplo: estimular a pergunta, para podermos partir do conhecimento dos educandos. Animar as conversas a partir daquilo que fosse questionado. Suleando o diálogo com base no que eles sentissem vontade de conversar. Também combinamos de proporcionar mais tempo em pequenos grupos porque as grandes rodas inibiam a fala dos tímidos. Na verdade, mais do que dos mais tímidos, avaliamos que a relação de poder entre “*quem sabe mais*” e “*quem sabe menos*” se dissolve melhor em pequenos grupos.

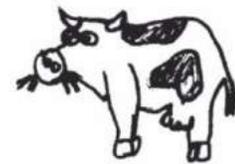
Nas reuniões que fizemos antes do grande dia, também combinamos de atuar em coletivo. Éramos 8 educadores e deveríamos sentir essa responsabilidade de facilitar que os pequenos grupos se formassem espontaneamente, além de buscarmos a interação e integração entre os diferentes atores nesses pequenos grupos.

Busquei nossas conversas do *Facebook* no período anterior à saída de campo e encontrei um relato bem suleador sobre o entendimento do grupo em relação ao desenvolvimento do projeto e apontando perspectivas para o encontro. Foi o principal ponto de pauta o *como seria a ação coletiva*, porque até então só quatro, do grupo de oito educadores que constituíram o CEP, estavam envolvidos na execução das atividades discutidas e planejadas no ambiente online:

Buscamos criar um ambiente de interação que proporcionasse o interesse, a vontade de descobrir; nunca temos respostas, ao contrário, valorizamos as verdades e percepções das crianças. Até porque as respostas não estão prontas, não existe certo e errado quando falamos dos nossos saberes. Por isso partimos das suas realidades (com relatos sobre o que fazem e o que gostam de fazer de forma falada, escrita, sistematizada em cartazes, em pequenos e grandes grupos, no diário de bordo, com filmes, músicas...). Avaliamos que conseguimos transitar sobre o ambiente onde vivemos (o bioma Pampa), levando a "pensar sobre a origem dos saberes" (cultura

imposta, cultura ancestral...) Percebemos que muitos, especialmente os educandos das séries iniciais envolveram as famílias, apesar de termos tido apenas um encontro com os pais e de não ter transporte para estender o convite, esperamos que venham 4 ou 5 familiares. Conseguimos garantir a presença do grupo biodiversidade que serão parceiros para abordagem do tema “Soberania Alimentar”, sem esse nome, evidente. Não que já não tenham escutado a expressão, mas pode ser uma palavra alienígena, sem pertença, originando uma resposta pronta. É subliminar... As práticas de agroecologia proporcionando um ambiente sadio, produzindo comida boa, a própria presença do Grupo Bio, como uma experiência de trabalho em coletivo, da importância das trocas, seja de vivências, saberes ou sementes. Aliás, estamos preparando um cartaz com sementes crioulas para usarmos no dia!

Mesmo sabendo que o encontro havia sido ponto de pauta por mais de dois meses, confesso Coronilha, estava nervosa. Eu gostaria que estivesse mais organizado. Estávamos todos ansiosos, muitas coisas podiam não dar certo, inclusive poderia chover! Fizemos um roteiro de onde iríamos, quais eram os pontos do Sítio Ibiekos com mais elementos para discussão, combinamos de nos dividirmos em pequenos grupos de forma *espontânea*, conforme os adolescentes iam se interessando e fazendo perguntas estaríamos problematizando, por exemplo: o manejo agroflorestal do mato com plantas nativas; plantas companheiras, alimentícias não convencionais e terapêuticas; tecnologias sociais presentes no sítio como a fossa ecológica e as diferentes formas de construir com terra (uma casa de torrão de leiva, uma casa de adobe, um viveiro em pau-a-pique e as geodésicas em bambu), e o pastoreio rotativo como aliado para a produção animal agroecológica.



Era o momento mais esperado do projeto! Por muitos imprevistos não tínhamos conseguido, até aquele momento, aproximar os Griôs do ambiente escolar. Não sabíamos como seria a interação. Mas, eis que no dia seguinte o Grupo Bio nos brinda com simpatia e desenvoltura com a *gurizada*:

Um chegou carregando uma caixa de lanche para repartir, colocou ela no

centro da roda e começou uma prosa.



“- Esse aqui ó: é *feinho* igual a cara do dono. Mas nem remédio, nem veneno eu passei” Ele disse levantando a produção agroecológica colhida naquela manhã. Todos caíram na risada.

“- Quem come sem veneno aqui? Eu quando tinha a idade de vocês não comia o que eu plantava. Não sabia o que eu comia. Até que eu fui trabalhar na indústria. Já viram salsicha sendo feita? Credo. 'Deus o livre'. Aquilo é um nojo só”.



Atenção total de alguns, outros estavam hipnotizados perguntando como tinham tantas garrafas coloridas no viveiro de pau-a-pique.

E assim os grupos foram se formando, rodinhas de conversa sobre diferentes temas.

“- Quem quer suco de limão, couve e bergamota?”

A rodinha guiada pelo Forma e pelo Seu Paulo contava a diferença da vida de hoje com a vida que eles tinham antes de chegar *no* Herval. Quase como uma dinâmica do prato

conversada, fruída...

“- Eu saí do Assentamento no norte do estado por que não tinha mais como viver lá. Era tudo, tudinho soja. Eu não quero ver isso de novo, não quero ver a soja tomando conta. Não quero ver meus vizinhos adoecendo.”

Nesse momento uma professora me puxa e diz “-É complicado falarmos disso aqui, perdemos o irmão de um estudante no ano passado. Ele trabalhava na lavoura, caiu em um tambor de químicos [leia-se agrotóxico – *Round up* – *glifosato*]. Foi muito triste, o corpo não pôde ser enterrado, se desmanchou.

GELEI. ME CONGELEI. inDignaÇãO. dEseSpero. rEvoLta.

No canto do olho eu enxergava uma conversa animada sobre como a casa de adobe tinha sido construída. Grupos mistos se conversando, bem como imaginamos. Lembrei que eu tinha que seguir com a atividade, mesmo com aquela informação. Meu grupo estava disperso. Eu disse para a professora que estaria atenta a qualquer situação de conflito. [atenta eu fiquei, mas o que eu faria? não tinha menor ideia.]

Como imaginamos, no grupo maior as falas se arrastavam nos adultos. Mas havia uma conversa generalizada, naturalmente caótica, com perguntas sobre bioconstrução, permacultura, agroecologia:



“- Tu construiu sozinha essa casinha? - Sim, com ajuda da família. Mas todo o material estava aqui.”

“- O que tu usou?”

“- Ah, usei terra, madeira, garrafas de vidro! A gente chama de pau-a-pique.”

O tempo estava passando e o turno da manhã parece que voa! Reunimos o grupo na geodésica para conversar um pouco sobre o lugar e o caminho que faríamos até a outra casa, a qual também compreende o Sítio Ibiekos. – a casa do teu lado Coronilha.



Em outro canto, nas plantas medicinais e alimentícias não convencionais uma rodinha estava borbulhando de perguntas:



“- Essa aqui é mil-em-rama? - Sim, chamam de pronto alívio porque é analgésica, mas também é antiinflamatória. - Minha mãe chama de novalgina.”

“- E essa aqui? - É a Capuchinha, ou a alcaparra do gaúcho! - Se come a flor e a semente também? - Sim!”

Caminhando e conversando chegamos embaixo de ti Coronilha! A casa aqui foi o que mais chamou atenção. Todos almejavam apalpar o rancho, sentir ele por dentro, comprovar a diferença de temperatura, perguntar sobre a forma de construção. Estavam curiosos, inclusive os professores. Os *Griôs* do Grupo Bio encontraram-se enquanto educadores e comentavam tudo que estava no entorno: as plantas, a importância e a iluminação no manejo do mato. Nós nos olhávamos e sentíamos que tudo estava ocorrendo bem!



O pessoal da EMATER fez uma fala valorizando o agricultor que está no campo, produzindo alimento saudável e que estava feliz de compartilhar esse momento com a escola, com a juventude que é “o futuro daqui”.

Um pai destacou a importância de momentos como aquele para resgatar o amor pela terra e a vontade de seguir construindo formas de viver da terra, destacou que como o Sítio Ibiekos e o Grupo Bio, outras famílias também viviam a busca diária pela agroecologia e que trocas de saberes, mudas e sementes eram fundamentais para o fortalecimento dessa construção.



Quando chegamos embaixo de ti penduramos o painel com mais de 60 sementes crioulas que construímos para a atividade, aos poucos muitas sementes foram compartilhadas na roda.

Mas por que as sementes são tão importantes quando falamos de autonomia campesina e de soberania alimentar?



Difícil encontrar palavras para expressar a alegria e os significados de estarmos



com todas as gentes compartilhando sementes crioulas, cultivadas há tanto tempo. Como disse um casal de guardiões dessas sementes sagradas: “Faz anos que nós temos essas sementes. As outras que têm por aí é tudo transgênico. Tu planta e no próximo ano precisa comprar de novo e é muito caro. Não é fácil produzir semente. Muito pouca gente cultiva a

semente crioula, mas o que importa é que sabemos que assim teremos sementes saudáveis”.

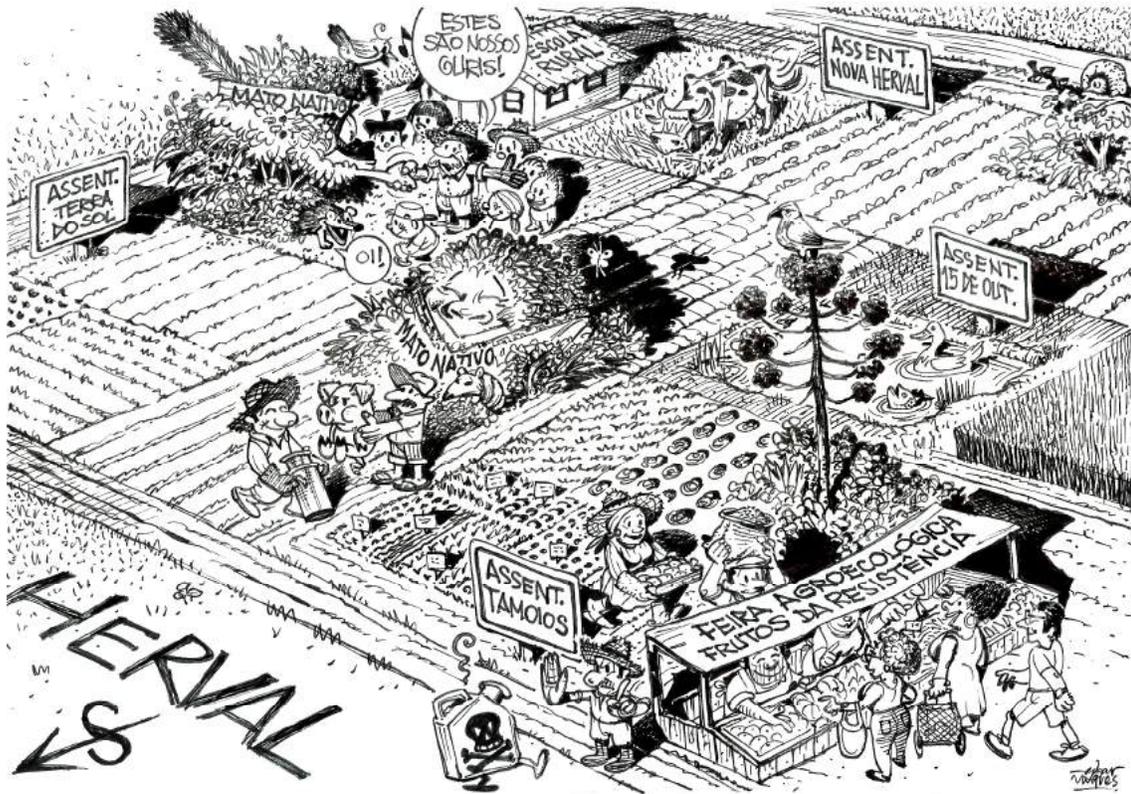
Convido novamente Vandana Shiva com o seu livro *Monoculturas da Mente* (na página 17) a nos inspirar:

“Proteger as sementes nativas é mais que uma questão de preservar matéria-prima para a indústria da biotecnologia. **As diversas sementes que agora estão fadadas à extinção carregam dentro de si sementes de outras formas de produzir para satisfazer nossas necessidades.** As monoculturas são uma fonte de escassez e pobreza, tanto por destruir a diversidade e as alternativas quanto por destruir o controle descentralizado dos sistemas de produção e consumo.”

Por isso o nosso filme recebeu o nome de **Sementes Crioulas de um Mundo Sem Veneno**. Apesar das dificuldades impostas por esse sistema de morte, sementes crioulas germinando desafiam a monocultura da mente, do currículo, do solo, da economia, da vida. Desafiam porque não se deixam encaixotar e sem padronização não há sistema. É, Coronilha... Tu sente as similaridades da juventude camponesa com as sementes? Representando não só a resistência de seguir existindo, mas também como potências transformadoras para esse urgente mundo sem veneno, movimento contracorrente, mas coerente em uma sociedade envenenada. Constituem vida que pulsa e insiste em pulsar em outro ritmo, no ritmo da cultura, do ambiente.

Os elementos trazidos pelo Grupo Biodiversidade, pelos educandos, pelos pais dos educandos e também por nós, coletivo de educadores,

complementaram a charge que te mostrei naquela conversa sobre a atividade do mapa! Nasceu a charge da agroecologia! Ou melhor, *a imagem que fala mais do que mil palavras* desenhando o que queremos construir, o que estamos construindo, passo a passo.



A monocultura do solo no espaço escolar: adestramento ou educação ambiental?

Me pergunto qual mensagem devemos deixar para quem vai ler a nossa conversa. Guardei uma carta na manga para este momento chave. A situação de maior conflito. O momento em que a frustração e o medo de seguir avançando quase nos imobilizou. Aconteceu logo no início das atividades e poderia ter alterado todos os rumos.

“Uma empresa de celulose vai patrocinar a festa da escola.”

[Pausa para respirar.]

Havia muita expectativa para aquela festa, data certa no calendário escolar. Um dos raros momentos no ano em que toda a comunidade se encontra, uma vez que o transporte é assegurado pela prefeitura. Para nós, seria o primeiro momento de integração com os pais, com o Grupo Biodiversidade, com todos. Para os assentamentos, especialmente para a juventude, era “A” festa do ano, momento em que acontecia o torneio de futebol e o famoso “*baile*” na comunidade.

A notícia não chegou pela *instituição escola*, chegou por um dos educandos em um espaço informal. Perguntamos aos professores que estavam envolvidos nos planejamentos pedagógicos sobre a tal “parceria” e eles também ficaram atônitos. Dias depois, a informação “completa” era que a empresa havia procurado a escola oferecendo recursos para atividades culturais e que sabia da festa programada, em troca do apoio financeiro a escola deveria abrir as portas para a divulgação de sua marca, acompanhada de uma atividade de “educação ambiental”. Sabe aonde a empresa sugeriu que o dinheiro fosse investido? Em troféus e medalhas para os campeões do futebol. Que emblemático, não concorda Coronilha?

Após muitas discussões internas optamos em não participar da feira, pois o projeto obviamente, para nós, não poderia dividir o espaço pedagógico com representantes do setor que historicamente viola os direitos da comunidade. Também não poderíamos cair no erro de “culpar” a escola, por compreendermos a fragilidade da instituição, que possui poucos recursos para executar suas atividades, que aceitou o financiamento por entender que para os estudantes os troféus e medalhas seriam importantes, teriam significado. E de fato concordamos que teriam/tiveram, apenas não aceitamos que o artefato simbólico que representa o êxito, a vitória, contenha desenhos de eucaliptos e muito menos que uma empresa se responsabilize pela educação das crianças.

E tu lembra o que aconteceu na feira, Coronilha? Na prática, a atividade de “educação ambiental” era a entrega de panfletos que “desvendavam o mito de que o eucalipto necessitava de tanta água para o seu cultivo” e terminava com “dicas” de sustentabilidade para economizar água em casa. As dicas eram as mesmas vistas em panfletos que são distribuídos na cidade, por exemplo: “ao escovar os dentes, desligue a torneira”, “molhe as plantas ao amanhecer e ao final do dia”, e por aí vai! A sensação é de que lógica dominante estava ultrapassando os muros da escola. Mais do que pulverizar o veneno, estavam pautando o que as crianças e seus familiares aprenderiam de forma direta e reta, de cima para baixo, do norte para o sul. A monocultura do solo estava adentrando às mentes.

E então faço a pergunta que não estava prevista no início deste projeto de dissertação: Qual a diferença da educação ambiental que construímos durante o projeto e a educação ambiental proposta pela empresa? Poderia citar o que está escrito no capítulo “Educação Ambiental” (página 28 e 29) sobre as diferentes tendências, a nossa estaria relacionada à vertente crítica, enquanto a da empresa tem um recorte voltado aos interesses de mercado, voltada para manter a situação: milhares de hectares de eucaliptos, ninguém questionando.

Porém, tem algo mais profundo a ser analisado: quantos leram o material distribuído pela empresa? E quanto acreditaram no que estava escrito?

Podemos chamar a entrega de um panfleto de educação ambiental? Podemos chamar de educação? Não. Não podemos. Apesar das tentativas empresariais, como nos ensinou García, principal teórico da vertente que optamos em seguir, processos educativos exigem uma abordagem muito mais complexa do que expor “verdades ambientais”. Nossas “verdades ambientais” são bem diferentes das expostas pela empresa, mas essa não é a questão. Aprendemos juntas e renascemos enquanto educadoras ao nos preocuparmos com a horizontalidade da construção dos saberes, ao darmos atenção para as verdades trazidas pelas crianças e adolescentes, ao buscarmos a participação da comunidade e mais do que isso, ao ampliarmos o conceito de comunidade escolar propiciando encontros entre gerações para trocas de saberes. E, principalmente, compreendemos que para ensinar é preciso estar disposto a aprender e que isso é o que importa se queremos construir e não reproduzir conhecimentos.

Avançamos só alguns passos para o nosso horizonte, porém esses passos foram caminhados da forma mais coletiva e horizontal possível. Possível? Sim, pensar uma proposta pedagógica que construa conhecimentos em uma escola rural com tantas fragilidades (para citar algumas: mobilidade, escassez de recursos, um quadro de professores sobrecarregados, dificuldades em garantir a participação da comunidade, jovens camponeses desejando a vida urbana) exige esforço, é de veras contracorrente. Se conseguimos chegar na autonomia camponesa e na soberania alimentar? Ainda há muito caminho a ser percorrido. Mas podemos dizer que evoluímos enquanto educadoras e conseguimos plantar sementes de diversidade em cada fissura que encontramos na escola.

Sementes de diversidade brotando em meio às fissuras

Algumas fissuras repercutiram em palavras ao “final” da nossa caminhada, trouxe para ti, Coronilha, algumas das minhas preferidas:

“Conhecer projetos que valorizam a terra e os trabalhadores da agricultura me ajuda a gostar mais do meu lugar. Onde eu moro é um lugar puro com muita natureza em volta. É um lugar aonde a esperança de um mundo melhor com a natureza e com todos nunca morre.” – Manifestação de uma estudante em uma atividade “final” do projeto.

“Eu acho que o projeto provocou mais integração entre eles (estudantes). Só falta um pouco mais de incentivo para eles, não é? E (incentivo) também para nós transformarmos a nossa escola em uma escola do campo. Por que o que eles querem hoje é estar lá na cidade... Mas a gente sabe que o

o importante é a gente ter as nossas raízes. Então, eu acho que resgatando... Eles lembram do que a vó diz, do que a biza diz, e ele se sente valorizado em cima disso. E com o meu (filho) mesmo, eu achava interessante porque ele se dava conta (e falava): “a vó disse isso, a biza disse aquilo”. Então dá mais valor até para as pessoas idosas da família. E realmente deu sentido no que é a vida, a família, os amigos e a terra, né? Fez, na verdade, uma ligação entre todos os sentidos. Então eu acho que foi muito bom o projeto. E agora a gente tem que seguir trabalhando em cima disso, no campo, com saberes... Com o que é importante.” Mãe de dois estudantes em uma atividade “final” do projeto.

“Agradecemos principalmente aos estudantes, que abraçaram a ideia de investigar e conhecer o Bioma Pampa de nossa região, como forma de protegê-lo da expansão das monoculturas, que a tudo destroem. O mérito da exposição e reconhecimento deste trabalho em tantos espaços neste ano é de vocês, de suas famílias e comunidade que RESISTEM a todas as dificuldades e permanecem no campo, lutando pelo direito a viver com dignidade, respeito e valorização do seu trabalho. O incentivo a esta proposta surgiu de mulheres-mães assentadas que acreditam, assim como nós, que a educação é o único caminho para construir AUTONOMIA e a consciência coletiva que são fundamentais para preservar o que resta de nossa BIODIVERSIDADE. Nós fazemos parte dessa história!!” – O cartaz foi feito por uma professora e colocado junto a dois *banners* divulgando o projeto. Esses painéis foram apresentados durante a 2º Mostra Pedagógica do CPERS/Sindicato (Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul - Sindicato dos Trabalhadores em Educação) no núcleo de Pelotas, a partir desta exposição a proposta foi selecionada para representar a região na 2º Mostra Pedagógica Estadual que aconteceu concomitantemente com o Encontro do Movimento Pedagógico Latino Americano.

Aspas em “final”, por quê? Fizemos encontros de fechamento, é verdade. Mas rapidamente passamos a formular outras propostas, antes que uma sensação de “fim” surgisse, movimentos e sentimentos apontavam para a continuidade das nossas ações com objetivos comuns. Rememoremos algumas frases que anunciaram o Sul para essa nova rota:

- “O que eu mais gostei? Das casas de terra, porque todo mundo pode fazer e ficam

lindas.” Avaliação de uma estudante no retorno da visita ao Ibiekos.

- “Se lá na casa do ... (estudante que mora no Sítio Ibiekos) eles construíram as casas sozinhos, a gente também conseguiu! Por que não?” Manifestação de um estudante após a visita ao Ibiekos.

Os educadores da escola foram provocados pelo mesmo tema, em uma conversa um dos professores apontou para essa direção:

- “Sabe o que eu notei naquele dia quando o pessoal começou a conversar? Tinham alguns jovens que no início estavam com o pézinho um pouco atrás, eu vi que brilhou os olhinhos deles escutando aquele senhor, aqueles saberes que ele tava passando ali. E aquilo eu fiquei observando, foi uma das coisas que me chamou muita atenção. **E a gente tem o sonho agora de fazer alguma coisa prática na escola. Uma das coisas que a gente pensou é construir um galpão, ou algo que possa ser usado em atividades da escola, assim com esse material que a gente viu, totalmente orgânico, feito com terra, aquele material que a gente conheceu lá (Ibiekos).** Temos pensado nisso e o grupo de professores que tem participado mais atuante no projeto também gostou da ideia. Imagina se isso realmente vier a se concretizar vai ser muito importante, para a escola, para a comunidade. Isso é questão também de saberes, do conhecimento deles. Eu acho que a aprendizagem pra todos nós, não só para os alunos, mas também para os professores, está sendo muito importante. Com certeza novos projetos que virão só virão a acrescentar.” Relato de um professor após a visita ao Ibiekos.

Foram esses os diálogos que originaram o projeto “Bioconstruindo o Futuro na Pampa³⁷” que atualmente (2016-2017) está sendo desenvolvido. Mas tu sabes bem disso Coronilha, inclusive estás acompanhando os mutirões de construção em terra, ao teu lado. A feitura do galpão no Sítio Ibiekos permite a inserção de atividades práticas em bioconstrução, enquanto um grupo de educandos jovens e adultos arquiteta, envolvendo o aprofundamento na sabedoria popular, uma sala multi-uso que se pretende pedagógica ao reunir diferentes tecnologias ancestrais da Pampa.

É, os tempos são diferentes, enquanto estamos aqui conversando sobre o que passou, uma turminha se aproxima, nos cumprimenta e vai “pisar o barro”. Hoje é dia de atividade. Por falar em tempo, foi difícil delimitar um período de “campo”, porque de fato as discussões nunca pararam de borbulhar, seguimos em movimento. Porém, aprendemos (juntas, não é?) que o processo de escrita exige profunda imersão, implica releituras e inclui pausas para inspiração. Para isso criamos esse nosso *universo paralelo* e encontramos a serenidade necessária à elaboração das nossas reflexões.

³⁷ Novamente apoiado pelo Edital de Justiça Socioambiental da Fundação Luterana de Diaconia.

Busquei garantir a simplicidade das palavras, reviver a poesia de cada instante, assegurar a espontaneidade de escrever como quem fala. Mesmo assim, há muito ainda a ser dito e um outro tanto que não há como ser dito. Por maior que tenha sido o meu esforço em narrar cada passo, em descrever cada fio dessa teia, existem situações que fogem do mundo falado, escrito. Porque as palavras certas talvez não tenham sido inventadas, ainda não pertencem ao nosso vocabulário. Houve momentos em que o silêncio impregnou nessa dissertação. Leiam também a mudez. “Choque”, “congelamento”, “indignação”, palavras desacomodadas na função de expressar sentimentos que na verdade buscam o silêncio ou, o seu oposto, o grito. E aqueles silêncios felizes? Guardem também esses silêncios, que mesmo na ausência das palavras, puderam transmitir os laços de afeto que se emaranharam nas nossas vidas e, sem demora, nas linhas que agora termino de costurar.



REFERÊNCIAS

- ADAMS, T. Sulear. (verbete) In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire** (p. 396 - 398). 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- ALMEIDA, J. Tecnologia “moderna” *versus* tecnologia “alternativa”: a luta pelo monopólio da competência tecnológica na agricultura. 1989. 247 p. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1980.
- ARROYO, M. G. **A escola do campo e a pesquisa do campo**: metas (p. 103 - 116). In: MOLINA, M. C. Educação do campo e pesquisa: questões para reflexão. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.
- ARROYO, M. G.; FERNANDES, B. M. **A educação básica e o movimento social do campo**. Coleção Por Uma Educação Básica no Campo, n.2. Brasília: Articulação Nacional Por Uma Educação Básica do Campo. 1999.
- ARROYO, M.G. Apresentação. In: CALDART, R.S. **Pedagogia do movimento Sem-Terra**: escola é mais do que escola. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BARBIER, R. **A Pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro, 2007.
- BINKOWSKI, P. **Conflitos ambientais e significados sociais em torno da expansão da silvicultura de eucalipto na “metade sul” do Rio Grande do Sul**. 2009. 208f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Porto Alegre.
- BRANDÃO, C. R. **A pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo**. Resolução CNE/CEB Nº 1. Brasília: 2002.
- BRASIL. CADERNOS SECAD/MEC. **Educação do Campo**: diferenças mudando paradigmas. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD/MEC), 2007.

BRASIL. Parecer CNE/CEB nº. 36/2001, de 04 de dezembro de 2001. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/ARural.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

CAMPOS, C. S. S. **Campesinato autônomo**: uma nova tendência gestada pelos movimentos sociais do campo. Revista Lutas & Resistências. Londrina, v.1, set. 2006.

CAMPOS, M. D. **SULear vs NORTEar**: Representações e apropriações do espaço entre emoção, empiria e ideologia. (p. 41 - 68). Série Documenta, v. 8, n.8, 1999.

CARSON, Rachel. Primavera silenciosa. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

CARVALHO, I. C. M. **A educação ambiental no Brasil – Programa 1 Salto para o futuro** TV Escola. 2008.

DA SILVA, M. A. B. R. **Educação do campo e agroecologia**: continuidades e rupturas na história do assentamento Vereda II - Padre Bernardo – GO. Dissertação de Mestrado: Universidade de Brasília. Mestrado em Educação Ambiental e Educação do Campo. 2012. Disponível em: http://www.mstemdados.org/sites/default/files/2012_MarcoAntonioBarattoRibeirodaSilva.pdf Acesso em: 08 nov. 2015.

DELORME, C. **De la animación pedagógica a la investigación-acción. Perspectiva para la innovación escolar**. Narcea, Madrid. 1982.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006.

DINIZ, D. F. **O Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) no contexto do estado democrático de direito**: movimentos sociais e gestão participativa – 37ª Reunião Nacional da ANPEd – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis. 2015. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT03-4026.pdf> Acesso em: 09 out. 2015

FERNANDES, B. M. [et al.]; organizadora, SANTOS, C. A. **Educação do campo**: campo - políticas públicas – educação. In: Incra MDA. Brasília. 2008.

FONTENELE, I. S. **Pedagogia do griô**: customizando experiências de vidas e culturas educacionais. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza. 2011. 185 f. Disponível em: <www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7297> Acesso em: 02 set. 2015.

FRANCO, M, A, S. **Pedagogia da pesquisa-ação**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n3, p. 483-502, set. – dez. 2005.

FREIRE, A. M. A. Notas explicativas. (p. 106 - 127) In: Freire, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 1 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 8 ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação**. In: Brandão, C. (ORG.). Pesquisa Participante. 6ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986. (p.35)

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 42 ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 47 ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 5 ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

FRIENDS OF THE EARTH. **Dados sobre a federação internacional Friends of the Earth**. Disponível em: <www.foei.org> Acesso em: 15 out. 2015

GALEANO, E. **De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso**. Porto Alegre, 1999.

GARCÍA, J. E. D. **Educación ambiental, constructivismo y complejidad. Una propuesta integradora**. Sevilla: Díada Editorial, Serie Fundamentos, Colección Investigación y Enseñanza, 2004.

GARCÍA, J. E.; CANO, M. I. Como nos puede ayudar la perspectiva constructivista a construir conocimiento em educación ambiental? **Revista Iberoamericana de Educación.**, n. 41, p. 117–131, 2006.

HACKBART, R. **Educação do campo: campo, políticas públicas, educação**. - Apresentação.(p. 11 - 14) In: FERNANDES, B. M. et al.; Org. SANTOS, C. A. Brasília: Incra; MDA, 2008.

HERNÁNDEZ, F. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Trad. Rodrigues, J. H. Porto Alegre/RS: Artmed, 2000.

HOLMGREN, D. **Permacultura princípios e caminhos para além da sustentabilidade**. Trad. ARAÚJO, L., Porto Alegre/RS: Via Sapiens. 2013.

LAYRARGUES, P. P. e LIMA, G. F. C. **As macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira**. (p. 23 - 40) Ambiente & Sociedade. v. XVII, n. 1. São Paulo. jan. - mar. 2014.

LAYRARGUES, P. P. **Para onde vai a Educação Ambiental?** O cenário político-ideológico da Educação Ambiental Brasileira e os desafios de uma agenda política contra-hegemônica. (p. 398 - 421) Revista Contemporânea de Educação. N 14 ago. – dez. 2012.

LAYRARGUES, P. P.; LIMA, G.F. da C. **Mapeando as macro-tendências político-pedagógicas da Educação Ambiental contemporânea no Brasil**. Anais do VI Encontro “Pesquisa em Educação Ambiental”. Ribeirão Preto: USP. 2011.

LAYRARGUES, P.; DEBONI, F. Conexões. (p. 191 - 201) In: BRASIL. **Juventude, cidadania e meio ambiente: subsídios para elaboração de políticas públicas**. (Cap.4). Brasília: UNESCO- Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental; Ministério do Meio Ambiente; Ministério da Educação, 2006. 204p.

LE BOTERF, G. **Pesquisa participante: propostas e reflexões metodológicas**. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). Repensando a pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1999.

LEFF, E. Agroecologia e saber ambiental. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**. Porto Alegre, v. 3, n. 1, jan. - mar. 2002.

LIMA, G. F. da. **Educação Ambiental no Brasil: formação, identidades e desafios**. Campinas: Papirus. 2011.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MARANHÃO MA. **Educação ambiental: a única saída**. [citado em 2005] Disponível em: <http://www.magnomaranhão.pro.br>. Acesso em: 04 ago. 2015.

MARTÍN-BARBERO, J. **Ofício de cartógrafo – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MARTINEZ-ALIER, J. **O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração**. São Paulo: Contexto, 2007.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec Abrasco, 3ª ed., 1994.

MUNARIM, A. **Educação na reforma agrária: gênese da Educação do Campo no Brasil**. Prefácio. In: LENZI, L. H. C.; CORD, Denise (Orgs.). **Formação de educadores(as) em EJA no campo: compartilhando saberes**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2007.

MUNARIM, A. A Educação do Campo: desafios teóricos e práticos, In: MUNARIM, A.; BELTRAME, S.; F, PEIXER, Z. I. (Orgs.). **Educação do campo: reflexões e perspectivas**. Florianópolis: Insular, 2009.

NÚCLEO AMIGOS DA TERRA BRASIL. **Dados sobre o Núcleo Amigos da Terra Brasil**. Disponível em: <amigosdaterrabrasil.org.br>. Acesso em: 04 out. 2015.

OLIVEIRA, L. R. C. de. Pesquisas em versus pesquisas com seres humanos. (p. 33 - 44) In: VÍCTORA, C., OLIVEN, R. G; MACIEL, M. E. M.; ORO, A. P. orgs. **Antropologia e Ética: o debate atual no Brasil**. Niterói: UFF, 2004.

PEREIRA, V. C. **O rural e o carvão: representações sociais em Candiota, RS**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Porto Alegre, RS. 2013. Disponível em: <lume.ufrgs.br/handle/10183/71734> Acesso em: 06 out. 2015.

PRUDENTE, L. T.; COSTA, F. C.; RIPOLL, A. C. **Habitação social rural: bioconstrução em assentamento da reforma agrária no Pampa gaúcho**. In: VI Encontro Nacional e III Encontro Latino-americano sobre Edificações e Comunidades Sustentáveis, 2009, Recife-PE. VI Encontro Nacional e III Encontro Latino-Americano sobre Edificações e Comunidades Sustentáveis, 2009.

RAMMÊ, R. S. **O desafio do acesso à justiça ambiental na consolidação de um estado socioambiental**. (p. 182 - 205) Revista Direito Público. Seção Especial – Teorias e Estudos Científicos, América do Norte. vol. 1, nº 58. 2014.

RESTANY, P. **O poder da arte-Hundertwasser, o pintor rei das cinco peles**. Lisboa: Taschen, 1999.

RIBEIRO, M. **Movimento camponês, trabalho, educação**. Liberdade, autonomia, emancipação como princípio/fins da formação humana. São Paulo: Expressão Popular. 2010.

SANTOS, R. M. **Se planta e se colhe nesse sertão: resistência e permanência da autonomia camponesa e as estratégias do MPA (Movimento dos Pequenos**

Agricultores) nas contradições do projeto da soberania alimentar. 2012. 252 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Sergipe.

SERRANO, M. G. P. **Investigación-acción**: aplicaciones al campo social y educativo. Madrid. Dykinson, 1990.

SHIVA, V. **Monoculturas da Mente**: Perspectivas da Biodiversidade e da Biotecnologia. São Paulo, Gaia, 2003.

SÍTIO CULTURAL IBIEKOS. **Dados sobre o sítio cultural Ibiekos**. Disponível em: <www.sitioibiekos.blogspot.com.br/> Acesso em: 02 out. 2015.

SOUZA, M. M. O. **A educação popular no campo**: entre o saber camponês e o conhecimento científico. Rev. Ed. Popular. v.8. Uberlândia. jan. - dez. 2009.

SUERTEGARAY, D. M. A.; MORELLI, L.A. **Arenização e monocultura do Eucalipto no sudoeste do Rio Grande do Sul**. Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Três Lagoas/MS – nº 14 – Ano 8, Novembro, 2011.

THUILLIER, P. **De Arquimedes a Einstein: a face oculta da invenção científica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

TOZONI-REIS, M. F. C. Pesquisa em educação ambiental na universidade: produção de conhecimentos e ação educativa. (p. 9 - 19) In: TALAMONI, Jandira L, B.; SAMPAIO, Aloísio C (orgs). **Educação ambiental: da prática pedagógica à cidadania**. São Paulo: Escrituras editora, 2003.

TONUCCI, F. Com olhos de criança. Lisboa: Instituto Piaget, 1988.

TREIN, U. A Perspectiva Crítica e Emancipatória da Educação Ambiental. Salto para o Futuro: **A Educação Ambiental no Brasil**. Ano VII. Bol. 1. Brasília: MEC. p. 41-45. 2008.

VENDRAMINI, C. R. Educação e trabalho: reflexões em torno dos movimentos sociais do campo. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 27, n. 72. maio. - ago. 2007.

VIA CAMPESINA. **Declaración soberania alimentaria**. 1996. Disponível em: <www.viacampesina.org>. Acesso em: 04 nov. 2015.

VILLAS BOAS, V. M. O. **Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico**. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

ZABALZA, M. A. **Diários de aula**: contribuindo para o estudo dos dilemas práticos dos professores. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ZUÑIGA, R. (1981). **La recherche action et li controle du savoir.** Revue Internationale d'action communautaire, 5/45, 35-44.

YIN, R. K. **Estudo de caso:** planejamento e método. Porto Alegre: Bookman, 2001.

**ANEXO A – Projeto FSA submetido e aprovado ao Edital de Justiça
Socioambiental da FLD.**

I. IDENTIFICAÇÃO DO EDITAL		
Número do Edital 02	Ano do Edital 2015	Nome do Edital Justiça Socioambiental
II. TÍTULO DO PROJETO		
Sítio Cultural Ibiekos: Fortalecendo a Soberania Alimentar, Conservando Saberes e Preservando o Pampa.		
III. RESUMO DO PROJETO (Máximo 2000 caracteres)		
<p>Relatar de forma breve a relevância do problema e o interesse e capacidade da organização/das organizações em superar o problema. Citar os objetivos, público atingido, local de realização, principais atividades, parcerias e recursos mobilizados e solicitados.</p> <p>A região tem sofrido agressões ambientais como desmatamentos, queimadas e mais intensamente com o plantio de OGM (soja e milho) em pequenas e grandes propriedades, acarretando uma imensa área de utilização de agrotóxicos e transgênicos. Apesar destes fatores, o saber popular herdado dos ancestrais persiste, mantendo culturas como da troca de sementes, mudas, conhecimentos sobre a utilização de plantas nativas, entre outros, o que demonstra a valorização deste saber por parte dos nativos, e inclusive imigrantes urbanos ou rurais, como é o caso dos assentamentos, o que nos demonstra a demanda pela ampliação da disseminação destas informações na região. Por isto participamos da fomentação e concretização do Grupo de Biodiversidade, onde trocamos experiências, saberes e temos firme a ideia que a industrialização no meio rural gera doenças e morte material, pela utilização de agrotóxicos, transgênicos e pelo monocultivo, e morte subjetiva, no caso, pela perda de conhecimentos importantes para a autonomia de quem mora no campo (perda de identidade). Este projeto se propõe a ampliar a discussão a respeito do tema, utilizando principalmente nossa incidência na Escola, espaço este onde de forma indireta envolve toda comunidade. Nossa proposta é de mobilizar a comunidade, ao desenvolver na escola atividades de formação, troca de sementes, mudas, saberes e feiras. Pretende-se também construir uma publicação que contenha os saberes compartilhados nas atividades, e informações sobre o Bioma Pampa, e possa ser usada em futuras formações. Nestas atividades, contamos com a parceria da Emater, Grupo da Biodiversidade Secretaria Municipal de Educação e Núcleo Amigos da Terra Brasil, organização esta que se apresenta como requerente do projeto, e vai estar presente nas nossas ações.</p>		
HISTÓRICO RESUMIDO DA ORGANIZAÇÃO REQUERENTE (Máximo 1500 caracteres) Relatar de forma breve data de fundação, finalidade, forma de gestão e o histórico de atuação da organização. Citar alguns projetos já desenvolvidos, parcerias já efetuadas e prêmios recebidos quando for o caso.		
<p>O Núcleo Amigos da Terra Brasil tornou-se membro da Federação Amigos da Terra Internacional em 1981. Realizamos ações locais, nacionais e internacionais, onde as posições dos Amigos da Terra Brasil e seus Aliados se fortalecem a partir da atuação em redes. Nossa missão é a promoção da soberania dos povos, da sustentabilidade e da crítica ao processo de financeirização da natureza, tendo as ações de mobilização como pontos estratégicos para a conscientização da opinião pública e construção de alianças com outros movimentos que compartilham nossa visão de um mundo pacífico, sustentável e livre de todas as formas de exploração. A gestão da organização se dá através dos conselhos – diretor, consultivo e fiscal – eleitos em assembleia pelos sócios da organização. O conselho diretor é o espaço onde são aprovadas as ações e medidas tomadas pelo grupo de trabalho. No conselho consultivo encontram-se a maioria de nossos parceiros, incluindo Marília de Medeiros Gonçalves responsável pelo Sítio Cultural Ibiekos (Organização Executora), que contribuem com seus respectivos acúmulos políticos, formando um espaço de análise de conjuntura e articulação. Realizações recentes: documentário “Cinturão Verde: Um território em disputa” https://www.youtube.com/watch?v=xXPW24DWqDM; documentário “A Copa Que o Mundo Perdeu em Porto Alegre” - https://www.youtube.com/watch?v=Z39sWy5M-TA; Prêmio de Destaque Ambiental da</p>		

Secretaria do Meio Ambiente de Porto Alegre com projeto Quartas Temáticas em 2007.

V. HISTÓRICO RESUMIDO DA ORGANIZAÇÃO EXECUTORA (Máximo 1500 caracteres)

Relatar de forma breve data de fundação, finalidade, forma de gestão e o histórico de atuação da organização. Citar alguns projetos já desenvolvidos, parcerias já efetuadas e prêmios recebidos quando for o caso. **Fazer referência a relação existente entre a organização requerente e a executora.**

O Sítio Cultural Ibiekos iniciou em 2005, com a finalidade de trabalhar a permacultura, a difusão e propagação de saberes políticos, sociais e culturais. Nossa gestão é compartilhada, aprofundamos os estudos através de: Curso de Permacultura; Curso de Design em Ecovilas; Educação Gaia; Bioconstrução; Curso de Educação Ambiental; Escuela de Sustentabilidad com Amigos da Terra América Latina e Caribe; Curso de formação política da CLOC- Via Campesina no Paraguai em Asunción. O trabalho é focado na produção agroecológica animal e vegetal, com o desenvolvimento de práticas que possam facilmente ser reproduzidas por qualquer produtor(a) da região. A conservação, produção e proliferação de sementes crioulas, plantas medicinais, árvores nativas sendo fundamentais para soberania alimentar, por isso somos membros fundadores do grupo de biodiversidade da região, criado com este objetivo. Somos também, membros fundadores do Grupo de Produção Anacauíta que faz parte da Rede de Economia Solidária e Feminista e pertencemos à rede de SAF- Sistemas Agroflorestais do RS. Desde 2002 compomos o Irmanamento Franco Brasileiro com a região de Mayenne na França, através da Associação Soleil- FR e MST-BR, que objetiva trocas de conhecimento entre agricultores brasileiros e franceses. O projeto contou com a biblioteca itinerante, de incentivo à leitura em escolas. Atuamos no Projeto Cercas Vivas, que é parte da execução do Pastoreio Rotativo Voisin (PRV) na busca pela produção orgânica animal.

VI. CONTEXTO SOCIAL ONDE SERÁ DESENVOLVIDO O PROJETO (Máximo 1500 caracteres)

Relatar de forma breve aspectos socioculturais, ambientais e econômicos, enfatizando elementos que se relacionam com este projeto.

O Assentamento, esta localizado em Herval - Rio grande do Sul, no 2º Distrito Basílio, próximo a 4 assentamentos totalizando 200 famílias, somos atendidos pela Escola que está localizada na Vila Basílio, que atende também assentamentos de Piratini. Localizado à borda leste da serra do sudeste, escudo sul-rio-grandense, fazemos parte da bacia hidrográfica do Rio São Gonçalo. O clima diferenciado de altitude, tornou a fauna e flora desta região bem peculiares, carregando características do pampa e da mata atlântica rica em biodiversidade. Além das dificuldades naturais, lidamos com outros extremos climáticos como tornados e extrema seca, conseqüência do modelo agrícola convencional. O plantio em larga escala de sementes OGM utiliza o alto consumo de agrotóxico, polinizam e contaminam as sementes crioulas, provocando a perda de espécies. Agrotóxicos contaminam a água, causam inúmeros problemas de saúde e o aborto de árvores frutíferas. Tais dificuldades faz com que a cada ano aumente o número de famílias que abandonam o campo. Nosso objetivo é trabalhar de forma sustentável na preservação da cultura regional que só é possível com a permanência do pequeno agricultor. O projeto será executado em dois lotes do Assentamento, que tem neles casas bioconstruídas, famílias que trabalham com agroecologia, sistemas agroflorestais, transição de produção orgânica animal, produção de mudas, construções alternativas de baixo custo, e ainda artesanato natural com materiais locais.

VII. IDENTIFICAÇÃO DO PROBLEMA (Máximo 500 caracteres)

Que problema(s) este projeto pretender responder?

A explosão do êxodo rural nas décadas de 60 e 70, a mecanização do campo, a dificuldade de vender seus produtos, a precarização de serviços básicos, falta de oferta de estudo, formação técnica profissional, saúde, manutenção das estradas e lazer, fizeram que ao longo de muitos anos os camponeses migrassem para cidades, levando com eles o conhecimento ancestral de modo de vida de seus lugares, rompendo o

ciclo natural existente até então do saber passado de geração pra geração.

VIII. JUSTIFICATIVA (Máximo 1500 caracteres)

Diante do problema acima identificado, apontar as possibilidades deste projeto contribuir para a mudança da realidade, argumentando porque este projeto deve ser apoiado.

Entendemos que difundir o conhecimento ancestral é a melhor ferramenta para trabalhar na preservação de nosso bioma. Não só os conhecimentos de usos da flora nativa, mas também, os conhecimentos de agricultura e pecuária abandonados pela modernização e pelo progresso. Esse projeto fortalecerá o trabalho agroecológico que já desenvolvemos com resgate de conhecimento e autonomia campesina, estudando a fundo técnicas ancestrais, entendendo os princípios de cada ação para replicá-la da forma mais simples e prática possível, para que outros campesinos também a utilizem. Além de possibilitar a realização de eventos onde cada um possa expor o seu saber, e ter estes saberes impressos posteriormente em material que irá circular nesta comunidade e nas comunidades vizinhas, gerando a valorização dos saberes dos outros e de si. Entendemos este projeto com uma oportunidade para darmos início ao processo regional de valorização de saberes e conservação do bioma que há muito tempo gostaríamos de trabalhar, mas que não temos hoje recursos humanos e financeiros para tal tarefa.

IX. PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO PROJETO (Máximo 1000 caracteres)

Relatar de forma breve como surgiu a proposta inicial, como foi o processo de construção do projeto, e quem se envolveu.

A organização requerente (Amigos da Terra) encontrou no edital da FLD uma ótima oportunidade de realizar um projeto em conjunto com o Sítio Cultural Ibiekos. A proposta de se trabalhar mais fortemente com a soberania alimentar no bioma pampa existe há muito tempo entre esses dois coletivos e o fato do sítio não ter ainda o CNPJ necessário para a aprovação, fez com que reuníssemos esforços para a construção desse projeto. Toda a equipe se envolveu, tanto do Amigos da Terra, como as famílias que compõem o sítio. Por causa da distância (Porto Alegre/Herval) fizemos várias conversas por telefone e aproveitamos o encontro presencial da Marília na reunião do conselho consultivo para elaborarmos uma primeira "chuva de ideias". Depois disso seguimos construindo o projeto por email.

X. OBJETIVO GERAL (Máximo 500 caracteres)

Está relacionado com o horizonte maior em que se insere o projeto. O que se pretende alcançar com este projeto?

Fortalecer a construção de um trabalho regional de conservação e preservação do Bioma Pampa através de práticas produtivas baseadas no conhecimento ancestral, na observação do ambiente, trabalhando a soberania alimentar de forma a contrapor o modelo agrícola e de pecuária que destrói, desmata e envenena a todos. Pretendemos mostrar que é possível produzir de forma ecológica alimento suficiente para família e para geração de renda.

XI. PÚBLICO BENEFICIÁRIO

Público diretamente envolvido

Número de pessoas beneficiadas diretamente quanto ao SEXO	Feminino 94	Masculino 105
Número de pessoas beneficiadas diretamente quanto a FAIXA ETÁRIA	Crianças (0 a 12 anos) 50	
	Adolescentes (13 a 17 anos) 40	

	Pessoas jovens (18 a 29 anos) 20			
	Pessoas adultas (30 a 59 anos) 60			
	Pessoas idosas (acima de 60 anos)30			
Número de pessoas beneficiadas diretamente quanto as seguintes CATEGORIAS ETNICAS E SOCIAIS	Afrodescendentes 35			
	Quilombolas			
	Indígenas			
Público indiretamente envolvido				
Comunidade Escolar de duas escolas / aprox. 250 famílias assentadas / aprox. 50 famílias peq. prod. rurais 2º distrito de Herval e parte do 2º distrito de Piratini				
XII. ABRANGÊNCIA DO PROJETO Informe o(s) Estado(s) caso o projeto tiver abrangência estadual ou regional e também o(s) município(s) caso o mesmo seja municipal ou intermunicipal. No caso de abranger muitos municípios, identificar apenas os 10 mais significativos para a execução do projeto.				
Projeto a ser desenvolvido na seguinte abrangência geográfica:				
<input checked="" type="checkbox"/> Municipal Cite o estado (UF):RS Cite o município: Herval <input type="checkbox"/> Intermunicipal Cite o estado (UF): RS Cite os municípios: Herval Piratini <input type="checkbox"/> Estadual Cite o estado (UF): _____ <input type="checkbox"/> Regional (mais de um estado) Cite os estados (UF): _____, _____, _____, _____ <input type="checkbox"/> Nacional				
Projeto a ser desenvolvido no âmbito:				
<input checked="" type="checkbox"/> Rural <input type="checkbox"/> Urbano <input type="checkbox"/> Rural e Urbano				
XVI. QUADRO DE METAS A partir de no máximo 4 (quatro) objetivos específicos, defina 1 (um) resultado por objetivo, selecione as categorias de atividades e descreva de forma breve quais e quantas atividades serão desenvolvidas.				
Objetivos	Resultados	Categorias de	Descrição das atividades	Quantidade

Específicos	previstos	atividades	planejadas			
1. Fortalecer a rede de articulação e diálogo entre os parceiros.	Fortalecimento do grupo de trabalho na conservação do Bioma Pampa.	Incidência	Dividir tarefas para o desenvolvimento das atividades previstas.	3 momentos		
			Estudo aprofundado sobre o Bioma Pampa.			
			Organização do encerramento do projeto e lançamento da publicação dos saberes regionais.			
2. Formação na Escola	Mapa dos saberes populares da região que resgate os conhecimentos ancestrais dos nativos possibilitando a disseminação deste conhecimento.	Incidência	1º momento :Apresentar o Bioma Pampa, contextualizado no mundo. -Dividir os alunos da escola por faixa etária. -Levantamento do que produz e quais saberes são utilizados pela família do aluno.	1 momento de formação		
			Comunicação		2º momento: -Grupo da Biodiversidade na Escola (intercambio de saberes) -Arrecadação de materiais que as crianças vão trazer. - Começar a montagem do mapa regional de saberes tradicionais -Alunos juntam material para a feira de trocas	1 momento de formação
					Comunicação	

			e produtos campesinos com a apresentação das crianças e do(s) banner(s) sobre o trabalho desenvolvido e um mapa da região montado com a participação de todos.	
3.Saída de campo	Proporcionar para 60 estudantes uma Visita ao espaço físico do Sítio Cultural Ibiekos, no Assentamento Tamoios.	Articulação	Aprender a identificar a mata nativa, seus usos e importância no ambiente. Trabalhar os princípios da permacultura como forma de preservar o ambiente.	1 saída de campo
4. Compartilhar os conhecimentos	Produzir uma publicação que concentre informações do pampa e o acúmulo de saberes adquiridos nas atividades. Uma publicação que conscientize sobre a importância da preservação do Pampa.	Comunicação	À partir do 2º momento na escola, será dado início a montagem da publicação que terá o lançamento na festa final em março, na escola.	400 exemplares

XVII. DURAÇÃO DO PROJETO

Mês e ano previsto para o início do projeto agosto/2015

Mês e ano previsto para o término do projeto março/2015

Período de execução do projeto 8 meses

Descrição das atividades planejadas

	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar
Reunião da equipe do projeto	X	X	X	X	X	X	X	
Reunião entre os parceiros	x		x					
Formação com Amigos da Terra Brasil		x		x		x		x
Encontros de Formação na Escola		X	x	X				x
Saída de Campo com os alunos					X			
Compilação dos conhecimentos compartilhados			x	x	X	X		
Produção do Mapa dos saberes						X	X	

Produção da Publicação						X	X	
Distribuição da Publicação								X
<p>XX. METODOLOGIA (Máximo 1500 caracteres)</p> <p>Descrever de forma breve:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. como as ações propostas pelo projeto serão executadas, 2. como será a participação do público beneficiário na gestão do projeto, 3. como o projeto irá promover a Justiça de Gênero*, <p>Para a FLD, a Justiça de Gênero é a existência de relações de poder igualitárias entre mulheres e homens e a eliminação dos sistemas institucionais, culturais e interpessoais de privilégio e opressão que fundamentam a discriminação. A justiça de gênero é compreendida na interseccionalidade com geração, etnia, classe social e orientação sexual.</p> <ol style="list-style-type: none"> 4. como será realizado o monitoramento e avaliação do projeto. <p>Nossa proposta é trabalhar com todos os grupos envolvidos, mediando os diálogos, agregando informações, fomentando a discussão sadia na construção de uma identidade local baseada em saberes e práticas relacionadas ao bioma.</p> <p>A participação do grupo beneficiário diretamente envolvido acontecerá durante todo período de desenvolvimento do processo: no levantamento dos saberes populares, espécies cultivadas/preservadas, até o conteúdo da publicação, materializada após os encontros na escola. A participação do grupo indiretamente beneficiado será por intermédio da escola e do grupo de biodiversidade, que participarão e convidarão a comunidade em geral a participar da festa de encerramento do projeto, em março, quando será lançada a publicação dos saberes regionais.</p> <p>A Justiça de Gênero é parte dos princípios do Sítio Cultural Ibiekos, assim como da Organização Amigos da Terra Brasil e da Anacauíta - Rede de Economia Solidária Feminista.</p> <p>As reuniões mensais da equipe de trabalho, assim como as reuniões dos parceiros, cumprem a função de monitorar e avaliar o processo do projeto, além de planejar e organizar os próximos passos.</p>								
<p>XXI. ESTRATÉGIAS DE SUSTENTABILIDADE (Máximo 1000 caracteres)</p> <p>Descrever de forma breve como se pensa a continuidade deste projeto.</p> <p>-Como estratégia para garantir a continuidade do projeto, pretende-se fortalecer a rede entre as organizações parceiras, para que possam continuar a desenvolver as formações e reuniões, para haver um intercâmbio de experiências que possibilitam um campo fértil para novos projetos com o objetivo da disseminação dos saberes populares do campo.</p> <p>-Acreditamos que após a incidência do projeto na escola, a articulação neste espaço será facilitada, podendo desenvolver outras campanhas, embasadas no eixo principal do projeto: soberania alimentar, preservação dos saberes populares e do bioma pampa.</p> <p>-Como perspectiva, espera-se que a tanto a cartilha quanto o Mapa dos Saberes Populares do Rio Grande do Sul, possam disseminar estas informações, ao ponto de inspirar outras pessoas no resgate destas culturas.</p>								
<p>XXII. CONTRAPARTIDA NÃO MONETÁRIA (Máximo 800 caracteres)</p>								

Se for o caso, relacionar brevemente contrapartidas não monetárias da organização requerente e/ou executora para o desenvolvimento deste projeto.

O Amigos da Terra Brasil colocará à disposição do projeto sua equipe de secretaria, comunicação, coordenação de projetos e coordenação do programa de soberania alimentar. Além disso, a casa NAT (Núcleo Amigos da Terra Brasil) com a internet, computadores e impressora para os encontros do grupo. O sítio cultural Ibiekos colocará a disposição do projeto as propriedades para encontros do grupo e como espaço de formação com a escola, utilizando a própria propriedade como recurso pedagógico e de exemplo como resistência agroecológica, mostrando como é possível gerar renda e trabalho em equilíbrio com a natureza e manejo sustentável. E também a articulação e preparação anterior aos encontros. Como contrapartida monetária institucional, o Amigos da Terra disponibilizará, além de secretaria e comunicação, um serviço de contabilidade.

XXIII. ORGANIZAÇÕES PARCEIRAS (Máximo 1000 caracteres)

Citar as organizações parceiras e seu papel no desenvolvimento do projeto.

Amigos da Terra participarão do trabalho na escola e no grupo de biodiversidade, expondo os temas com conhecimento mais profundo e amplo sobre a importância da preservação do nosso bioma.

Através da Assistência Técnica – Emater, somos uma Unidade de Observação Pedagógica que faz parte da Rede Estadual de UOP's, nela os técnicos tem a função de potencializar nossos trabalhos produtivos.

Grupo de Biodiversidade, formado por produtores locais objetivando trabalhar a produção agroecológica de alimentos, preservação e proliferação das sementes crioulas, produção de mudas nativas, frutíferas e medicinais difundindo o uso destas e artesanato. Dentro das intenções do grupo está a de participar da rede de sementes crioulas já existente, onde já participamos de encontros estaduais, na intenção de fortalecer a rede e a resistência às sementes OGM. O grupo será um elo de ligação direta entre comunidade escolar.

2 Escolas que atendem 5 assentamentos de Herval e , público alvo do projeto.

XXIV. ORÇAMENTO: Receitas

Discriminação das Fontes de Receitas	R\$	%
Valor solicitado à Fundação Luterana de Diaconia (FLD)	R\$10.000,00	85,47%
2. Contrapartida institucional	R\$1.500,00	12,82%
3. Parcerias	R\$200,00	1,7%
Total das Receitas	11.700,00	100 %

XXV. ORÇAMENTO: Despesas

Observar orientações *

Discriminação das Despesas	Valor solicitado à FLD	Contrapartida Institucional	Parceira	Total
	(a)	(b)	(c)	(a+b+c)

1. Recursos Humanos e encargos sociais				
Duas bolsas para educadores	R\$2.750,00			R\$2.750,00
Secretaria		R\$500,00		R\$500,00
Comunicação		R\$500,00		R\$500,00
Contabilidade		R\$500,00		R\$500,00
<i>Sub total</i>	<i>R\$2.750,00</i>	<i>R\$1.500,00</i>		<i>R\$4.250,00</i>
2. Despesas básicas de manutenção				
Telefone	R\$400,00			R\$400,00
<i>Sub total</i>	<i>R\$400,00</i>			<i>R\$400,00</i>
3. Transporte, hospedagem e alimentação				
Transporte (passagens, combustível, táxi ou aluguel de transporte)	R\$3.500,00		R\$200,00	R\$3.700,00
Alimentação	R\$500,00			R\$500,00
<i>Sub total</i>	<i>R\$4.000,00</i>		<i>R\$200,00</i>	<i>R\$4.200,00</i>
4. Despesas com infraestrutura				
<i>Sub total</i>				
5. Divulgação, Comunicação e Material de apoio				
Material gráfico (banners, adesivos, publicação)	R\$2.500,00			R\$2.500,00
<i>Sub total</i>	<i>R\$2.500,00</i>			<i>R\$2.500,00</i>
6. Equipamentos e insumos				
HD externo	R\$350,00			R\$350,00
<i>Sub total</i>	<i>R\$350,00</i>			<i>R\$350,00</i>
Total das despesas	<i>R\$10.000,00</i>			R\$11.700,00
XXVI. DECLARAÇÃO (Máximo 4 linhas)				
Caso equipamentos ou outros bens permanentes estejam previstos no orçamento do projeto, declarar qual o destino de cada item no caso de futura dissolução da organização.				
Declaramos que em caso de dissolução da organização, os bens permanentes comprados com recursos deste edital serão doados à Escola.				

ANEXO B – Diários de bordo construído pelo CEP

Diário de Bordo

ForTaleCendO a SoBeraNia aLimeNtaR
ConServaNdo SabeRes
PreSeRvanDo o BiOma paMpa

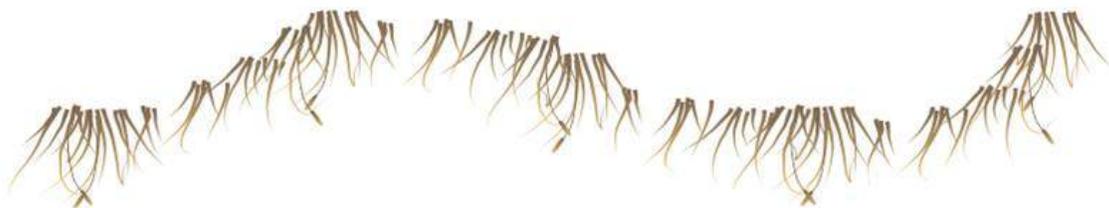
Estudante:

Escola:

Turma:

Data: / /



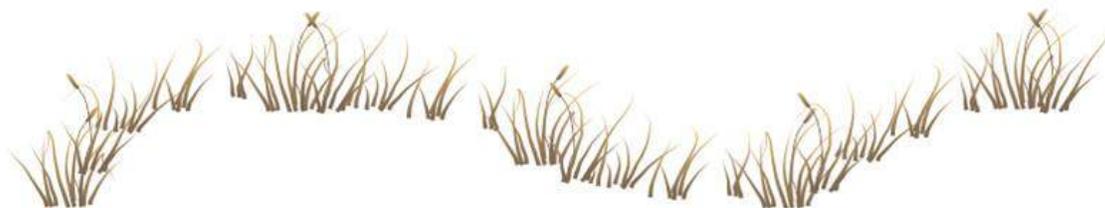


Este projeto consiste em **unir gerações**, lembrando da nossa história e construindo juntos os caminhos de onde e como queremos chegar.

Para isso, convidamos você a utilizar este caderninho de anotações como diário de bordo durante nossa **viagem de resgate aos saberes do pampa**.

Às famílias, fica o convite de participar dessa viagem, contar e até relembrar sobre os **saberes enraizados** na nossa **cultura!**

Esperamos que este diário de bordo seja a nossa comunicação e também a nossa **memória coletiva**.

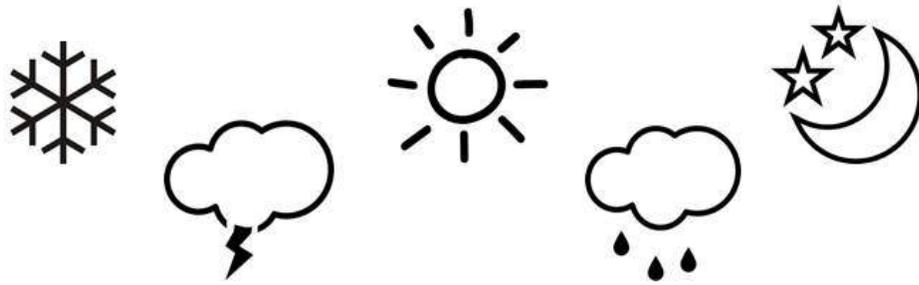




Conte um pouquinho sobre a sua história,
descreva sua rotina...

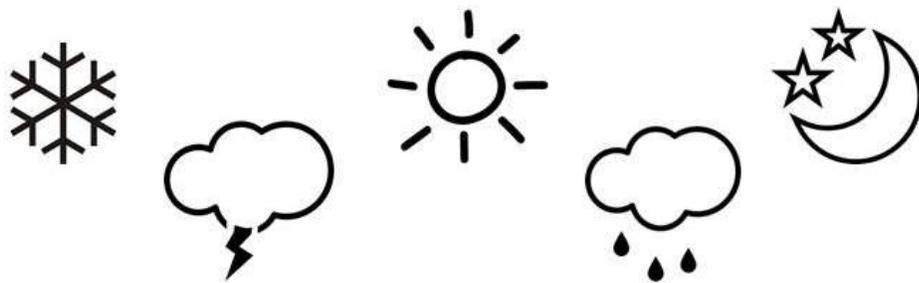
Dê exemplos (em forma de texto, colagens, desenhos, músicas,
poemas, vídeos...) a arte é livre! uSe a sUa cRiaTiviDadE





Como é o clima na região? O que muda na sua vida quando muda o clima?

Dê exemplos (em forma de texto, colagens, desenhos, músicas, poemas, vídeos...) a arte é livre! uSe a sUa cRiaTiviDadE



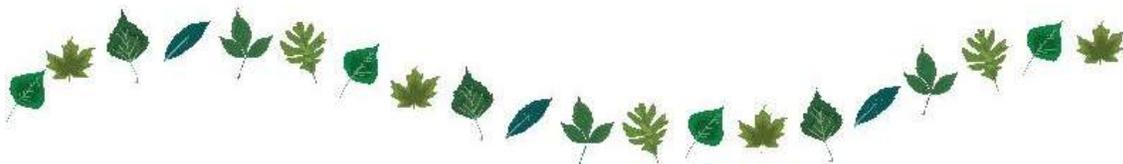


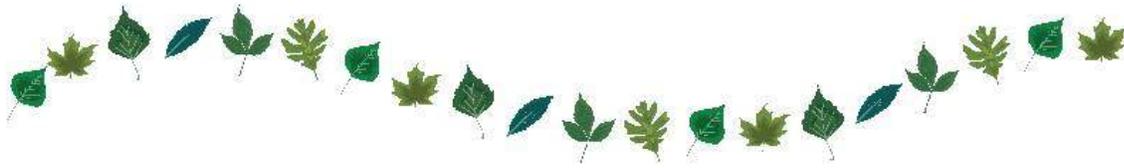
Alimentação também é cultura

Sabe aquela comida típica que só se encontra aqui? Nos conte como é e do que é feita.

Compartilha a receita aí!

Dê exemplos (em forma de texto, colagens, desenhos, músicas, poemas, vídeos...) a arte é livre! uSe a sUa cRiaTiviDadE

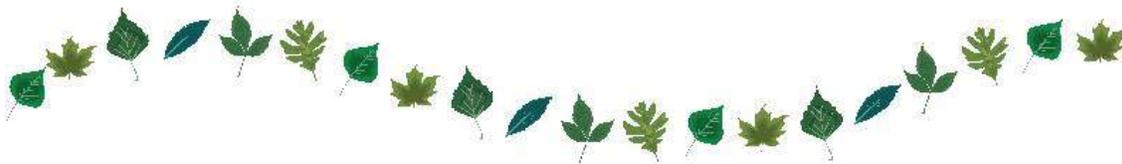


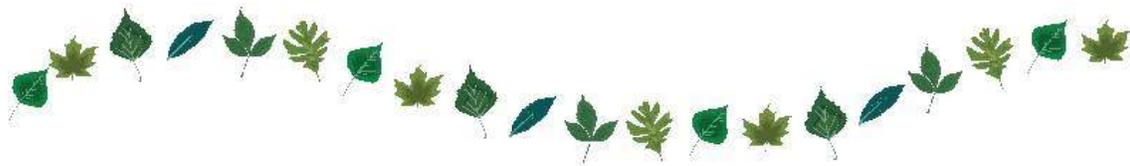


Os jeitos de cuidar das plantas...

Escolha um (ou mais) cultivo(s) que exista na sua casa e descreva qual a melhor época de plantar, o tipo de manejo que utilizam e o seu uso...

Dê exemplos (em forma de texto, colagens, desenhos, músicas, poemas, vídeos...) a arte é livre! use a sua criatividade

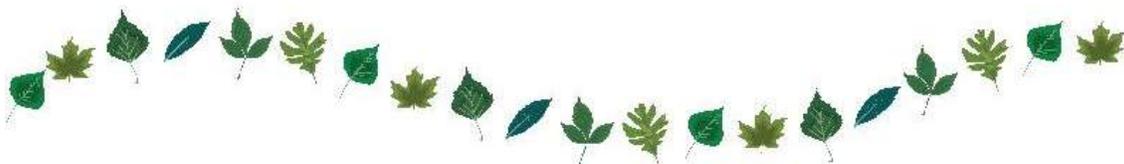


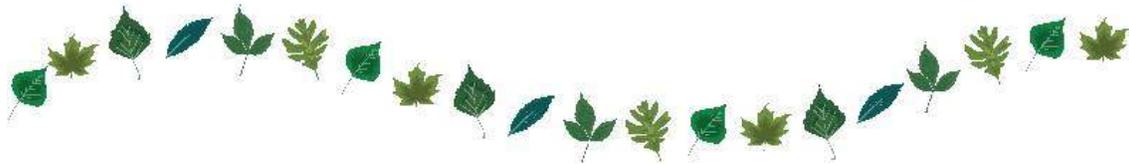


Meu pé de...

Qual a sua fruta preferida? Onde e em que época você encontra ela?

Dê exemplos (em forma de texto, colagens, desenhos, músicas, poemas, vídeos...) a arte é livre! uSe a sUa cRIaTiviDadE

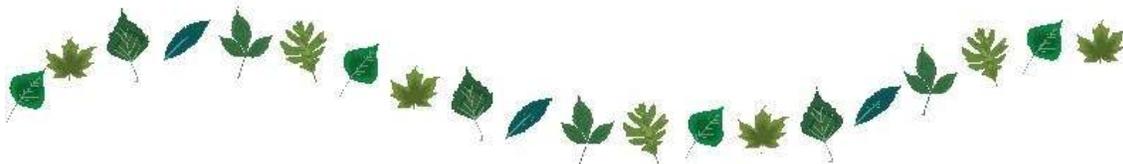


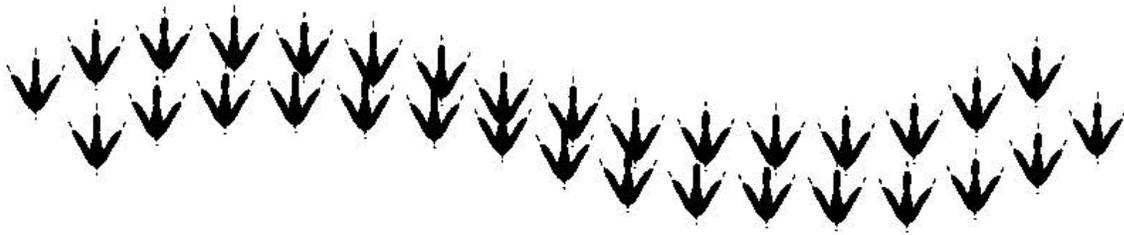


Plantas que curam!

Conte sobre o uso medicinal das plantas no seu cotidiano, tanto para o nosso bem estar, como para as lidas com os bichos e plantas....

Dê exemplos (em forma de texto, colagens, desenhos, músicas, poemas, vídeos...) a arte é livre! uSe a sUa cRiaTiviDadE





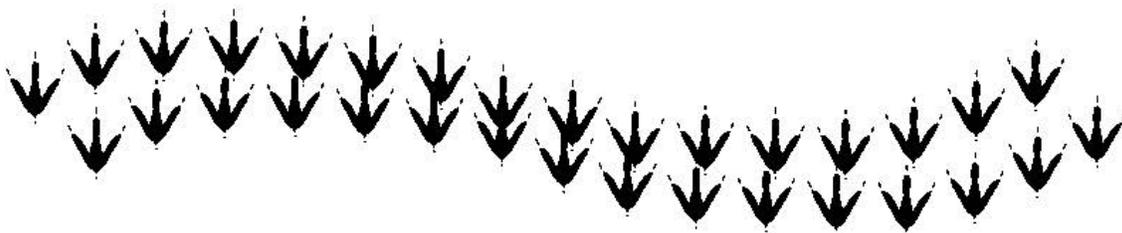
Os jeitos de cuidar dos bichos...

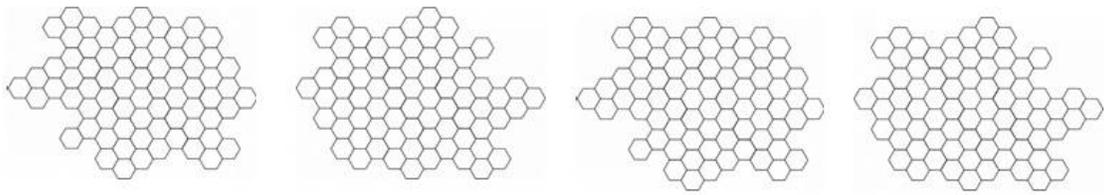
Conta pra gente sua relação com os animais

(ex: bovinocultura, avicultura...)

Como lidam, como tratam, ... ?

Dê exemplos (em forma de texto, colagens, desenhos, músicas,
poemas, vídeos...) a arte é livre! uSe a sUa cRiaTiviDadE

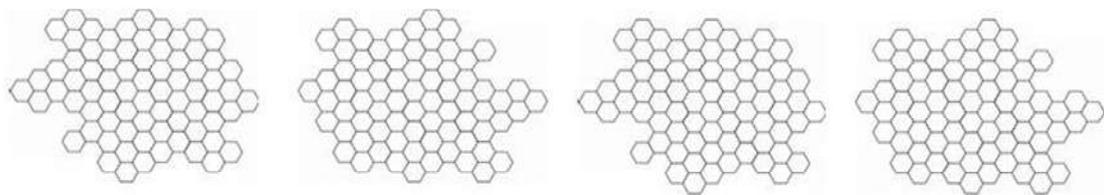


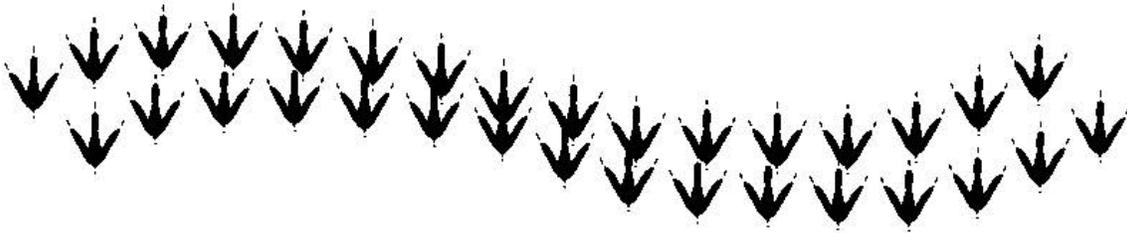


Zzzzzzzzz...

Tem abelhas por aqui? De que jeito?
Possuem ferrão? Já trabalharam com elas ou
as observaram?

Dê exemplos (em forma de texto, colagens, desenhos, músicas,
poemas, vídeos...) a arte é livre! uSe a sUa cRiaTiviDadE

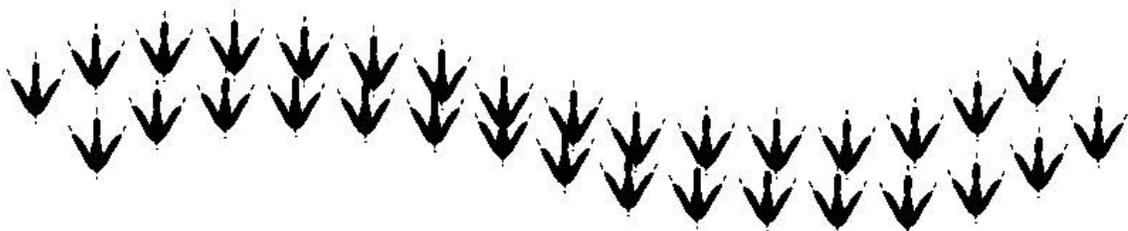




Os bichos daqui...

Sobre os outros animais do pampa, não aqueles que manejamos... Mas os livres... O que sabem sobre eles?

Dê exemplos (em forma de texto, colagens, desenhos, músicas, poemas, vídeos...) a arte é livre! uSe a sUa cRiaTiviDadE



ANEXO C – Relatório de Atividades do Projeto FSA submetido à FLD.

FORMULÁRIO PARA ELABORAÇÃO DE RELATÓRIOS DE PROJETOS APOIADOS PELA FLD

1. IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO E DA(S) ORGANIZAÇÃO(ÇÕES)	
Número do projeto	Título do projeto Fortalecendo a Soberania Alimentar, Conservando saberes e preservando o Bioma Pampa
Nome da organização requerente Núcleo Amigos da Terra Brasil	
Nome da organização executora Sítio Cultural Ibiekos	
Cidade Herval	UF RS
2. PERÍODO A QUE SE REFERE ESTE RELATÓRIO Assinale e preencha uma das alternativas:	
<input checked="" type="checkbox"/> Relatório Parcial: Período 01/08/2015 a 21/03/2015	
3. REESCREVA O OBJETIVO GERAL, CONFORME DESCRITO NO PROJETO	
<p>Fortalecer a construção de um trabalho regional de conservação e preservação do Bioma Pampa através de práticas produtivas baseadas no conhecimento ancestral, na observação do ambiente, trabalhando a soberania alimentar de forma a contrapor o modelo agrícola e de pecuária que destrói, desmata e envenena a todos.</p> <p>Pretendemos mostrar que é possível produzir de forma ecológica alimento suficiente para família e para geração de renda.</p>	
4. REESCREVA OS OBJETIVOS ESPECÍFICOS, CONFORME DESCRITO NO PROJETO	
<ol style="list-style-type: none">1. Fortalecer a rede de articulação e diálogo entre os parceiros2. Formação na Escola3. Saída de campo4. Compartilhar os conhecimentos	
5. DESCREVA E JUSTIFIQUE EVENTUAIS ALTERAÇÕES QUE TIVERAM INFLUÊNCIA NA EXECUÇÃO DO PROJETO	
<p>Por exemplo, alterações no contexto de atuação, no cronograma, alterações na coordenação ou na equipe do projeto, alterações de atividades, cronograma, ou na própria concepção do projeto.</p> <p>Houve algumas modificações no cronograma do projeto no que diz respeito às datas de realização das atividades em função da greve dos caminhoneiros em agosto e outubro que desencadeou na falta de combustíveis nos municípios o que paralisou o funcionamento das escolas e dos transportes públicos, também as chuvas de setembro.</p> <p>A modificação nas datas das atividades nos obrigou a repensar algumas atividades, por estar</p>	

realizando o projeto em parcerias com outros grupos, as trocas de datas impossibilitaram a participação do Grupo Bio e da Emater nas atividades das escolas, acontecendo este encontro somente na saída de campo realizada no prazo previsto.

Do objetivo específico 2, nossa meta era trabalhar com as séries finais da Escola que alcançariam a meta de 40 educandos estipulada para esta escola. Após reunião com os professores, foi apresentada a demanda de trabalhar também com as séries iniciais de ensino fundamental, assim que na Escola trabalhamos com todas as turmas do ensino fundamental, o que aumentou o número de atividades realizadas na escola, a atividade 2.1 planejada para 1 momento, foi realizada em 4 momentos com turmas diferentes, na atividade 2.2 conseguimos realizar parcialmente porque em função das trocas de datas decorrentes dos problemas que tivemos citados acima, o Grupo Bio não pode se fazer presente nas atividades das escolas. A atividade 2.3 foi totalmente cancelada, a realização da atividade por 2 principais motivos. O primeiro em relação ao atraso do início das nossas atividades na escola, assim não tínhamos todo material que havíamos idealizado para esta atividade, o outro motivo, foi a direção da escola ter aceitado patrocínio da Empresa Ganflor que planta eucalipto na região e nós temos uma posição política contrária a todas estas empresas que tomam território com grandes extensões de monoculturas que geram grande impacto social e ambiental, que vai contra nossos ideais e para não correr o risco de gerar algum conflito na festa. Em reunião com parceiros decidimos, motivados por essa apropriação indevida, organizar uma festa da comunidade, em maio de 2016 a Festa da Colheita. A atividade 3.1 segunda demanda da escola, realizamos a atividade prevista e no início do próximo ano letivo realizaremos uma segunda atividade para as turmas de séries iniciais do ensino fundamental.

Um acréscimo que sentimos a necessidade, foi a presença da Letícia dos AT em todas as atividades nas escolas, que não havíamos previsto.

Um dos membros da equipe de trabalho local da instituição executora e também bolsista do projeto, Mônica, se afastou em dezembro por motivos pessoais. Nossa avaliação é que, como já estamos no final da execução do projeto acreditamos que não é necessário incluir outro bolsista, passando a bolsa para outra bolsista e coordenadora do projeto, também da instituição executora, Marília.

6. MONITORAMENTO DAS ATIVIDADES

Não é necessário reescrever os objetivos específicos neste quadro, apenas manter a coerência numérica com o quadro acima.

Caso uma mesma atividade tenha sido realizada mais de uma vez, repeti-la na(s) linha(s) abaixo.

ATENÇÃO: Inserir também atividades não previstas e executadas, identificando-as com a sigla "NP" ("Não Prevista") ao lado das mesmas.

Descrição das atividades	Atividade realiz	Data e local da atividade	Número de pessoas envolvidas diretamente em cada atividade realizada		cada
			Feminino	Masculino	

	ada	(SIM ou NÃO)		crianças e adolescentes	Jovens	Adultos	Idosos (mais de 60 anos)	crianças e adolescentes	Jovens	Adultos	Idosos (mais de 60 anos)	
Obj. Específico 1	1.1.1 Dividir tarefas para realização das atividades previstas	Sim	12 de setembro de 2015 – Casa Nat – Porto Alegre		12	6	3	1	4	10	2	38
	1.1.2 Dividir tarefas para realização das atividades previstas	Sim	13 de setembro de setembro de 2015 – Casa Nat – Porto Alegre		3	2		1		1		7
	1.1.3 Dividir tarefas para realização das atividades previstas	Sim	14 de setembro de 2015 – Escritório da Emater – Herval			3		1		2		6
	1.1.4 Dividir tarefas para realização das atividades previstas	Sim	26 de setembro de 2015 – Assentamento Vista Alegre/Tamoiós – Espaço físico do SCI - Herval	1	2	2		3	2	1		11

1.1.5 Dividir tarefas para realização das atividades previstas Reunião entre AT, SCI e a diretoria e coordenação pedagógica da Escola, apresentação do resumo do projeto, apresentação da pauta e agendamento da reunião com os professores.	Sim	28 de setembro de 2015 – Escola Vila Basílio – Herval		2	3		1		2		7
1.1.6 Dividir tarefas para realização das atividades previstas Reunião entre AT, SCI e professores da Escola. Reunião com os professores, agendamento e organização das atividades na escola.	Sim	29 de setembro de 2015 – Escola Vila Basílio – Herval		1	8		1		2		12
1.1.7 Dividir tarefas para realização das atividades previstas Reunião entre AT, SCI e diretoria, professores e estudantes da Escola Municipal. Apresentação do resumo do projeto, agendamento e organização das atividades na escola.	Sim	30 de setembro de 2015 – Assentamento Nova Herval – Escola - Herval	9	1	3		10		2		25
1.1.8 Dividir tarefas para realização das atividades previstas Reunião entre SCI, Gbio e Emater. Apresentação do projeto e adesão do Gbio e Emater para participarem das atividades previstas no projeto.	Sim	01 de outubro de 2015 – Assentamento Vista Alegre/Taimois – Lote da Dona Vera - Herval.		3	3		1		5		12
1.1.9 Dividir tarefas para a realização das atividades previstas Reunião entre SCI, AT, professores e pais dos educandos da Escola. Apresentação do projeto aos pais dos educandos e convite para participarem da construção dos diários de bordo que seriam	Sim NP	15 de outubro de 2015 – Assentamento Nova Herval – Escola – Herval..	3	6	5	10	3	4	5	5	41

entregues em breve.												
1.1.10 Dividir tarefas para a realização das atividades previstas Reunião entre SCI, AT, professores e pais dos educandos da Escola. Apresentação do projeto, conversa sobre as impressões dos pais sobre uma das metodologias utilizadas (diário de bordo) e convite para participarem da saída de campo.	Sim NP	18 de novembro de 2015 – Vila Basílio – Escola – Herval.	2	5	7	8	4	3	6	7	4	2
1.1.11 Dividir tarefas para a realização das atividades previstas Reunião entre SCI e AT. Organização da saída de campo no espaço físico do SCI e produção de materiais didáticos.	Sim	29 e 30 de novembro e de 2015 (manhã) – Assentamento Vista Alegre/Ta moios – Espaço físico do SCI – Herval.		2	2		3	1	1			9
1.1.12 Dividir tarefas para a realização das atividades previstas Reunião entre SCI, AT e professores da Escola para o planejamento das atividades da saída de campo no SCI.	Sim	29 de novembro de 2015 (tarde) – Vila Basílio – Escola – Herval.		2	5	3	2	1	3			16
1.1.13 Dividir tarefas para a realização das atividades previstas Reunião entre SCI, AT e professores da Escola para o planejamento das atividades da saída de campo no SCI.	Sim	30 de novembro de 2015 (tarde) – Assentamento Nova Herval – Escola.		2	3	2	2	1	3			13
1.1.14 Dividir tarefas para a realização das atividades previstas Reunião entre SCI, AT, Gbio e Emater para planejamento das	Sim	01 de dezembro de 2015 (tarde) - Assentam		3	3		1		5			12

atividades da saída de campo com as escolas no SCI.		ento Vista Alegre/Tam oios – Espaço físico do SCI - Herval.									
1.1.15 Dividir tarefas para a realização das atividades previstas Reunião entre SCI e AT para: avaliação das atividades realizadas (saída de campo com as escolas, formação com o Gbio); planejamento das próximas atividades (encerramento do projeto e confecção da cartilha); organização do material audiovisual produzido nas giras nas propriedades do Gbio).	Sim NP	04 de dezembro de 2015 - Assentamento Vista Alegre/Tam oios – Espaço físico do SCI - Herval.		2	2		2	1	1		8
1.1.16 Dividir tarefas para a realização das atividades previstas Durante outubro, novembro e dezembro aconteceram reuniões entre as três educadoras de campo (duas do SCI e uma do AT) antes e depois das atividades nas escolas para planejamento das atividades e sua posterior avaliação, bem como para preparo de materiais didáticos.	Sim NP	Do dia 15 de outubro até 05 de dezembro de 2015, período em que as atividades na escola ocorreram com mais frequência. Totalizando 16 encontros. - Assentamento Vista Alegre/Tam oios – Espaço físico do SCI - Herval.		1	2		1				4

1.2.1 Estudo aprofundado sobre o bioma pampa AT e SCI. Troca de saberes e estudo de materiais impressos do AT.	Sim	27 e 28 de setembro de 2015 – Assentamento Vista Alegre/Tamboios – Espaço físico do SCI - Herval.		2	2		3	2	1		10
1.2.2 Estudo aprofundado sobre o bioma pampa AT e SCI. Ronda na região, observação dos sistemas de produção agrícola e pecuária. Mapeamento do território e da bacia hidrográfica local.	Sim NP	28 de setembro de 2015 – 2º distrito de Herval, localidades de Desvio Herval, Carvalho de Freitas, Coxilha do Lageado e Basílio		2	2		3	2	1		10
1.2.3 Estudo aprofundado sobre o bioma pampa AT, SCI e Gbio. Ronda nos lotes dos integrantes do Gbio, filmagem e conversa sobre o manejo agroecológico do território e sobre a resistência frente às violações de direitos pelo agronegócio.	Sim NP	30 de novembro e 01 e 02 de dezembro de 2015, localidades: Desvio Herval, Coxilha do Lageado, Carvalho de Freitas, Vila Basílio. Nos assentamentos: Nova Herval, Terra do Sol, 15 de outubro,		3	3		1		5		12

		Tamoios/Vista Alegre e 18 de maio.									
	1.2.4 Estudo aprofundado sobre o bioma pampa AT, SCI e Gbio. Atividade de trocas de saberes populares regionais e discussões sobre o manejo do território. Avaliação da atividade de saída de campo com as escolas e conversa sobre a continuidade das ações do grupo no futuro.	Sim NP	03 de dezembro de 2015 – Assentamento Tamoios/Vista Alegre – Espaço físico SCI.		3	3		1		5	12
	1.3 Organização do encerramento do projeto e lançamento da publicação dos saberes regionais.	Não									
Obj. Específico 2	2.1.1 1º momento: Apresentar o Bioma Pampa, contextualizado no mundo. -Dividir os alunos da escola por faixa etária. -Levantamento do que produz e quais saberes são utilizados pela família do aluno	Sim NP	19 de outubro de 2015 – 1º a 5º ano - Escola - 1º, 2º e 3º períodos da manhã	13	1	2		15			31
	2.1.2 1º momento :Apresentar o Bioma Pampa, contextualizado no mundo. -Dividir os alunos da escola por faixa etária. -Levantamento do que produz e quais saberes são utilizados pela família do aluno	Sim	19 de outubro de 2015 -- 6º a 9º ano - Escola – 4º e 5º períodos da manhã	21	3	4		24			52
	2.1.3 1º momento :Apresentar o Bioma Pampa, contextualizado no mundo.	Sim NP	19 de outubro de 2015 1º a 5º ano -	12	1	2		14			29

-Dividir os alunos da escola por faixa etária. -Levantamento do que produz e quais saberes são utilizados pela família do aluno		Escola - 1º e 2º períodos da tarde								
2.1.4 1º momento :Apresentar o Bioma Pampa, contextualizado no mundo. -Dividir os alunos da escola por faixa etária. -Levantamento do que produz e quais saberes são utilizados pela família do aluno	Sim	20 de outubro de 2015 6º a 9º ano – Escola – turno da tarde	7	1	2		12			2 2
2.2.1 2º momento : -Reforçar a identidade do ser pampeano e seus saberes -Arrecadação de materiais que as crianças vão trazer. -Começar a montagem do mapa regional de saberes tradicionais	Sim NP	26 de outubro de 2015 – 1º a 5º ano - Escola - 1º,2º e 3º períodos da manhã.	13	1	2		15			3 1
2.2.2 2º momento : -Reforçar a identidade do ser pampeano e seus saberes -Arrecadação de materiais que as crianças vão trazer. -Começar a montagem do mapa regional de saberes tradicionais	Sim	26 de outubro de 2015 – 8º e 9º ano – Escola – 4º e 5º período da manhã.	7	2	1		8			1 8
2.2.3 2º momento: -Reforçar a identidade do ser	Sim NP	26 de outubro de 2015 – 1º	12	1	2		14			2 9

<p>pampeano e seus saberes</p> <p>-Arrecadação de materiais que as crianças vão trazer.</p> <p>-Começar a montagem do mapa regional de saberes tradicionais.</p>		<p>a 5º ano – Escola - 1º e 2º período da tarde.</p>								
<p>2.2.4 2º momento:</p> <p>-Reforçar a identidade do serampeano e seus saberes</p> <p>-Arrecadação de materiais que as crianças vão trazer.</p> <p>-Começar a montagem do mapa regional de saberes tradicionais.</p>	Sim	<p>27 de outubro de 2015 – 6º e 7º ano – Escola – 4º e 5º período da manhã.</p>	14		1		15			30
<p>2.2.5 2º momento:</p> <p>-Reforçar a identidade do serampeano e seus saberes</p> <p>-Arrecadação de materiais que as crianças vão trazer.</p> <p>-Começar a montagem do mapa regional de saberes tradicionais.</p>	Sim	<p>29 de outubro de 2015 - 6º a 9º ano – Escola – período da tarde</p>	7	1	2		12	2		24
<p>2.3.13º Momento:</p> <p>Paralelo ao:</p> <p>-3º Torneio Interescolar de Escolas do Campo</p> <p>-2ª Feira da agricultura familiar</p> <p>-1ª Exposição de Gado leiteiro</p> <p>Realizaremos a feira e trocas de sementes, mudas e produtos campestinos com a apresentação</p>	Não									

das crianças e do(s) banner(s) sobre o trabalho desenvolvido e um mapa da região montado com a participação de todos.											
2.3.23º Momento - Troca dos saberes dos diários dos educandos - Produção de cartazes com os saberes dos educandos	Sim NP	16 de novembro de 2015 – 1º a 5º ano – Escola – 1º e 2º períodos da manhã	13	1	2		15				3 1
2.3.33º Momento Construção do mapa físico, em formato de quebra-cabeça localizando todas as casas de todos educandos participantes do projeto.	Sim	17 de novembro de 2015 – 6º a 9º ano – Escola – período da tarde									
2.3.43º Momento - Construção do mapa físico, em formato de quebra-cabeça localizando todas as casas de todos educandos participantes do projeto. - O professor de física e a professora de geografia e artes realizaram atividade com os educandos de confecção dos desenhos de suas casas para colocar no mapa, e localização das casas no mapa.	Sim	Período de 23 a 27 de novembro de 2015 – 6º a 9º ano – Escola	21	3	4		24				5 2
2.3.5 3º Momento - Troca dos saberes dos diários dos educandos	Sim NP	18 de novembro de 2015 – 1º a 5º ano – Escola –	12	1	2		14				2 9

	- Produção de cartazes com os saberes dos educandos		1º e 2º períodos da tarde									
Obj. Específico 3	3.1 Aprender a identificar a mata nativa, seus usos e importância no ambiente. Trabalhar os princípios da permacultura como forma de preservar o ambiente	Sim	03 de dezembro de 2015 – Assentamento Vista Alegre/Tamoiós - Herval	15	2	9		19	1	9	8	63
	4.1 À partir do 2º momento na escola, será dado início a montagem da publicação que terá o lançamento na festa final em março, na escola.	Não	26 de março de 2016 – Vila Basílio – lançamento da cartilha									

7. MONITORAMENTO DAS ATIVIDADES E DE SEUS RESULTADOS

Não é necessário reescrever os objetivos específicos nem as atividades neste quadro, apenas manter a coerência numérica com os quadros acima.

ATENÇÃO: Inserir também atividades não previstas e executadas, identificando-as com a sigla "NP" ("Não Prevista") ao lado das mesmas.

Atividades	RESULTADOS PREVISTOS	RESULTADOS ALCANÇADOS	OBSERVAÇÕES
(não é necessário reescrever)	(Conforme o projeto)	(Previstos ou não)	(Identificar possíveis fragilidades, dificuldades, desafios ou oportunidades pertinentes a execução de

)			cada atividade)
Obj. Específico 1	1.1	Fortalecimento do grupo de trabalho na conservação do Bioma Pampa.	Como resultados para estas atividades, visualizamos a participação de todos e todas nas atividades e o entendimento e compromisso com as atividades e com o projeto. Todos os atores envolvidos corresponderam de forma positiva e alcançamos o objetivo. Foram realizados 16 encontros com diferentes atores incluindo o AT, o SCI, o GBio, a Emater, Pais, professores e educandos das duas escolas participantes. Além disso 16 encontros entre as 3 educadoras do projeto que realizaram atividades nas escolas para planejamento e avaliação além da produção de materiais didáticos.
	1.2		No estudo aprofundado do bioma, nosso objetivo era nivelar o conhecimento dos atores envolvidos, aprofundando também a visão crítica sobre o território. Todos os atores envolvidos corresponderam de forma positiva e alcançamos o objetivo.
A locomoção de todos os atores foi uma das dificuldades encontradas. Na Escola surgiu por parte dos professores a demanda de trabalhar também com as séries iniciais do ensino fundamental, assim como com todas as turmas das séries finais. Assim que após a reunião com os professores passamos a executar o projeto com todo ensino fundamental desta escola. Como oportunidade pertinente, a educadora popular Letícia, tomou parte de seu mestrado o projeto utilizando o método de pesquisa ação, podendo assim participar de todas as atividades	A locomoção de todos os atores foi uma das dificuldades encontradas. O projeto regionalizando ações do Grupo Carta de Belém Herval;RS: resistência agroecológica frente ao avanço das monoculturas e da financeirização da natureza em Herval (relatório de atividades e prestação de contas em anexo) propiciou ampliar a participação, a ação e as atividades.		

Obi. Especifico 2	2.1	Mapa dos saberes populares da região que resgate os conhecimentos ancestrais dos nativos possibilitando a disseminação deste conhecimento.	Como objetivo das atividades na escola, dividimos em três sub-temas, o pampa e o ser pampeano, saberes locais e soberania alimentar. Os primeiros dois sub-temas foram trabalhados exitosamente nos encontros nas escolas, assim como a montagem do mapa local, com a localização da moradia de todos os atores do processo. O objetivo foi alcançado.	Na primeira atividade prevista na Escola de 6º a 9º ano, não conseguimos desenvolver o tema da melhor forma em função do grupo ter ficado com um número grande de educandos, assim que decidimos dividir este grupo em dois grupos, aumentamos nossa demanda de atividades mas tornamos factível o processo
Obi. Especifico 3	3.1	Proporcionar para 60 estudantes uma Visita ao espaço físico do Sítio Cultural Ibiekos, no Assentamento Tamoios.	O sub-tema deste encontro foi soberania alimentar. Nosso objetivo foi proporcionar neste momento um intercambio de saberes entre os educandos, os professores, os pais, o GBio, a Emater, o AT e o SCI. O objetivo foi alcançado.	Essa atividade proporcionou o evento mais interessante do projeto, as trocas foram muito ricas e proporcionaram diálogos muito proveitosos entre as gerações, relatos emocionados dos membros do GBio, dos professores, dos pais e a admiração dos educandos. Este evento desencadeou diálogos na construção de projeções de próximas ações entre os grupos envolvidos.
Obi. específico 4	4.1	Produzir uma publicação que concentre informações do pampa e o acúmulo de saberes adquiridos nas atividades. Uma publicação que conscientize sobre a importância da preservação do Pampa.	Emendamento Projetado para 26 de março de 2016	Ocorrerá uma festa que está sendo organizada juntamente com o Piquete Integração, que é uma organização artística e cultural fundada por pais de alunos e membros da comunidade. A proposta da festa é proporcionar um momento de lançamento da cartilha.

8. DESCREVA, DE UMA FORMA GERAL, OS RESULTADOS E/OU IMPACTOS DO PROJETO COMO UM TODO, ESPECIALMENTE EM RELAÇÃO:

- as mudanças promovidas na população e/ou no contexto
- a promoção e/ou fortalecimento de articulações e redes
- a incidência em políticas públicas

Como resultados já obtidos do projeto devemos salientar o fortalecimento a rede entre as instituições participantes na solidificação da produção agroecologia com os saberes camponeses locais reavivados. Assim como, a valorização destes como ferramenta indispensável na construção de uma visão da zona rural onde a população local prima pela autonomia de produção e pela resistência no território.

Também, levantamos a discussão de outra visão do ser pampeano, um ser mediatizado pelo bioma onde vive um povo miscigenado desde a origem, e que continua a receber influências étnicas, desmistificando a visão de que o gaúcho é somente aquele que anda a cavalo, que tem ou trabalha nas estâncias/fazendas e que seu trabalho se reduz a lida de campo somente na produção pecuária.

O reconhecimento do ser pampeano, do gaúcho, como todo aquele que vive neste território e se permite dialogar com a natureza que o rodeia, essa visão ampla é o que nos trás a possibilidade de fortalecer nos mais velhos e plantar nos mais jovens o sentimento de resistência.

Trazer para o mundo da escrita os saberes que há séculos passam de geração além de possibilitar que se eternizem também lhes amplia o alcance possibilitando que, mesmo sem os encontros físicos, estes saberes podem ser transmitidos a quem tiver interesse.

E, em específico, a construção do mapa local trouxe elementos bem interessantes a discussão com todos os participantes do projeto. Visualizar toda área onde vivemos e perceber o quanto estamos expressados pela apropriação de empresas multinacionais, trouxe uma amplitude na visão de mundo que certamente iremos aproveitar nos próximos passos do projeto e nos próximos trabalhos que iremos realizar.

9. FAÇA UMA ESTIMATIVA DO NÚMERO DE PESSOAS INDIRETAMENTE ATINGIDAS PELO PROJETO E DESCREVA BREVEMENTE DE QUE FORMA (ATRAVÉS DE QUE MEIOS) ESTAS PESSOAS FORAM ATINGIDAS

Localmente, toda comunidade escolar foi atingida pelas ações do projeto, as mães, pais e responsáveis pelos pais das duas escolas participaram das reuniões dos parceiros, e iram participar da festa de encerramento e lançamento da cartilha, produção final deste projeto. Na Escola Estadual este público corresponde a aproximadamente 300 pessoas, na outra Escola Municipal este público é estimado em aproximadamente 150 pessoas.

Podemos também incluir, a equipe da Secretaria Municipal da Educação, que conta com um grupo de 10 profissionais em educação.

Através do GBio nosso projeto ganhou amplitude nos Assentamentos que concentram aproximadamente 350 famílias, o que nos dá a projeção de algo em torno de 1000 pessoas, entre crianças, jovens, adultos e idosos.

Indiretamente atingimos todo grupo dos Amigos da Terra Brasil, estendendo a divulgação da ação a nível internacional da rede Friends of Earth.

Além do contato direto, não temos como calcular a projeção das nossas ações divulgadas na internet no site dos Amigos da Terra Brasil, e replicada nos sites de relacionamento na página do próprio AT, e nos perfis pessoais de cada participante.

10. COMENTE SOBRE O PÚBLICO BENEFICIÁRIO ENVOLVIDO, DIRETAMENTE OU INDIRETAMENTE

- perfil do público (grupo social ou função social, etnia, rural ou urbano, etc)

- como o público foi mobilizado e envolvido, e se participou do processo de planejamento e/ou gestão e/ou execução do projeto

- mudanças ocorridas e percebidas no público beneficiário

O público do projeto é da Zona Rural, com exceção dos técnicos da Emater e do Grupo AT de Porto Alegre. O projeto atingiu o público de 5 assentamentos de Herval e 2 de Piratini através de 2 escolas e do Grupo Bio. A gestão do projeto ficou com o SCI e AT. O planejamento foi compartilhado Escolas, SCI, AT, Emater, Grupo Bio. A execução foi parcialmente compartilhada.

11. DESCREVA COMO OCORRERAM AS ATIVIDADES DO PONTO DE VISTA METODOLÓGICO, OU SEJA, QUE RECURSOS (PEDAGÓGICOS, HUMANOS, MATERIAIS, ETC) FORAM UTILIZADOS NAS ATIVIDADES.

Os temas transversais sugeridos foram: Equidade de Gênero, Superação de Violências e Preconceito, Protagonismo.

Materiais didáticos envolvidos: Filmes: Pateta, o gaúcho; Chico Bento: Na roça é diferente; RS Biodiversidade: Bioma Pampa; Indigenous Circle of Hope. Músicas: Victor e Léo (Vida Boa e Lá em Casa – exercício de paródia com essas músicas para o bioma Pampa); Calle 13 (Latinoamerica). Diário de bordo (em anexo). Perguntas iniciais formuladas para instigar que outras perguntas surgissem. Compartilhamento de frutas e dinâmica do prato: os pais dos educandos desenharam no prato o que comiam quando tinham a idade do seu filho e o educando faz o mesmo, através disso problematizamos as mudanças de culturas. Mapa – cartografia social com a ferramenta Google Earth. Saída de campo com vivências práticas. Exposição e apresentação oral, por meio da roda de conversa. Músicas e danças como dinâmica “quebra-gelo”.

Humanos: Em todas as atividades, conseguimos ter presentes sempre 3 animadoras trabalhando diretamente com o projeto, as duas bolsistas do projeto e a integrante do AT Letícia. Mas este número não ficou fixo, ele foi variando conforme a atividade e a possibilidade do grupo.

Equidade de Gênero: Além do sentimento de valorização entre os envolvidos, o próprio GBIO aparece como um estímulo aos camponeses que dele fazem parte. A questão de gênero, tão importante de ser discutida, surge nos diálogos e o GBIO se mostra como um espaço de empoderamento da mulher.

- O grupo bio serviu também para terem mais respeito por nós. Pelo fato de que nós (*mulheres*) também produzimos sementes, mesmo que não tenhamos uma produção enorme, mas temos várias coisas e eles visualizaram isso...

- Foi muito legal também a gente ter sementes que eles não tinham e poder trocar. Isso daí é uma coisa que as pessoas que são da campanha valorizam. (Relato Gravado em áudio de uma das integrantes do Gbio).

O tema do projeto, por si só, trabalha diretamente a superação de violências e preconceito. Trabalhar a pertença ao seu lugar, respeitando o meio como parte dele, nos leva neste caminho de harmonia, respeito

e paz. Durante todas as atividades trabalhamos estes conceitos, a valorização de cada um e de todos dentro do que são, fortalece o indivíduo e o coloca como sujeito ativo da história.

Entendemos que este processo, coloca todos no papel de protagonista e sendo assim, nos fortalece individual e coletivamente não nos permitindo mais, sofrer a violência e o preconceito calados, e coloca todos no comprometimento de assumir as decisões das suas vidas, entendendo nossas vidas como algo amplo e que faz parte de um ser coletivo.

O caminho que discutimos para chegar a soberania alimentar, passa por outras soberanias que não são etapas a ser sobrepostas, mas sim processos a serem agregados a fim de construir de fato a soberania alimentar. Não podemos nos dizer soberanos quando permitimos que dentro de nossa comunidade que existam e persistam violências e preconceitos de quaisquer formas. As mulheres, os negros, os mais pobres, todos devem ser respeitados, todos devem participar do processo e se colocar como sujeitos. Os mais velhos sendo reconhecidos dentro do que melhor podem nos ofertar, os seus saberes, e assim, preparar o grupo para identificar o que de melhor cada um pode trazer para o todo.

Não atingimos todos estes objetivos, não tivemos tempo para isto, mas acreditamos ter construído de forma bem alicerçada este processo e que plantamos esta semente em todos os parceiros que trabalhamos e que continuaremos a trabalhar.

12. DESCREVA COMO OCORRERAM AS ATIVIDADES DO PONTO DE VISTA METODOLÓGICO, OU SEJA, QUE RECURSOS (PEDAGÓGICOS, HUMANOS, MATERIAIS, ETC) FORAM UTILIZADOS NAS ATIVIDADES.

Os temas transversais sugeridos foram: Equidade de Gênero, Superação de Violências e Preconceito, Protagonismo.

Materiais didáticos envolvidos:Filmes: Pateta, o gaúcho; Chico Bento: Na roça é diferente; RS Biodiversidade: Bioma Pampa; Indigenous Circle of Hope. Músicas: Victor e Léo (Vida Boa e Lá em Casa – exercício de paródia com essas músicas para o bioma Pampa); Calle 13 (Latinoamerica). Diário de bordo (em anexo).Perguntas iniciais formuladas para instigar que outras perguntas surgissem. Compartilhamento de frutas edinâmica do prato: os pais dos educandos desenharam no prato o que comiam quando tinham a idade do seu filho e o educando faz o mesmo, através disso problematizamos as mudanças de culturas. Mapa – cartografia social com a ferramenta Google Earth. Saída de campo com vivências práticas. Exposição e apresentação oral, por meio da roda de conversa. Músicas e danças como dinâmica “quebragelo”.

Humanos: Em todas as atividades, conseguimos ter presentes sempre 3 animadoras trabalhando diretamente com o projeto, as duas bolsistas do projeto e a integrante do AT Letícia. Mas este número não ficou fixo, ele foi variando conforme a atividade e a possibilidade do grupo.

Equidade de Gênero:Além do sentimento de valorização entre os envolvidos, o próprio GBIO aparece como um estímulo aos camponeses que dele fazem parte. A questão de gênero, tão importante de ser discutida, surge nos diálogos e o GBIO se mostra como um espaço de empoderamento da mulher.

- O grupo bio serviu também para terem mais respeito por nós. Pelo fato de que nós (*mulheres*) também produzimos sementes, mesmo que não tenhamos uma produção enorme, mas temos várias coisas e eles visualizaram isso...

- Foi muito legal também a gente ter sementes que eles não tinham e poder trocar. Isso daí é uma coisa que as pessoas que são da campanha valorizam. (Relato Gravado em áudio de uma das integrantes do Gbio).

O tema do projeto, por si só, trabalha diretamente a superação de violências e preconceito. Trabalhar a pertença ao seu lugar, respeitando o meio como parte dele, nos leva neste caminho de harmonia, respeito e paz. Durante todas as atividades trabalhamos estes conceitos, a valorização de cada um e de todos dentro do que são, fortalece o indivíduo e o coloca como sujeito ativo da história.

Entendemos que este processo, coloca todos no papel de protagonista e sendo assim, nos fortalece individual e coletivamente não nos permitindo mais, sofrer a violência e o preconceito calados, e coloca todos no comprometimento de assumir as decisões das suas vidas, entendendo nossas vidas como algo amplo e que faz parte de um ser coletivo.

O caminho que discutimos para chegar a soberania alimentar, passa por outras soberanias que não são etapas a ser sobrepostas, mas sim processos a serem agregados a fim de construir de fato a soberania alimentar. Não podemos nos dizer soberanos quando permitimos que dentro de nossa comunidade que existam e persistam violências e preconceitos de quaisquer formas. As mulheres, os negros, os mais pobres, todos devem ser respeitados, todos devem participar do processo e se colocar como sujeitos. Os

mais velhos sendo reconhecidos dentro do que melhor podem nos ofertar, os seus saberes, e assim, preparar o grupo para identificar o que de melhor cada um pode trazer para o todo.

Não atingimos todos estes objetivos, não tivemos tempo para isto, mas acreditamos ter construído de forma bem alicerçada este processo e que plantamos esta semente em todos os parceiros que trabalhamos e que continuaremos a trabalhar.

13. DESCREVA SE OCORREU E COMO OCORREU O ENVOLVIMENTO DE ORGANIZAÇÕES PARCEIRAS NA EXECUÇÃO DO PROJETO

O projeto nasceu da parceria do NAT e do SCI. Localmente o SCI já trabalha em parceria com o Gbio, assim como as escolas. O projeto foi pensado como forma de potencializar e consolidar estas parcerias, focando um trabalho que pudesse unir todas estas instituições.

Assim que todas as instituições convidadas a participar responderam de forma muito positiva ao convite.

E fomos exitosos no trabalho com as organizações parceiras e no fortalecimento da aliança entre todos.

14. COMENTE SOBRE O CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DO PROJETO, E SOBRE AS ALTERAÇÕES NO CRONOGRAMA, SE FOR O CASO.

O cronograma foi pensado de forma que nos meses de agosto, setembro, outubro e novembro nós realizássemos as atividades de desenvolvimento teórico dos temas apresentados e que eles culminassem na saída de campo, onde estaríamos retornando os temas discutidos nas atividades anteriores, mostrando práticas passíveis que já estão sendo realizadas por assentados bem perto de nós.

Em função dos problemas que tivemos em agosto e outubro acabamos concentrando as atividades nas escolas em outubro e novembro, mantendo a saída de campo em dezembro. Isso resultou em um trabalho muito intenso e apresentou alguns pontos positivos, com intervalos menores entre os encontros as atividades tiveram um retorno gradativamente mais participativo dos educandos, e alguns negativos, com o tempo reduzido tivemos pouco tempo entre a avaliação, retorno das turmas e planejamento das próximas atividades, e também para trabalhar.

15. COMENTE SOBRE OS DEMAIS RECURSOS MONETÁRIOS OU NÃO MONETÁRIOS UTILIZADOS NA EXECUÇÃO DO PROJETO, REFERENTE À CONTRAPARTIDA OU A CONTRIBUIÇÕES DE PARCERIAS (quando for o caso).

Para a execução do projeto, além dos recursos supracitados financiados pela Fundação Luterana Diaconia para os itens listados no orçamento, contamos com uma contrapartida institucional, ou seja, apoiada pelo Amigos da Terra Brasil - patrocinador fiscal - através de uma secretaria com horas destinada ao projeto, que pode facilitar as demandas burocráticas e organizacionais, além de uma empresa de contabilidade responsável pela devida prestação de contas da organização, auxiliando na realização dos pagamentos das bolsistas e regulamentação deste processo, como a elaboração de contratos e cálculo dos encargos, totalizando R\$ 1.519,60.

O projeto obteve também recursos de uma educadora e pesquisadora - Leticia Paranhos Menna de Oliveira - que esteve presente em todas atividades no município de Herval, contabilizando R\$ 843,11 de contrapartida em alimentação durante o período das atividades e transporte, referente ao deslocamento de Porto Alegre até Herval.

Durante uma etapa específica, a saída de campo do dia 28/11 até 05/12, teve apoio de 1.990,00 da Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE) (relatório de atividades em anexo). Tratou-se de uma parceria com o Grupo Carta de Belém Nacional, do qual o Amigos da Terra Brasil faz parte e propiciou uma ida a mais da equipe para o município de Herval.

19. COMENTE, COM BASE NO PROCESSO DE EXECUÇÃO DO PROJETO, AS ESTRATEGIAS DE SUSTENTABILIDADE PREVISTAS NO PROJETO

- Como tem ocorrido o processo de avaliação
- Como tem se pensado a continuidade após o encerramento do projeto e do apoio financeiro
- Se já é possível perceber efeitos multiplicadores do projeto

O processo de avaliação foi feito de formas diferentes em cada atividade variando conforme o tempo e a disponibilidade de recursos tecnológicos e infraestrutura principalmente no que diz respeito à locomoção dos participantes de cada momento. A busca foi realizar as avaliações sempre ao final de cada atividade na tentativa de absorver também o sentimento de cada um e de todos.

Nas atividades realizadas diretamente com os educandos as avaliações foram realizadas pelo grupo de animadores das atividades sempre após cada atividade.

Nas outras atividades, as avaliações foram realizadas sempre ao final de cada encontro, procuramos proporcionar que todos pudessem falar com o intuito de fortalecer os laços de confiança dos grupos para que se fortaleçam para possíveis outros projetos, e no trabalho cotidiano.

Na escola municipal o projeto foi apresentado a secretaria municipal de educação que não só aprovou o projeto como nos apresentou a vontade de estabelecer este tema como tema permanente de trabalho na escola. Assim que devemos no início deste ano, estudar formas que nos possibilite estar presentes na escola, junto ao quadro desenvolvendo atividades referentes a continuidade deste tema.

Na escola estadual, teremos nos próximos 2 anos uma nova diretoria que também abriu as portas da escola para que possamos continuar trabalhando. Além do tema do projeto, surgiram outras demandas como trabalho com bioconstrução, agroecologia, atividades culturais artísticas onde a escola nos enxerga e nos tem como parceiros para buscar formas de concretizar os projetos.

Para o grupo bio a parceria na realização deste projeto é um marco para sua existência. O grupo tem atividades a mais de um ano e este é o primeiro trabalho realizado para fora do grupo. Então participar deste projeto significou, além do fortalecimento perante a comunidade, uma grande valorização interna, externando os saberes de cada um e de todos como o bem mais precioso deste grupo. Tendo os membros fortalecidos o grupo toma força. Podemos dizer que este projeto propiciou que sua base fosse fortalecida estando pronto agora para o próximo e grande passo que é a institucionalização e poder seguir seu caminho na defesa da produção agroecológica valorizando, potencializando e aprimorando os saberes locais.

Para os técnicos da Emater está sendo uma oportunidade de proliferar os conhecimentos em agroecologia adquiridos não só nos estudos científicos, mas também de suas histórias pessoais, já que são filhos de assentados ou trabalham com assentamentos do MST há muitos anos. Somada as atividades que já realizam nas escolas e nos assentamentos, o projeto facilitará então os trabalhos, possivelmente à partir deste ano, 2016, terão mais interessados e participantes em suas atividades parte das metas estabelecidas pelo INCRA.

Para as AT, assim como para o Ibiekos, este projeto tem viabilizado a concretização de atividades que há muito tempo eram planejadas. Discutir a valorização dos saberes locais como forma de resistência no território não era possível enquanto não pudéssemos viabilizar a vinda de atores engajados em lutas semelhantes de outros lugares. Poder proporcionar aos atores locais de resistência momentos de valorização de seus saberes perante atores importantes de outros lugares pode-se dizer que foi um dos mais importantes feitos do projeto

Ter pó envolvimento direto e ativo dos AT que é uma organização com visibilidade nacional e internacional e de conduta inquestionável é não só uma benção, como um orgulho para todos os atores que nos dá motivação para continuarmos nossos projetos, nossas lutas.

Como fruto direto já existem 2 ações concretas que podemos citar. Uma é a realização de uma festa “festa da colheita”, pensada como instrumento de divulgação e valorização do trabalho de preservação, proliferação e melhoramento de sementes crioulas, multiplicação de mudas de árvores nativas, multiplicação do conhecimento e mudas de plantas de uso medicinal, e outros conhecimentos regionais trabalhados e representados hoje pelo Grupo Bio. E a segunda é a busca por novos projetos de parcerias entre Grupo Bio e AT, mostrando a consolidação desta rede.

20. OBSERVAÇÕES ADICIONAIS

Além deste relatório, os seguintes materiais estão anexados:

Notas fiscais relacionadas à prestação de contas para FLD, organizadas conforme a tabela deste relatório.

Notas fiscais referentes às contrapartidas da organização.

Notas fiscais referentes à contribuição própria.

Notas fiscais referentes ao apoio da FASE.

Fotos das atividades.

Relatos de dois professores engajados no projeto.

Relatório de Atividades para FASE, relacionado às atividades desenvolvidas com o apoio de 1.990,00.

Resumo do Projeto entregue aos parceiros das atividades.

Diário de Bordo utilizado como material didático durante do projeto.

Área de abrangência das duas Escolas envolvidas no projeto, realizada com os estudantes.

Lista de alunos que participaram das atividades na Escola.

Projeto de Qualificação de Mestrado em Educação em Ciências e Matemática da PUCRS - Escrito e Oral (ppt) da Letícia Paranhos (militante do Amigos da Terra Brasil que atuou como educadora do projeto), intitulado: Autonomia Campesina em assentamentos da metade sul do RS: a construção coletiva de uma proposta pedagógica.

ANEXO D – Relatório Final de Atividades do Projeto FSA submetido à FLD.

FORMULÁRIO PARA ELABORAÇÃO DE RELATÓRIOS DE PROJETOS APOIADOS PELA FLD

16. IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO E DA(S) ORGANIZAÇÃO(ÇÕES)	
Número do projeto	Título do projeto Fortalecendo a Soberania Alimentar, Conservando saberes e preservando o Bioma Pampa
Nome da organização requerente: Núcleo Amigos da Terra Brasil	
Nome da organização executora: Sítio Cultural Ibiekos	
Cidade Herval	UF RS
17. PERÍODO A QUE SE REFERE ESTE RELATÓRIO Assinale e preencha uma das alternativas:	
<input checked="" type="checkbox"/> (X) Relatório Final: Período 02/03/2016 a 15/04/2016	
18. REESCREVA O OBJETIVO GERAL, CONFORME DESCRITO NO PROJETO	
<p>Fortalecer a construção de um trabalho regional de conservação e preservação do Bioma Pampa através de práticas produtivas baseadas no conhecimento ancestral, na observação do ambiente, trabalhando a soberania alimentar de forma a contrapor o modelo agrícola e de pecuária que destrói, desmata e envenena a todos.</p> <p>Pretendemos mostrar que é possível produzir de forma ecológica alimento suficiente para família e para geração de renda.</p>	
19. REESCREVA OS OBJETIVOS ESPECÍFICOS, CONFORME DESCRITO NO PROJETO	
<ol style="list-style-type: none">5. Fortalecer a rede de articulação e diálogo entre os parceiros6. Formação na Escola7. Saída de campo8. Compartilhar os conhecimentos	
20. DESCREVA E JUSTIFIQUE EVENTUAIS ALTERAÇÕES QUE TIVERAM INFLUÊNCIA NA EXECUÇÃO DO PROJETO	
<p>Por exemplo, alterações no contexto de atuação, no cronograma, alterações na coordenação ou na equipe do projeto, alterações de atividades, cronograma, ou na própria concepção do projeto.</p> <p>Do objetivo específico 4 que é o único deste relatório final, tivemos que remodelá-lo em decorrência de alguns acontecimentos.</p> <p>Nosso objetivo era realizar uma festa de lançamento do livro dos saberes, mas tivemos alguns problemas no início do ano letivo com os transportes escolares, como nosso trabalho é em duas escolas rurais, dependemos do transporte escolar para desenvolver o projeto.</p> <p>Além de problemas com os transportes, outra situação nos colocou na situação de reavaliar os prazos. Na primeira reunião realizada na Escola, o diretor e os professores nos apresentaram a demanda de</p>	

realizar uma nova parceria para desenvolver um novo projeto na escola.

Como estamos tendo certa dificuldade em marcar a data nova para realização da festa na escola em função de vários problemas como as chuvas contínuas que tem comprometido as estradas, o não pagamento dos salários dos professores que desencadeou o trabalho em meio turno das escolas e possível greve, definimos em não realizar a festa de lançamento do livro com este projeto, e transformar este objetivo na confecção de um vídeo de divulgação do projeto, do livro e do trabalho de nossas entidades nesta comunidade.

Realizaremos a festa de lançamento com recursos próprios em parceria com outros grupos e entidades locais.

21. MONITORAMENTO DAS ATIVIDADES

Não é necessário reescrever os objetivos específicos neste quadro, apenas manter a coerência numérica com o quadro acima.

Caso uma mesma atividade tenha sido realizada mais de uma vez, repeti-la na(s) linha(s) abaixo.

ATENÇÃO: Inserir também atividades não previstas e executadas, identificando-as com a sigla “NP” (“Não Prevista”) ao lado das mesmas.

Descrição das atividades	Atividade realizada (SIM ou NÃO)	Data e local da atividade	Número de pessoas envolvidas diretamente em cada atividade realizada							Público total de cada atividade	
			Feminino				Masculino				
			Crianças e adolescentes	Jovens	Adultos	Idosos (mais de 60 anos)	Crianças e adolescentes	Jovens	Adultos		Idosos (mais de 60 anos)
Obj. Específico 4 4.1 Avaliação das atividades do projeto já realizadas; planejamento do encerramento, revisão dos materiais do livro e do vídeo; projeção de atividades decorrentes das parcerias firmadas neste trabalho.	Sim	4 De março de 2016 – Reunião com o Grupo Biodiversidade, Amigos da Terra e Sítio		1	5		1		5		12

		Cultural Ibiekos no espaço físico do Sítio Cultural Ibiekos, Assentamento Tamboios, lote de Marília Gonçalves, em Herval								
4.2 Avaliação das atividades do projeto já realizadas; planejamento da atividade com educandos para finalização do livro; planejamento do encerramento, revisão dos materiais do livro e do vídeo; projeção de atividades decorrentes das parcerias firmadas neste trabalho.	Sim	9 De março de 2016 – Reunião na Escola com Direção, Coordenação Pedagógica, Orientação Educacional e professores, Amigos da Terra e Sítio Cultural Ibiekos, em Herval		1	5		1		1	8
4.3 Avaliação das atividades do projeto já realizadas; planejamento da atividade com educandos para finalização do livro; planejamento do encerramento, revisão dos materiais do livro e do vídeo; projeção de atividades decorrentes das parcerias firmadas neste trabalho.	Sim	10 De março de 2016 - Reunião na Escola com a Direção, Amigos da Terra e Sítio Cultural Ibiekos em Herval		1	2		1			4
4.4 Avaliação das atividades do projeto já realizadas; planejamento do encerramento, montagem e revisão dos materiais do livro e do vídeo; projeção de atividades	Sim	26 De março de 2016 – Reunião com Amigos		3	1		1	1	1	7

decorrentes das parcerias firmadas neste trabalho.		da Terra e Sítio Cultural Ibiekos no espaço físico do Amigos da Terra Brasil em Porto Alegre								
4.5 Planejamento da festa de encerramento, parcerias para desenvolver atividades com os educandos na festa e lançamento do livro dos saberes.	Sim NP	15 De março de 2016 – Reunião na Escola com a Direção, professores, funcionários , Piquete Integração, Amigos da Terra e Sítio Cultural Ibiekos, em Herval		1	3		2		5	1 1
4.6 Avaliação das atividades do projeto já realizadas; planejamento do encerramento.	Sim	16 De março de 2016 – Reunião na Escola com os pais, mães e responsáveis dos educandos, Amigos da Terra e Sítio Cultural Ibiekos, em Herval	2	4	23		3		8	4 0
4.7 Avaliação das atividades do projeto já realizadas; planejamento do encerramento, revisão dos materiais do livro e do vídeo	Sim	24 de março Atividade com educandos na Escola		24	2		1	26		5 3

4.8 Planejamento das atividades de lançamento do livro dos saberes	Sim	29 De março de 2016 – Reunião na Escola com a Direção e professores		1	5		1		2		9
--	-----	---	--	---	---	--	---	--	---	--	---

22. MONITORAMENTO DAS ATIVIDADES E DE SEUS RESULTADOS
 Não é necessário reescrever os objetivos específicos nem as atividades neste quadro, apenas manter a coerência numérica com os quadros acima.

ATENÇÃO: Inserir também atividades não previstas e executadas, identificando-as com a sigla "NP" ("Não Prevista") ao lado das mesmas.

Atividades (não é necessário reescrever)	RESULTADOS PREVISTOS (Conforme o projeto)	RESULTADOS ALCANÇADOS (Previstos ou não)	OBSERVAÇÕES (Identificar possíveis fragilidades, dificuldades, desafios ou oportunidades pertinentes a execução de cada atividade)
Obj.4 4	Produzir uma publicação que concentre informações do pampa e o acúmulo de saberes adquiridos nas atividades. Uma publicação que conscientize sobre a importância da preservação do Pampa.	Além da publicação, obtivemos como resultado do projeto a produção de um vídeo para trabalhar na divulgação do projeto e do livro.	Como execução deste objetivo, nossa intenção era realizar uma festa de lançamento que não pôde ser realizada. Durante todo projeto, trabalhamos com a captura de imagens, e definimos utilizá-las como forma de agregar valor no resultado do projeto editando um pequeno filme de divulgação que poderá ser utilizado para divulgar nosso projeto.

23. DESCREVA, DE UMA FORMA GERAL, OS RESULTADOS E/OU IMPACTOS DO PROJETO COMO UM TODO, ESPECIALMENTE EM RELAÇÃO:

- as mudanças promovidas na população e/ou no contexto
- a promoção e/ou fortalecimento de articulações e redes
- a incidência em políticas públicas

Junto à comunidade escolar, principalmente na reunião com os pais, mães e responsáveis dos educandos, tivemos uma avaliação positiva do trabalho sendo ressaltada a importância de transmitir os saberes para as crianças. Assim como, na avaliação dos parceiros do Grupo Bio, que nos colocaram a grande importância que eles sentiram neste projeto, principalmente na saída de campo que proporcionou o contato direto com os educandos conversando sobre as transformações concretas que se pode realizar na propriedade.

Ampliamos a discussão sobre sistemas de produção, trabalhando a visão da produção agroecológica no sentido de que o resgate dos conhecimentos nos garantem alimento saudável e autonomia na produção camponesa.

24. FAÇA UMA ESTIMATIVA DO NÚMERO DE PESSOAS INDIRETAMENTE ATINGIDAS PELO PROJETO E DESCREVA BREVEMENTE DE QUE FORMA (ATRAVÉS DE QUE MEIOS) ESTAS PESSOAS FORAM ATINGIDAS

Localmente, toda comunidade escolar foi atingida pelas ações do projeto, as mães, pais e responsáveis pelos pais das duas escolas participaram das reuniões dos parceiros, e iram participar da festa de encerramento e lançamento da cartilha, produção final deste projeto. Na Escola este público corresponde a aproximadamente 300 pessoas, na Escola este público é estimado em aproximadamente 150 pessoas. Podemos também incluir, a equipe da Secretaria Municipal da Educação, que conta com um grupo de 10 profissionais em educação. Através do GBio nosso projeto ganhou amplitude nos Assentamentos que concentram aproximadamente 350 famílias, o que nos dá a projeção de algo em torno de 1000 pessoas, entre crianças, jovens, adultos e idosos. Indiretamente atingimos todo grupo dos Amigos da Terra Brasil, estendendo a divulgação da ação a nível internacional da rede Friends of Earth. Além do contato direto, não temos como calcular a projeção das nossas ações divulgadas na internet no site dos Amigos da Terra Brasil, e replicada nos sites de relacionamento na página do próprio AT, e nos perfis pessoais de cada participante.

25. COMENTE SOBRE O PÚBLICO BENEFICIÁRIO ENVOLVIDO, DIRETAMENTE OU INDIRETAMENTE

- perfil do público (grupo social ou função social, etnia, rural ou urbano, etc)- como o público foi mobilizado e envolvido, e se participou do processo de planejamento e/ou gestão e/ou execução do projeto -mudanças ocorridas e percebidas no público beneficiário

O público do projeto é da Zona Rural, com exceção dos técnicos da Emater e do Grupo AT de Porto Alegre. O projeto atingiu o público de 5 assentamentos de Herval e 2 de Piratini através de 2 escolas e do Grupo Bio. A gestão do projeto ficou com o Ibiekos e AT. O planejamento foi compartilhado Escolas, Ibiekos, AT, Emater, Grupo Bio. A execução foi parcialmente compartilhada.

26. DESCREVA COMO OCORRERAM AS ATIVIDADES DO PONTO DE VISTA METODOLÓGICO, OU SEJA, QUE RECURSOS (PEDAGÓGICOS, HUMANOS, MATERIAIS, ETC) FORAM UTILIZADOS NAS ATIVIDADES.

Os temas transversais sugeridos foram:

- Equidade de Gênero / - Superação de Violências e Preconceito / - Protagonismo

Materiais didáticos envolvidos: Trabalho com materiais produzidos pelos educandos digitalizados no data show para montagem do livro dos saberes. Vídeos produzidos durante todo processo e todas as atividades do projeto, além de entrevistas com os participantes.

Humanos: Em todas as atividades, conseguimos ter presentes sempre 3 animadoras trabalhando diretamente com o projeto, a bolsista do projeto, um jovem integrante do Sítio Ibiekos, Carlos Eduardo e a integrante do AT Letícia. Mas este número não ficou fixo, ele foi variando conforme a atividade e a possibilidade do grupo.

Equidade de Gênero: Continuou sendo tratada em todas as atividades como tema constante.

Como já colocamos no relatório parcial, “o tema do projeto, por si só, trabalha diretamente a superação de violências e preconceito. Trabalhar a pertença ao seu lugar, respeitando o meio como parte dele, nos leva neste caminho de harmonia, respeito e paz. Durante todas as atividades trabalhamos estes conceitos, a valorização de cada um e de todos dentro do que são, fortalece o indivíduo e o coloca como sujeito ativo da história.

Entendemos que este processo, coloca todos no papel de protagonista e sendo assim, nos fortalece individual e coletivamente não nos permitindo mais, sofrer a violência e o preconceito calados, e coloca todos no comprometimento de assumir as decisões das suas vidas, entendendo nossas vidas como algo amplo e que faz parte de um ser coletivo.

O caminho que discutimos para chegar a soberania alimentar, passa por outras soberanias que não são etapas a ser sobrepostas, mas sim processos a serem agregados a fim de construir de fato a soberania alimentar. Não podemos nos dizer soberanos quando permitimos que dentro de nossa comunidade que existam e persistam violências e preconceitos de quaisquer formas. As mulheres, os negros, os mais pobres, todos devem ser respeitados, todos devem participar do processo e se colocar como sujeitos. Os mais velhos sendo reconhecidos dentro do que melhor podem nos ofertar, os seus saberes, e assim, preparar o grupo para identificar o que de melhor cada um pode trazer para o todo.

Não atingimos todos estes objetivos, não tivemos tempo para isto, mas acreditamos ter construído de forma bem alicerçada este processo e que plantamos esta semente em todos os parceiros que trabalhamos e que continuaremos a trabalhar.”

27. DESCREVA SE OCORREU E COMO OCORREU O ENVOLVIMENTO DE ORGANIZAÇÕES PARCEIRAS NA EXECUÇÃO DO PROJETO

Assim como na primeira parte de realização do projeto, as parcerias entre as instituições continuaram fluindo e este projeto só pode ser concluído porque todas as instituições envolvidas se comprometeram de fato com a realização deste trabalho.

28. COMENTE SOBRE O CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DO PROJETO, E SOBRE AS ALTERAÇÕES NO CRONOGRAMA, SE FOR O CASO.

Neste último objetivo planejamos a realização de uma festa para lançamento do projeto ainda no mês de março. Não poderemos realizá-la, assim que definimos em contato com todas entidades envolvidas, realizar com o recurso que havia sido destinado à viabilizar a presença do grupo dos AT no lançamento do livro.

19. COMENTE, COM BASE NO PROCESSO DE EXECUÇÃO DO PROJETO, AS ESTRATEGIAS DE SUSTENTABILIDADEPREVISTAS NO PROJETO

- Como tem ocorrido o processo de avaliação
- Como tem se pensado a continuidade após o encerramento do projeto e do apoio financeiro
- Se já é possível perceber efeitos multiplicadores do projeto

Em todas as atividades realizadas neste segundo momento, realizamos uma avaliação do processo até aqui, proporcionando que todos os envolvidos falassem de suas impressões. Assim como, proporcionamos momentos de projetar futuras parcerias.

Como consequência direta deste projeto, podemos salientar a nova proposta que enviaremos para FLD, neste novo edital, da bioconstrução de uma sala multi uso na Escola, demanda que surgiu após a saída de campo que realizamos no espaço físico do Sítio Cultural Ibiekos onde existem algumas bioconstruções, inclusive duas residências construídas com recursos do Governo Federal através do INCRA com o intuito de trazer para realidade dos assentamentos, da política pública de habitação o direito de cada indivíduo poder discutir seu projeto de habitação conforme sua realidade.

Fruto deste projeto também escrevemos um projeto para fortalecer e orientar o Grupo Biodiversidade na sua organização interna e na sua institucionalização em edital interno da rede Friends of Earth.

Saímos todos fortalecidos deste projeto, O Grupo Biodiversidade teve sua primeira participação num projeto de ações que ultrapassaram os limites dos integrantes do grupo, a participação na saída de campo principalmente, foi muito marcante, e na avaliação das atividades todos os integrantes colocaram que estes momentos com os mais novos são muito importantes e servem tanto para passar os conhecimentos dos mais velhos, como para renovar os olhares sobre o mundo, na troca de aprendizados com as crianças, os jovens. Para o Sítio Cultural Ibiekos também, mesmo realizando atividades já há vários anos, este projeto proporcionou uma forte integração com a comunidade e um retorno muito positivo dos grupos envolvidos. Aos Amigos da Terra Brasil, uma grande oportunidade de estar atuando de forma mais efetiva em um local que há alguns anos é acompanhado com preocupação em torno da grande captura corporativa desta região potencializada hoje pela ampliação da fronteira do plantio de soja. Nesta etapa, incluímos mais um parceiro, que é o Piquete da Integração, este piquete foi

criado no ano de 2009 por pais e membros da comunidade escolar da Escola à fim de proporcionar que todos desta comunidade e da comunidade escolar da Escola pudessem ir e levar seus cavalos ao desfile de 20 de setembro em Herval, no decorrer dos anos o piquete juntamente ao CPM da escola financiaram muito mais que isso, financiaram por exemplo as obras de melhorias e documentações necessárias para implantação do Ensino Médio que teve início no ano de 2013, numa demonstração de que nossa comunidade é capaz de organizada, produzir qualquer coisa que realmente parta das necessidades coletivas.

Também, como resultado, temos a dissertação de mestrado da Letícia Paranhos que é uma pesquisa ação crítica e colaborativa sobre a construção coletiva de uma proposta pedagógica trabalhando a autonomia campesina a partir do projeto. O projeto já foi enviado no relatório parcial e assim que ela defender a dissertação será enviado para FLD. Como efeitos multiplicadores, podemos dizer que hoje, localmente estamos sendo solicitados como parceiros para diversas atividades, podendo dizer que estamos sendo utilizados como referência para discussões ambientais e culturais.

20. OBSERVAÇÕES ADICIONAIS

Agradecemos a parceria e, em especial, o apoio da Graziella que nos atendeu em todos os momentos de dúvidas.

Porto Alegre, 15 de março de 2016.

ANEXO E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Prezado(a), Gostaríamos de convidá-lo a participar do Projeto Fortalecendo a Soberania Alimentar, Conservando Saberes e Preservando o Pampa (FSA), que tem como objetivo *Fortalecer a construção de um trabalho regional de conservação e preservação do Bioma Pampa através de práticas produtivas baseadas no conhecimento ancestral, na observação do ambiente e trabalhando a soberania alimentar de forma a contrapor o modelo agrícola do agronegócio.* Os responsáveis pelo projeto são as organizações **Sítio Cultural Ibiekos e Núcleo Amigos da Terra Brasil**, com apoio financeiro da **Fundação Luterana e Diaconia**.

Concomitantemente à este projeto estará sendo realizada uma pesquisa acadêmica, utilizando a metodologia da *Pesquisa Ação Crítica e Colaborativa*, consistirá na realização de atividades de educação ambiental (procedimentos utilizados: entrevistas, questionários, filmagens, fotografias, gravações, intervenção pedagógica) junto aos participantes do estudo e posterior análise dos dados. Será conduzida dessa forma, pois pretendemos compreender *como acontecem os processos pedagógicos voltados para o fortalecimento da soberania alimentar em escolas do campo (município de Herval/RS).*

Trata-se de uma dissertação, desenvolvida por Letícia Paranhos M. de Oliveira e orientada pelo Prof. Dr. João Batista Siqueira Harres do curso de Pós Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Faculdade de Física/Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

A qualquer momento da realização do projeto e estudo qualquer participante ou o estabelecimento envolvido poderá receber os esclarecimentos adicionais que julgar necessários.

Em caso de concordância com as considerações expostas, solicitamos que assine este “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” no local indicado abaixo. Desde já agradecemos sua colaboração e nos comprometemos com a disponibilização à instituição dos resultados obtidos no Projeto e na Pesquisa, tornando-os acessíveis a todos os participantes.

Eu, _____,
responsável por _____,
assino o termo de consentimento, após esclarecimento e concordância com os objetivos e condições da realização do projeto FSA e da pesquisa envolvida, permitindo, também, que os resultados gerais deste estudo sejam divulgados para fins não comerciais e não lucrativos relacionados à atividades de educação, divulgação, ativismo e para promover o trabalho voltado à promoção do cuidado ao meio ambiente.

Assinatura dos pais ou responsáveis

Herval/RS, _____, 2015.

Qualquer dúvida ou maiores esclarecimentos, entrar em contato com os responsáveis pelo projeto FSA e estudo: mariliamst@ymail.com e leticiapmo@yahoo.com.br

ANEXO F - Filme Sementes Crioulas de Um Mundo Sem Veneno

É parte desta dissertação o DVD contendo o filme intitulado *Sementes Crioulas de um Mundo Sem Veneno*, com 27 min. de duração, disponível junto ao Pós Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. O filme, bem como o projeto FSA, foi construído por diversas mãos, especialmente sua edição teve o envolvimento do estudante de jornalismo e comunicador do Amigos da Terra Brasil, Douglas de Oliveira Freitas.

Também está acessível no canal do *YouTube* do ATBr, por meio do *link*: https://www.youtube.com/results?search_query=sementes+crioulas+de+um+mundo+sem+veneno

ANEXO G - Livro Sabes Saberes Sabidos? Suleando os nossos sonhos!

O livro “Sabes Saberes Sabidos? Suleando os nossos sonhos” foi construídos por todos que se envolveram no projeto. Ele também está disponível na plataforma Issuu, acessível através do link:

https://issuu.com/amigosdaterrabrasil/docs/livro_sabes_saberes_sabidos_-_nat_s

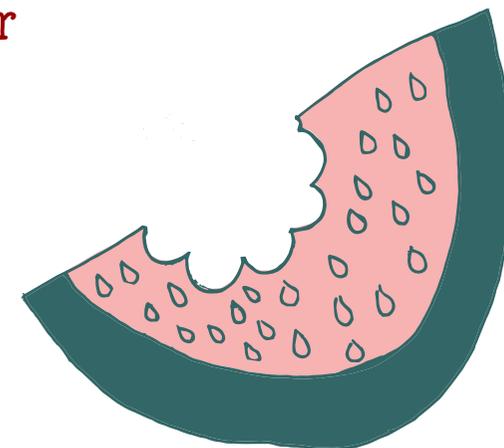
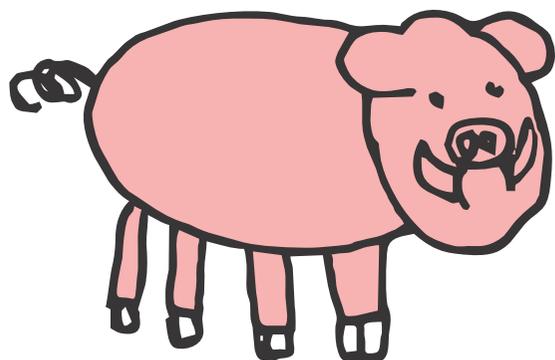


SABES SABERES SABIDOS?

suleando os nossos sonhos!



Fortalecendo a Soberania Alimentar
Conservando Saberes
Preservando o Bioma Pampa



G636s

Gonçalves, Marília de Medeiros (Org.) et al.

Sabes Saberes Sabidos? : Suleando os Nossos Sonhos! / Marília de Medeiros Gonçalves (Org.) ;
Mônica de Medeiros Gonçalves (Org.). – Porto Alegre : Liro, 2016.
32 p.; il.

ISBN:

Co-organizadores: Jorge Luiz Gomes de Mattos; Mari Jeane da Cruz Souza; Nilza Soares dos Santos; Vera Ilza Medeiros de Ávila; Gaudioso da Costa Vieira; Brígida Garcia da Silva; Andréia Golembieski Machado; Douglas de Oliveira; Fernando Campos Costa; Letícia Paranhos M. de Oliveira; Patrícia Gonçalves

1. Soberania Alimentar. 2. Saberes Populares. 3. Bioma Pampa. 4. Campesinato. 5. Educação. I.
Título.

CDU: 398.1:321.011+612.3:574(1-928.6)

SABES SABERES SABIDOS?
suleando os nossos sonhos!

Fortalecendo a Soberania Alimentar
Conservando Saberes
Preservando o Bioma Pampa



ORGANIZADORES DO LIVRO

Marília de Medeiros Gonçalves (Sítio Cultural Ibiekos e Grupo Biodiversidade)
Mônica de Medeiros Gonçalves (Grupo Biodiversidade)

Jorge Luiz Gomes de Mattos (EEEM Corinto Ávila Escobar)
Mari Jeane da Cruz Souza (EEEM Corinto Ávila Escobar)
Nilza Soares dos Santos (EEEM Corinto Ávila Escobar)
Vera Ilza Medeiros de Ávila (EEEM Corinto Ávila Escobar)
Gaudioso da Costa Vieira (EEEM Corinto Ávila Escobar)

Brígida Garcia da Silva (EMEF Ernesto Che Guevara)

Andréia Golembieski Machado (Amigos da Terra Brasil)
Douglas de Oliveira (Amigos da Terra Brasil)
Fernando Campos Costa (Amigos da Terra Brasil)
Letícia Paranhos M. de Oliveira (Amigos da Terra Brasil)
Patrícia Gonçalves (Amigos da Terra Brasil)

COLABORADORES

GRUPO BIODIVERSIDADE:

Juarez Altman Souza - Assentamento Cerro Azul
Cezira de Fatima Bordinhão - Assentamento Terra do Sol
Catarina Rodrigues - Assentamento Santa Alice/ 18 de maio
Jorge Soares- Assentamento Santa Alice/ 18 de maio
Erni Garcia de Oliveira- Assentamento Santa Alice/ 18 de maio
Eli no Altair Machado Feijó- Assentamento Santa Alice/ 18 de maio
Regina Ines Ludwig- Assentamento Santa Alice/ 18 de maio
José Francisco de Melo Porto- Assentamento Santa Alice/ 18 de maio
Paulo Roberto Padilha de Lima- Assentamento Nova Herval
Maria Leonor Batista- Assentamento Nova Herval
Claudete Inhaia- Assentamento Nova Herval
Celso Maestre- Assentamento Nova Herval
Vera Lúcia de Medeiros Gonçalves- Assentamento Vista Alegre/ Tamoios
Leonel Pereira Grevinel- Assentamento Santa Alice/ 18 de maio
Credomar Gomes de Mattos- Assentamento Santa Rita de Cássia/ 15 de Outubro
Carlos Eduardo de Medeiros Gonçalves – Assentamento Vista Alegre/Tamoios
Fernanda Zanchett– Técnica Agrícola (extensionista rural dos assentamentos da EMATER/Herval)
Jonas Radtke – Técnico Agrícola (extensionista rural dos assentamentos da EMATER/Herval)
André Kieling– Engenheiro Agrônomo (técnico ambiental da EMATER/Herval)

COLABORADORES EDUCADORES E TRABALHADORES DA EEEM CORINTHO ÁVILA ESCOBAR:

Anderson Roger Botelho
Dorilda Alexandre
Eva Alice Costa Nunes
Gileine Garcia de Mattos
José Luiz Afonso Giozza
Maria da Conceição Gonçalves

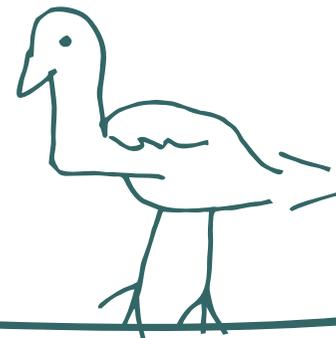
Marivânia Salvador de Almeida
Nardela Lima da Silva
Renato Remédios Pinto
Rosângila Medeiros Martins

COLABORADORES

AMIGOS DA TERRA BRASIL:

Bruna Engel (Amigos da Terra Brasil)
Bruna Missaggia (Amigos da Terra Brasil)
André Guerra (Amigos da Terra Brasil)
Vinícius Zuanazzi (Amigos da Terra Brasil)
Lúcia Ortiz (Amigos da Terra Brasil)

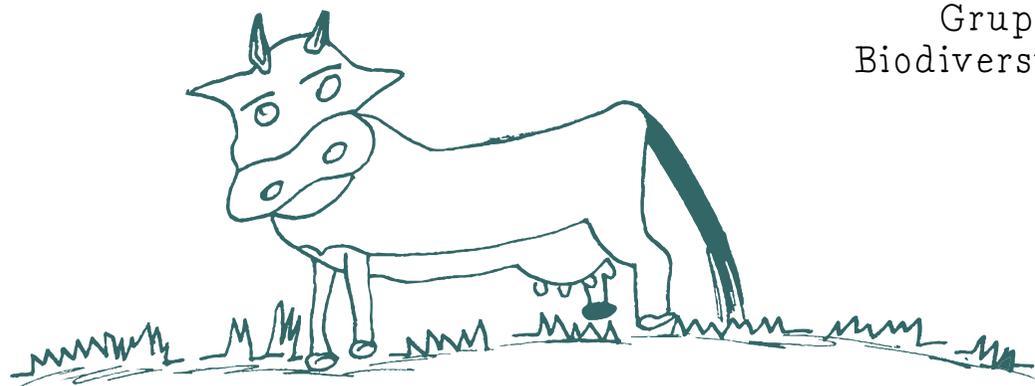
UMA ANDORINHA SÓ
NÃO DEFENDE A PAMPA



POR ISTO, JUNTAMOS TODOS BIXOS

O livro **Saberes Sabidos** foi construído por muitas **vozes**, de todas as idades, cores, credos, gêneros, mas com algo em comum, o lugar onde vivemos, o **Bioma Pampa**.

Chegamos ao final deste processo com o sentimento de muita **gratidão** pelo envolvimento de toda comunidade que vive nos assentamentos no município de **Herval/RS**, em especial, à EMEF **Ernesto Che Guevara** e à EEEM **Corintho Ávila Escobar**, aos **professores** que se permitiram **sonhar** junto, aos **pais** que perceberam a importância deste trabalho, aos agricultores do **Grupo Biodiversidade** agregando e **compartilhando** os seus **saberes**, aos técnicos da **Emater/Herval** que **abraçaram** nosso projeto e nosso carinho especial aos **educandos** que embarcaram nessa **viagem de resgate** dos **saberes** e transformaram-se nos **protagonistas** deste livro.



Grupo
Biodiversidade

Escola Municipal
de Ensino Fundamental
Ernesto Che Guevara

Escola Estadual
de Ensino Médio
Corintho Ávila
Escobar

Sítio Cultural
Ibiekos

EMATER-RS
Herval

Amigos da Terra
Brasil

Fundação Luterana
de Diaconia

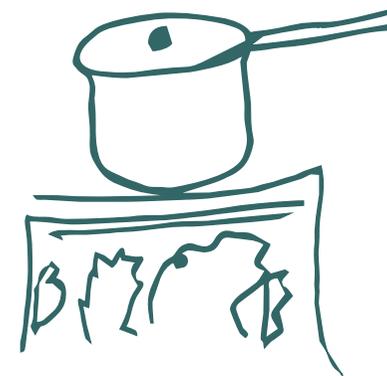
FORTALECENDO A SOBERANIA ALIMENTAR, CONSERVANDO SABERES PRESERVANDO O BIOMA PAMPA

Participou deste projeto pessoas de todas as idades que acreditam que a **terra** é muito mais do que um lugar para produzir, acreditamos que somos parte dela e ela **parte de nós**.

Assim, **Pampa** e **pampeano** servem um ao outro de forma recíproca integrando um só sistema, o sistema da **vida**.

Acreditamos que não podemos nos envenenar, temos que nos cuidar, e acreditamos que a melhor forma de garantir isso é **resgatando** os **saberes** com quem há muito tempo já trabalha com todos estes conhecimentos passados de **geração** para **geração** nessa relação de **pertença** e **resistência**, bem aqui, neste cantinho do pampa.

Por meio da relação entres os temas **SU**Leadores: o Bioma Pampa e o Ser Pampeano, Saberes Populares e Soberania Alimentar, iniciamos um **diálogo** que envolveu diferentes atores da comunidade de **Herval/RS**. Como final deste processo, temos o Livro **Sabes Saberes Sabidos? Suleando os nossos sonhos!**», que traz a voz de todos que se permitiram **sonhar** e **caminhar** juntos na construção de elementos que tragam **autonomia** aos **campesinos** que vivem no pampa.



Soberania Alimentar:

É o direito à **alimentação saudável** e culturalmente apropriada, produzida através de métodos ecologicamente sustentáveis. Defende a opção de formular políticas e práticas comerciais que melhor sirvam aos direitos da população, respeitando à alimentação das pessoas ao invés de favorecer o lucro corporativo.

SULEAR: Nossa orientação é o Sul, afinal nos orientamos pelo Cruzeiro do Sul. **SULear** significa nos empenharmos na **construção de um saber local, que faça sentido para as pessoas deste lugar**. É também, se virar de frente para a cultura e os conhecimentos daqui.

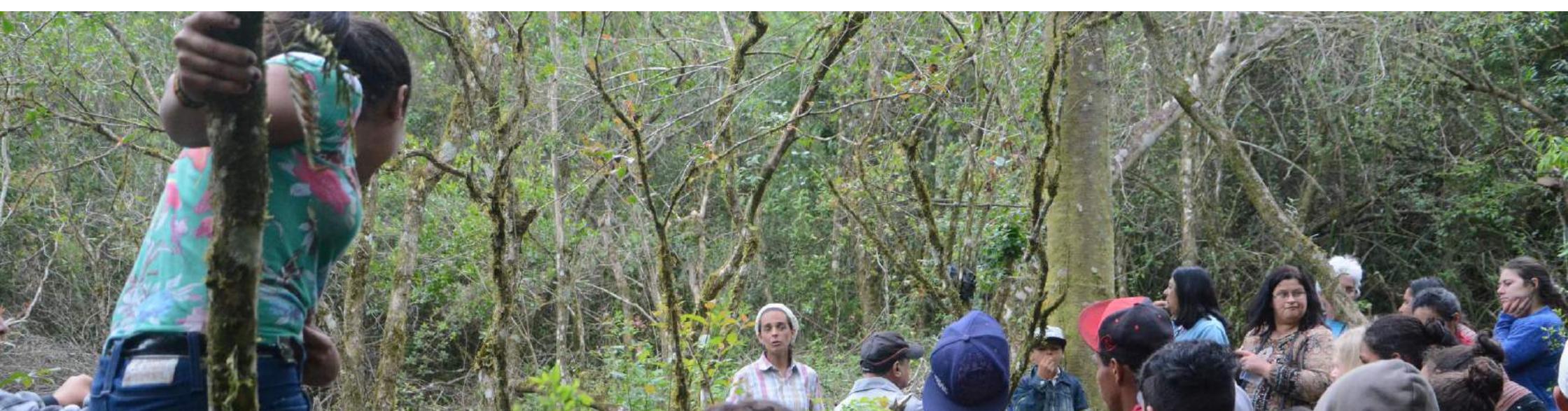


CONTEXTUALIZAÇÃO DA REGIÃO

Após a 2ª guerra mundial os países aliados, **vitoriosos**, dividiram o mundo com o **objetivo** de gerar e **acumular** a maior **riqueza** possível. Dentro deste processo, a **América Latina** historicamente explorada na fartura, mas não na infinita matéria prima, foi colocada desta vez como celeiro do mundo. A agricultura moderna chega então com total apoio dos Estados e seus chefes, contando é claro, com o conhecimento dos seus supostos benefícios através da mídia, tanto a escrita quanto a televisiva que começava a existir e se ampliava rapidamente impulsionada pela lei global do consumismo. A mecanização, as sementes híbridas, os adubos químicos faziam parte do «pacote agrícola» amplamente difundido como a «**SOLUÇÃO PARA FOME DO MUNDO**»!

Poucos conseguiram enxergar na época, que essa afirmação era falsa, e que apenas se tratava de uma forma eficaz encontrada pelos chefes do capitalismo mundial para capitalizar a terra, acabando com a autonomia camponesa. Como alguns dos resultados disto, o êxodo rural atingiu seu pico na década de 70. Agricultores em sua grande maioria, se endividaram com os bancos para adquirir os pacotes, porém a falta de conhecimento, as altas taxas de juros e a desvalorização da produção primária de pequena escala, foram alguns dos principais motivos para que estes camponeses perdessem suas terras.





Ao final da década de 80, estes camponeses primeiro expropriados de suas terras pelo jogo do capital, depois expropriados pela remarcação de terras indígenas no norte do estado, organizados por entidades e sindicatos exerceram tanta pressão no chefe do estado que deram início ao processo de reforma agrária no país, nascendo ali o MST.

No início da década de 90 o então chefe de estado Fernando Henrique Cardoso passou a negociar áreas na região sul do RS, as áreas em questão aqui eram fazendas improdutivas, endividadas, de difícil acesso e em alguns casos, impróprias para produção agrícola. Feita para não dar certo. Nenhuma área foi desapropriada. Nenhuma fazendeira ou fazendeiro não recebeu muito bem por suas terras.

E nós, camponeses expropriados, acampados nas beiras da Br's nos acampamentos do MST, fomos chegando para dar vida nova a este lugar, resgatar o que um dia foi lugar de encontro de muita gente que hoje o trem não carrega mais

Num lugarzinho do mundo denominado 2º distrito de Herval - Basílio, no costado do Arroio Basílio, também 2º do distrito de Piratini. Rodeados hoje por fazendas, muitas delas tomadas de eucaliptos e a cada ano, assistimos o avanço do soja transgênico, trazendo muito veneno, contaminando a terra e a água.

Esta realidade nos coloca diante de encruzilhadas. Este novo sistema de produção do agronegócio impede a coexistência com outros sistemas de produção, principalmente a produção orgânica e agroecológica.

Prima vera e
vera, aqui na
meio região

UMMMmm

SABIA QUE O SABIÁ SABIA ASSOBIAR?

Sabia que pra comer tem que plantar?

Sabia que nosso mato doença pode curar?

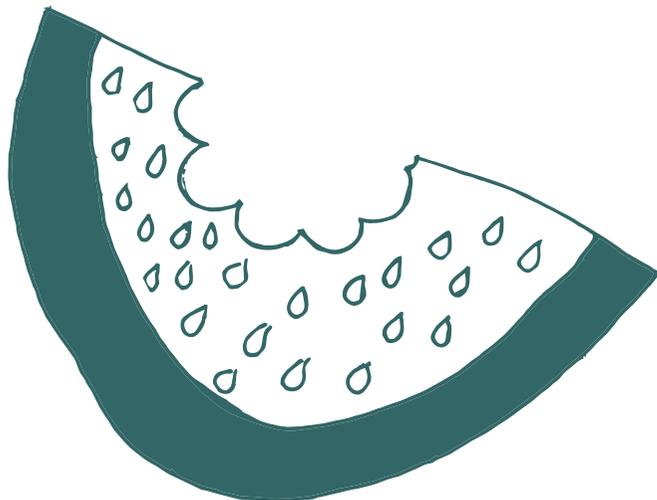
Sabia que além de gado muita coisa no pampa dá?

Sabia que sem trabalho e conhecimento nada vai mudar?

Sabia que sem gente na terra comida vai faltar?

Sabia que o saber dos mais velhos pras crianças tem que passar?

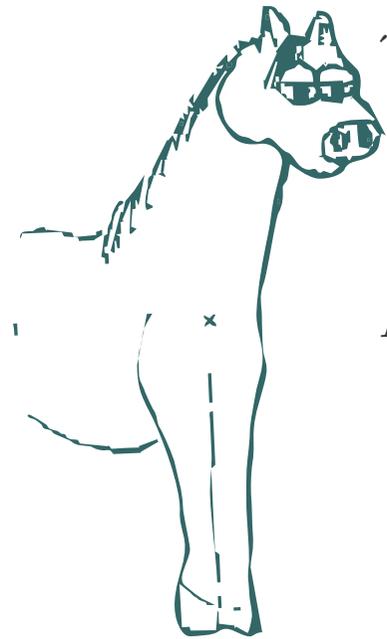
Sabia que as crianças com todo saber o mundo vão salvar?





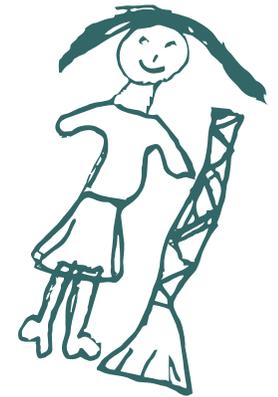
MINHA HISTÓRIA

“Eu acordo, arrumo minha cama e vou no banheiro escovar meus dentes e lavar o rosto. Faço os meus temas, depois assisto desenho, almoço e vou me arrumar para a escola. Quando chego da escola vou dar comida para as ovelhas, ajudar o meu pai a dar comida para a vaca, tirar leite e vou brincar. A noite volto para a casa, tomo meu banho, janto, assisto um pouco de TV e vou dormir.”

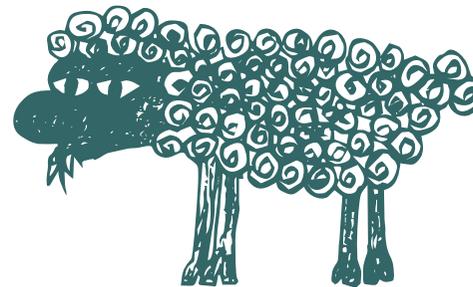


“É típico daqui Apostar carreira: fazer uma corrida de cavalo. A carreira oficial é uma cancha reta com 100 metros. Mas, costumamos fazer no campo como brincadeira. Também cavalgar no campo e camperear. Aqui podemos pescar em açudes: carpa, lambari e Jundiá. Tomamos mate, chimarrão ou mate doce (depende da vontade de cada um) todos os dias, em especial de manhã cedo e/ou no final da tarde.”

Eu tenho dois filhos e um marido pra mim cuidar.
Eu faço um monte de coisas eu lavo roupa faço comida tenho uns cães pra mim cuidar também tenho dois coelhos.

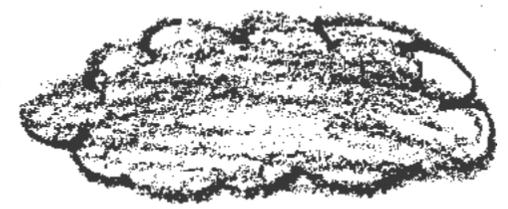
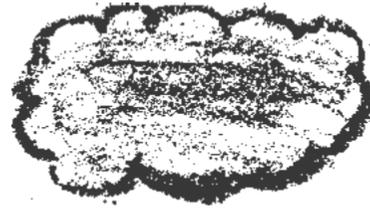


“Meu nome é Andrey, tenho 10 anos. Minha rotina é levanto às 7 horas da manhã, dou leite para o meu cordeirinho e me arrumo para a escola. Chego da escola e tiro o resto da tarde para brincar.”



“Bom, sou Suellen e tenho 6 anos. Eu vivo com meus pais e duas irmãs. Vou ao colégio de manhã e durmo um pouco a tarde. Ajudo minha mãe a cuidar dos pintinhos, porcos e da minha cordeirinha que se chama Suffia. Eu faço outras coisas, ando de bicicleta, vou passear na cada minha avó, da minha tia, etc.”

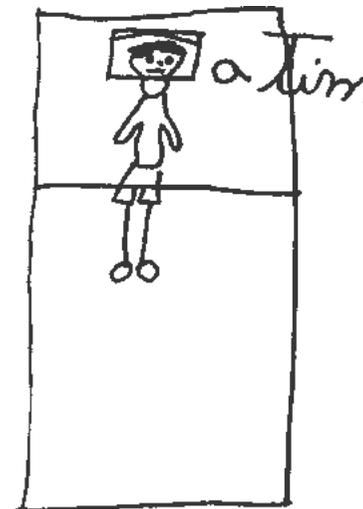
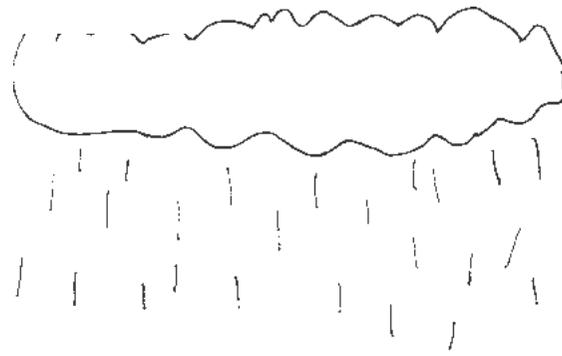
DO CLIMA



«Bom, nos últimos anos quase **ninguém** consegue **saber** se vai **chover** ou dar muito **sol**. Ou, se no inverno vai fazer geada, frio ou tempo seco com muitos ventos gelados. O que muda em minha vida? É na **época de plantar**, ou está chovendo muito ou seco demais, e aí **não conseguimos fazer nada**. Eu já nem me preocupo tanto...»

BOM NAO TEMOS MUITAS
CERIEZA TEM VEZ QUE
CHOVE E FAZ MUITO
FRIO E FAZ CALOR
DE QUEIMAR A CUCA

Não pode sair para festa quando
está chovendo tem que tomar
chá por causa da gripe.



ALIMENTAÇÃO TAMBÉM É CULTURA

Ruê de Stromona

- 4 Bananas cortadas em rodellas
 - 1/2 xícara (chá) de água
 - 1/2 xícara (chá) de leite de coco
 - Sal a gosto.
 - 2 colheres (sopa) de salsa picada
 - 1 colher (chá) de pimenta dedo-de-moça
 - Suco de 1/2 limão
- Em uma panela, leve ao fogo médio a Stromona com água até formar um purê. Adicione o leite de coco, sal, a salsa, a pimenta e o suco de limão. Mexa bem e punem to o suco de limão. Mexa Bem até incorporar retire e transfira para uma travessa. decore como desejar e sirva.

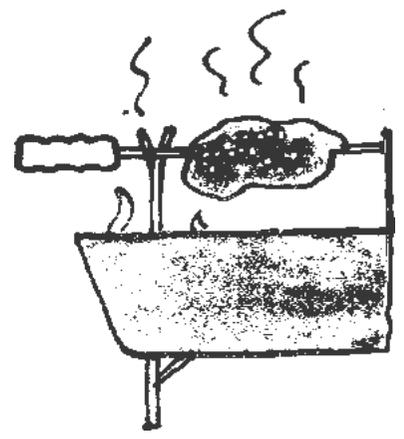


«**Feijoada**, para fazer leva: feijão, corinho de porco, patinha, linguiça, água quente. Coloca o feijão na panela com água quente, quando cosido coloca as patinhas e os corinhos.»

«**Doce de maracujá nativo:** O doce é feito com o fruto verde. É igual doce de figo. Ferve a calda, tira a pele (a pele é igual ao do tomate, assim como o figo dá pra fazer com pele também), depois cozinha na calda.»

Alimentação é cultura e somos o que comemos, por isso todo carinho é pouco para o preparo das nossas comidas. O churrasco é uma comida típica daqui que nasceu junto com as fazendas de gado. Como não precisa de panelas ou outros utensílios de cozinha se tornou uma forma fácil e gostosa de se alimentar.

Nossa comida típica é o churrasco um bom prato onde compartilhamos com quem nos visita. Usamos como animal muitas vezes a ovelha. Primeiro preparamos o fogo com lenha do mato ou carvão após temperamos a carne com sal grosso, e em seguida espetamos em espetos até mesmo do mato. Levamos ao fogo onde a brasa torna a carne succulente e pronta para degustar-la.



«Filé suíno em crosta de biscoito»

4 bifés de filé suíno com 3 cm de altura

Sal e pimenta do reino à gosto

1 dente de alho picado

1 ovo

1 xícara de chá de biscoito água e sal triturado

4 colheres de sopa de óleo

Preparo:

Tempere os bifés com sal, pimenta e alho.

Passa pelo ovo ligeiramente batido

depois passa pelo biscoito triturado

Aqueça uma frigideira

Coloque e doure os bifés por igual

Retire do fogo, escorra em papel toalha.

Decore como desejar e sirva em seguida.»



«Canjica»

é muito bom e é feita do milho quando está seco. Primeiro cozinhe a canjica até ficar mole, depois adicione leite condensado e deixa ferver por 5 minutos.»



«Bolo de chocolate»

de leite: três ovos, uma xícara de óleo, duas xícaras de farinha, uma xícara e meia de chocolate e duas colheres de fermento em pó. Misture tudo e coloque no fogo.»

«Arroz com galinha caipira,

para fazer: adicione em uma panela o azeite, a carne já picada com sal, pimenta, alho e cebola. Deixe fritar, quando estiver dourado adicione o arroz, mexendo bem. Adicione a água (para duas xícaras de arroz, acrescente duas xícaras de água). Deixe abafado por alguns minutos e sirva.»

Sorvete de pitanga

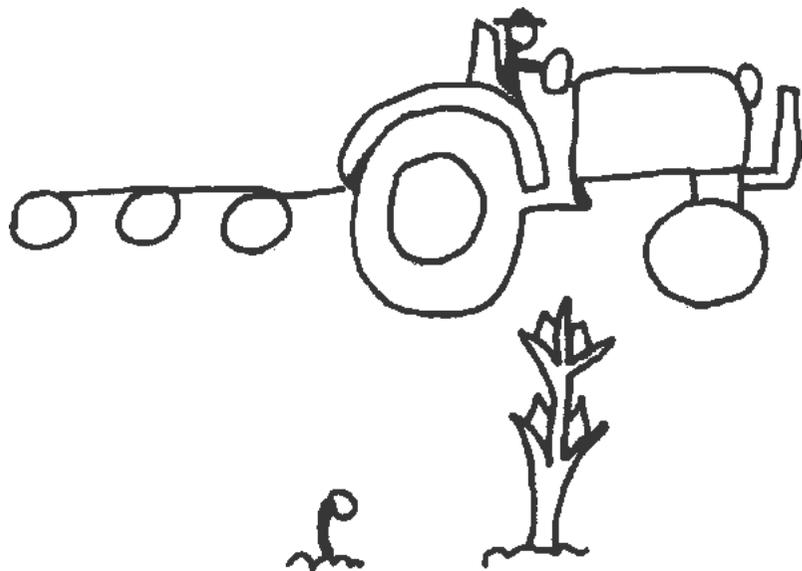
Preparo:

Leite condensado, Leite, creme de leite, uma xícara de pitanga natural e sementes, Bater tudo no liquidificador, 2 horas no freezer por 2:00. Servir com cobertura de chocolate.

«Eu tenho o costume de fazer as minhas comidas. Arroz com carne, feijão com toucinho e todos os tipos de saladas. Faço panquecas com carne moída de carne de res e de galinha. As vezes invento algumas receitas.»

OS JEITOS DE CUIDAR DAS PLANTAS

Só colhe cebola quem planta cebola, só tem sementes para a próxima plantação quem colhe e guarda **sementes crioulas!** Tudo inicia nas sementes, quando usamos as crioulas, podemos guardá-las e plantá-las no próximo ano sem precisarmos comprar sementes. Quanto mais agricultores ajudarem na perpetuação das sementes, cultivando e fazendo trocas com outros agricultores mais conseguiremos garantir a nossa **autonomia**.



«**Couve**, pode ser no inverno ou verão. Semeamos as sementes e preparamos canteiros com adubo de sua preferência. Depois de prontas mudamos para o canteiro definitivo.»

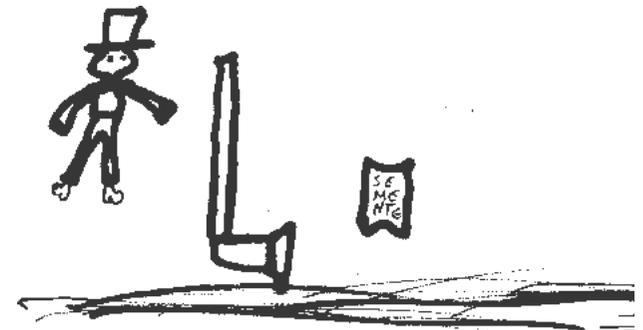
milho o milho é plantado no época de setembro e dezembro.

feijão já o feijão é outubro e dezembro.

alpinas é outubro e novembro.

batata doce é outubro e novembro.

Dicas para ter uma **colheita biodiversa**: trabalhe em **rede**, troque **saberes** e **sementes** com os seus **vizinhos!**



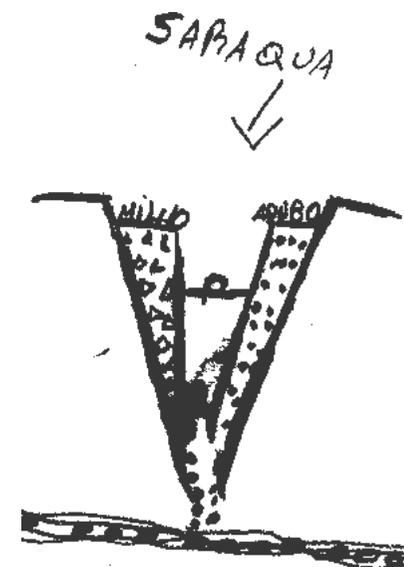
«Gosto de cultivar **milho**.

Primeiro meu pai lavra a terra, depois eu planto. O milho quando cresce eu limpo e jogo terra no pé do milho. Se cultiva em

outubro.»



«Os jeitos de manejar a terra pode ser com **trator, boi** e até com cavalo. Primeiro passa o arado que vira a terra em torrões grandes e depois a grade que serve para deixar a terra fofinha. Enxada e pá para capinar, rastilho que ajuda a arrumar o canteiro, matraca ou **saracuá** que serve para **plantar sementes**.»



«O ideal é molhar **duas** vezes ao dia, dependendo do clima. É muito importante molhar bem cedo da manhã e no final da tarde, se molhar no sol a planta queima.»



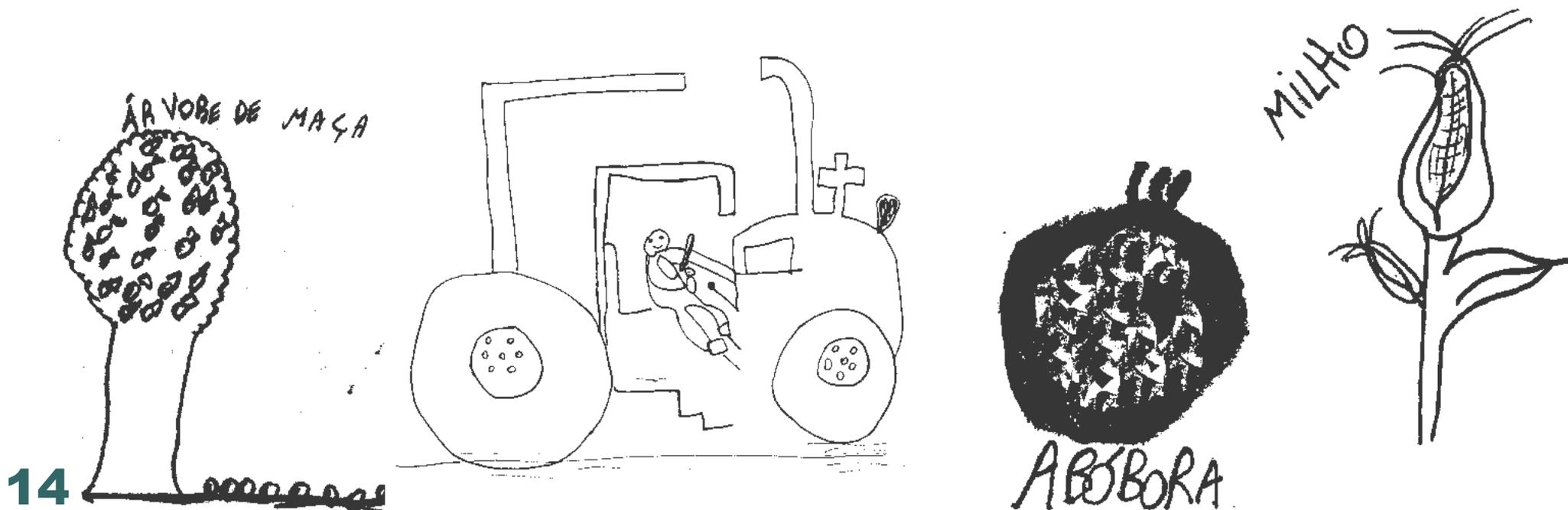
*Eu gosto de capinar
é bom*

«Fazemos **adubo** com as fezes de ovelha e vaca, precisa ficar vários dias. Se colocar **minhoca** ele vira adubo mais rápido, é preciso umedecer e tapar de palha. Quando o animal é dosado com ivermectina as suas fezes não decompõem, por que o remédio mata os bichos que ajudam no processo de decomposição, e então não serve como adubo.»



«Dica: substitua o remédio por plantas que possam fazer esse papel: hortelã, folha de bananeira, alho e a cinza da folha do umbu. Para o terneiro podemos dar até o fruto do Umbu. Ah, o alho sai no leite o gosto, por isso se perde dois dias de aproveitamento do leite para consumo humano.»

«A **alface** a gente tem que preparar o solo, fazer o canteiro e semear a semente. Esperar ela crescer e quando ela estiver com 3 cm mudar para um canteiro definitivo.»



MEU PÉ DE...

BERGAMOTA É MINHA FRUTA PREFERIDA.

EXISTE EM MINHA CASA UM POMAR ONDE ENCONTRO ELA NA ÉPOCA DO INVERNO.

«**Bergamota** é nativa das matas, se encontra entre julho, junho e agosto. Fazemos muito suco!»

«**Taleira Rasteira**, também conhecida como Esporão de Gado: *Celtis iguanaea* (Jacq.) Sarg. Sua fruta é pequena e laranja, nasce de março em diante.»

«**Pitanga**: *Eugenia uniflora* L. (Myrtaceae). Dá fruta em novembro, dá bastante fruta de 2 em dois anos. Este ano (2015) deu fruta só uma semana. Outra curiosidade, ela floresce em três camadas, este ano deu só uma camada. Seu caroço é ótimo para fazer licor.»

«**Marmelo**, dá fruta no verão. Se come o fruto maduro e se faz marmelada que é uma delícia.»

«**Araticum**: *Annona maritima* (Záchia) H.Rainer. Frutifica de março em diante.»

«**Guamirim**: *Eugenia uruguayensis* Cambess. Dá fruta na primavera.»

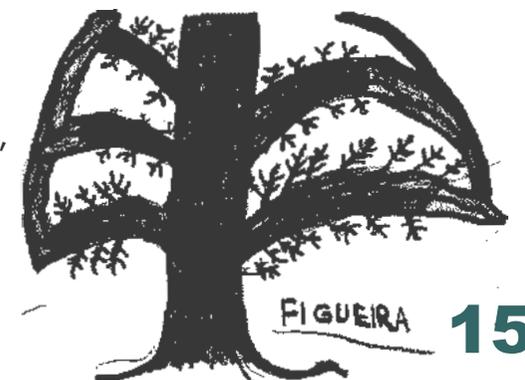
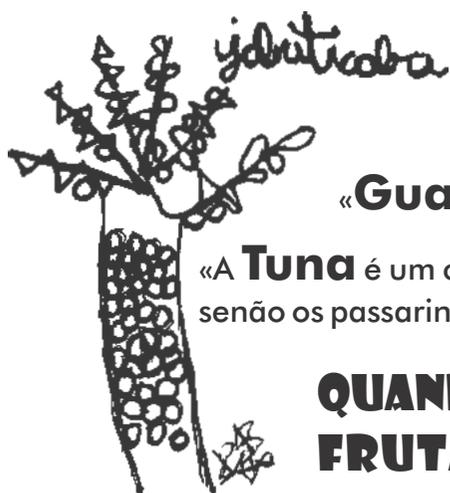
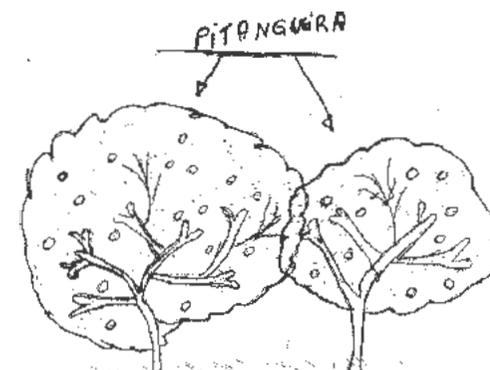
«A **Tuna** é um cactus que tem uma fruta bem gostosa. Para comer precisamos ficar de olho, senão os passarinhos comem tudo.»

QUANDO NÃO SOUBER SE PODE COMER ALGUMA FRUTA DO MATO, OBSERVE OS PASSARINHOS!■

«**Amora**, conhecida também como framboesa, sua fruta fica madura no verão, dá pra fazer suco, geleia, doce e comer direto do pé.»

Laranja, lima, limão, dão fruta no inverno! É época que nos cuidamos para não gripar!

Araçá: *Psidium cattleianum* Sabine. Sua fruta está madura em fevereiro.



«**Maracujá nativo**: Passiflora caerulea L. Fruta em dezembro.»

«**Goiabinha Serrana**: Acca sellowiana (O.Berg) Burret. Floresce em dezembro dá fruta em março.»

«**Guabiropa**: é uma delícia, no verão comemos bastante. Alguns dizem que ela nasce quando se corta o mato.»

«**Veludinho**: Guettarda uruguensis Cham. & Schtdl. Frutifica na mesma época da pitanga, em novembro.»

«**Figo** – dá fruta no verão, e com fruto maduro se faz **figada**.»

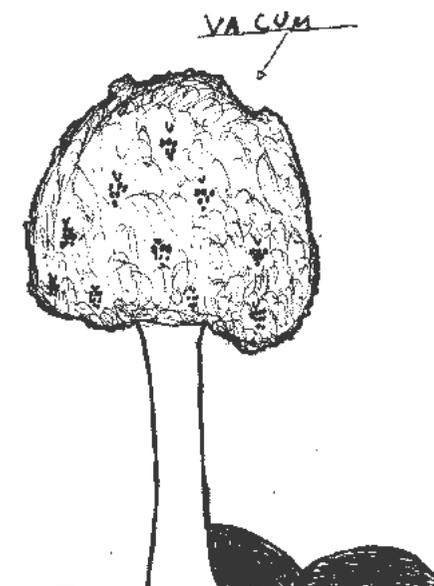
«**Ananá** é um abacaxi pequenininho!»



«**Butiá**: Butia witeckii K. Soares & S. Longhi e Jerivá Syagrus romanzoffiana (Cham.) Glassman dá fruta em abril e dentro do coquinho tem amêndoa. Eu gosto de comer, fazer suco e também fazem licor.»

«Minha fruta preferida é a **UVA**. Eu amo tudo que é derivado de uva, menos vinho. Geralmente a colheita da uva é em fevereiro. Aqui em casa tem uva e meu pai trabalha no vinhedo dom Basílio.»

«**Pinhão**: Araucaria angustifolia (Bertol.) Kuntze. Frutifica em abril.»



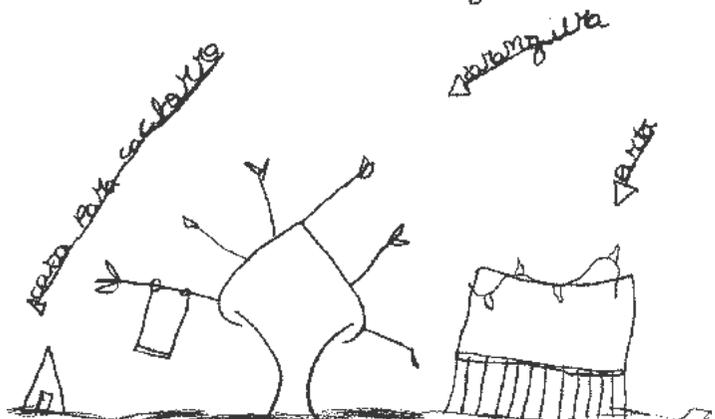
PESSEGO.

A MELHOR ÉPOCA DE PLANTAR
É NO VERÃO

DEPOIS MUDAMOS ELA

EU USO COMER FAZER SUCOS E DOÇES

Eu gosto da catanheira para
brincar andar de balanço e
comer catanheira



PLANTAS QUE CURAM

«**Hortelã e hortelã pimenta** é ótima para **vermes**. Para o tratamento completo precisa tomar 7 dias do chá, ficar mais 7 dias sem tomar e depois mais 7 dias tomando o chá de novo.»

«Usamos muita **palma** para problemas no **estômago**. Fazemos chá com as folhas de **laranja** e **bergamota** para **gripe**. **Arruda** nós utilizamos para **benzer**.»

«**Pecaonha**: ajuda no combate às cólicas intestinais e má digestão.»

«**Maracujá** é bom para acalmar pessoas **nervosas** e para **dormir**. **Cipó-chumbo** é bom para curar **gripe**.»

«**Receita de Xarope das 9 ervas**

para combater a **tosse, gripe** e estado febril:

- entre casca da **taleira** *Celtis ehrenbergiana* (Klotzsch) Liebm.
- entre casca do **açoita cavalo** *Luehea divaricata* Mart. & Zucc Família Malvaceae.
- folhas de **anacauíta** *Schinus molle* L. Família Anacardiaceae.
- folhas de **eucalipto**
- folhas de **bergamoteira**
- folhas de **laranjeira**
- **figuerilha** *Dorstenia brasiliensis* Lam. Família Moraceae.
- folhas de **maracujá** nativo
- **Poejo** do mato.»

«O mato nos oferece tudo que precisamos. Nossas necessidades têm relação com o quê no mato cresce, por exemplo, no **inverno** temos árvores carregadas de **bergamotas, limões e laranjas** que nos previnem da **gripe** por que trazem consigo bastante **vitamina C**. Outro exemplo é a **bananinha do mato**, que chega com o inverno e nos fornece **xarope** para o ano inteiro.»

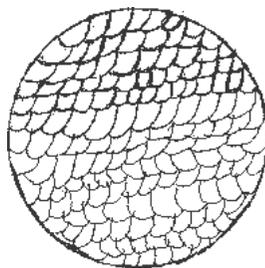
«**Salsa** faz bem para os **rins!**»

«**Cebola** crua faz bem para circulação.»



«**Losma**: para problemas de congestão.»

«**Sete sangrias**: fortalecer o coração, males do coração.»



«**Chuchu**: o chá de suas folhas é bom para quem tem pressão alta e também auxilia em cólicas menstruais.»

«**Gengibre** age como anti-inflamatório. Pode consumir puro ou em chá.»

«A semente de **araticum** é boa para combater infestação de ectoparasitas (**piolho, pulga, carrapato**) se faz infusão no álcool, não podemos ingerir, apenas usar fora do corpo.»



«**Pata de vaca** é bom para curar infecção na bexiga.»

«**Erva da vida**: ajuda pessoas nervosas, com insônia, histeria, cólicas no ventre, dores menstruais, prisão de ventre, sífilis, sarna, hemorroidas, reumatismo. Ela têm propriedades diuréticas, purgativa, sedativa, antiespasmódica. Afugenta moscas e outros insetos, pode ser usada em plantações para afugentar pragas.»

«**Herval** é conhecido mundialmente como um dos lugares com maior número de **cactos endêmicos** (aqueles que nascem só aqui no mundo inteiro). Todos os cactos tem altas cargas de silício, que é um componente importante para o nosso **cérebro** e também têm muita **cactina** que é um ótimo **cicatrizante** e bom para curar **queimaduras**.»



«Chá de **Macela** ou **MaRcela** é bom para o estômago e ajuda a regular a pressão.»

«Cabelo de porco, tiririca, broto da goiabinha, folha da pitangueira, hortelã e hortelã pimenta ajudam a curar de **diarreia** e problemas no intestino.»

«Para os animais usamos o **alho** macerado na água para desverminar.»

«**Umbú**: Phytolacca dioica L. Família: Phytolaccaceae. Ajuda para prisão de ventre quando ingerida como chá de suas folhas. Ele é muito forte, tome com cuidado! As cinzas das folhas serve como vermífugo. Seus frutos agem como vermífugo para os terneiros.»

«**Carqueja** Baccharis trimera (Less.) DC. Carqueja. Família Asteraceae. É diurética e combate os males do estômago e do fígado. Não pode tomar todos os dias por que pode causar disfunção renal. Usamos para prevenir sinomose nos filhotes de cachorro.»

«**Aroeira Cinza**: ajuda pessoas que tem problemas de reumatismo e coluna.»

«**Tansagem** é uma planta que cura infecção e também serve como tratamento para quem deseja parar de fumar, fazendo chá com suas folhas.»

«**Folha de batata doce** é remédio para dor e infecção na garganta. Ela é antibacteriana, basta fazer um chá com três folhas cozidas, esperar esfriar e colocar uma pitada de sal. Fazer gargarejo até cansar, ou melhor, curar!»

«**Funcho e Gervão**: combate cólicas intestinais causados por flatulência.»

«Chá de **folhas de ameixa** cura a **gripe**.»

«Bom, quando tenho dor de garganta faço gargarejo com **arnica e malva**.»

«**Folha de limão, cidreira e poejo** para gripe.»



Chá de **alecrim** abre o apetite e o suco também é cicatrizante. Também chamam o chá de alecrim o chá da **alegria**, pois aumentam a disposição e o **bom humor** de quem o ingere.»



«**Salsa moura**: depurativo do sangue.»

«**Coronilha** Scutia Buxifolia família das Ramnáceas, seu cerne ajuda para pressão alta e cuidar do coração.»



«**Tiririca** *Pycreus lanceolatus* (Poir.) C.B. Clarke Família: Cyperaceae, a raiz é hormônio do crescimento, é utilizada no enraizamento de plantas que pegam de galho.»

«**Guanxuma**, sua raiz é depurativa do sangue e recompõe a flora intestinal. A planta inteira ajuda a curar ressaca.»



«Aqui em casa usamos a **folha da laranjeira** para fazer chá e para os animais.»

«**Mil em rama** ou **Pronto Alívio**: cura febre e todos os tipos de dores. É um forte analgésico. Pode fazer um tratamento para cólicas menstruais, por exemplo. Apenas faça chá de suas folhas e tome três dias antes de ficar menstruada e até o terceiro dia do seu ciclo.»

«O chá da **folha de girassol** ajuda a baixar a febre. Pessoas muito nervosas podem torrar suas sementes e fazer café para acalmar.»



«A erva **Cidreira** é um calmante natural, basta colocar suas folhas com água fervida em uma caneca.»

«**Bananinha do mato** têm várias utilidades, seu xarope é ótimo para tosse e soltar o catarro do pulmão. Também serve como cerca viva e é gostosa de comer assada, tem que ser assada por que ela é muito ácida.»

«**Couve**: O suco da couve crua é bom para alguns tipos de gordura no sangue.»

«**Romã** é bom ferver a casca para dor de barriga.»

OS JEITOS DE CUIDAR DOS BICHOS



Bovino cultura

o gado de corte são criados
no campo natural e pastagens
já as vacas de leite
no campo natural e ração



← é um
vaco

TEM QUE DAR PASTO, ÁGUA,
E TAMBÉM TIRAR LEITE

AS GALINHAS TEM QUE DAR MILHO
DAR ÁGUA E RECOLHER OS
OVOS E PRESERVANDO
DEIXAR REPRODUZIR
NÃO MALTRATAR

Manejo das galinhas

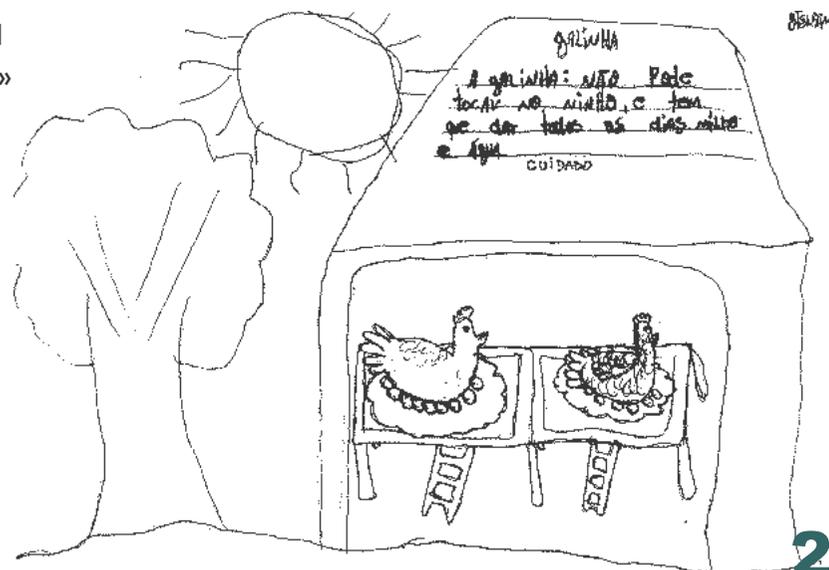
«As galinhas podem ser criadas em galinheiros ou soltas.

Quando são criadas soltas elas correm mais risco de serem atacadas por **predadores**, gato do mato, sorro, jaguatirica, zurrilhos e até mesmo o puma. E fazem ninho no mato e nas moitas, assim os ninhos ficam de mais fácil acesso aos predadores, zurrilhos, lagartos, cobra, sorro.

Quando encontramos um ninho em alguma moita, **não podemos colocar a mão**, porque se a galinha já estiver chocando, ela abandona o ninho. Alguns camponeses desenvolveram uma **ferramenta para coletar OS OVOS**, é uma garrafa com o corpo cortado ao meio, no bico encaixa um pau e usa essa ferramenta pra pegar o ovo no ninho, assim a galinha não estranha o **cheiro** e não abandona o ninho.»

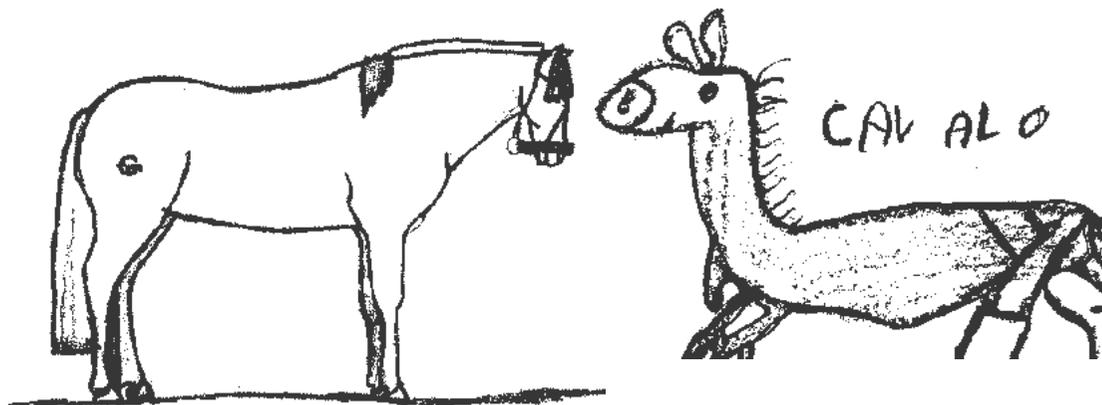
«Se der **pouca comida**
a galinha põe **poucos ovos!**»

«Além de comer os ovos, a **clara de ovo** é utilizada para todo tipo de **queimadura**, ela alivia a dor na hora, e não deixa fazer bolha e nem formar cicatriz.»



Manejo dos cavalos

«Existem duas formas de fazer a doma de um potro: a tradicional e a **racional**. A racional vem se popularizando por que **qualquer pessoa pode fazer**, independentemente do tamanho, sexo ou idade. Na doma racional trabalhamos com a **confiança do animal** dentro de uma relação de parceria, onde diferentemente da doma tradicional, a força não é o mais importante, e sim a **paciência** e a capacidade de compreender o potro.»



«Cabelo de **milho** funciona como **anti-inflamatório**.■

Usamos **cinza** para curar vários tipos de **bicheira**.

Nós usamos o **leite** para curar as rachaduras nas tetas da **vaca**.

Cravo e também o **SUCO de limão** ajudam a espantar **pulgas** e **carrapatos** de cavalos, cachorros e outros bichos. Uma poção de **alho** macerado também funciona!»

Manejo das ovelhas

«A ovelha tem que ser criada perto da **casa**, porque é um animal muito indefeso.»



«Elas pegam cria no final do **verão**, antes delas **parir** tem que **esquilar**, tirar a lã, do úbere e da parte de trás da ovelha para na hora de ela parir o cordeirinho ou cordeirinha não ficar mamando em algum pedaço de lã e ficar franquinho.

Tem que **limpar** a ovelha antes dela **parir**, se ela estiver suja na hora de parir pode **abichar**.

Depois de nascido, tem que cuidar o **cordeirinho** porque tem **muitos predadores**, o gavião, o carancho, o carcará e até mesmo o javali comem cordeiros.»

ABELHAS... zzzzz



OBS: APÓS PICAR ALGUÉM A ABELHA MORRE.

Encontramos abelhas selvagens e em criatórios possuem ferrão e sim só as observamos



«Tem abelhas de bunda amarela e preta e também aquelas **bem pequeninhas sem ferrão**. Minha avó conta de uma abelha **nativa** que vivia no **chão**, antigamente tiravam mel dela e **sabiam manejá-la.**»

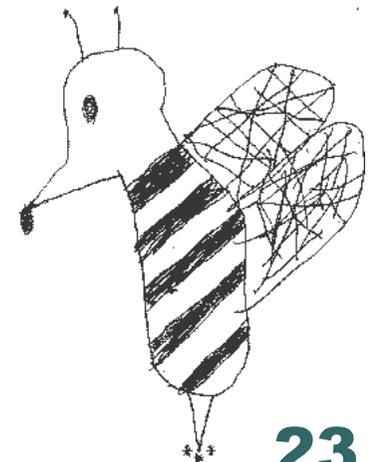
hum... 2 caixas de mel é igual a uns **20kg de mel...**

«Dependendo da **floração** das árvores, varia o **sabor** e a **cor** do mel.»

SIM ELAS POSSUEM O FERRÃO NA BUNDA. SIM MEU PAI TEM CAIXAS DE ABELHA E CUIDA DELAS.

Tem. Possuem ferrão e já trabalhamos com ela a já faz algum tempo.

«**Própolis, mel e cera!**»



Como fazemos para fazer o mel e manejar as abelhas:

«Tem que usar **roupas** próprias, luvas e botas!»

«Tem que colocar **fumaça** pra acalmar as abelhas para poder mexer na caixa, primeiro coloca fumaça na porta da caixa, depois quando levanta a tampa elas ficam todas na tampa. Para fazer a fumaça se usa o fumegador, e se coloca **capim cidrão** também conhecido por cidreira para acalmar as abelhas.»

«A tampa e os caxilhos são colados pelas abelhas com própolis, quando tira a tampa e os caxilhos pra melar, dá pra **colher própolis**.»

«Pra colher o mel dá pra usar a **centrífuga**, para centrifugar tem que pegar os caxilhos cheios de mel e **desopercular**, tirar a tampinha que as abelhas colocam nos buraquinhos feitos para colocar o pólen, a água e o néctar que vai virar mel. O nome destes buraquinhos é **alvéolo**, e o nome da tampinha é **opérculo**.»



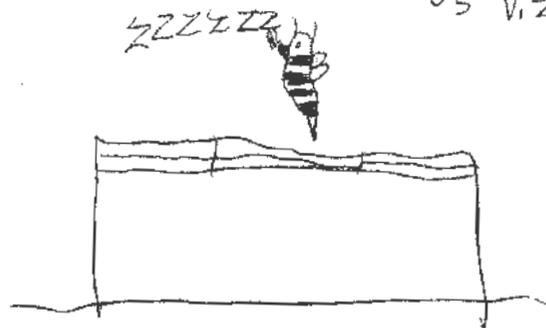
«Pode colher o mel também tirando a cera dos caxilhos e **espremendo para sair o mel**, assim a abelha tem mais trabalho depois porque tem que refazer toda a cera, mas o **mel fica com mais própolis** quando é colhido assim.»



«O tempo de melar, colher o mel, é só quando está **quente**. Quando está frio se mexer na caixa as abelhas podem morrer. A época de melar começa na **primavera** e vai até o **verão**.»

sim TEMOS DUAS
CAIXAS DE ABELHAS
PARA O CONSUMO E
O LARVA DO COMÉUS VIZINHAS

SIM; HÁ ABELHAS POR AQUI. ELAS SÃO
ENCONTRADAS NO MAIO, POSSUEM FERRÃO.
JÁ TRABALHAMOS COM ELAS MAS NO
MOMENTO SÓ AS OBSERVAMOS.



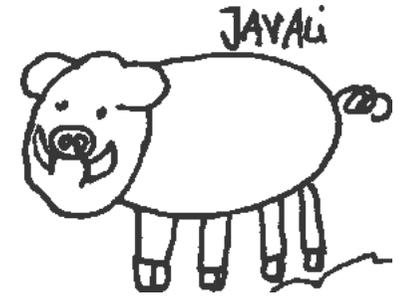
«No Assentamento **18 de maio**, esse trabalho de melar pode ser feito na **casa do mel**.»

OS BICHOS QUE VIVEM NO BIOMA PAMPA

que sabem sobre eles?

«**Veado**, Ratão do Banhado, **Jacu**

Lebre, Graxaim ou Sorro, Zurrilho, Ouriço, Mão-Pelada ou Guaxinim, Jaguatirica, Tamanduá, **Tatu**, Gato do Mato, **Javali** (não é nativo), Raposa, Paca, Cutia, Porco do Mato.»

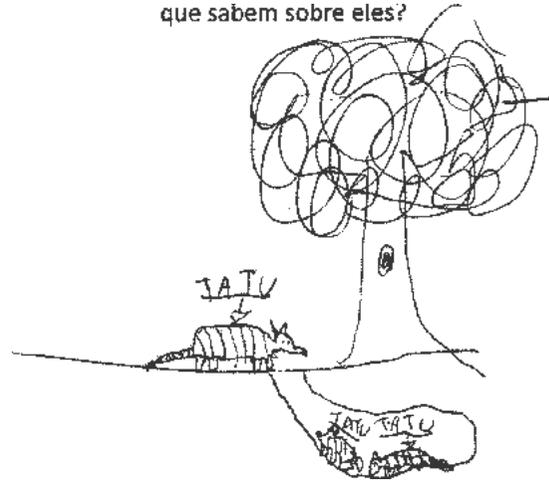


tem **Viado** campeiro que vive na nossa região nos campos juntos com o gado.

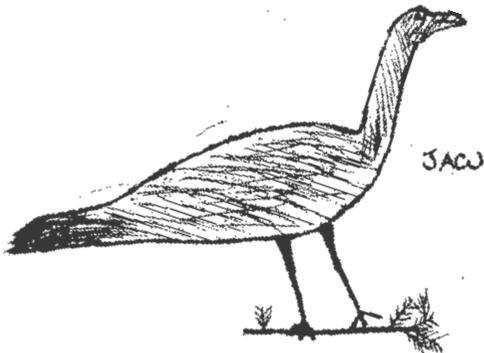
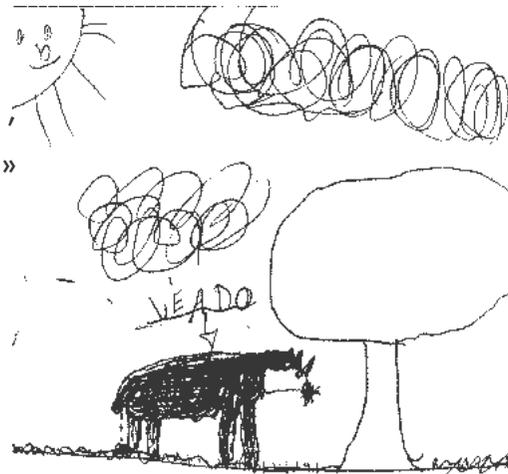
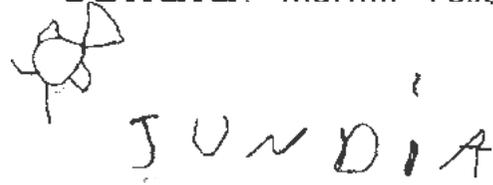
tem o **Graxaim** que é um cachorro que não tem dono e se alimenta de aves e pequenos animais, como ratos, preta, insetos.



QUERO QUERO
ELES SÃO CRIADOS
NO CAMPO
CAPIVARA ELAS
FICAM NA ÁGUA

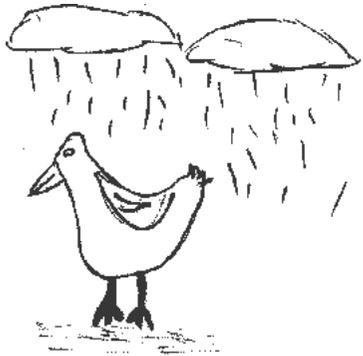


«Lagarto, cobra, **Jundia**, Martim Pescador.»



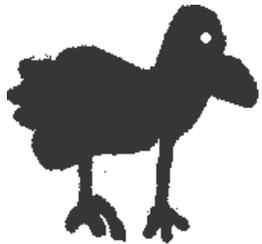
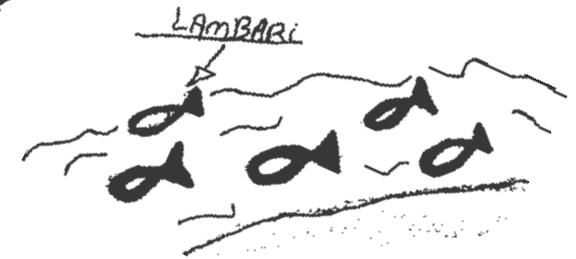
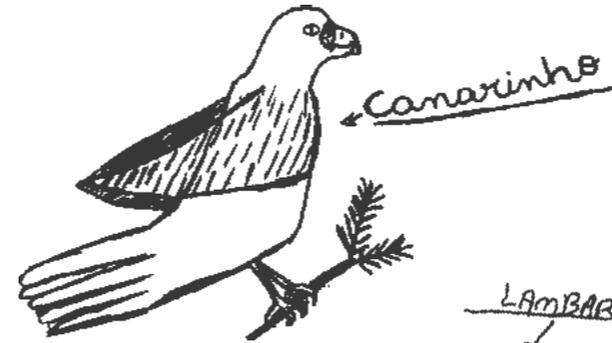
«OS BICHOS QUE VIVEM NO PAMPA FAZEM PARTE DO BIOMA, TANTO QUANTO E HÁ MAIS TEMPO QUE NÓS. SÃO ELES QUE CUIDAM DO MATO, CUIDAR DELES É CUIDAR DO NOSSO BIOMA, É CUIDAR DE NÓS MESMOS.»

OS BICHOS QUE VIVEM NO BIOMA PAMPA

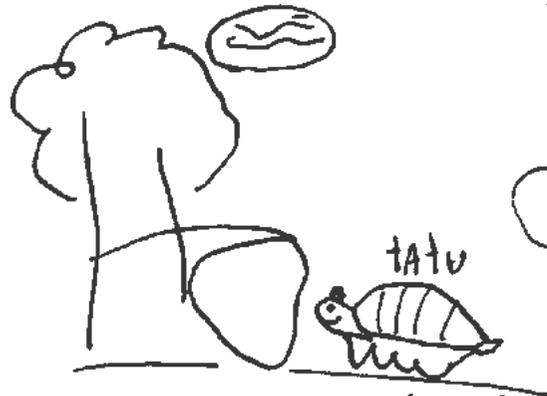


«Gavião, **Canarinho**, Perdiz, Coruja, Periquito, Caturrita, Tesourinha, Gralha Azul, Sangue de Boi, Cardeal, **Galinha d'água**, Marreca, Ema, **Jacu Bem-te-vi**, Tico-Tico, Pica-pau, Noivinha, **João-de-barro**, Andorinha, Gavião. Capote e Três Potes que são duas aves diferentes...

Saracura, Padre e João grande (parece uma garça), só frequenta açudes e come peixe, girinos... Tucano, famoso pela sua beleza e pelo estranho hábito de comer ovos!»



SARACURA



O que sei é que vivem soltos na natureza e aqui existem várias espécies - : Jabali, capimcho, liado, tatu, tamanduá, etc...

RELATOS SOBRE O PROJETO QUE RESULTOU NA CONSTRUÇÃO DESTA LIVRO...

«Conhecer projetos que valorizam a terra e os trabalhadores da agricultura me ajuda a gostar do meu lugar. Onde eu moro, é um lugar puro, com muita natureza em volta, um lugar onde a esperança de um mundo melhor com a natureza e com todos, nunca morre. Porque a esperança morre depois de nós, nunca é tarde pra sonhar... (...)»
Emily Bastos - 8º ano

«O projeto soberania alimentar me ajudou a gostar mais das plantas. Quando eu fui no Assentamento Tamoios e o projeto que valorizam a terra, eles protegem muito a terra e conheci muitas plantas, a alimentação muito boa.»
Alessandra - 8º ano

«(...) Só de pensar que estamos comendo muitos alimentos sem todo aquele monte de veneno, na minha casa temos uma horta tem morango, couve, alface, pepino, tempero verde.

Eu e minha filhas até a de 6 anos molhamos todas as tardes porque na hora de colher para comer sabemos o que estamos comendo e tem muita criança que não participam nem ajudam a mexer na horta mais com esse projeto com certeza varias crianças chegaram com curiosidade e com vontade de ajudar na terra.»

Marilda Inês - mãe



«É urgente construir essa mentalidade de **amor à vida** e respeito à **natureza** com as **crianças** para que eles já sejam a geração que vai cuidar do planeta e da saúde das pessoas. Eu acho que essas crianças que estão participando do Projeto nunca mais serão as mesmas. Não é? Eu acho que elas e eles encararam isso, **abraçaram a ideia**. Eu acho que eles serão outro tipo de criadores de galinha, de ovelha, de boi, de peixes. Pois eles tiveram a noção e pensaram sobre como se faz direito e qual a importância de fazer direito para aquilo que a gente ingere e que nos alimenta. Pelo menos eles **vão lembrar disso**, não é? Na hora de encher uma lavoura de veneno, vai ser impossível que eles não lembrem e se perguntem: "Não, mas eu vou estar comendo esse veneno depois?" Por que não estamos alimentando só o corpo, **estamos alimentando as nossas ideias**. Eu fico emocionada por que eu realmente acredito nisso.»



Mari Dias – Professora de Artes e Geografia da E.E.E.M. Corinto Ávila Escobar



«Desde o início eu vi que o projeto era muito bom e era o que realmente a gente pensava aqui pra escola, que fosse alguma coisa que tivesse **ligação com a realidade do pessoal daqui**. Teve uma parcela importante dos professores que se engajaram na realização do projeto e participaram. Então eu sempre vi que o projeto tinha um sentido que se encaixava bem no que a gente pensava para uma escola daqui, uma **escola do campo** mesmo. O projeto proporcionou um vasto conhecimento para todos os envolvidos. O engajamento do grupo foi fundamental para a efetiva **aprendizagem**. Eu acho que foi importante o que foi feito até agora, é claro que a gente está em uma constante avaliação junto com vocês. Mas já avançamos muito e creio que estamos no **caminho certo**.»

Jorge Luiz Gomes de Mattos – Professor de Física e atual Diretor da E.E.E.M. Corinto Ávila Escobar

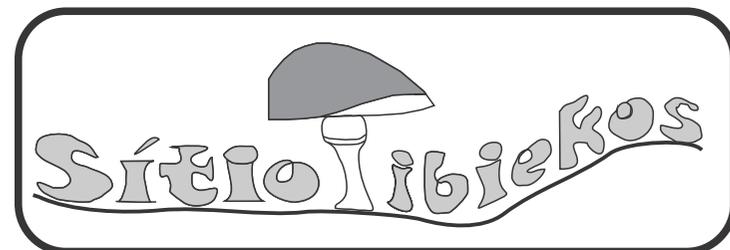




Amigos da Terra BRaSiL

O Amigos da Terra Brasil é uma organização da sociedade civil com sede em Porto Alegre/RS. A partir de 1983, tornou-se membro da Federação Internacional Friends of the Earth, que reúne 75 países agindo assim, local, nacional e internacionalmente. Visamos à construção de uma sociedade de povos interdependentes vivendo com dignidade, totalidade e realização, onde a equidade e os direitos humanos e dos povos são cumpridos.

O Sítio Cultural Ibiekos é uma organização a fim de discutir e implementar soluções locais para problemas globais, mediatizados por nosso lugar, a Pampa, trabalhando com a permacultura, a cultura, a educação, a agricultura agroecológica, a pecuária, o artesanato, a bioconstrução e tudo que possamos aprender e ensinar no resgate da autonomia campesina.



○ **Grupo Biodiversidade** é formado por famílias assentadas pela reforma agrária via Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no município de Herval-RS-BR. Nosso propósito é buscar a viabilidade econômica, social e cultural fora da agricultura moderna, produzindo de forma agroecológica em equilíbrio com a natureza, discutindo e produzindo com práticas adequadas ao bioma onde vivemos. Buscamos formas de produção que garantam a autonomia dos camponeses, por isso além de executar trabalhos saudáveis somos militantes na luta contra a produção agroindustrial das grandes corporações que nos envenenam e se apropriam de nosso território. Entre nossas principais linhas de produção estão: sistemas agroflorestais, resistência na produção de sementes crioulas, produção de mudas de árvores nativas, plantas medicinais e pecuária orgânica. Contamos com o apoio da equipe técnica local da Emater/RS/Herval (Empresa Brasileira de Extensão Rural), que vem garantindo a realização dos nossos encontros, formações técnicas e práticas de dois em dois meses.

SAMUEL
THALIS

VALERIA VITORIA SERAPIA VARGAS
Marilda Inês da S. Barbosa

Sarah
Mangoni

EDUARDA BOAZ DE SOUZA

GABRIEL

Wellison Borla Machado

Carilain de Almeida Lima
garcia Soares gaby

DANILLO BORGES

NIAGO
ALEXANDRE

Alex SANDRO SILVEIRA DA ROSA

ROCHA Borda Silveira
Lainara Carvalho dos Santos

HEYDER

Thailise Souza

studente: SUELLEN BARBOSA RODRIGUES

Rosine

MICHELE

Márcia de Silva Barbosa

ROSEANA

Jenifer Maciel de Oliveira

WILLIAN

Luiza

RAINE V. VARGA VIEGAS

Carolina Rodrigues
JOÃO PEDRO

JARDEL

AmoREY RIBEIRO

Jaqueline Xarner

Wesley

Wesley Rodrigues Silveira

CRISTHEL

Carlos Eduardo de Medeiros Gonçalves
Tereira

Wesley Soares Araujo
CVN

Fortaleciendo a soberania alimentar
conservando saberes
preservando o Bioma pampa.





